

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

“PIRATAS NO TIETÊ: CENÁRIOS E FUNDOS DE CENA DAS HQS”

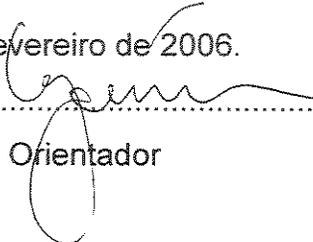
Autor: ELAINE APARECIDA BARRETO GOMES DE LIMA

Orientador: PROF.DR. WENCESLAO MACHADO DE OLIVEIRA JUNIOR

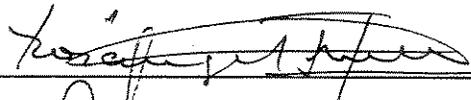
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Elaine Aparecida Barreto Gomes de Lima e aprovada pela Comissão Julgadora.

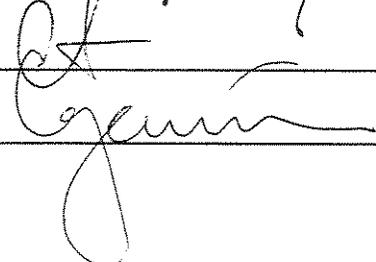
Data: Campinas, 17 de Fevereiro de 2006.

Assinatura:.....


Orientador

COMISSÃO JULGADORA:





**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/ UNI CAMP**

L628p	Lima, Elaine Aparecida Barreto Gomes de. Piratas no Tiête : cenários e fundos de cena das HQS / Elaine Aparecida Barreto Gomes de Lima. -- Campinas, SP: [s.n.], 2006.
	Orientador : Wenceslao Machado de Oliveira Júnior. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
	1. Educação. 2. Memória. 3. Conhecimento. 4. História em quadrinhos. I. Oliveira, Júnior, Wenceslao Machado de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	05-315-BFE

Keywords: Education; Memory; Knowledge; Comic Strip

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte.

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Júnior
Profa. Dra. Cristina Bruzzo
Profa. Dra. Rosângela Doin de Almeida
Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque de Miranda
Profa. Dra. Laura Maria Coutinho

Data da defesa: 17/02/2006

RESUMO

Essa dissertação nasceu de reflexões acerca do espaço geográfico, em especial o da cidade e sobre a possibilidade de utilização dos cenários e fundos de cena dos quadrinhos como elemento narrativo e de articulação dessas histórias, apontando em quais momentos os cenários ou os fundos de cena das histórias em quadrinhos são indícios da realidade além-quadrinhos, ou seja, como estes cenários e fundos de cena acionam imagens, situações vistas ou vividas por nós, bem como ocorre a realização das passagens entre as narrativas em HQ e as demais experiências e memórias visuais que possuímos.

Como meio de aproximar idéias acerca do espaço urbano e de como esses cenários e fundos de cena, elementos fundamentais da narrativa das HQs, são articuladores da linguagem, escolhemos as HQs os “Piratas do Tietê”, de Laerte Coutinho. Nesses quadrinhos a cidade está mais próxima ao estudo que nos propomos, já que é elaborada a partir de uma cidade real – São Paulo, amplamente conhecida e que permite encontrar os elos de ligações entre a “cidade real” e a dos quadrinhos, bem como a imbricação de seus sentidos e formas. A cidade que aparece nos quadrinhos se dobra sobre a cidade real, uma vez que ela é um “discurso”, uma narrativa sobre ela e com ela, uma vez que vai sendo aludida em muitos de seus elementos paisagísticos e sociais.

Os Piratas do Tietê são personagens que circulam e vivem na cidade de São Paulo, compõem essa cidade tanto quanto as pessoas que nela estão. Mas para além de ser um texto que circula por São Paulo, ele é constituído por ela, a cidade se manifesta nestas HQs, com suas formas, seus ritmos, suas tensões e ironias.

Apresentam-se também nesta dissertação, interpretações acerca de histórias em quadrinhos presentes na primeira publicação em que aparecem esses personagens: “Piratas do Tietê e outras barbaridades”.

ABSTRACT

This dissertation was born of the geographic space discussion especially about the city and the possibility to use the settings and the background settings as narrative elements and the articulation of these stories indicating in which moments the settings or the background settings of the comic strip are evidences of reality over the comic strips, how this settings and background settings access images, situations seen or lived by us, as well as how the passages happen among the narratives at the comic strips with other experiences and visual memory we have. As a way of approaching the ideas about the urban space and how these settings and these background settings, the comic strips narrative main elements, are articulated by the language we chose Laerte Coutinhos' comic strips "Piratas do Tietê". In these comic strips the city is nearer of the study we propose, as it is elaborated from a real well known city - Sao Paulo- that allows finding links between the "real city" and the comics strip city, as well as the relation of its meanings and shapes. The city that appears in the comic strips bends to the real city; it is a "speech", a narrative about it and with it, because it is being alluded to many of its landscape and social elements.

"Piratas do Tietê" are characters that walk and live in Sao Paulo city. They are part of this city as the people who are there, but besides a text which is read in Sao Paulo it is formed of it, in this way the city is demonstrated in these comic strips with its shapes, rhythms, tensions and ironies. In this dissertation are also presented, interpretations about the comic strips presented in the first publication in which these characters appear: "Piratas do Tietê e outras barbaridades".

Agradecimentos

Ao meu querido orientador, Wenceslao Machado de Oliveira Junior, pelo acreditar constante, pelo saber profundo, pela serenidade e paciência que conduziu minha pesquisa, pela sua amizade.

Ao Prof. Milton José de Almeida pelas sugestões, pelo carinho e atenção.

À comissão julgadora: Cristina Bruzzo, Rosangela Doin, Carlos Miranda, Laura Cotinho pela dedicação profissional e carinho.

Aos professores e amigos do OLHO.

Aos olhos queridos: Gabi Rigotti, Gabi Copolla, Josi, Rodrigo Bryan, Adriano Picarelli, Pablo Sebastian, Henrique Parra, pelas conversas, estudos, divagações, pelas críticas e sugestões.

Ao Laerte Coutinho, autor dos Piratas do Tietê, pela disponibilidade em responder a todos meus questionamentos.

Aos funcionários e professores da Faculdade de Educação pela dedicação e atenção.

As amigas eternas Cristina Pelisson e Maria Belintane Fermiano, pelo afeto e constante apoio.

A Eliana Assis e Maura Hess pela força nos primeiros meses do mestrado.

Ao amigo Celso Catalano, pela atenção e apoio.

A amiga Neuza Borin, pela presença constante em minha vida.

Aos meus pais Manuel e Zélia, por acreditarem em mim, pela força e pelo amor que sempre me dedicaram.

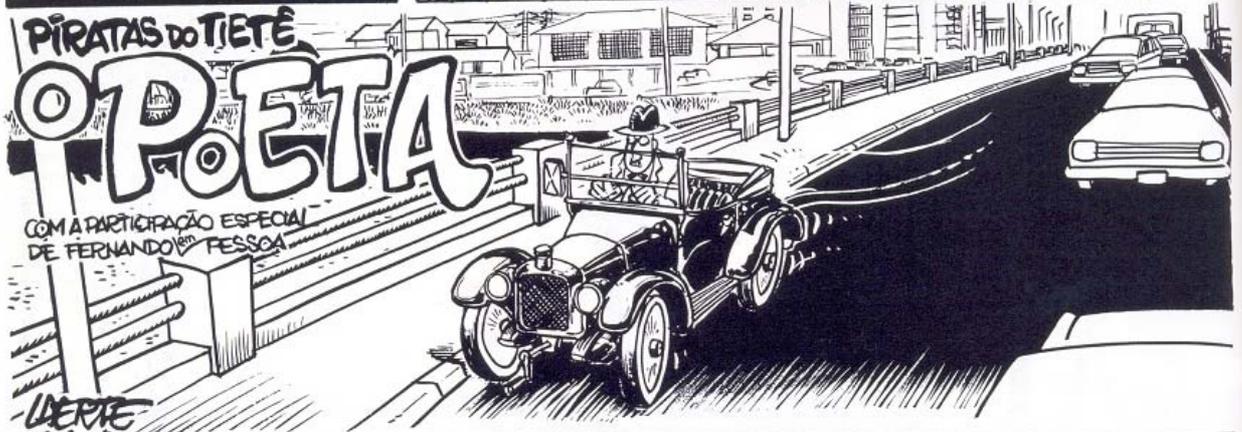
A Deus.

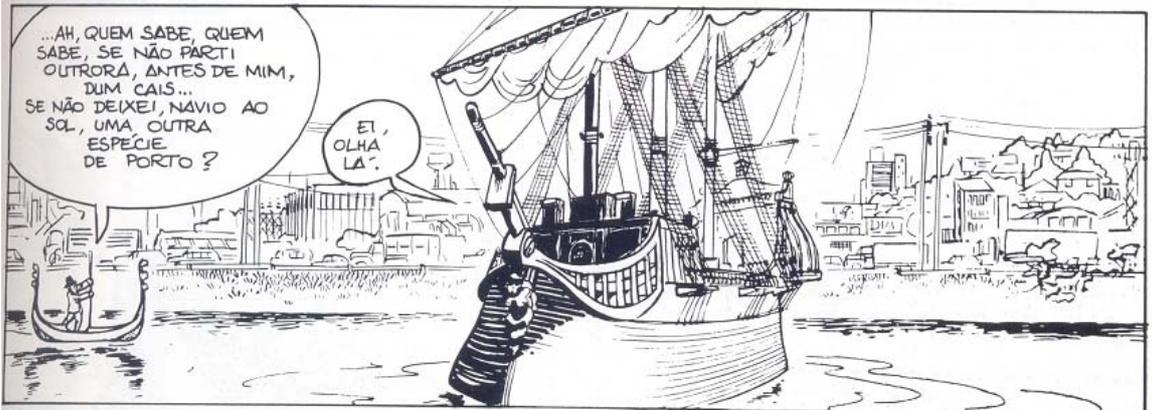
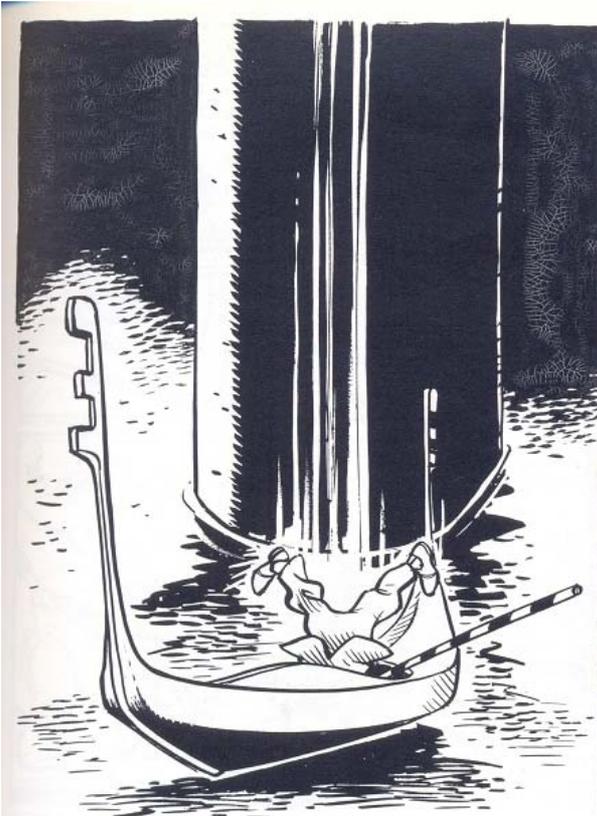
Índice

“O Poeta”	i
Introdução	1
Capítulo I “Entre cenários e fundos de cena	9
Os cenários nos quadrinhos dos Piratas do Tietê	11
Os fundos de cena nos quadrinhos dos Piratas do Tietê	27
Capítulo II “Os piratas, seu rio e sua cidade”	48
Capítulo III “O poeta como pirata”	84
Referências bibliográficas	133
Anexos	143
Ensaio	144
Poemas	156

O Poeta









TOMA-ME POUCO A POUCO O DELÍRIO DAS COISAS MARÍTIMAS!



CHAMAM POR MIM AS ÁGUAS, CHAMAM POR MIM OS MARES!

... ACHO QUE ELE TOPOU.



ERREI! PORRA... NA ÁGUA!

FAZENDO O QUE, BANDO DE VERMES?

O SOL DOS TRÓPICOS PÓS A FEBRE DA PIRATARIA ANTIGA NAS MINHAS VEIAS INTENSIVAS!



OS VENTOS DA PATAGONIA TATUARAM A MINHA IMAGINAÇÃO DE IMAGENS TRÁGICAS E OBSCENAS.

MAS... O QUE... ?!!

ERREI DE NOVO!



VOCÊS ESTÃO LOUCOS?! ATIRAR NUM SUJEITO INDEFESO COM UMA GARRUCHA?!



EIA, QUE VIDA ESSA! EH-LAHÔ-LAHÔ-LAHÔ LAHA'-A'-A'!!!



AS VEZES EU ACHO QUE VOCÊS TÊM MERDA NA CABEÇA!!



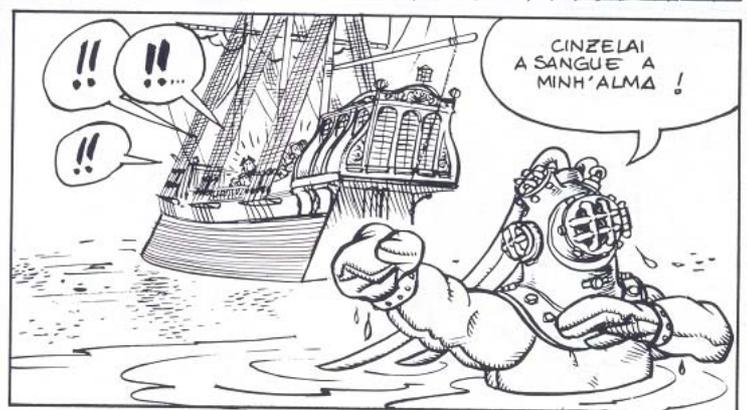
... TEMOS UM CANHÃO NOVINHO EM FOLHA PRA ESTREAR!

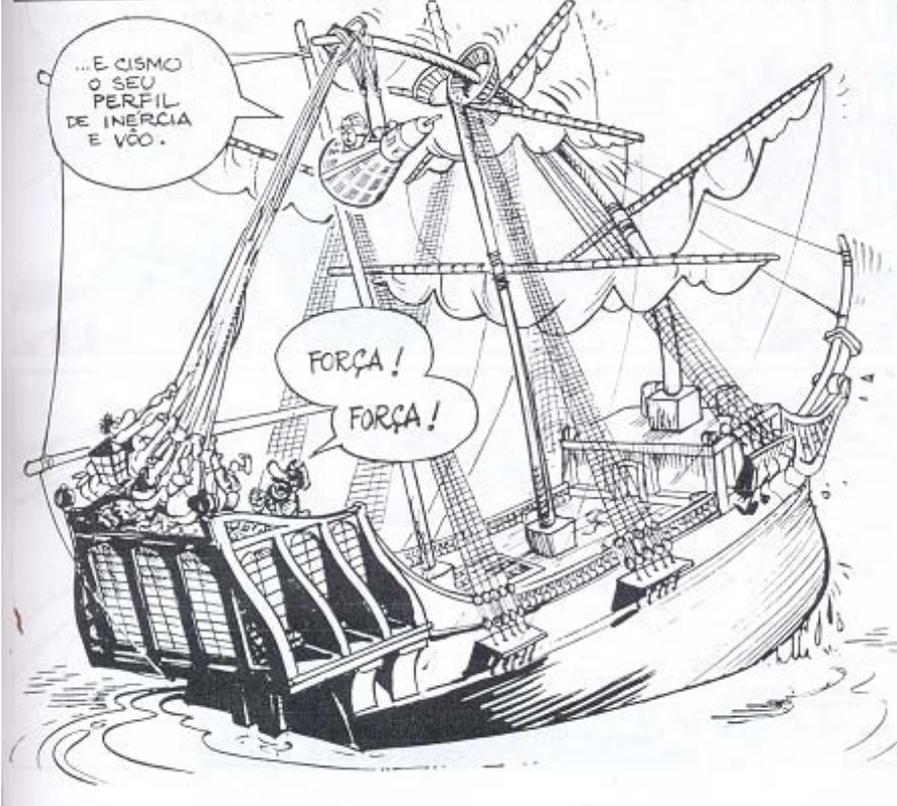


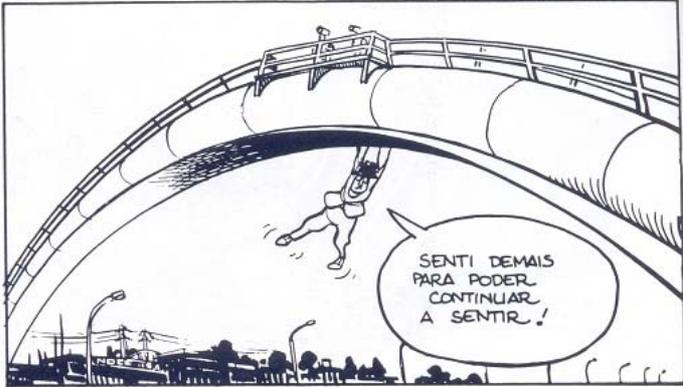
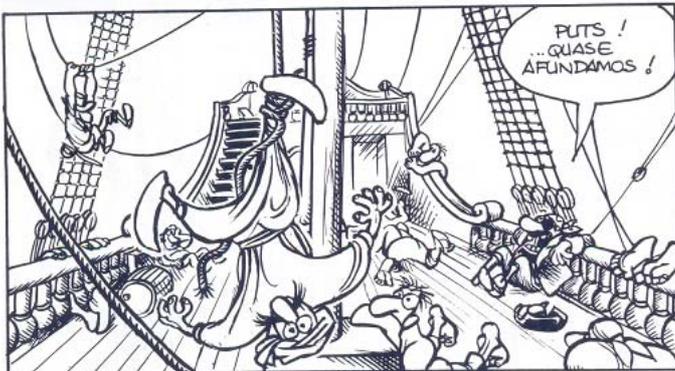
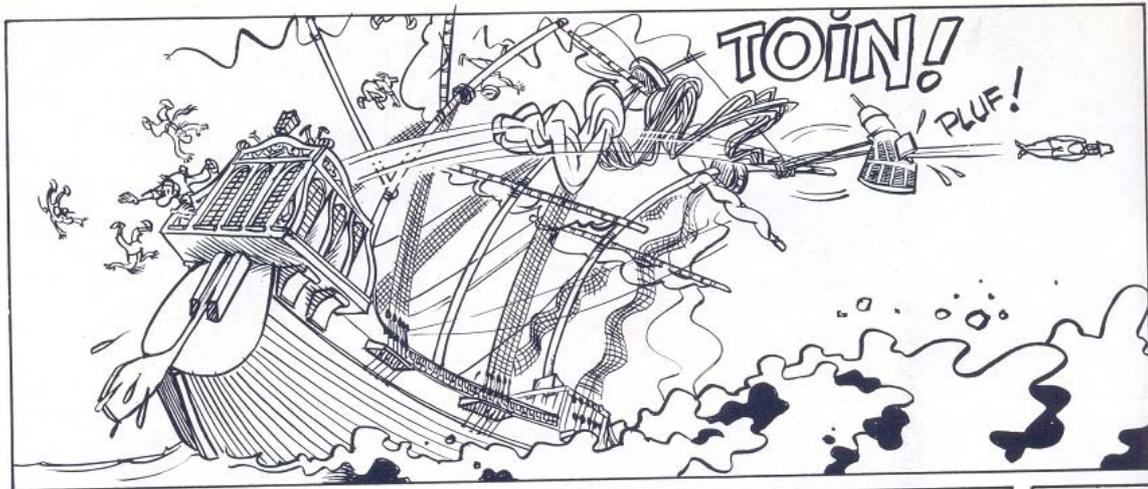
SANGUE NOS MARES! ... CONVESES CHEIOS DE SANGUE, FRAGMENTOS DE CORPOS!

DEDOS DECEPADOS SOBRE AMURADAS! CABEÇAS DE CRIANÇAS, AQUI, ACOLA!

TÁ NA MIRA?









TODA VELA !!
VAMOS EM CIMA
DELE !!



COMETI TODOS OS
CRIMES, VIVI TODOS
OS CRIMES.



E HA' EM
CADA CANTO
DA MINHA
ALMA...

... UM ALTAR
A UM DEUS
DIFERENTE ..



FIZ DE MIM
O QUE
NÃO
SOUBE...

... E O QUE PODIA
FAZER... DE MIM
NÃO
FIZ ..

CAPTÃO,
ACHO QUE
NÃO VAI DAR
ALTURA...

FODA-SE !



QUANDO QUIS
TIRAR A MÁSCARA,
ESTAVA
PEGADA A
CARA...

CHOVE OURO BAIXO,
MAS NÃO NO LA' FORA...
É EM MIM...
... SOU A HORA !

CAPTÃO,
NÃO VAI
DAR NÃO.

EM
FRENTE !



EU PEGO ESSE
FILHA DA
PUTA !

OH, QUE MUDO
GRITO DE ÂNSIA
POE GARRAS
NA HORA !

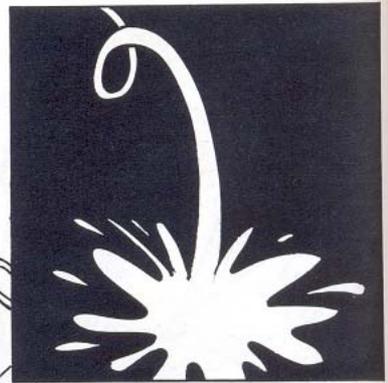


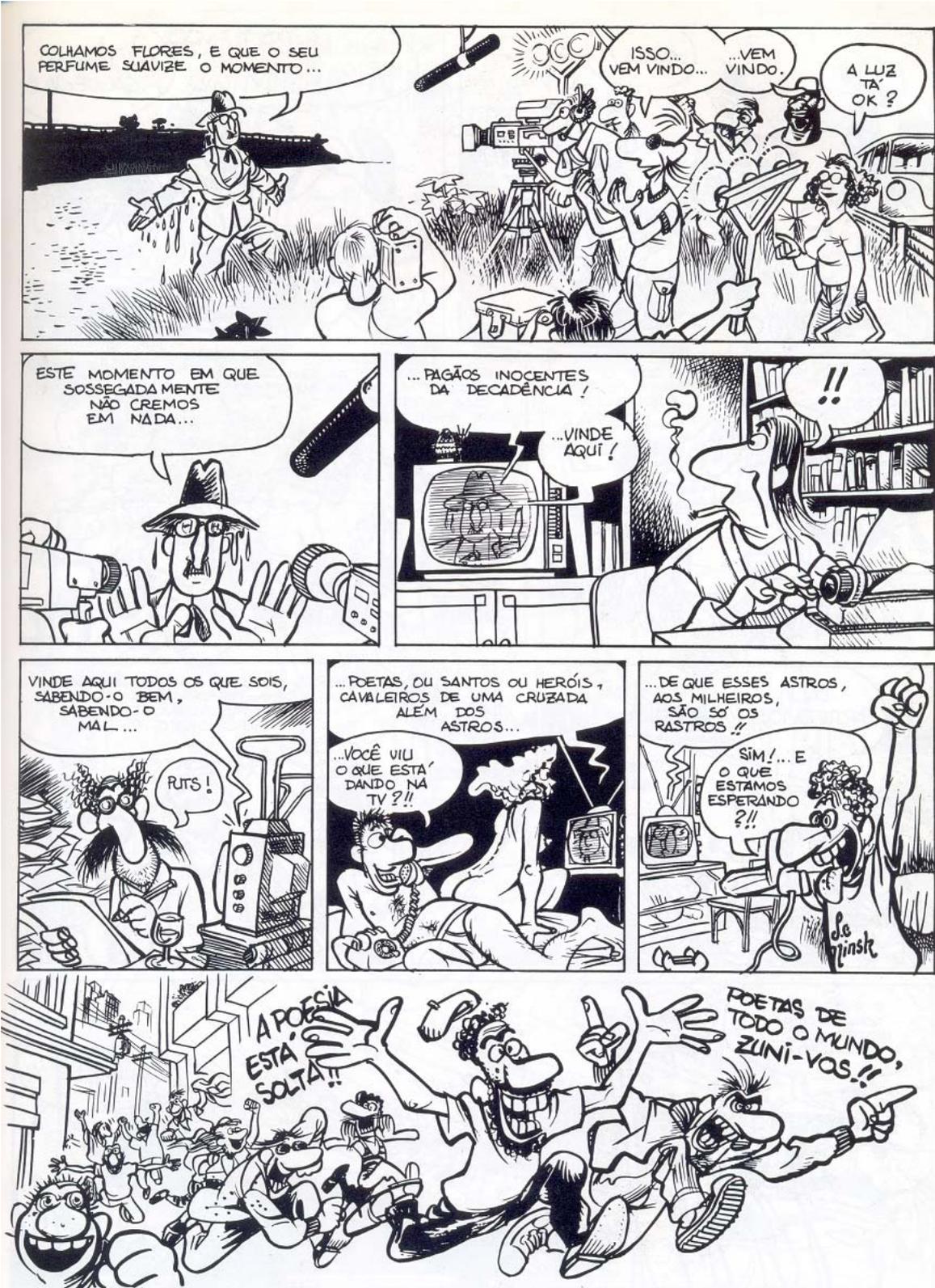
OPA..

FSSS...

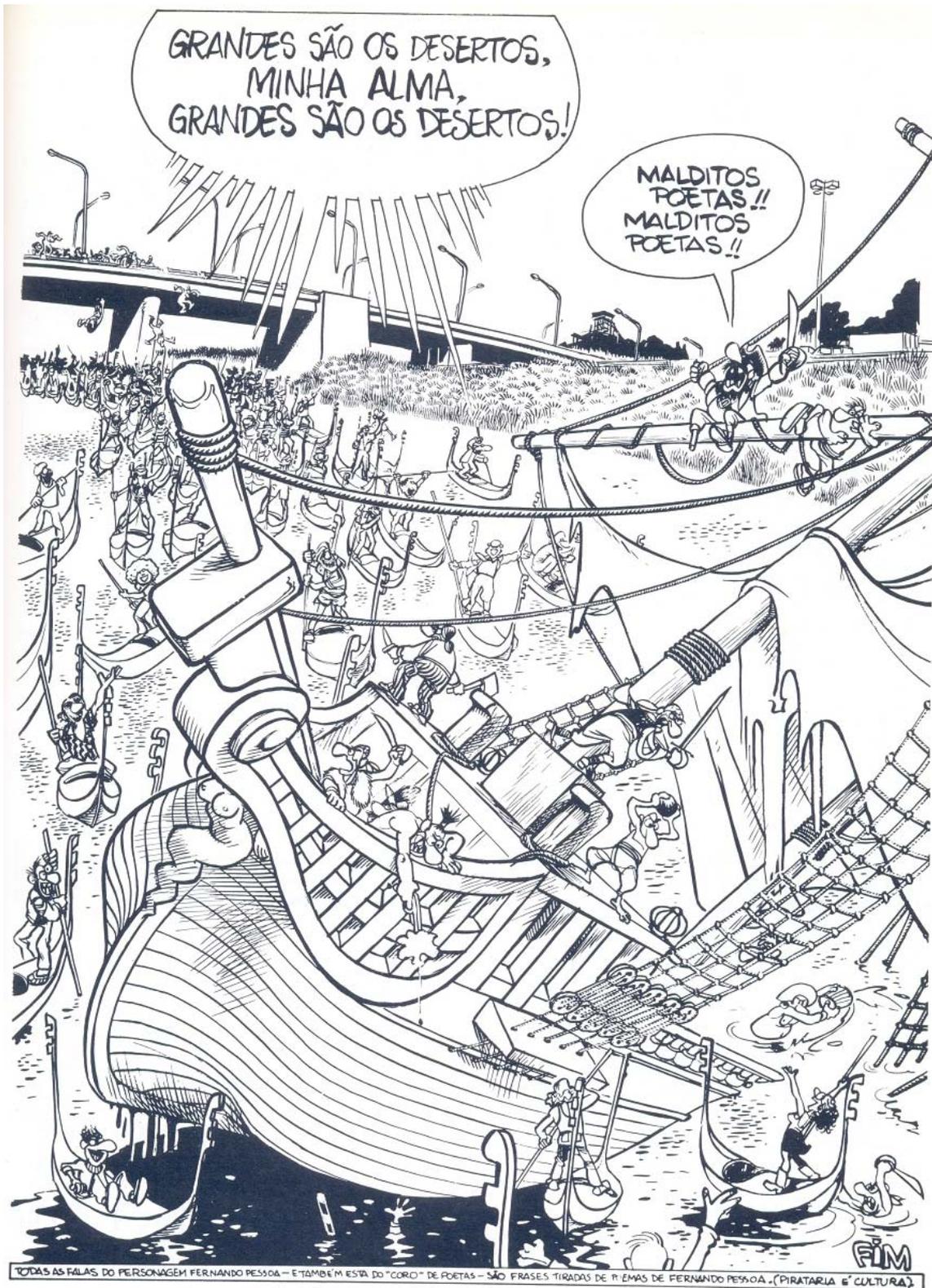
TOK!

... À HORA,
AO MINUTO,
AO SEGUNDO,
PUM !









Introdução

A proposta desta dissertação nasceu de minhas reflexões acerca do espaço geográfico, em especial o da cidade e sobre a possibilidade de utilização dos cenários e fundos de cena dos quadrinhos, como elemento narrativo e de articulação dessas histórias em quadrinhos.

Busco apontar como esses cenários e fundos de cena atuam no decorrer da narrativa: ora como elemento desta, ora dando passagem entre cidade real e imaginativa ou carregando de ausência e presença esse espaço.

Além disso, pretendo analisar e apontar em quais momentos os cenários ou os fundos de cena das histórias em quadrinhos são *indícios* da realidade além-quadrinhos, ou seja, como estes acionam imagens, situações vistas ou vividas por nós, bem como ocorre a realização das *passagens* entre as narrativas em HQ e as demais experiências e memórias visuais que possuímos. Essas passagens seriam momentos de encontros que ocorrem entre nossas memórias e as experiências que temos, que carregamos das coisas que vemos, vivemos, que passamos, por onde passamos e que são registradas por nós.

A cidade aparece como cenário e fundo de cena nas HQs, por isso é objeto privilegiado de minha pesquisa.

Escolhi a cidade como meu objeto de estudo, pois neste espaço, imbricada com a sua própria natureza, está sua organização política e social cercada por ideologias diversas. A cidade suscita em seus habitantes, ações, situações, memórias individuais e coletivas que juntas formam uma história, num determinado tempo, dentro de um determinado espaço.

Muito mais que um espaço, ocupado pelas experiências humanas de diferentes homens e de diferentes tempos, a cidade é um registro de uma história, de sua própria história. E esse registro, acionado através da memória de seus personagens urbanos, traz de volta um passado que existe na consciência coletiva. Santo Agostinho expressou com profundidade que vivemos apenas no presente, mas que neste presente existem as dimensões presente, passado e

futuro. Para ele há um presente das coisas presentes, presentes de coisas passadas e presente de coisas futuras.

Sendo assim, nas três dimensões de tempo, as HQs possibilitam colocar em circulação diversos sentidos e significados para a cidade e na cidade. Nas HQs muitos “seres” passam a circular pela cidade...

Quando me decidi estudar a cidade através dos fundos de cena e cenários das HQs, a primeira imagem que me veio foi São Paulo. Pensei nela vista à noite de um avião, maravilhosamente bela, com suas centenas de prédios de concreto armado e torres de vidro, com suas luzes cintilando a se perder de vista, tamanha sua imensidão. Ou vista do Pico do Jaraguá, parecendo brotar do ventre da mãe terra e tornar-se viva e imponente, na sua intensidade, pelo movimento de milhões de habitantes que nela circulam, seus conflitos, máquinas, em movimentos incessantes.

Lembrei-me de cidades, símbolos de mundos sem fim, tantas vezes apresentadas aos meus alunos nas aulas de Geografia.

Mas também me vieram à memória: Gotham City, cidade das sombras, cidade do Batman; Metrópolis, cidade das luzes, do Super-Homem e a cidade do Homem-Aranha, todos cenários de aventuras dos super-heróis, palcos de realidade e ficção.

Principalmente, lembrei-me da cidade dos Piratas do Tietê e seus personagens urbanos, tão diferentes, significativos personagens de outra época que circulam por um espaço atual, utilizam a tecnologia do nosso tempo, vocabulário também de nossa época, “vivendo” problemas, dilemas atuais vividos por nós. Será esta a cidade na qual me deterei. Uma cidade olhada a partir do rio.

A cidade de São Paulo me chamou especial atenção, pois fez minhas memórias serem ativadas acerca de um lugar, ligado pela arte dos HQs .

As imagens das cidades reais ou fictícias, das HQs ou não, permanecem vivas através de sua arquitetura, pelo desenho de suas ruas, praças, casas, templos, que podem ser lidas e decifradas, como quando se lê um texto. A cidade tem uma dimensão simbólica, marcada pelos seus monumentos, seus vazios,

praças, avenidas, marginais. Mostra partes internas, externas, centro, periferia, o que pertence e o que não pertence a um determinado lugar.

A cidade nos convida a realizar a sua leitura levando-nos a outros espaços. Podemos ler a cidade através de suas características que marcam os habitantes que a geraram, de suas histórias escritas por entre as pedras e concreto que contam sobre o que foi e o que é. É um encontro do mundo com o leitor. As cidades são como textos que estão no ar, no corpo, escritos com tinta, lápis, batom, desenhados, materializados em diferentes formas. Essas diferentes formas de escrita e leitura ocupam lugares distintos que se intercomunicam.

Esses significados do modo de viver e de habitar, seriam a alma da cidade, aquilo que lhe dá realmente vida e denota verdadeiramente suas peculiaridades, seu charme.

Escrever sobre a cidade não é decifrar o texto apenas, mas o que está subjacente a ela, aquilo que está na sombra, que se esconde, que não se manifesta, mas está lá. Definir a cidade como um livro não é o bastante, mesmo que seja lido, relido, interpretado, reinterpretado.

Mas, a proposta desta dissertação não é definir a cidade.

Nesse ir e vir pela cidade, encontramos espaços que outrora foram construções luxuosas, como o Castelinho em São Paulo, próximo ao Elevado Costa e Silva e que hoje é símbolo de pobreza, deterioração, marginalidade. Outrora foi símbolo de luxo, poder. Com o passar do tempo, sendo possuído por pessoas que vivem à margem de nossa sociedade, foi, de certa forma, preservado já que tais moradores não teriam condições financeiras de modificar sua estrutura, que permaneceu original até os dias de hoje. Um outro texto passa a ser lido nesse castelinho que permaneceu semelhante ao que era. Alterado o contexto, o texto muda...

São novos sentidos para um “novo” espaço, entre o passado e o presente. A cidade vai escrevendo novos textos, contando sua história, registrando fatos da sua vida social, na sua arquitetura, nas suas ruas, nos seus vazios, nos claros e escuros de suas avenidas, entre as sombras de seus prédios, nos becos.

A cidade, além de ser um texto, é também todos os textos que nela circulam, sobre ela, com ela, a despeito dela. As HQs são um desses textos e os Piratas do Tietê são personagens que circulam e vivem na cidade de São Paulo, compõem essa cidade tanto quanto as pessoas que nela circulam. Mas para além de ser um texto que circula por São Paulo, ele é constituído por ela, a cidade se manifesta nestas HQs, com suas formas, seus ritmos, suas tensões e ironias. Ao situar suas narrativas no território da cidade de São Paulo, seu autor, Laerte, chama a cidade a ser personagem destas HQs.

Nos cenários e fundos de cena das histórias em quadrinhos é onde isto se dá com mais nitidez. São diversos sentidos, de locais diversos, suscitando diferentes significados.

A opção por pesquisar uma linguagem como as HQs se deu ao fato primeiro de ser esta a linguagem que mais me atrai, pois une tanto o visual, a imagem, como a palavra. Nas histórias em quadrinhos encontramos tanto a arte gráfica quanto a literatura e a agilidade do cinema.

As histórias em quadrinhos têm uma conjugação perfeita de dois elementos básicos da comunicação, que são o texto e o desenho. De certa forma, acaba persuadindo o leitor a entender sua mensagem agradavelmente. Quando lemos e vemos os cenários ou os fundos de cena, vamos dando uma quase realidade a esse espaço.

Aqui há de se fazer uma observação, pois existem histórias em quadrinhos escritas mais para o mundo infantil, outras para adolescentes e outras para adultos. As histórias do Laerte são mais dedicadas ao público adulto, pois o enfoque maior está na realidade brasileira, permeada pelas boas doses de humor e ironia, com finais inusitados.

Diariamente, através de tiras de jornais, Internet, revistas periódicas, o leitor tem acesso aos quadrinhos, tornando essa leitura um hábito. As imagens seqüenciais, em cada requadro, aproximam-se das do cinema, conduzindo-nos com emoção, curiosidade, por entre os desenhos que vão formando novos significados a cada quadrinho. As imagens vão falando por elas mesmas e captando linguagens e imagens do cotidiano do leitor e do universo cultural de

cada um, fazendo com que através dos seus personagens, cenários e fundos de cena, o leitor vá sendo conduzido por universos múltiplos, identificando-se muitas vezes com esses personagens e cenários, participando de suas aventuras e situações apresentadas nos quadrinhos.

Os cenários e fundos de cena não são apenas uma ambientação, mas uma característica rica de expressão de algumas histórias em quadrinhos. Tanto os cenários como os fundos de cena dão sustentação à narrativa, estabelecendo *passagens* entre o universo criado por elas e outros universos culturais presentes nos leitores. Enfim, todos os recursos lingüísticos que, auxiliados pelos aspectos gráficos e semióticos, vão transmitir idéias, bem como auxiliar e aproximar a comunicação autor/leitor.

Um dos recursos visuais nas HQs é a imagem desenhada. Nela me concentro mais que nas palavras. Ela é analógica, pois faz uma relação íntima com o objeto apresentado, fazendo alusões à realidade. Por vezes o autor não precisa desenhar os cenários ou os fundos de cena, pois eles estão presentes. São somente “lembrados” pelo cartunista em determinados momentos. Torna-se um presente “ausente”, que vai dando novas possibilidades e significados à história.

Então, se me dou a possibilidade de imaginar lugares outros dentro de uma narrativa de histórias em quadrinhos, por que não buscar nos cenários ou nos fundos de cena dessas, possibilidades para o estudo desse importante meio de comunicação de massa?

Pensando nessa possibilidade dos cenários e fundos de cenas das histórias em quadrinhos como elementos fundamentais na linguagem dos quadrinhos, escolhi, como meio de aproximar minhas idéias acerca do espaço urbano e dos quadrinhos, os “Piratas do Tietê”, de Laerte Coutinho. Esta é a HQ onde a cidade está mais próxima ao estudo a que me proponho, já que é elaborada a partir de uma cidade real – São Paulo, amplamente conhecida e que permite encontrar os elos de ligações entre a “cidade real” e a dos quadrinhos, bem como a imbricação de seus sentidos e formas.

Nesta pesquisa me concentrarei nas primeiras HQs publicadas com estes personagens no livro “Piratas do Tietê e outras barbaridades”, da autoria de Laerte.

Os “Piratas do Tietê” nos apontam insolitamente sentidos e formas da cidade de São Paulo, buscando na insensatez, ironia, sarcasmo de seus personagens, lidar com muitos de nossos problemas sociais, econômicos, políticos, fazendo alusões a esta cidade, mostrando-nos a realidade brasileira, sob a ótica urbana/paulistana, envolta em uma camada de humor incontestável. Nessas HQs o autor toma, muitas vezes, como eixo narrativo questões postas em jornais, revistas e tevês acerca da vida na metrópole paulistana, trazendo de maneira mais enfática e direta as memórias acerca da cidade de São Paulo para o interior de suas imagens e palavras.

Organizei minha pesquisa em três capítulos. No capítulo I, *Entre Cenários e Fundos de Cena*, minha proposta é apontar o espaço como elemento presente na linguagem dos quadrinhos trazendo a cidade como cenário e fundo de cena, ligada à imprevisibilidade dos personagens piratas. Também pretendo diferenciar cenário e fundo de cena e apontar que em alguns momentos, mesmo sendo coisas distintas, são também indissociáveis. Minha tentativa é apontar como tal espaço vai sendo constituído como elemento articulador da narrativa. Em certos momentos, a opção foi realizar essa relação entre personagens e cenários estabelecendo paralelos entre HQs e o cinema, pois ambos são muito semelhantes na organização de um espaço onde se produzem sentidos e ilusões. Também nesse capítulo aponto a ausência dos cenários e fundos de cena como um adensamento de idéias. Os personagens dos quadrinhos dos “Piratas do Tietê” sugerem um local sem mesmo muitas vezes estar desenhado. Laerte conseguiu fazer este local existir e mostrar quem são esses personagens sem exatamente colocar este local no desenho. Aponto que a ausência e presença dos cenários e fundos de cena articulam-se sempre com a memória, tanto do autor, como do leitor. Essa construção da memória não se dá porque certa coisa acontece hoje, porque é um reflexo do passado, mas pelas solicitações das memórias de acordo com as imagens.

No capítulo II, *Os Piratas, seu rio e sua cidade*, pretendo apresentar o Rio Tietê como elemento articulador do espaço imaginativo e real nesta história em quadrinhos. Os Piratas, em seu leito aquático, seriam personagens que realizam as passagens entre “cidade real” e cidade imaginada, vestindo personagens de nosso cotidiano e revelando-nos maliciosamente a metrópole paulistana.

Escolhi alguns trechos das histórias “Revelação”, “Balada do lobisomem”, “A Terceira Margem” e “O Poeta”, todas publicadas no livro de Laerte acima citado, para serem discutidas nesse capítulo, pois são do primeiro livro sobre os piratas e trazem esses personagens aparecendo no rio, contracenando com ele.

Nessas histórias os piratas saem do rio e ganham a cidade, mas retornam ao rio, seu ambiente de origem. Nas tirinhas dos jornais e revistas, isso não acontece. Os piratas circulam pela cidade a todo momento, em todo o seu território.

Também nesse capítulo toco de leve na história da cidade de São Paulo e do Rio Tietê, mas desta vez apontando possibilidades dos quadrinhos reavivarem memórias trazidas por outras materialidades, apresentando o rio como elemento articulador da narrativa, buscando encontrar ligações entre personagens e o ambiente no qual vivem. Os piratas seriam os reveladores da cidade de São Paulo e também das subjetividades dos homens urbanos.

E por último, no capítulo III “*O Poeta como pirata*”, tenho por objetivo mostrar ao leitor uma história em quadrinhos dos Piratas do Tietê, intitulada “O poeta”, apresentando o personagem principal – Fernando (em) Pessoa - subvertendo a ordem pirata, articulando uma nova “ordem”, diferente da estabelecida pelos piratas e que estamos habituados enquanto leitores das HQs do Laerte. Também analiso sua construção, sentidos e linguagens. A escolha dessa história se deve ao fato de que nela a “atuação” tanto dos cenários como dos fundos de cena é mais direta e sensível.

Para esse capítulo foi feito um ensaio onde retirou-se dos quadrinhos desta história todos os personagens e diálogos a fim de evidenciar os cenários e fundos de cena.

Pretendo assim apresentar ao leitor os cenários e os fundos de cena atuando na HQ, sendo, portanto, mais que uma simples ambientação.

A cidade, como cenário ou fundo de cena das histórias em quadrinhos, será meu caminho para percorrer essas possibilidades de mostrar que esta poderá ser *uma cidade* ou *a Cidade [espaço civilizatório]*, que permite acessar e ativar a imaginação humana e poder criar muitas possibilidades de ação, narração, de surgimento de novas geografias, mesmo partindo de personagens de ficção ou de lugares que têm sua existência nas próprias HQs ou que passam a existir, em determinados momentos, nas memórias de cada um de nós.

Capítulo I

Entre cenários e fundos de cena

*“A imagem é uma impressão da verdade,
um vislumbre da verdade que nos é permitido em nossa cegueira”.*
Tarkovski

Os quadrinhos utilizam tanto da arte gráfica quanto da literatura, além da agilidade do cinema. Utilizam também da organização espacial como linguagem. O *fundo* da história em quadrinhos é uma localização. Mas não só isso. O espaço tem um sentido dramático, é produtor de sentidos e não apenas um receptáculo para a narrativa que está acontecendo. É um elemento da linguagem dos quadrinhos. Na busca de entender um pouco mais esse espaço, questionamos: são os cenários e/ou os fundos de cena que apontam onde a ação dos personagens está ocorrendo, que mediam/determinam tal ação ou tipos de personagens? Qual a função dos cenários e/ou dos fundos de cena nas HQs? De que forma os fundos de cena e cenários atuam como elementos narrativos em algumas HQs?

As imagens dos cenários e fundos de cena das HQs assumem um papel de imaginações geográficas que acabam por auxiliar a inventar cidades e lugares, construindo símbolos, sinais, alegorias que terminam influenciando a nossa visão e nosso entendimento do espaço. Essas imagens, sendo parte do imaginário, são reações aos nossos desejos e fazem parte também de uma realidade concreta, influenciando nossa consciência e nosso entendimento acerca desse espaço.

Antes de iniciarmos nossa conversa, faz-se necessário diferenciar cenário e fundo de cena de uma história em quadrinhos. Acerca disso é necessário dizer que essa separação é, de certa forma, arbitrária e, muitas vezes, os cenários e os fundos de cena são indistintos e inseparáveis. Isso se dá pelo fato de que sua configuração acontece na relação que estabelecem com os personagens e suas ações, fazendo com que o sentido dado pelo leitor para uma ação determine que certos elementos desenhados numa HQ oscilem ao longo da história entre ser

cenário e ser fundo de cena. Por isso, durante o corpo dessa dissertação usaremos normalmente a expressão cenário e/ou fundo de cena quando estivermos nos referindo àquilo que está presente na história a configurar o *local narrativo* onde ela se dá.

Consideramos nesta dissertação como fundo de cena os desenhos da cidade dos quadrinhos em que esta aparece de forma mais “inteira”, com ruas, prédios, avenidas, rio, pontes, trânsito, em conjunto, fazendo alusão à cidade de São Paulo de forma mais direta. Neste espaço do fundo de cena, pode-se tanto colocar imagens como ressaltar dele próprio uma imagem e transformá-la em cenário. Como cenário consideramos “recortes” dos fundos de cenas desenhados pelo autor, eleitos por ele como essenciais para a continuidade da história. Mais especificamente seriam pedaços do fundo de cena que seriam evocados pelo autor para que, nesse destaque, a ação dos personagens ganhe maior ênfase, redirecionando a história. Exemplos desses pedaços seriam a ponte, o rio, o aqueduto. Estes fazem parte do fundo de cena, mas no instante em que são “chamados” pelo autor a configurar outra situação que alterem ações de personagens, deixam de ser fundos de cena e passam a ser cenários.

Acreditamos que tanto os cenários como os fundos de cena atuam diretamente no centro da estrutura narrativa não apenas como um espaço de ambientação, mas um espaço onde organizam-se as ações dos personagens, anunciam desfechos para a história, através das possibilidades que o leitor também dá à seqüência da história.

Possibilitados pelos cenários, bem como pelos fundos de cena, nosso campo de imaginação e o campo de ação dos personagens abrem-se, misturando-se esses dois campos, como no cinema. Justamente por essa semelhança entre cinema e quadrinhos é que podemos dizer com OLIVEIRA JR. (2004) que personagens e cenários misturam, em imagens e sons, outros conhecimentos que estão dispersos dentro de nós sobre muitos lugares. Entrevistos nestes fundos de cena e cenários, estes conhecimentos começam a aglutinar-se em sentidos que penetram a HQ diante do leitor.

Falaremos algumas palavras sobre os cenários. Após, os fundos de cenas ganham a frente da escrita.

Os cenários nos quadrinhos dos Piratas do Tietê

Nas histórias em quadrinhos dos Piratas do Tietê, há pedaços de realidade em suas construções que nos levam a um determinado espaço. Os desenhistas dos quadrinhos montam seus *cenários* por inclusão, traço a traço.

Nessa inclusão, onde os *cenários* são montados, eles podem ganhar significados apenas na cabeça do leitor, pois se existe uma ausência explícita de cenário ou até mesmo do fundo de cena, esse pode ser construído, pedaço a pedaço, numa montagem por inserção de imagens outras, vindas de outras “realidades”, de outros universos.

Significa que o leitor tem condições de decodificar a mensagem do *cenário*, estabelecendo entre ele e o cenário um diálogo, criando assim, um ato de cumplicidade entre eles.

Mas o cenário não é um discurso que será compreendido por todos, em todas as partes do mundo, da mesma maneira. Na verdade, se para um leitor, o *cenário* poderá propiciar idéias sublimes acerca de um lugar ou mesmo favorecer ações dos personagens devido ao espaço onde a ação ocorre, para outros, poderá parecer desagradável ou até mesmo sem sentido.

Acreditamos que o *cenário* é importante na narrativa, pois ele transmite ao leitor de quadrinhos, ao espectador de cinema, de teatro, caminhos que vão aproximar mais a idéia da história. O cenário não pode ser desenvolvido, desenhado apenas para agradar aos olhos de quem está lendo/vendo o desenrolar de uma história. É pelos cenários e fundos de cena das HQs que a maioria dos conteúdos geográficos necessários ao entendimento da história é trazida ao leitor. É também através do cenário que se fornecem dados sobre o local por onde se passa a ação: a situação meteorológica, a região, além de refletir sobre a situação econômica, política e social dos personagens que por aí

circulam (DIAS, 1995). De certa forma, o cenário – não sendo um elemento meramente decorativo - além de mostrar uma situação social, ensina, ao mesmo tempo que tem um papel dramático. Sendo assim, leva o leitor dos quadrinhos a reflexão acerca de uma idéia, de um espaço.

Pode apontar gostos e hábitos de personagens que circulam por determinados espaços, utensílios que usam, objetos que indiquem a personalidade destes, sua classe social, sua região de moradia ou sua cultura de origem.

Acreditamos que o cenário seja algo mutável. Tanto é mutável que, como dissemos anteriormente, ora se encarrega de representar um espaço geográfico, como uma cidade, por exemplo, ou um espaço social como um clube e até mesmo um espaço interior como a mente humana, com suas paixões, conflitos, sonhos... No cenário projeta-se o tempo, a época histórica ou o tempo de um dia. Este representa uma simulação, pois induz o espectador a “viver” nesse espaço, tanto pela técnica como pela narrativa. A partir do momento que se vive o espaço do cenário, ele torna-se “real”.

Tanto no cinema quanto nos quadrinhos, o espaço é uma representação. As tramas dos filmes passam em um determinado lugar que é imaginário, mas pode ser também geograficamente localizado na realidade. Quando há uma representação de uma paisagem no cinema, sua função é localizar a ação da trama e orientar o espectador. No caso dos quadrinhos, a representação de uma paisagem, como cenário ou fundo de cena, serve, muitas vezes, apenas para localizar os personagens e dar suporte ao leitor quanto à localização da trama no local narrativo onde vivem esses personagens sendo que este pode ter sido desenhado em alusão a algum lugar geográfico.

Os cenários formam espaços para a atuação dos personagens. No caso do teatro e do cinema, a cenografia organiza o lugar cênico, dando condições para o desenrolar do jogo teatral ou cinematográfico. O cenógrafo cria condições para dar vida à história. Pastore nos aponta que *“a cenografia deve reconstruir o espaço, não o ambiente. A melhor cenografia é aquela que não se vê, porque deve*

fornecer apenas as indicações sobre as quais o espectador solta a fantasia de cada um” (1988, p.13). Portanto, os cenários não seriam lugares, mas visões sugeridas pela história. Não seriam algo vivo, mas aquilo que transmite um sentimento, uma evocação, uma presença, um estado de espírito. É uma tensão, uma expectativa. *“Muitas vezes não diz nada, mas oferece tudo”*. (JONES In MANTOVANI, 1989, p.69).

No caso das HQs, podemos nos deparar com um cenário verbal, ou seja, aquele que é demonstrado apenas pelo comentário de uma personagem, como por exemplo: *“Veja! Lá na porta!”* (LAERTE, 1994, pág.22).



Figura 1
LAERTE. A terceira Margem, In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”. São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 22

A porta nesse caso não foi desenhada pelo autor. Foi apenas sugerida pelo personagem. Mas essa técnica do cenário só é possível pois o leitor aceita isso, ou seja, este tem de imaginar o lugar cênico a partir do momento que este lugar é anunciado. O leitor passa sem dificuldade de um lugar para outro sem que seja necessário oferecer algo além de uma simples indicação espacial ou uma troca de palavras que traga um local diferente na memória.

Diferentemente do teatro ou do cinema, nos quadrinhos o cenário não é algo palpável. Este sugere um lugar, uma paisagem que pode ser apresentada através do desenho, ou do comentário de um personagem e até mesmo de sons que são escritos pelo autor substituindo o cenário figurativo. Acaba colocando na história um local que proporciona sustentação à narrativa e deve ser o ambiente

visual da ação insinuando um lugar. A função primeira desse cenário é localizar. Acaba “vestindo” as exigências particulares da narrativa para a qual é projetado. Pode-se criar, por exemplo, uma colocação “realística” para dar uma “definição” de uma paisagem; entretanto não é completa, pois retrata uma localidade imaginária, mesmo que seja atual. Constrói-se uma ilusão de lugar, fazendo uso de formas puramente alusivas, procurando aproximar-se do “real”, como pontes “reais”, aquedutos “reais”, cidades “reais”, produzindo um efeito de realidade, uma imitação alusiva. Sendo assim, não necessita ser um retrato completo de formas naturais. Mais interessante pensar que em um ambiente cênico, o melhor é colocar a ação sugestivamente, como que apontando uma localidade sem desenhá-la completamente. Cada desenho seria um símbolo que complementa outros desenhos chamando na mente do leitor a sentir a presença daquilo que não é mostrado.

Mas antes de falarmos da presença desses traços desenhados que configuram os cenários das HQs, gostaríamos de falar da possibilidade de termos traço algum presente no quadrinho, mas mesmo assim termos diante de nós, imaginativamente, um cenário, a nos amparar e expandir os sentidos da ação desenhada.

Os personagens dos quadrinhos dos “Piratas do Tietê” sugerem um local sem mesmo muitas vezes estar desenhado. Laerte conseguiu fazer este local existir e mostrar quem são esses personagens sem exatamente colocar este local no desenho. Os leitores dos “Piratas do Tietê” estão familiarizados com a São Paulo desenhada pelo cartunista como fundo de cena e cenário que compõem o local narrativo onde vivem e agem estes personagens. São como marcas de um lugar para a ação, como o rio Tietê que seria um cenário para as ações dos personagens.

“O cenário é tão importante na sua ligação orgânica com o drama que mesmo em sua ausência material, quando não está representado por

pintura ou construção que o identifique, ele existe. É como suporte da realização dramática.” (SANTA ROSA In MANTOVANI, 1989, p. 83).

É possível detectar tanto pela ausência como pela presença dos cenários e fundos de cena que as imagens seqüenciais articulam-se sempre com a memória. Acreditamos que essa construção não se dá porque certa coisa acontece hoje, porque é um reflexo do passado, mas pelas solicitações das memórias de acordo com as imagens. É uma articulação que busca, dentro de um espaço de dimensão concreta entre o real e o imaginário, trazer lembranças de espaços outros, vividos, sentidos ou imaginados. A memória articulada ao presente transporta-se para dimensões de verdades pessoais e contingentes.

Tanto a memória individual como a coletiva têm nos lugares uma referência importante para a sua construção, mesmo que não seja condição para a sua preservação, caso contrário os povos nômades não teriam memória. A construção da memória individual se altera conforme o lugar que ocupamos e tal lugar muda também segundo as relações sociais que mantemos com outros meios. As memórias dos grupos se referenciam também nos espaços em que habitam, bem como nas relações que constroem com esse espaço.

No espaço urbano, espaço esse formado por tantas memórias individuais e coletivas, encontram-se as memórias da cidade, sentidas e contadas através de sua arquitetura e das memórias de cada um. Podemos perceber o passado, presente e futuro em consonância. A cidade no fundo de cena das HQs dos “Piratas do Tietê”, aciona as memórias da cidade de São Paulo.

Por isso pensamos que a memória não está no passado, mas em circulação nos espaços. *“De fato, a memória é o antimuseu: ela não é localizável”.* (CERTEAU, p.189, 1994).

Concordamos com Certeau que o que mais impressiona é que os lugares vividos são povoados de ausências e o lugar só existe quando pode ser habitado por lembranças e que escondidos em silêncio, estão espíritos múltiplos que podem ser “evocados” ou não para despertarem tais lembranças.

“Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo”. (ibidem, p.189, 1994).

Portanto, estamos também ligados ao lugar por lembranças, que são pessoais, são lugares ligados à afetividade de cada um e também por memórias ligadas ao ressentimento.

O espaço é necessário para o desenvolvimento da memória individual e coletiva, não importando definir qual espaço seja esse. São espaços trazidos à memória a espera de algo que os acione para habitarem lugares dentro dos leitores, reformulados mediante (des)prazeres corporais, trazidos à tona pela arquitetura, pelas imagens, sons, cores, em simetria com a realidade urbana e a ficção das imagens dos quadrinhos.

Acreditamos que tanto os cenários como os fundos de cena das HQs propiciam essa profusão de memórias dos lugares que, trazidas das mais diversas imaginações e realidades, povoam os espaços imaginários, construindo outros que habitam nossas memórias. É dessa maneira que os locais narrativos, como a cidade dos Piratas do Tietê, vão ganhando existência e concretude nos leitores.

Portanto, nesse processo de simbiose entre as imagens e as memórias do leitor, as experiências de quem narra, de quem lê, as associações a outros textos e imagens adormecidas dentro de cada um, mas que despertam e circulam dentro de nosso ser, o leitor transforma toda essa leitura de imagens e palavras das HQs num estilo próprio de apreensão e como nos diz Certeau (1994), o mundo diferente do leitor se introduz no lugar do autor, tomando a propriedade do outro, que foi o texto ou a imagem produzida, em um lugar emprestado.

Sendo assim, a memória construída nos quadrinhos é chamada a compor as futuras histórias lidas pelos fundos de cena das HQs que em dados objetivos e subjetivos ao mesmo tempo, são acrescidos pelas nossas memórias espaciais

para dar configuração ao lugar da trama. Remete-nos constantemente às paisagens “reais” de São Paulo, fazendo-nos com que olhemos novamente, diferentemente as paisagens da cidade que conhecemos. Talvez uma maneira geográfica diferente de se olhar para a cidade.

O fundo de cena é um local para se colocar cenários e imagens que vão ser vistos e pensados para levar o leitor aos caminhos da lembrança, do conhecimento, da recordação e assim acrescentar a outras histórias lidas, pedaços da realidade dos quadrinhos, bem como da realidade além quadrinhos. Memórias vão sendo acionadas pelos quadrinhos e as geografias da cidade vão sendo reveladas pelas imagens desenhadas, tanto pelo cartunista, como dentro das memórias dos leitores. Fazem-nos habitar um lugar que não existe visualmente, mas está posto em nossas memórias.

Assim como no conto de Ítalo Calvino, *As cidades delgadas 1*, na descrição de *Isaura*, tem-se a revelação da dinâmica dessa presença e ausência, entre o que é visível e o que é invisível, ou seja, o invisível que é o lago subterrâneo levando-nos ao perímetro da cidade, sendo possível saber exatamente o tamanho dela, pela superfície. Outra cidade que nos faz pensar sobre o invisível e o visível é *Valdrada (A cidade e os Olhos 1)* onde existiam duas cidades: uma perpendicular a um lago e outra refletida em seu espelho d’água. Essa, mais especificamente, remete-nos a São Paulo refletida nas águas do Tietê.

No caso dos quadrinhos, a ausência do cenário ou mesmo do fundo de cena propicia ao leitor possibilidades de construir idéias acerca de um espaço que não está apresentado naquele momento, mas que está sendo construído no decorrer da narrativa e que, mesmo assim, possa continuar dentro da cabeça do leitor.

Às vezes por desejo de abstrair, ou mesmo por alguma necessidade, o cartunista é levado a eliminar totalmente o cenário. Assim sendo, tudo significa por ausência: ausência do rio, de figuração para a cidade, ausência do navio. A ausência do cenário ou do fundo de cena, muitas vezes, só é percebida pelos leitores dos quadrinhos quando a memória visual destes é acionada pelo cenário

verbal ou pela gestualidade dos personagens, na sua forma de indicar o elemento que está invisível. Estando invisível, significa que está lá, não pode ser visualizado, mas pode ser imaginado.

Há uma vantagem de se apresentar uma ausência de cenário, pois este não fica restrito, aprisionado a uma forma. Faz da cena um lugar de retórica. O cartunista assume, de certa forma, o papel do cenógrafo quando desenha ou não os cenários onde a trama da história irá acontecer. Faz escolhas sobre o que deve desenhar ou não, e essa manutenção ou não dos desenhos, não é inocente. O cenário torna-se maleável conforme a criação do autor e a recepção do leitor. De acordo com a ausência de ilusão do espaço dramático, os personagens vão construindo lugares e momentos de ação a partir de sugestões da realidade.

Dizendo de outra forma, pela ausência o cenário pode conduzir muitas vezes seus leitores a caminhos que levam a lugares já existentes na realidade, pois estes apontam para uma maior aproximação com a realidade de quem lê, amparadas nas próprias memórias do leitor.

Os movimentos de constante mutação de idéias permitem aos leitores das HQs que construam e interpretem cada momento, cada cena a seu próprio modo. A ausência dos cenários ou fundos de cena nos leva a pensar que diferentemente dos cenários simultâneos – que permanecem sempre visíveis o tempo todo na história, conduzindo o leitor de um lugar para outro –, conduzem os leitores para uma multiplicidade de temporalidades, de perspectivas, de espaços não fragmentados. Essa condução resulta tanto do desejo do autor como do leitor, ultrapassando uma concepção obsoleta do cenário como apenas mais um lugar de decoração, de embalagem. A ausência dos cenários e fundos de cena é um adensamento de idéias e é justamente nesse adensamento conduzido através do esvaziamento das imagens que estas se tornarão presentes na memória do leitor.

A sarjeta é a denominação dada pelos aficionados em HQs, segundo o pesquisador de histórias em quadrinhos Scott McCloud (1995), ao espaço em branco, entre um quadrinho e outro, que dá possibilidade ao leitor de imaginar a ação de um personagem sem que essa tenha sido desenhada pelo cartunista. É

um dos elementos da linguagem que os autores de quadrinhos utilizam para que suas histórias ganhem sentidos, ares de realidade e continuidade da narrativa. São saltos entre uma ação e outra, um recurso usado pelo autor para que não seja necessário um número muito grande de quadrinhos para contar uma pequena história. O poder de conclusão que existe nas sarjetas é o mais interessante de se pensar. É nelas que concluímos os sentidos dos quadrinhos.

Nesse espaço da sarjeta, nesse intervalo entre as imagens, é que ações ocorrem na memória do leitor. Por se tratar de uma ausência, o leitor pode solicitar em suas memórias, ações. Pensando por essa vertente, podemos afirmar que a ausência do cenário e fundo de cena faz papel da sarjeta, pois possibilita ao leitor uma imagem em processo de construção, solicitando a ele uma imaginação especial, deixando-a livre, ampla, sem requadros, trazendo toda a São Paulo para o entorno dos personagens. Portanto, não há necessidade que o cartunista desenhe o fundo de cena e cenário a todo o momento. O leitor fica contaminado pelo fundo de cena e cenário que foi apresentado anteriormente a ele.

Mas não são apenas as sarjetas que colaboram para que a imaginação do leitor entre em ação. Um traço tremido, uma sombra, um desenho, um balão em forma de espanto, enfim, existem inúmeras formas de condução da narrativa através da memória do leitor que o quadrinhista pode lançar mão para que o poeta salte da ponte, por exemplo. Mas tudo isso, ou seja, balões, requadros ausentes, mais alongados, com formatos diversos, etc., são convenções culturais adotadas ou criadas pelos quadrinhistas para dar sentido às narrativas. Não são necessariamente leis que têm de ser cumpridas. Cada autor vai ter seu estilo próprio e vai recorrer a maneiras bem particulares para chamar a atenção do leitor para que a história prenda a atenção do mesmo e que cada um possa constituir a sua própria história.

É nesse espaço, do intervalo da sarjeta, onde o tempo é visível e invisível, que exige do público uma “dança” para compreendê-lo. Os quadrinhos exigem que nossa mente preencha as lacunas existentes, construindo uma cena completa, usando nossos sentidos e experiências. Vamos viajando pelos quadrinhos até

sermos apanhados pelo seguinte, de modo ininterrupto. Na magia das sarjetas, o autor mostra o caminho para uma ação de um mundo visível e invisível, mas é o leitor que vai escolher para onde as imagens e sentidos nele mobilizados o despertem. Há uma cumplicidade por parte do leitor, através das conclusões que acontecem nas sarjetas, nos cenários, nos fundos de cena, nos balões, nos traços tremidos... As vozes dos personagens, as onomatopéias, os movimentos, a continuidade do cenário, acontecem na cabeça do leitor, dando vida à história. O leitor é uma espécie de co-autor da história. Nossa imaginação cria vozes dos personagens, imagens de ligação. (LOVETRO, 1995 e MCCLOUD, 1995).

É na ausência dos cenários e dos fundos de cena, auxiliada pelas sarjetas, que é possibilitado à cidade que esta entre na história e desafie o leitor a impor seus limites pela linguagem dos quadrinhos, através das imagens de ligação e sucessão de desenhos.

Nos quadrinhos, os autores utilizam todos os recursos possíveis para auxiliar em seu trabalho de contar determinada história, ou seja, o estilo do desenho, a linguagem do requadro, o tamanho das sarjetas, os ângulos dos desenhos, a caracterização dos personagens, enfim, meios para fazer o leitor mergulhar na idéia do autor e acreditar que aquilo é “real”.

Acreditamos que o movimento da imaginação, acionado pelas ausências, seja propiciado ao leitor dos quadrinhos tanto pelas sarjetas como pelos fundos de cena e cenários. É por meio desses “recursos de linguagem” que se daria uma espécie de apropriação das HQs do universo urbano. A cidade, por sua vez, sofre uma intervenção das HQs com suas características imaginárias. É o espectador que vai construindo os sentidos para o que vê, reunindo novos sentidos, formas, cores ao que está sendo visto. Os significados vão tendo sentidos diversos na aglutinação de tudo aquilo que dá sentido à imagem.

Já na presença de traços desenhados, não apenas como espaço para continuidade da história ou localização, o cenário pode apontar vários modos do “pensamento” e do “caráter” dos personagens.

Caso exemplar é a ponte de onde o poeta salta na história em quadrinhos “O Poeta”.

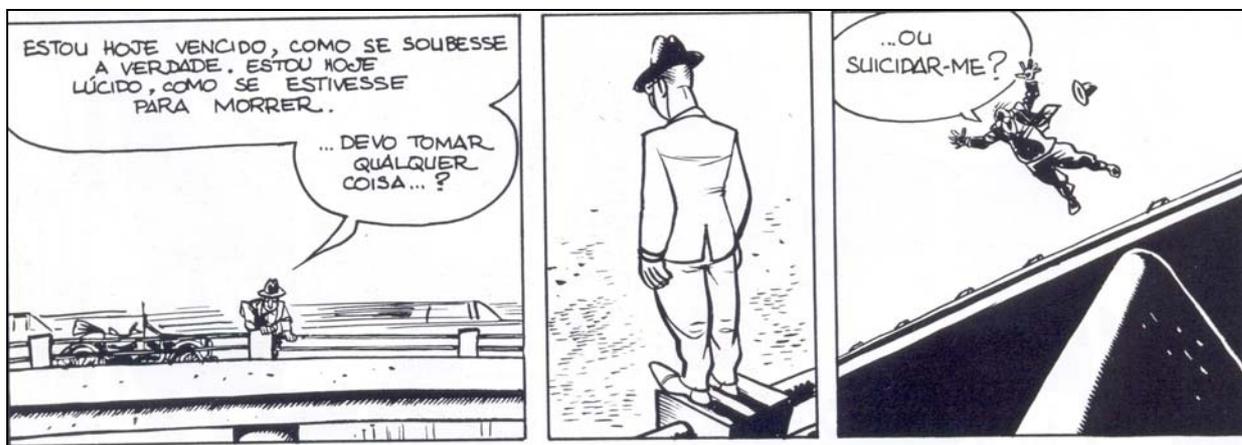


Figura 2

LAERTE. O Poeta, In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 41

A mesma ponte em que se inicia a história é usada como desfecho da mesma. O aqueduto também pode funcionar como ponte. Podemos ver duas coisas: um lugar para um personagem se “resolver” e outro para o mesmo se “aninhar”. Mas no final das contas, nessa história em quadrinhos, essa ponte será o caminho para a destruição dos piratas. Novamente, pelo poder da sugestão, descrevem-se condições que chegam a uma ação.

Pelos traços sugestivos do cartunista, o cenário pode apresentar circunstâncias na situação. As formas desses traços dos cenários podem revelar ou sugerir condições físicas e em determinada situação criar a atmosfera da ação. Quer dizer que pode fazer o leitor ver a ação. O propósito do cartunista é criar um jogo de paisagem onde se possa propiciar uma colocação na qual o leitor tenha o melhor humor possível para entender e desfrutar desse jogo.

Dizendo de outro modo, construir um ambiente para ação dramática dos personagens. Exemplo disso seria o momento em que o poeta tem sua gôndola afundada pelos piratas.



Figura 3

LAERTE. O Poeta, In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 45

Os traços do cartunista sugerem o naufrágio e somente depois este é apresentado de fato ao leitor. O rio é utilizado como cenário para criar a ação dos piratas.

Pensamos que outra função do cenário das HQs seria, entre arranjos e formas de composições de linhas, traços e cores, colocar a ação em uma atmosfera constantemente atraente para que realmente proporcione uma ambientação. Se o cenário for monótono acaba debilitando a ação dos personagens, da mesma forma que se chamar muito a atenção também termina por relegá-los a segundo plano.

Nas histórias aqui pesquisadas, Laerte acaba criando um ambiente “atraente” para os personagens, desenhando formas agradáveis para estes, que provocam sua ação e parecem ficar unidas, construindo um ambiente “apropriado”, de formas “planejadas”.

Ele evita a repetição monótona do cenário e formas idênticas não aparecem em todos os quadros. As formas com linhas verticais e horizontais são variadas com outros objetos, cores escuras formando contrastes com o branco, numa

rivalidade amigável de tons. Existe uma harmonia entre fundos de cena e personagens e isso dá uma certa unidade e equilíbrio entre os elementos que constituem o cenário.

Pelo poder de sugestão nas formas visuais que cercam a ação dos personagens, há idéias claras sobre o espírito da trama. Coloca-se a ação sugestivamente e propicia-se condições para que se crie uma atmosfera para seu desfecho. O leitor pode inferir sem esforço o pensamento e a emoção do autor que é projetado para expressar uma ação.

O propósito do cenário seria funcionar como o ambiente visual de uma ação, colocando-a, reforçando-a e vestindo-a. O cartunista projeta um jogo de paisagens de forma atraente, simples e um estilo apropriado para esse jogo.

Já o fundo de cena apresenta-se como algo fixo, onde existe a localização constante de um lugar onde estão personagens. Mesmo que este não seja explicitado nos desenhos, faz-se necessário apresentá-lo ao leitor, para que este situe onde a ação dos personagens irá ocorrer. Ao enviesarmos nossas idéias acerca de cenários e fundos das HQs, buscaremos tornar mais clara essa relação entre cenários e fundos de cena e o quanto elas estão imbricadas dentro de um mesmo eixo de ação.

O aqueduto presente na história “O Poeta” somente é “utilizado” por Laerte no momento em que, na tentativa de destruição do poeta pelos piratas, este agarra-se a ele e o utiliza como pedestal, ignorando os personagens piratas. Este aqueduto, apesar de ser elemento do fundo de cena urbano que remete ao rio Tietê e à cidade de São Paulo como *local narrativo* desta HQ, faz parte do cenário da “disputa” entre o poeta e os piratas pela permanência no rio.

O fundo de cena, espaço mais amplo onde localiza-se o cenário, já poderia nos ter mostrado o aqueduto sobre o rio, uma vez que essa construção da engenharia de abastecimento faz parte da memória visual da capital paulista. Mas o autor optou por somente o inserir na história quando este fosse essencial para a continuidade desta não em termos de localização, mas das próprias ações dos personagens. Quando o poeta agarra-se ao aqueduto, ocorre outro desfecho na

história. Ele foi um elemento surpresa, inesperado pelo leitor, mas passível de existência, uma vez que foi trazido naquele momento, não só do fundo de cena paulistano já visto, mas também das memórias de cada um a confirmar a sua existência na São Paulo além quadrinhos.

Ao sair do cenário onde a ação se deu, esse aqueduto “retorna”, em nossas memórias, ao fundo de cena metropolitano onde estão o poeta e os piratas. Laerte opta por não o fazer em imagem desenhada, assim como não o havia feito antes dele virar cenário de algumas seqüências narrativas.

Esse aqueduto, espaço construído da arquitetura, tem uma relação de vivência com os habitantes da cidade. Há um diálogo estabelecido entre esse espaço da cidade com quem o percebe. Já no cenário desta HQ também existe uma relação de vivência com o leitor, como resultado de um jogo de desenhos desse espaço da cidade com a leitura do leitor.

Há uma continuidade entre ambos, ou seja, entre esse espaço que é dos quadrinhos e entre o da arquitetura. Quando o local narrativo onde se passa a HQ é desenhado em continuidade com algum espaço real, como é o caso da história “O poeta” que se passa na cidade de São Paulo, o espaço da cidade, da construção, penetra o espaço efêmero dos cenários e fundos de cena das HQs.

A cidade opera, então, tipologias que visualizam o cenário das HQs mas este acaba em seu interior, rompendo com essa tipologia. Pensamos que o desafio disso esteja nesse viés: aquilo que a cidade cede ao entrar no território do cenário e o desafio de seus limites impostos pela linguagem dos HQs¹.

A funcionalidade do encontro entre a ação cênica e o leitor, dada pelos edifícios da cidade, serve como apoio à produção cênica. O autor neste caso vê esse aqueduto como suporte para alteração e *“criação de um ambiente cênico que intervém no edifício, para o estabelecimento de um cenário e seu espaço*

¹ Caberia também pensar como se dá o contrário: o desafio de pensar o que a HQ com seus cenários cede ao entrar no território da cidade. Como se a cidade sofresse intervenção das HQs com suas características imaginárias, pela sua natureza eventual e de imagens interativas, as HQs se apropriam dessa arquitetura do aqueduto como proposta de alteração do seu ambiente para continuidade da história. Mas esse é um assunto para outro trabalho...

imaginário” (CARON, 1994, p.73). Então o próprio aqueduto acaba abrigando a possibilidade de alteração da narrativa da história em função de um cenário. E isso pode ocorrer em qualquer edifício ou construção urbana, emprestada pelo autor para dar suporte à sua história, dar um certo ar “real” a ela ou, como nessa HQ, apresentar ao leitor um desfecho na trama da história.

A cidade de São Paulo de um lado e os cenários e fundos de cena que a aludem de outro, estabelecem campos distintos e ao mesmo tempo imbricados.

Nas HQs, uma narrativa imaginária é formada em contigüidade com as memórias do leitor. Na cidade, com suas permanências, formada com os seus “leitores” uma relação de vivência. A HQ opera vinculada a uma certa ilusão e a cidade o faz com sua concretude. Na HQ há uma determinada cumplicidade do leitor ao entrar na história e na cidade há uma espécie de “contrato” pela vivência.

Diante dessas distinções objetivas, cidade e HQ têm suas individualidades: enquanto a HQ opera com cenários, fundos de cenas, inspirados na realidade urbana, com diálogos, sarjetas, balões; a cidade opera espaços construídos reais. A distinção entre ambos leva-nos a pensar nos diversos recortes no plano do conhecimento e da cultura, ou seja, diferentes modos de leitura do real. O que importa saber é o que os distancia, o que os aproxima, como se articulam no território da cultura enquanto vetores.

Sendo distintos, a separação, entre cidade de São Paulo e fundos de cena das HQs, verifica-se na forma como o leitor fará isso. Nas HQs há um envolvimento das imagens pelo leitor no momento da leitura. Na cidade as imagens se promovem através da vivência de seu observador. Cada um tem um tempo próprio, uma duração que garanta sua existência. A duração das imagens nas HQs é própria da narrativa: tem começo, meio e fim. Na cidade, tem outra natureza, sendo própria da vivência, pois não tem começo, projeta-se e não tem um fim, mas sua “utilidade” acaba tornando-se obsoleta ou permanece, perdura dentro de seu observador ou acaba desfazendo-se. Na HQ, há algo efêmero e que a cada tempo, exige um novo espaço porque o próprio leitor e as formas de ver-se, representar-se, alteram-se com o passar do tempo de sua consciência. Na

cidade, a arquitetura está presente e torna-se documento, por isso não tem fim. Mas HQs e cidades têm suas aproximações, pois ambas são expressões da arte. Ambas encontram lugar no território da transgressão, na tensão da cultura.

Uma ponte, por exemplo, pode ser para a cidade uma idéia de articulação, de processo para a arquitetura. Na HQ, uma ponte pode ser o indício de uma passagem que está fora da realidade da história, para o nada ou para uma mudança de direção da narrativa. Se lida como arquitetura, a ponte é falsa. Na HQ ela é uma realidade cênica.

Estamos aqui muito próximos a uma dialética entre o ser e o parecer. Cidade e fundos de cena não são a mesma coisa. Estabelece-se entre ambos uma relação dialética no tempo e espaço, abrangidos por uma cultura e que, portanto, tal relação dialética se traduz por uma simetria no campo cultural. A simetria envolve conceitos de relação, harmonia naquilo que se mede ou observa. Ao observarmos uma simetria entre a cidade e os fundos de cena das HQs, expressamos o encontro dialético das partes entre si e com o todo no campo cultural. É o sentido da simetria que empregamos aqui. Estão ligados, mas impossibilitados de se sobreporem; primeiramente, por sua natureza temporal: se o tempo das HQs é o da presença do leitor com a história, o da cidade é o tempo da permanência. Segundo, pela natureza do espaço: o da HQ é imaginário e o da cidade é vivencial e se constrói nessa vivência. Em terceiro lugar, pelo espaço cultural e político que ambos ocupam, articulados pelos leitores. Para as HQs, os leitores são co-participantes da construção do imaginário da história, aqueles que, na sua cumplicidade, garantem o significado da proposta do autor. Para a cidade, o sentido de seus “leitores” está na vivência que cada um tem com ela. No entanto, ainda que não sejam o mesmo espaço, a cidade dos quadrinhos e a cidade da arquitetura são também a mesma e se comunicam, contaminando-se uma à outra, fazendo-se aliadas em suas propostas de ser e significar.

Acreditamos que exista no espaço do fundo de cena onde ocorre a história um amparo para que os personagens sejam como são e ajam de forma peculiar. Tal espaço dá a oportunidade para que os personagens possam viver numa

espécie de simbiose com esses cenários e fundos de cena, para sobreviverem e agirem. Por exemplo, o aqueduto é algo presente na cidade de São Paulo, a qual é aludida em cenários e fundos de cena da referida HQ.

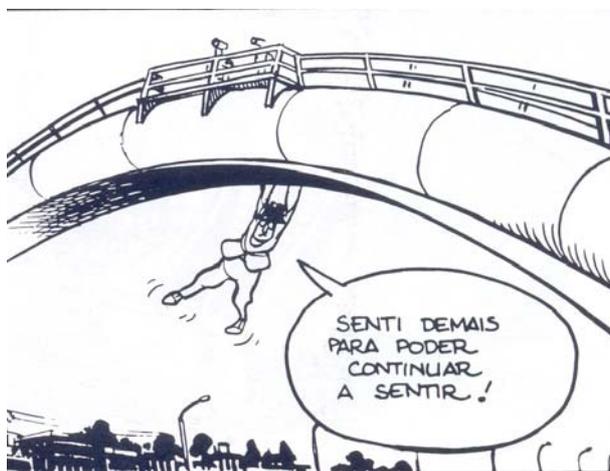


Figura 4

LAERTE. O Poeta, In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 48

Os fundos de cena nos quadrinhos dos Piratas do Tietê

Para conduzirmos nossas idéias acerca de fundo de cena e cenários escolhemos três histórias publicadas no livro “Piratas do Tietê e outras barbaridades”, em 1994: “O Poeta”, “A Revelação” e “O Lobisomem”.

Dentre os diversos personagens criados por Laerte, que fazem parte dos “Piratas do Tietê”, como Overman, Deus, Homem-catraca, O Gato e a Gata, Fagundes, Sindico, Los Três Amigos, Suriá, Hugo Baracchini e tantos outros, escolhemos o Capitão e seus comparsas, pela sua trajetória dentro do espaço urbano das HQs e da cidade de São Paulo, para concentrar nossas análises.

Faremos um recorte na obra de Laerte Coutinho, destacando os “Piratas do Tietê” na figura do Capitão e sua tripulação e os quadrinhos por onde eles circulavam apenas nas revistas e não nos jornais e outras publicações, como acontece atualmente. Nas primeiras histórias dos “Piratas do Tietê”, os personagens circulavam apenas no Rio Tietê e em suas margens, como cenário

principal de suas ações. Ao longo do tempo através de imagens, ironias e sutilezas, ganharam a cidade de São Paulo.

Nas histórias do livro “Piratas do Tietê e outras barbaridades” ganham as ruas e lugares de São Paulo. Na primeira, “Balada do Lobisomem” e na última “O Poeta”, os piratas permanecem no rio. Nas demais, “A Terceira Margem” e “A Revelação”, eles ganham a cidade, apesar de começarem e terminarem a história no rio Tietê.

Mas, comecemos a caminhar por esse labirinto, onde o fio de Ariadne será o fundo de cena das HQs.

Nos quadrinhos, assim como no cinema, para dar forma a seus cenários e narrativas, são capturadas a cultura do autor e a cultura dos leitores. Nossas memórias e os sentidos que damos às coisas são utilizados para dar sustentação à história, aos personagens, aos cenários e fundos de cena.

Tarkovski (1998) enfatiza que, ao fazer um filme, tem a certeza que os interesses e preocupações que estimulam o diretor a fazê-lo são os mesmos que interessam a outras pessoas e que os espectadores são que respondem se tais preocupações foram sanadas ao apresentar seu filme para o público, mas que só ocorre diálogo entre ambos quando estes têm o mesmo grau de compreensão dos problemas existentes. Assim acontece o verdadeiro diálogo entre diretor e espectador. No caso das HQs, o leitor irá para lugares dentro de sua própria memória no momento em que estiver lendo. Assim, irá formando na sua mente a continuidade da história. Obviamente, isso dependerá do universo cultural que cada leitor estiver inserido. Nesse universo cultural está presente também a leitura e o convívio com determinado autor e determinado personagem. Se a compreensão do leitor estiver em sintonia com a do autor, o diálogo entre eles por meio da HQ se estabelece.

Quem não está atento aos problemas brasileiros, que não acompanha os fatos de nosso país, ao ler as tirinhas dos “Piratas do Tietê” poderá classificá-las como sem nexos ou como algo distante da “realidade”. Não que estas tenham o

dever de nos mostrá-la, mas em muitos de seus quadrinhos, através de seus personagens, Laerte nos aponta tais realidades.

Mas isso também é muito relativo, pois se um romance, uma HQ, são lidos mil vezes, estes serão interpretados de mil maneiras diferentes.

Por utilizar imagens e palavras, os quadrinhos transmitem aos leitores, aspectos objetivos e subjetivos do mundo em que vivemos.

Will Eisner ressalta que as HQs lidam com palavras e imagens que são dois “*dispositivos de comunicação*” (1999, p.13). O emprego destes dispositivos é que vai potencializar o sucesso ou o fracasso da história em quadrinhos, pois dependerá da forma como o leitor vai viabilizar sua emoção na imagem. Para esse autor

“A compreensão de uma imagem requer uma comunidade de experiência. Portanto, para que sua mensagem seja compreendida, o artista seqüencial deverá ter uma compreensão da experiência de vida do leitor. É preciso que se desenvolva uma interação, porque o artista está evocando imagens armazenadas nas mentes de ambas as partes”. (1999, p.13).

Portanto, ao ler, o leitor evoca imagens de sua realidade concreta, estabelecendo uma relação entre aquilo que se vê como imagem desenhada nos quadrinhos e aquilo que se completa dentro de sua mente. O autor acaba por disponibilizar a cidade ao leitor através dos fundos de cena. Faz com que a cidade ceda a ele suas características tanto arquitetônicas como vivenciais para que a história se complete inteiramente. As HQs nesse caso, sofrem uma certa interferência da cidade real, São Paulo, para que a cidade dos piratas possa existir. Mas tudo isso é efêmero, pois a cada leitura a forma de interpretar do leitor muda, a relação do autor com seus personagens com o passar do tempo, ao escrever outras histórias, também e isso vai funcionando com uma alavanca para que novas perspectivas se abram ao leitor a cada leitura.

Almeida (1999a), ao estabelecer relação entre o espectador do cinema e o espectador-fiel² numa capela renascentista, nos faz pensar em uma analogia com o leitor das HQs, que seria como o espectador-fiel enfatizado por esse autor. As figuras humanas, locais, imagens, outros seres das HQs

“Encenam um drama visual. Suas particularidades e originais aparências serão estímulos para que o espectador-fiel seja afetado por elas. Essas figuras o conduzirão a seu mundo interior. Com seus medos, idéias, fantasias, aspirações, moral, etc. O espectador será conduzido por elas a seu mundo interior. Povoarão seus conflitos. Darão conselhos, darão pavor, darão conforto, indicarão o caminho. Com seu caráter extraordinário, substituirão e fundir-se-ão com imagens anteriores. Inesquecíveis, habitarão a alma do espectador-fiel” (ALMEIDA, 1999a, p.56).

Esse mesmo autor nos aponta que, ao imaginarmos, estamos exercendo *“liberdade cívica e política”* (1999a, p.1.). Buscando interpretações através das imagens, vamos projetando nossos desejos de leitores ao mesmo tempo em que o autor também projeta seus desejos em nós; que podem ser despertados por uma imagem em livros, filmes, pinturas, desenhos. Estamos aqui nos referindo a *“espectadores-leitores de quadrinhos”*.

Portanto, construiremos novas imagens a partir de outras, auxiliados pelo trânsito da (in)consciência entre o relato da nossa própria vida de espectador dessas imagens e o relato em imagens isoladas no tempo e espaço de cada requadro dos quadrinhos, que são construídas em seqüências e sentidos pelo movimento do olhar de quem as vê.

Ainda segundo Almeida, as imagens *“desejam a alma do fiel-espectador para habitarem, em conflito e racionalidade, o seu corpo-LOCAL e educá-lo à sua*

² O referido autor escreve “espectador-fiel”, pois está escrevendo sobre os afrescos da *Capella degli Scrovegni*, de Giotto, em Pádua, Itália.

IMAGEM e semelhança” (idem, p.115, destaques do autor). Portanto, há uma educação visual, política, que está presente nas imagens.

O referido autor, inspirado nos escritos do *Ad Herennium* (Apud Almeida, 1999, p. 67-71), aponta-nos que a memória vai sendo educada incessantemente pelas imagens. Constroem-se *“LOCAIS e IMAGENS inesquecíveis para serem lembrados.”* (ibidem, p.123, destaques do autor). Se antes esses locais e imagens apareciam em capelas e palácios públicos, atualmente aparecem nos filmes, revistas, HQs...

Essas imagens e locais inesquecíveis são construídos tanto pelas experiências de quem narra como pelas experiências de quem as interpreta. Cada imagem apresentada aos leitores através dos cenários e/ou fundos de cena das HQs vai remetendo a lugares outros e contribuindo para a construção de uma narrativa diferente, sem perder sua seqüência na história. É nesse remeter incessante que vai se apontando uma articulação entre os cenários e/ou fundos de cena, a narrativa e a realidade além quadrinhos.

Remete-nos também a uma locação de espaços feita tanto por quem produz um livro, uma HQ, um filme, como pelo leitor, tanto de imagens como de textos. Certeau (1994) nos aponta que há uma produção silenciosa através da leitura, uma espécie de flutuação através das imagens e textos, modificando-os pelo olho de quem as lê, provocando improvisações e expectativas induzidas por palavras, sons, gestos, numa dança efêmera. Ainda na esteira deste autor, nos apropriamos do texto do outro, onde vamos caçar a produção do outro, utilizando as nossas armas, numa atividade combinatória de nossa memória. Somos afetados não somente apenas por outras imagens, mas pela cultura do outro.

Nos quadrinhos dos “Piratas do Tietê”, tantos os cenários como os fundos de cena, são produtos das idéias do autor, aludidos à metrópole paulista e apontam possibilidades, caminhos por onde o leitor poderá penetrar e ir entendendo e/ou modificando o rumo da história. São as imagens eleitas pelo leitor que anunciam desejos de alusão à realidade e que contribuem eficazmente para que isso ocorra.

Pensar nos quadrinhos para além dos seus requadros que continuam num extracampo permite que as imagens vão migrando para outros lugares de nossa memória.

São traçados nos fundos de cena espaços/tempos que, “sentidos” e “vivididos” através das imagens, vão sendo continuados nas cenas formadas na cabeça do leitor, buscando em outros universos uma espécie de ajuste entre o que lhe é apresentado pelas HQs e entre o que existe na realidade do leitor.

Presumimos que quanto mais próximo e explícito os cenários ou fundos de cena das histórias em quadrinhos estiverem do chamado “mundo real”, mais ampliam-se as tensões entre os saberes acerca desse mundo real e as imagens e palavras das HQs e com isso, outras memórias são trazidas para o interior da história. Muitos autores vão “colando” seus cenários em algum outro “cenário” pré-existente na cultura dos leitores: a floresta, a cidade, o mundo do futuro, a Idade Média, a cidade de São Paulo.

São recortes feitos no plano do conhecimento e da cultura que acabam distanciando ou aproximando aquilo que é cidade “real” e aquilo que se configura como a cidade dos piratas.

Segundo Oliveira Jr (2004), o cinema situa muitas de suas narrativas em lugares reais. A loca(liza)ção nesses lugares pelos diretores de cinema e já conhecidos pelo público, seria um recurso para ganhar tempo, iniciando a história em um local com o qual as pessoas já estão familiarizadas, criando “*um campo de possibilidades de ação*” já conhecidas de muitos espectadores (p. 3).

Aos leitores das histórias em quadrinhos pode-se dizer o mesmo, entendendo que esse campo de possibilidades nas HQs é criado muitas vezes a partir do ambiente configurado/traçado/desenhado nos fundos de cena e dos cenários onde os personagens atuarão.

O Homem-Aranha é um exemplo de como a cidade ampara seu personagem. Na história “Aranha Suburbana”, o Homem-Aranha, em perseguição a um dos personagens que põe em risco sua cidade, é obrigado a circular pelo subúrbio e de repente percebe que seus poderes estão limitados. Não consegue

realizar todas as suas façanhas, pois não há arranha-céus onde grudar suas teias e se lançar no ar, o que lhe impede os movimentos ágeis necessários à perseguição. Fora de seu meio, ele não pôde por em ação seus super-poderes e atuar com agilidade.



Figura 5
LEE, Stan, "Uma Aranha Suburbana" In Homem Aranha, 1990, p.76.

Os elementos presentes no espaço atuam na mediação das ações. Nessa história há uma alteração de espaço, ou seja, da área central para o subúrbio.

Essa história mostra que a vida no subúrbio é diferente da vida no centro. Quando em determinado momento o Homem-Aranha diz que não gosta do subúrbio, é porque ele age, naquele instante, em uma estrutura que não é ideal para ele. É um personagem criado para ação em um determinado ambiente, rodeado de grandes edifícios.

A maioria dos super heróis se movimentam pelo ar e o Homem-Aranha utiliza espaços mais fechados, ou seja, por entre os prédios de uma grande cidade, inspirada talvez na Nova York real.

Uma alteração espacial altera as relações sociais, construindo outras que não existiam antes. Nessa história, o Homem-Aranha acaba pegando carona em um caminhão de coleta de lixo, solidariedade/necessidade que provavelmente não veríamos se o personagem estivesse em seu lugar habitual, onde age sozinho. Uma história como essa apresenta-nos, se assim o quisermos, aspectos conceituais da geografia e do urbanismo, como cidade, subúrbio. São os cenários ou os fundos de cena que apontam onde a ação do personagem está dentro da organização do espaço, suas possibilidades e frustrações. São eles que vão salientar o quanto às ações dos personagens estão vinculadas ao ambiente onde atuam.

Nessa história, o que se discute não é a qualidade do lugar, como espaço produtor de desigualdade, mas sim como espaço que suscita diferenças de ação. Nos é revelado que ambiente e personagem são desenhados conjuntamente, um apoiando o outro em sua existência e ações enquanto personagens das HQs. Ao herói não mais poder grudar suas teias nos prédios, aquilo que antes era apenas fundo de cena por onde circulava o personagem passa a ser notado pelo leitor. Não só notado, mas entendido como de fundamental importância nas ações do herói. Nesse momento, os prédios que constituem os fundos de cena das HQs do Homem Aranha passam a ser notados como sendo os cenários com os quais o personagem interage e não somente como meros localizadores de sua ação.

Podemos assim dizer que, o espaço onde age esse personagem, é elemento fundamental na narrativa, pois além de ser uma localização, mostra-nos

como a sua alteração implica em modificações de ações tanto do personagem como no desenrolar da história, além de provocar no leitor, tensões que vão sendo cada vez mais imbuídas de desassossegos, no sentido de descobrir o que vai ocorrer no final da história.

Nos quadrinhos, é preciso, além do talento do autor em nos revelar aspectos particulares dos personagens, também que o leitor leve-os a “funcionar” nos recursos que a narrativa dispõe, ou seja, no cenário, nas sarjetas, nos balões.

Scott McCloud (1995) nos diz que é justamente nos espaços das sarjetas, que a ação vai acontecer. Nada é visto entre esses espaços, porém eles indicam que algo acontecerá. A conclusão do que vai acontecer no próximo quadrinho ou de como acontecerá, vai ser feita pelo leitor. Os quadrinhos deixam freqüentemente seus leitores usarem a imaginação. Para isso, o autor tem que ter uma habilidade de levar o leitor a buscar um sentido para a ação e se relacionar com o que foi visto/ lido até então. No caso da história em quadrinhos “O Poeta”, o leitor “vê” Fernando Pessoa se atirando ponte abaixo concluindo que este morreu.

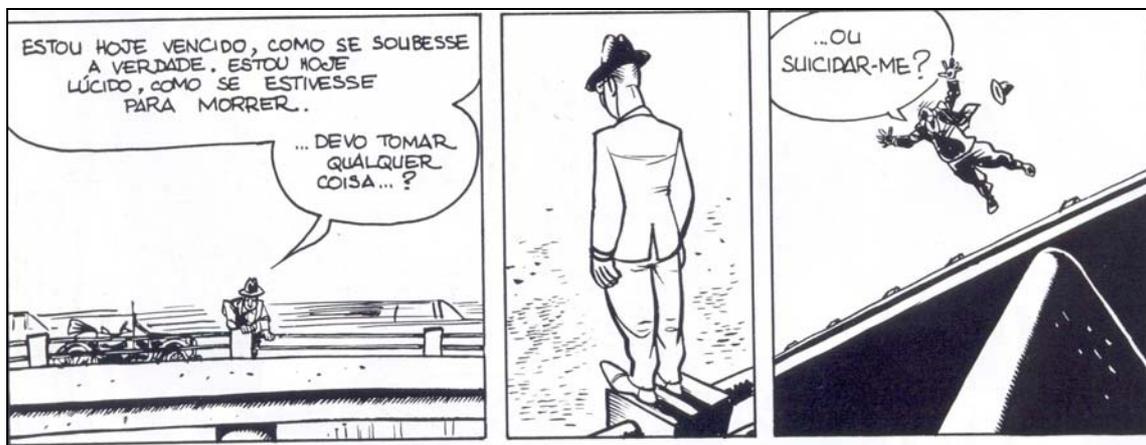


Figura 6

LAERTE. O Poeta, In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 41

O espaço dos quadrinhos se prolonga além dos limites dos requadros, penetrando e escorrendo por entre as suas sarjetas, enquanto que o dos filmes se prolonga além dos limites da tela. Nesses espaços entre os quadrinhos a história continua. Nas HQs espaço e tempo se “situam” em função do movimento de

exploração que os autores fazem estriando nos limites máximos os efeitos cômicos por exemplo. O leitor também é que vai definir através de sua leitura, a duração do tempo que vai garantir a existência, a extensão e a durabilidade das ações dos personagens.

Tempo e espaço existem em função do movimento que o leitor faz no interior da narrativa e isso é uma função mais específica do cenário, pois uma vez mutável, acreditamos proporcionar ao leitor maiores possibilidades de interpretações e de exploração da imagem.

Uma das funções do cenário é indicar ao leitor a alteração do tempo. Alterando o tempo, altera-se o cenário. Mas isso não quer dizer que tenha que se alterar também o fundo. Este pode permanecer sem que ocorra alteração da localização do lugar por onde a história transcorre.

Pensando que no quadrinho o tempo é virtual, o espaço entre um quadrinho e outro é tão importante quanto o momento do corte em um filme. Segundo Almeida (1999a):

“A compreensão de um filme (...) acontece nesse intervalo entre as cenas e é histórica, social e individual, particular, ao mesmo tempo” (p.38).

“Tudo o que envolve o movimento psicológico do intervalo, trazido, inicialmente, pela visão da imagem e que não estão visíveis nela, segue percursos mentais da imaginação, transitam desgovernadamente pela racionalidade, pela linguagem, pelos sentimentos, pelo devaneio, pelo sonho... e, principalmente, pela memória”. (p.41)

As sarjetas realizam nos quadrinhos os mesmos “efeitos” que os cortes nos filmes. Nelas estão as ausências preenchidas pelas memórias dos leitores.

Acreditamos existir uma analogia entre quadrinhos e cinema quando nos referimos a essa construção da história. Entendemos que tal analogia se dê

principalmente na relação entre a sarjeta dos quadrinhos e os cortes dos filmes. É um processo de produção utilizado por ambas as linguagens para dar continuidade à “escrita” da história, como uma montagem. Segundo Tarkovski (1998), *“a montagem existe, por certo, em todas as formas de arte, uma vez que é sempre necessário escolher e combinar os materiais com que se trabalha”* (p.141).

Os cortes no cinema, as sarjetas nos quadrinhos, têm muita semelhança entre si. São as sarjetas e cortes que incluem o “vazio pleno de memórias” entre as imagens. Os fundos de cena contribuem para que nesse vazio ocorra um espriamento da memória, preenchendo cenários vazios de imagens, que ganham novos sentidos ou que aparecem no momento em que se cruzam em tais cenários. Esse cruzamento vai criando um ritmo de montagem, de junção de imagens, que perpassa pela consciência do leitor e pela aglutinação de imagens acionadas pela memória a partir dos fundos de cena.

Nos quadrinhos as ações dos personagens e o espaço em que se passam tais ações precisam ser apresentadas ao leitor, como se fosse uma necessidade de ambientação, para que este tome consciência por onde, por quais caminhos, a história se construirá. Muitas vezes, porém, os cenários ou os fundos de cena nos dirão de forma implícita, onde e talvez como, as ações dos personagens ocorrerão.

Entretanto, algumas vezes o leitor não percebe essa habilidade que as histórias em quadrinhos têm em nos lançar para outros tempos, mundos, espaços. É uma forma um tanto sutil encontrada pelo autor, que resulta em nos lançar para fora da narrativa ou nos sugar para dentro dela, como um redemoinho. Seria uma espécie de “abuso de poder da autoridade das imagens dos cenários e dos fundos de cena”. De repente elas nos sugam e nos aprisionam dentro delas pelos seus cenários e fundos de cena, levando-nos a criar significados, ao mesmo tempo em que nessa sedução entre imagens e leitor, é nos proporcionado que criemos outras situações advindas de sua possibilidade de libertação.

Ao mesmo tempo as imagens nos capturam e nos libertam, desejam-nos ardentemente e nos proporcionam momentos de intenso prazer e aventura.

Aventura, pois nos deixamos envolver pelas possibilidades de interpretação que podem nos oferecer e podemos percorrer quaisquer lugares. Prazer, pois podemos alterar os destinos e ações dos personagens de acordo com nossa vontade, mesmo que o autor dê um desfecho na história que não o mesmo que desejaríamos, mas existe sempre um traço, um balão, uma sarjeta, um cenário, que dá ao leitor a possibilidade de ação de acordo com seus desejos.

O autor vai tentando dirigir o olhar do leitor e cabe a este interpretar aquilo que é ou não “real”, que o leva a outros lugares de sua memória. As nuances emocionais, a atmosfera que a história vai adquirindo é parte de um processo psíquico, cognitivo do leitor. No entanto, é neste paradoxo que as histórias em quadrinhos repousam sua criação. Elas são criadas e a alusão com o mundo real além quadrinhos, vai depender da possibilidade de um ser/objeto desenhado, criado da fantasia, comunicar-se, em traços e formas, com o que chamamos de realidade.

Nessa relação que se estabelece dos desenhos entre personagem, planos de fundo de cena e leitor, vai-se criando uma afinidade que produz a sensação de verdade, verossimilhança, naqueles quadrinhos que se constituem a partir de fortes aproximações com algum lugar geográfico concreto. Sintetizados na forma de cenários ou fundos de cena das histórias em quadrinhos dos “Piratas do Tietê”, essas HQs tornam-se uma apresentação da “realidade”, de um território que existe, que é a cidade de São Paulo, manifestada sob seus diversos ritmos e tensões através da ironia e sarcasmo de seus personagens.

Podemos lançar mão de universos outros a partir de pedaços da “realidade” que, misturados ao sarcasmo pirata e fundos de cena da cidade de São Paulo, dão outros significados à narrativa. Por isso, as narrativas podem ter significados oportunos a quem lê. Podemos dar o significado tanto para o mais “verídico” quanto para o “ficcional”. A escolha é do leitor e navega dentro do universo cultural de cada um, que vai dando margens a possibilidades de ações aos seus personagens, dependendo do espaço bidimensional por onde estes circulam. Ao circular com sua leitura por esses espaços bidimensionais, o leitor, envolvido

também pelos espaços tridimensionais que ele conhece, acaba influenciando a circulação dos personagens da história e suas ações, provocando diferentes andamentos às aventuras destes.

Os cenários e os fundos de cena existem como realidade dos quadrinhos e servem como espaço de circulação dos personagens. O que existe nesse espaço configura uma cidade. Os quadrinhos não poderão reproduzir a cidade, mas **uma** cidade que pode, como no caso da dos Piratas do Tietê, aludir diretamente a uma delas: São Paulo.

Paradoxalmente, a idéia de realidade é permeada por imaginações, lembranças, fragmentos de outras cenas que registradas em imagens e sons, habitam telas do cinema, quadrinhos, televisão e a memória das pessoas, onde tais imagens, numa mistura de realidade e ficção, permanecem nas histórias orais ou naquelas inscritas nos filmes, nos livros, nos quadrinhos, nas pinturas. Cada um tem em si uma cultura, por ter tido certas experiências, por ter tido convivência com certos universos culturais.

A nossa imaginação nos permite vivenciar, por exemplo, coisas que a própria cidade enquanto espaço não nos permite. Solicita-nos um tipo de memória, mas cria-se outra, sobre a cidade. Os quadrinhos nos dão a oportunidade de viajarmos por entre cenários, personagens, falas, chamando conhecimentos acerca dos lugares, fazendo ligações com músicas, poesias, cidades reais e imaginárias.

A forma do autor Laerte abordar temas cotidianos de nosso país e da cidade de São Paulo acaba aproximando os piratas das pessoas que habitam essa cidade. Nessa circulação de pessoas e piratas e nas aproximações realizadas pela nossa imaginação, pelos cenários e fundos de cena, acabamos percebendo que, em uma mesma cidade, há espaços diferenciados e estes mesmos espaços se tornam ainda mais peculiares se os observarmos de formas diferentes e em horários diferentes, como por exemplo, durante o dia ou à noite, periferia ou centro, área de prostituição feminina ou masculina, marginais e viadutos, e assim por diante. São diferentes territórios dentro de um único espaço

que proporcionam diferentes interpretações, pois tornam-se lugares distintos a cada separação circunscrita pela sua própria territorialidade.

Nos quadrinhos, a construção da idéia de realidade se dá também pelos cenários e fundos de cena que amparam os personagens que circulam por esse espaço, dando sentido a eles e à narrativa. Não se trata, portanto, como já citado anteriormente, de um espaço apenas de ambientação da história.

O autor nos leva para dentro da história, situando sua narrativa no território da cidade de São Paulo, aludindo a esta cidade com os cenários apresentados e ao mesmo tempo criando-a em (dando a ela) outra “realidade”, fazendo com que a arte nos faça entrar em outros domínios, de conhecimentos outros.

Dá-nos a impressão de realidade, sensibilizando-nos a equiparar o que conhecemos, o que trazemos da vida. É como se fosse transplantada da realidade, não sendo a realidade. Mesmo porque, sendo ficção, se isso

“fosse possível, uma cópia dessas não permitiria aquele conhecimento específico, diferente e mais completo, que é a razão de ser, a justificativa e o encanto da ficção”. (CANDIDO, 1972, pág. 65).

Acreditamos que no processo de criação desses fundos de cena, o autor lança mão da realidade para construir sua história, havendo uma reprodução mais aproximada ou não desta. Indagado certa vez, *“Como acontece o seu processo de criação e por que São Paulo?”*, Laerte respondeu:

“Não tenho muito o que contar; o processo de criação ou é uma coisa óbvia ou é uma coisa imperscrutável. Costumo gostar de misturar itens de fantasia, estereotipados mesmo, com cenários realistas, o que torna tudo insólito. Assim, dessa política combinatória, apareceram vários personagens, como o Leão, Deus, os Palhaços Mudos e os Piratas. Por

que São Paulo? Porque eu sou daqui. Às vezes ela não aparece. Às vezes está implícito.”³

Fantasia e realidade configurando a ficção quadrinhística. É na mistura desses personagens com os cenários que nos chama para a realidade que essa criação repousa e nos afeta diretamente enquanto leitores.

De onde o autor “tira”, cria, faz esses personagens? De onde eles se projetam?

Os personagens dos quadrinhos se parecem, a nosso ver, com os dos romances. Antonio Candido (1972) quando fala dos personagens de um romance vem nos mostrar que a sua criação pode vir a ser das aspirações ou frustrações do artista e na medida em que se quiserem transformar os personagens iguais à realidade, isso se tornará um fracasso, pois a necessidade de selecionar algo, ou seja, recortar essa realidade afasta o autor desta, criando um mundo próprio que está além da ilusão de fidelidade.

No entanto, acreditamos também que os personagens têm um vínculo direto com o autor, pois a criação, a imaginação, saem de um universo inicial que é a mente do autor e se deparam angustiadamente com limites sociais, econômicos, políticos, culturais, que impedem que eles cresçam e se transformem.

Nas palavras do próprio Laerte

“Os piratas são um dos trecos que rolam na tira. Tem que dar uma revezada senão o povo esquece dos outros. Pra falar a verdade, os Piratas não são muito fáceis de trabalhar. Tem que ser um assunto meio especial...”⁴

³ E-mail enviado a esta autora em 13/05/2003

⁴ E-mail enviado a esta autora em 07/07/03

Seria como se eles (os piratas) dessem a possibilidade de aparecimento a outros personagens, para que estes vivam um pouco dentro do universo das histórias em quadrinhos. Poderíamos também dizer que determinados assuntos chamam os piratas a aparecer e a agir...

Os quadrinhos dos “Piratas do Tietê” se apropriam de espaços “reais” de São Paulo para construir suas narrativas e assim terminam por aglutinar em seus desenhos as memórias paulistas, como ruas, avenidas, prédios e cenas tipicamente metropolitanas, como trânsito, perseguição policial, etc.

A representação gráfica transmite simultaneamente traços e também a interpretação de quem a fez como também de quem a observa. Portanto, qualquer desenho que se queira o retrato da realidade, por mais que se aproxime desta em seus detalhes, será sempre uma interpretação e uma tentativa de explicação da própria realidade. (MASSIRONI, 1982).

Quando nos deparamos com cenários ou fundos de cena que nos remetem a lugares e a memórias que estão em circulação dentro de nós, imediatamente somos sugados por eles e nesse instante passamos a “habitar” esse espaço de acolhimento de nossas memórias e que permitem, por assim dizer, que este ganhe uma aparência de real, ajustando realidade e ficção.

Caso exemplar seriam as combinações dos poemas de Fernando Pessoa traduzidos como falas do personagem do poeta, com os cenários e os fundos de cenas. Estes terão sentido nas memórias individuais para um grupo que já leu suas obras ou pelo menos, um de seus poemas, “Ode Marítima”, que aparece escrito na história como falas do personagem. Para outro grupo que não conhece as obras de Pessoa, o sentido da leitura dessas falas com certeza será outro. Existe um ajuste entre a realidade dos poemas de Fernando Pessoa e a ficção das falas do personagem. Nessa história, o autor teve o cuidado de retirar de dezenove poemas de Fernando Pessoa, alguns versos e “transformá-los” em falas do poeta. Também podemos pensar que as imagens desenhadas por Laerte nasceram a partir dos versos que ele utilizou.

Seriam ligações associativas que se concentram nas imagens dos cenários e fundos de cena, nas falas dos personagens, nas sarjetas e chegam ao público na forma de sentimentos, de lembranças, de associações com a vivência do leitor, dando diferentes respostas à lógica do autor.

Observemos a história em quadrinhos de Laerte, intitulada “Revelação”, que tem como página de apresentação um cenário urbano, típico de metrópole: muitos arranha-céus. A imagem apresentada é semelhante à de uma foto tirada de uma das janelas de um dos prédios, onde se vê uma cena: todos os moradores estão diante da TV: homens, mulheres, crianças, concentrados. Nas ruas, os transeuntes também estão parados diante das telas de TV espalhadas pelas vitrines das lojas que expõem seus produtos à venda. As pessoas aparentam grande interesse em algo que está por se revelar. Uma antena de transmissão em cima de um dos prédios indica que esta está a toda potência, emitindo sinais à cidade, que vai sendo descortinada e iluminada pelos aparelhos de TV.



Figura 7

LAERTE. A Revelação In “Piratas do Tietê e outras barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, p.26-27.

Nessa história o autor nos apresenta a cidade de São Paulo, o cenário e o fundo de cena da história, explicitamente, desenhando e escrevendo.

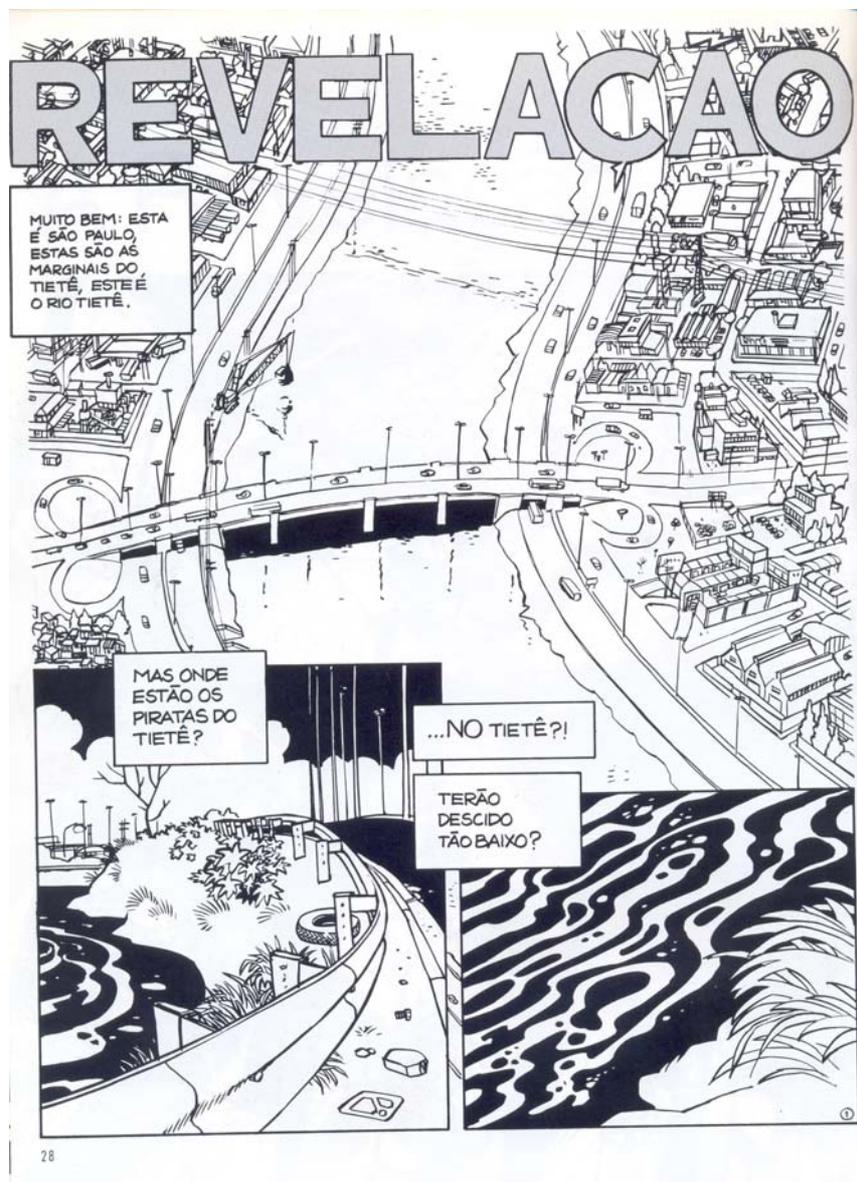


Figura 8

LAERTE. A Revelação In "Piratas do Tietê e outras barbaridades", São Paulo: Ensaio: 1994, p.28.

Qualquer pessoa que tenha passado por esse lugar um dia, ou o tenha visto pela tela da TV, saberá que o enredo da história se passa num lugar típico da cidade de São Paulo. No cenário, que aponta as ações dos personagens e as salienta, estão os piratas.

São piratas de três séculos atrás, que navegam pelo Tietê em um galeão, utilizam tecnologia e linguagem diferente do seu tempo, são desumanos, desassossegam, mas fazem parte da vida das pessoas. Acreditamos que os piratas seriam personagens não piratas, ou seja, são piratas apenas no nome e no aspecto, mas trazem dentro de si inúmeros outros personagens, de outros tempos e de outros lugares, como se estivessem sedimentados uns aos outros e que no decorrer da história, despem-se dos outros personagens e se encontram com o leitor. Melhor dizendo, nós leitores que nos encontramos com eles. Vivem no rio Tietê dentro de um galeão pirata e fazem parte das intrigas e histórias dessa cidade, que aqui é revelada pelo próprio autor com suas próprias palavras. Fazem parte desse ambiente. Os piratas estão ligados à cidade e a seus diversos acontecimentos e significados. Nessa história, por exemplo, um jacaré atua com os piratas. Esse jacaré talvez seja uma alusão ao Teimoso, encontrado anos atrás nas margens do rio Tietê e que fora manchete de jornais e telejornais durante um tempo. Ele aparecia em todos os “lugares” da mídia e Laerte nos mostra essas aparições em sua história, como uma maneira irônica de aludir à realidade dos fatos vividos na cidade de São Paulo naquela época. Ele é mais um elemento da “realidade” paulistana, assim como as marginais e o rio Tietê, aparecendo também no cenário dessa história.

Acreditamos que as ações piratas são inspiradas cada hora em um personagem social. Então os piratas são personagens onde “cabem” diversos tipos de pessoas, as quais o autor resolve aproximar da idéia de pirataria, ou seja, ações que nos saqueiam/roubam ou saqueiam a nossa sociedade.

Nesta HQ, percebemos o poder dos jornais e da televisão como grandes influenciadores no imaginário popular e “formadores” de opinião. Isso porque, ao encontrarem uma imagem de uma santa no fundo do rio, algo é revelado aos mergulhadores piratas, chegando como furo de reportagem na imprensa. Laerte nos aponta em seus desenhos que a suposta aparição de uma imagem no fundo do rio, é revelada ao público tanto pela televisão como pelos jornais impressos.

O autor desenha como se estivéssemos vivendo a realidade dessa história e talvez vivenciáramos com muita semelhança: a curiosidade das pessoas em saber o que foi revelado aos piratas; a descrença de um, a certeza de outro; as apostas; a desolação de um operário nordestino da construção civil dizendo que deveria ter ouvido sua mãe antes de vir para a cidade grande; desenha fanáticos; alta do dólar que sabemos, por qualquer “boato” ameaça subir ou descer; crianças felizes porque não terão aula e isso é um fato muito próximo da realidade, quando nos mostra a felicidade dos alunos com tal notícia.



Figura 9
LAERTE. A Revelação In “Piratas do Tietê e outras barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, p.32.

Tudo nos é apresentado em planos menores, aparecem as “sensações” da cidade. Não é explícito o fundo, no entanto, ele está lá, participando da narrativa e dando asas à imaginação do leitor. Acreditamos que essa limitação do fundo de cena no quadrinho é que vai dando criatividade ao leitor. A redução do fundo de cena e também do requadro, pode ser a possibilidade de acionar no leitor a imaginação.

Concordamos com Mário de Andrade (1984), quando nos aponta a seguinte afirmação:

“O verdadeiro limite do desenho não implica de forma alguma o limite do papel, nem mesmo pressupondo margens. Na verdade o desenho é ilimitado, pois que nem mesmo o traço, esta convenção eminentemente desenhística, que não existe no fenômeno da visão, nem deve existir na pintura verdadeira ou na escultura, e colocamos entre o corpo e o ar, como diz Da Vinci, nem mesmo o traço o delimita” (ibidem, p.68).

O requadro não impede a imaginação de voar ou de pedir para que os espaços limitados desse requadro se rompam e alcancem outros limites, para que mais uma vez, torne-se a rompê-lo e invadam o território alheio.

Acreditamos que há uma ligação muito forte entre os fundos de cena, cenários e os personagens (piratas). Talvez os personagens piratas não seriam eles mesmos fora dessa cidade, pois não teriam sentido sem ela. Mais uma vez, apontamos que os cenários e fundos de cena, servem de amparo aos seus personagens. Ambos se correlacionam. A cidade de São Paulo recebe a todos indistintamente e não há porque ela recusar a receber também (e por que não?) piratas...

Capítulo II

Os piratas, seu rio e sua cidade

*“Água do meu rio Tietê,
Onde me queres levar?
-Rio que entras pela terra
E que me afastas do mar...”*

Mário de Andrade – A Meditação sobre o Tietê

Rio Tietê. Tudo o que se deseja descartar da cidade é depositado nele. É lá que se deposita toda a tensão de São Paulo. Nesse espaço de grande circulação que são suas marginais, estão presentes o trânsito caótico, a poluição do ar, fluvial, sonora, além da relação que as pessoas têm com a cidade e o rio, que “presencia” os acontecimentos e de certa forma, contribui para que essa tensão aconteça. Mais que isso, o Tietê é também cenário de história em quadrinhos.

Mas além da deposição das tensões atuais, ali se depositam as camadas da história desta cidade, de onde surgem os bandeirantes, do interior do território brasileiro que embrenharam-se por ali; os piratas, e que agora retornam com o mesmo espírito de conquista e desprezo com que avançaram os desbravadores sobre os territórios indígenas do passado.

É nesse espaço que obrigatoriamente as pessoas circulam, pois para chegar ou sair da cidade é esse o lugar obrigatório de passagem. É também o lugar onde mais atenção recebe da mídia. É um rio que olha vagarosamente para a cidade e para todos os “seres” que nela habitam. O rio Tietê revela-nos na realidade, um pouco do que é São Paulo. E os piratas nos trazem maliciosamente e ironicamente essas revelações.

Todas as águas são depositadas no rio Tietê. Águas das chuvas, águas de outros córregos e rios, águas das enxurradas que lavam as ruas da capital paulistana e generosamente se depositam no rio, junto com todos os dejetos.

As histórias em quadrinhos dos “Piratas do Tietê” são enviesadas pela alusão a cidade de São Paulo e às águas do Tietê. Em suas primeiras histórias

que constam no livro intitulado “Piratas do Tietê e outras Barbaridades”, como “Balada do Lobisomem”, “A Terceira Margem”, “A Revelação” e “O Poeta”, o desfecho final delas sempre acontece no rio. São histórias como estas escritas por Laerte⁵, nas revistas “Striptiras” e na “Piratas do Tietê”, que deram existência aos personagens piratas e à sua cidade, numa simbiose entre eles e o ambiente no qual vivem. Vale a pena esclarecer que atualmente, segundo Laerte

“O fato de que a tira se chame Piratas do Tietê não quer dizer que eles sejam os únicos – nem sequer os principais – personagens. Só quer dizer que eu resolvi descentralizar geral, acabar com a camisa de força do prédio d’O Condomínio.”⁶

Laerte iniciou suas tirinhas na Folha de S. Paulo com personagens do Condomínio. Os piratas só apareceram alguns anos depois. Ao longo dessa dissertação quando estivermos nos referindo aos “Piratas do Tietê”, estaremos apontando apenas o personagem Capitão e sua tripulação que estão no livro “Piratas do Tietê e outras barbaridades”. Todos eles têm no rio um de seus cenários.

Falaremos sobre a “utilização” desse cenário nas histórias a seguir.

Na história “Balada do Lobisomem”, após perseguição ferrenha de um lobisomem pelas ruas da cidade, a história termina às margens do rio com o lobisomem solto num encontro muito íntimo com um pirata. As imagens do fundo de cena da perseguição fazem alusão ao centro de São Paulo.

⁵ Gato, Gata, Piratas do Tietê, Hugo, Zelador e Los 3 Amigos são alguns dos personagens que fazem parte do universo criativo de Laerte. A primeira publicação de uma de suas tiras – *Leão*- aconteceu na revista *Sibila*. Desde então, suas criações passaram por diversas revistas e jornais, como a *Banas*, *Gazeta Mercantil*, *O Estado de S. Paulo*, *Chiclete com Banana* (Angeli) e *Geraldão* (Glauco). Depois de fazer desenhos e histórias de João Ferrador para os metalúrgicos de São Bernardo, criou, em 1979, a *Oboré*, para fazer material de divulgação de sindicatos. Em 1978, lançou o livro *O Tamanho da Coisa*, coletânea de charges e cartuns. Em 1987, Laerte, em parceria com Luiz Ge, criou a revista *Circo*. Os Piratas do Tietê ganharam as tiras da Folha de S. Paulo em 1991. A partir de 1992, Laerte foi roteirista de vários programas de televisão, como *TV Pirata*, *TV Colosso* e *Sai de Baixo*. Também escreveu a peça teatral “Piratas do Tietê – O Filme”, em 2003. (<http://www.sobrecarga.com.br> acesso em 06/08/2005).

⁶ E-mail enviado a esta autora em 08/08/2005.

a violência que a população passa ao ter que presenciá-la e às vezes até se envolver nessas ações. Pensamos que o final da história, quando aparece calmamente um pirata solitário remando pelo rio Tietê, totalmente alheio aos acontecimentos da cidade, também pode ser uma alusão à indiferença de parte da população a esses “eventos” que a cidade presencia diariamente. Ou também uma maneira “laertiana” de resolver o problema do personagem lobisomem. Se esse fundo de cena fosse outro, talvez a perseguição ao lobisomem também fosse apresentada de outra forma. Talvez se o fundo de cena se apresentasse com uma cidade sem prédios, uma cidadezinha do interior, a perseguição seria outra e não haveria um esquema policial com tamanho aparato como o que se apresenta na HQ “Balada do Lobisomem”, lembrando-nos os filmes policiais americanos. O fundo de cena que apresenta uma grande cidade, pelas nossas memórias, nos aproxima, neste caso, das grandes perseguições policiais. As aproximações das imagens que o cartunista desenha, os ângulos utilizados, nos lembram uma filmagem, com seus movimentos de câmera.

A história “A Terceira Margem” começa no rio, quando Batman, cansado de ser mocinho, procura o Capitão em seu navio para se vingar das injustiças cometidas (imaginem!) contra a imagem dele.



Figura 11
 LAERTE. A Terceira Margem In “Piratas do Tietê e outras barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, p.10.

Essa história alude, através de seus traços, às histórias do Batman no início de sua “carreira”, pois atualmente, este apresenta-se bem diferente, com conflitos, angústias, ou seja, com características atuais do ser urbano. Também as cores escuras usadas por Laerte nos remetem a escuridão de Gotham City (de Frank Miller) e aos desenhos de Will Eisner, na HQ *“The Spirit”* (*The Spirit*).

Nos primeiros quadrinhos, aparece Batman invadindo sorrateiramente o galeão pirata enquanto a tripulação assiste televisão. É uma sexta-feira, às 23h50m. O Capitão está em seus aposentos, dormindo profundamente e é acordado por Batman. Sonolento, o pirata não o reconhece. Ou talvez por estar sonolento ou porque o Capitão seja um personagem meio lento nas suas conclusões... O que aparentemente vai ocorrer é que, nós leitores, acostumados às ações do homem-morcego, achamos que este irá prender o Capitão e acabar com a pirataria, mas o que é revelado pelo próprio homem-morcego é seu desejo de unir-se aos piratas. Após essa proposta, Batman vai participar de uma das atividades piratas. Invade uma festa da alta sociedade e lá mostra seus dons de pirataria.

Laerte nos aponta nessa história que a violência persiste até nos defensores da justiça, como o Batman. Apresenta-nos a subjetividade dos homens urbanos.



Figura 12

LAERTE. A Terceira Margem In “Piratas do Tietê e outras barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, p.25.

Nessa história, Batman depois de beber muito durante a invasão de uma festa, revela seu segredo aos piratas e depois disso passa muito mal e regurgita.

Regurgita no rio. Então, no final da história, aparece Batman totalmente arrasado, carregado pelos piratas até o navio que está ancorado no rio Tietê a

espera deles. E por que sempre retornar ao rio? O rio pode ser o local de segurança dos piratas, o lugar de localização deles. O rio é a parte mais baixa da cidade. É para esse vale que vão as águas, os fluidos, os desejos da cidade e por isso provavelmente os piratas voltem a eles.

A história “A Revelação” começa no rio Tietê com os piratas carregando um tesouro quando encontram uma imagem que faz alusão a Nossa Senhora Aparecida. No primeiro quadrinho o que Laerte desenha é São Paulo, as marginais do rio Tietê e o rio Tietê. Mas nesse desenho não aparecem os piratas navegando pelo rio. O autor questiona a ausência deles e que talvez os piratas descessem cada vez mais baixo pelo comportamento que lhes é peculiar. Eles são encontrados andando pelo leito do rio, procurando um local adequado para enterrar o tesouro do Capitão. Laerte nos revela que uma das peças desse tesouro, ao contrário do que muitos pensam ser um tesouro pirata valiosíssimo, que reflete os piratas e seus tesouros, trazidos pela memória da nossa tradição, é uma daquelas dentaduras de dar corda, que saem andando, um brinquedo urbano, com que as crianças há algum tempo atrás, se divertiam muito.



Figura 13
LAERTE. A Revelação In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 29

Pensamos que além do efeito hilário que o autor quis provocar no leitor, os tesouros dos desejos piratas são objetos sem uso, feito aqueles que escreve Manoel de Barros,

“Prefiro as máquinas que servem para não funcionar: quando cheias de areia de formiga e musgo – elas podem um dia milagrar de flores. (Os objetos sem função têm muito apego pelo abandono.) Também as latrinas desprezadas que servem para ter grilos dentro – elas podem um dia milagrar violetas. (Eu sou beato em violetas). Todas as coisas apropriadas ao abandono me religam a Deus. Senhor, eu tenho orgulho do imprestável! (O abandono me protege.)” (ibidem, 2002).

Podemos pensar que a pirataria, numa sociedade de consumo como a nossa, seja justamente a negação das coisas ou então o pragmatismo voltado para o fazer e para a utilidade. Os piratas querem para si coisas, não se importam se servem ou não para algo. Atribuem valor próprio a elas. Escondem-nas como tesouros incalculáveis. Mostram ironicamente aos leitores o quanto somos protegidos pelo abandono, como nos diz Manuel de Barros e o quanto nossa sociedade busca a proteção de seus “bens”. Apontam-nos o quanto desejamos e buscamos satisfazer os desejos do ter, mesmo que muitas vezes precisemos penetrar e desterritorializar espaços para que esses desejos se cumpram.

Nessa história, o autor também nos aponta com muita ironia, a São Paulo conhecida por nós. Laerte através dos piratas revela como a televisão transmite as “notícias” da cidade até os habitantes.



Figura 14

LAERTE. A Revelação In "Piratas do Tietê e Outras Barbaridades", São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 35

O que acontece na cidade de São Paulo dependendo do fato, chega até as pessoas de todo o país (e do mundo), pelo filtro da televisão e muitas vezes nada é revelado porque nada real existe de fato, mas uma parcela da população acredita na existência, na possibilidade de algo acontecer...

Almeida (2001) escreve que

“Uma das coisas que se fala muito é a influência da televisão e do cinema, a forte absorção e reprodução de comportamentos e visões de mundo expressas nesses meios. As imagens e os movimentos sonorizados do cinema e da televisão têm um grau forte de “realidade”. Realidade no sentido de que aquilo que a pessoa está vendo “é”, mais do que “parece ser”. Na projeção de um filme ou na televisão qualquer coisa ou pessoa que apareça está sendo vista e não lida ou escutada. Existe porque está sendo vista. Essa proximidade real das imagens tem uma configuração muito próxima da oralidade, o que explica, em parte, o fato de que as imagens são, às vezes, mais fortes do que um texto. Estamos nos referindo aos efeitos nas pessoas que estão mergulhadas no universo da comunicação de massas, analfabetas, semi-analfabetizadas, que não têm propriamente uma história da escrita e da leitura. Muitas pessoas foram alfabetizadas rapidamente e essa alfabetização foi apenas instrumental, serve somente para ler avisos, cartazes, indicações urbanas, e estão mergulhadas diretamente nesse mundo atual de imagens e sons”. (p.9).

Pensamos que nessa HQ os piratas nos apontam uma alusão a nossa sociedade atual que mantém uma relação de confiança com a imagem principalmente da televisão e de como o produtor dessas imagens tem o poder de vender fantasias, como reais. Principalmente para aqueles que são educados pela televisão. Ver é muito mais “real” do que ler. Esse tipo de espectador não está interessado em algo que o leve para a reflexão, mas que apenas lhes transmita facilmente uma notícia. Os piratas podem vestir-se desse produtor, por isso podemos pensar que nessa história é o Capitão que tem o poder de manipulação em suas mãos.

Nessa história, a revelação é feita “no fundo de São Paulo” (LAERTE, 1994, p.31) como diz o personagem da santa.

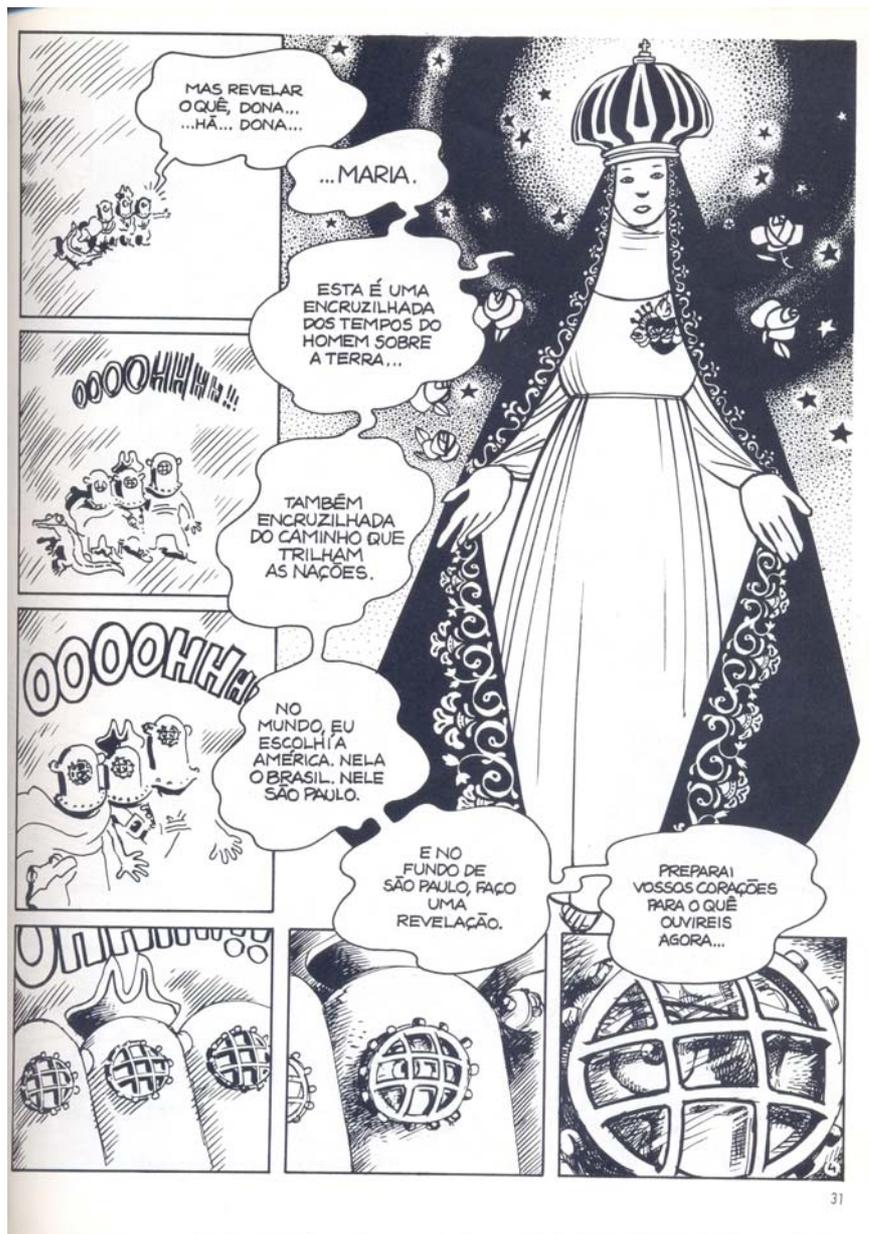


Figura 15
LAERTE. A Revelação In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”, São Paulo, Ensaio: 1994, pág. 31.

Essa revelação pode estar no fundo histórico de São Paulo, não no topográfico, pois nos aciona memórias. O cenário nos traz à memória, a história de N. Sra Aparecida, padroeira dos católicos. Podemos também pensar que nessa fala da personagem, o autor através dela, revela-nos que muito de São Paulo poderá ser descoberto se o cenário do rio Tietê for melhor observado. Fará

aproximações como também revelações sobre a memória coletiva. Dirá coisas. Apontará possibilidades. Revelará memórias.

A história em quadrinhos “A Revelação” nos mostra o desenho de uma santa, que apesar de apresentar-se como Maria, remetendo-nos a Maria mãe de Jesus, faz alusão à história da padroeira de nosso país para os católicos, Nossa Senhora Aparecida, que fora encontrada nas águas do Rio Paraíba por pescadores. Conta a história o seguinte:

“O rio Paraíba, que nasce em São Paulo e deságua no litoral fluminense, era limpo e piscoso em 1717, quando os pescadores Domingos Garcia, Felipe Pedroso e João Alves resgataram a imagem de Nossa Senhora Aparecida de suas águas. Encarregados de garantir o almoço do conde de Assumar, então governador da província de São Paulo, que visitava a Vila de Guaratinguetá, eles subiam o rio e lançavam as redes sem muito sucesso próximo ao porto de Itaguaçu, até que recolheram o corpo da imagem. Na segunda tentativa, trouxeram a cabeça e, a partir desse momento, os peixes pareciam brotar ao redor do barco. Durante 15 anos, Pedroso ficou com a imagem em sua casa, onde recebia várias pessoas para rezas e novenas. Mais tarde, a família construiu um oratório para a imagem, até que em 1735, o vigário de Guaratinguetá erigiu uma capela no alto do Morro dos Coqueiros. Como o número de fiéis fosse cada vez maior, teve início em 1834 a construção da chamada Basílica Velha. O ano de 1928 marcou a passagem do povoado nascido ao redor do Morro dos Coqueiros a município e, um ano depois, o papa Pio XI proclamava a santa como Rainha do Brasil e sua padroeira oficial.” (<http://www.culturabrasil.pro.br/aparecida.htm>, acesso em 29/11/2004).

Através do rio, como cenário, a imagem da santa foi trazida do Paraíba ao Tietê dos piratas.

“(…) A história emocionante de sua aparição aos três pastores na aldeia de Leiria, região de Fátima, Portugal, espalhou muito rapidamente a sua devoção pelo mundo. Primeiro, houve três aparições de um anjo que se identificou como Anjo da Paz, e preparou as crianças para as grandes revelações. No dia 13 de maio de 1917, em um dia claro, as três crianças, Lúcia, Jacinto e Francisca, estavam pastoreando nas colinas, quando

sobre uma pequena azinheira, surge um clarão após um relâmpago, e a figura "de uma Senhora vestida de branco, mais brilhante que o sol, reluzindo mais clara e intensa que um copo de cristal cheio de água cristalina, atravessado pelos raios de sol mais ardente". Ela dirige-se às crianças e lhes pede que rezem o terço todos os dias pela paz do mundo, que peçam pela conversão dos pecadores, e pelo fim da guerra. As aparições continuam, e sempre a Virgem repete que se ore pela paz e pela conversão dos pecadores e que se reze o terço diariamente. Com o correr dos dias o povo acorreu ao local e testemunhou a aparição de uma nuvem branca sobre a azinheira, enquanto as crianças rezavam o terço, Lúcia conversava em voz alta. A Virgem voltou muitas vezes, falou muito, e revelou terríveis acontecimentos, que poderiam acontecer se o povo não se convertesse e rezasse o terço." (http://www.ositedossantos.hpg.ig.com.br/nsa_fatima.html acesso em 29/11/2004).

Laerte mistura dois "acontecimentos" católicos, faz uso dessa história popular, mistura fantasia com um cenário meio realista e escreve a sua história. Na HQ "A Revelação", a forma como a santa aparece aos piratas é "semelhante" a da aparição de Nossa Senhora de Fátima aos pastores, ou seja, um clarão, após um relâmpago e está vestida de branco, reluzente, fazendo revelações que ninguém poderá saber. Na história do catolicismo, as crianças estavam pastoreando, ou seja, agiam normalmente dentro de sua rotina na época. Na história de Laerte, os piratas também estão agindo normalmente, ou seja, estão vagando pelo rio Tietê, mas diferentemente das demais histórias, carregam um baú de tesouros e procuram enterrá-lo. Assim como os pastores, os piratas guardam o segredo a sete chaves e não o contam a ninguém. Os pastores fazem a revelação ao Papa João Paulo II, que muitos anos mais tarde, deixando a população católica apreensiva e curiosa, revela a última profecia ao mundo.

Até a própria conversão do Capitão Pirata faz alusão à conversão das crianças pastoras à história de Fátima, que se convertem na fé católica.

Pensamos que o rio Tietê traz através de suas águas, sejam elas imaginadas ou não, fatos que, reais ou imaginados, marcam uma época e bordam com fios de recordações, histórias que o povo conta e que sobrevivem em nossa

cultura por séculos. Os quadrinhos de Laerte fazem uma alusão a um desses pedaços de passado, que gravados na memória popular, tornam-se presentes a cada vez que vemos uma imagem que nos faz recordar histórias que nossos antepassados contavam.

A história termina da forma mais próxima de nossa realidade: nada se revela, pois possivelmente não existe nada a ser revelado e tudo volta ao normal depois do estardalhaço da imprensa e da vingança dos piratas.

No último quadrinho dessa história, aparece o galeão pirata navegando mansamente nas águas do rio onde tudo é esquecido. Tudo volta ao normal.

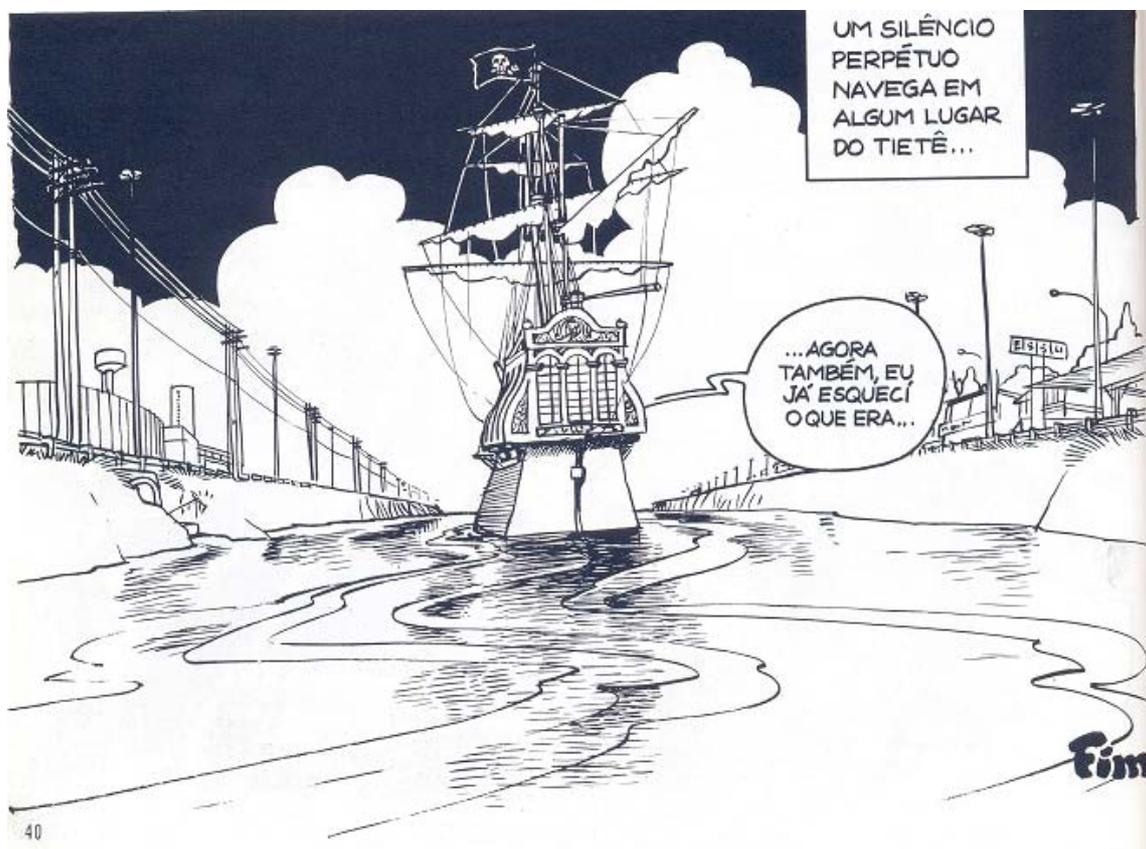


Figura 16
LAERTE. A Revelação In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 40.

O rio Tietê “trouxe” os piratas para a cidade, pois eles surgem nesse espaço e de certa forma, são devolvidos a ele. Laerte os fez a partir de uma idéia de mistura entre realidade, ficção e história. Como os piratas se apossam de

outros personagens ligados à nossa vida real, foi se tornando necessário para a sobrevivência destes no universo da cidade das HQs que estes, chamados a todo instante pelas realidades urbanas, ganhassem outros espaços para que na sua existência, pudessem apontar possibilidades de se pensar sobre um determinado momento da história real dos habitantes da urbe através deles. Sendo assim, o espaço restrito do leito do rio tornou-se inviável para que essas possibilidades acontecessem. Era necessário ganhar outras terras o quanto antes para a própria sobrevivência do Capitão e de sua tripulação. Era necessário apontar aos leitores que as ações dos piratas muito revelam de nossa realidade, do nosso cotidiano e de nossas memórias.

Pensando por essa vertente, procuraremos aqui discutir algumas idéias sobre a utilização do rio Tietê como uma forma de trazer para os quadrinhos dos “Piratas do Tietê”, personagens e objetos de outros tempos, fazendo-os retornar para outras histórias, em lugares outros da cidade, em situações adversas.

Podemos imaginar que talvez os personagens dos “Piratas do Tietê”, em especial o Capitão, possam ser uma alusão a essas almas que foram despersonalizadas pela sociedade e que agora tentam encontrar o seu lugar na cidade. Primeiro surgem no rio Tietê porque talvez esse rio com seu leito retificado foi abandonado pela cidade, pois todo seu vale e adjacências foram tomados por ela, deixando-o desprovido de seu espaço. Nas primeiras histórias dos “Piratas do Tietê”, estes circulavam apenas no rio Tietê. Ficavam restritos a esse espaço fluvial e não se aventuravam a sair pela cidade. Passado algum tempo, resolveram atracar e descer do navio⁷. Como uma necessidade, começaram a vagarosamente invadir e disputar os espaços urbanos com personagens comuns da cidade.

Os quadrinhos dos Piratas do Tietê, publicados diariamente no jornal *Folha de S. Paulo* no caderno “Folha Ilustrada”, apontam para essa “invasão pirata” da cidade. Estão agora, não apenas nas águas lodosas do Tietê, mas nas sombras da verticalidade da cidade, em seus imensos viadutos, nas ruas, nas amplas

⁷ Os “Piratas do Tietê” como dissemos anteriormente, ganharam as tiras da *Folha de S. Paulo* em 1991, um ano após a publicação da revista homônima.

avenidas, no interior das repartições públicas, nos espaços de lazer dos paulistanos, nas memórias da cidade...

Ganham a cidade justamente entre as reportagens que apontam uma realidade cruel de nosso país e do mundo, pois a maioria delas nos traz dor, angústia, tristeza. Vivemos em meio a uma grande pirataria na sociedade brasileira e os piratas tem um lado sério. Nas palavras do próprio Laerte

“(...) Quer dizer, uma sintonia entre os personagens e a coisa real mesmo. Todo mundo pirateia. O fato dos caras piratearem, roubarem, saquearem e depois venderem, traficarem escravo e tal, parece que é uma linguagem muito conhecida no Brasil, não surpreende ninguém. (<http://www.los3amigos.com.br/13a/sexy.htm>, acesso em 06/08/2005).”

Com um olhar preciso e irônico sobre situações banais o autor vai tecendo um painel absurdo e engraçado de nossa realidade, criando ligações visuais inusitadas, absorvendo elementos de fantasias criadas por ele ou imagens-clichês e imediatamente reconhecíveis dentro do cenário paulista. Tudo isso com muito humor.

O humor é uma arma poderosa da imprensa. Tem várias facetas. É usado tanto para denunciar ou ironizar alguém ou uma situação como para tornar alguém da vida pública mais humanizado. *“Segundo o cartunista Laerte, (...), o humor sempre serve como um espelho que reflete a sociedade. “É um tipo de registro único que revela padrões estético-culturais e reporta a opinião pública dominante da época” diz. (<http://www.secscsp.org.br/secc/revistas/revistas> acesso em 06/08/2005)”*.

Podemos observar a seguir, tirinhas em que isso aparece de forma clara:



Figura 17

<http://www2.uol.com.br/laerte/tiras/index-piratas.html>



Figura 18

Ilustração 5 - Folha de São Paulo – Folha Ilustrada, 12/jul/2003, pág. E9.

Essas tirinhas são algumas das inúmeras que apontam os Piratas do Tietê ganhando a cidade com seu sarcasmo. Esses seres surgiram primeiramente nas páginas da revista “Chicletes com Banana”, depois foram publicados nas revistas “Circo”, bem como nas já citadas anteriormente, “Piratas do Tietê” e “Striptiras”, além de tiras para jornal. Laerte contribuiu e ainda contribui, de forma louvável para a “pirataria nacional”, revelando-nos que definitivamente os piratas estão em todos os lugares de nossa sociedade, ocupando pouco a pouco postos importantes nas seções de quadrinhos dos jornais e também na Internet em meio às notícias. O leitor lê os jornais, vê os quadrinhos, ri, volta a ler as notícias e a tragédia continua...

Na tirinha do botijão de gás, os piratas circulam pela cidade com o caminhão tocando aquela musiquinha... O fundo de cena nos apresenta uma cidade e o cenário, um portão baixinho, com uma senhora que questiona o preço do botijão. Podemos pensar que os piratas circulam pela periferia paulistana, bem

como nas cidades do interior. O fundo de cena e cenário nos revelam um lugar que não é o centro de uma metrópole pelos desenhos que apresenta. Nos revela uma situação vivida diariamente por milhares de brasileiros comuns. Uma pirataria da economia brasileira.

Já na tirinha do rim, o cenário é um congestionamento ou uma fila de automóveis em um semáforo. O personagem que aparece nessa tirinha, aparentemente não é um pirata, mas pode vir a ser, uma vez que os piratas podem se travestir de outros personagens sem autorização prévia. Sua atitude de oferta de um órgão humano, o próprio órgão, pois a cicatriz em suas costas do personagem nos leva a crer que seja isso, é um ato de pirataria, no sentido de extorsão. O personagem oferece um rim ao motorista parado no trânsito, embalado a uma normalidade, como se oferecesse balas a ele, e este, talvez tão habituado a tal rotina, simplesmente observa a situação e nada responde. Pelo menos não há balão que indique uma fala do motorista que indique sua indignação ou pela sua expressão podemos pensar num certo conformismo, mas dentro da cabeça do leitor, ele pode ter respondido. Respondido o quê? Isso com certeza, somente o leitor poderá dizer... A tirinha nos leva a pensar que vivemos em meio a uma grande pirataria em nossa sociedade. Há vendas, tráficos, roubos...

Os piratas ganham a cidade em todos os locais e fatos que se pode imaginar. Descem do navio, que antes atracado em uma das margens do rio, fazia papel de porto seguro destes. Ganham a civilização e assim como escreve Hillman

“Os bárbaros que atacaram a civilização já vieram, em outros tempos, de fora das muralhas. Hoje em dia, eles brotam de nossos próprios colos, criados em nossos próprios lares. O bárbaro é aquela parte de nós com a qual a cidade não fala, aquela alma em nós que não encontrou um lar em seu meio. A frustração dessa alma, em face da uniformidade e impessoalidade de grandes muros e torres, destrói, como um bárbaro, aquilo que não pode compreender, estruturas que representam a conquista da mente, o poder da vontade, e a magnificência do espírito, mas que não refletem as necessidades da alma”. (HILLMAN, 1993, p. 42).

Se os habitantes da cidade forem assim, como descreve Hillman, Laerte pode fazer alusão a eles, desenhando-os justamente como podem ser interiormente ou como desejariam que fossem: piratas. Não no sentido de ser como piratas personagens de uma época passada, mas do ser pirata como possibilidades de ação e não surpreender a ninguém por isso. O que o cartunista pode nos apontar é que as cidades serão construídas de acordo com seus habitantes e que a identidade da cidade é dada, portanto, pelos seus habitantes. E assim ocorre nas cidades dos HQs e também nas cidades reais, porque dentro dessa mistura de possibilidades que é São Paulo, por exemplo, vão se misturando diversas culturas. Ainda na esteira de Hillman, a cultura evocaria o culto e o oculto e também formas orgânicas que estão em fermentação e crescem em recipientes mornos, intensos, alimentados ricamente e não naturais, levando-nos de um lugar para outro, a um outro tempo, para além de nossa existência habitual. (ibidem, 1993).

Talvez os Piratas sejam uma das formas cômicas para se pensar a “realidade” que nos cerca, trazida por uma sociedade, criando linguagem própria e se firmando enquanto personagens, a partir da absorção de novas imagens, “pirateando-as” de outras materialidades e memórias, refletindo a “compreensão estética” de ver o mundo.



Figura 19
<http://www2.uol.com.br/laerte/tiras/index-piratas.html>

Pensamos também que, se os piratas existem nessa cidade é porque provavelmente são a negação dela, nascidos de suas entranhas e que sempre retornam ao seu primeiro local de moradia, o rio, que nebuloso e com suas águas

fétidas e nauseantes, sustentam de vida morta esses seres que fazem a ligação entre a realidade e a ficção.

Quanto à cidade, vamos construindo a “nossa cidade” dentro do universo das HQs pedaço a pedaço.

Imagine um barco pirata, singrando pelo Tietê, um dos ícones de São Paulo, onde também há uma imensa marginal como cenário, em uma dessas enchentes, pleno mês de Janeiro e o Capitão emergindo das águas lodosas do rio... imagine...

Nessa cidade imaginada dos Piratas, que faz alusão a cidade de São Paulo e que vai sendo constituída a cada história, tantos piratas urbanos aparecem! Seres de outros tempos, vindos de lugares misteriosos, ocultos, mas que criam uma atmosfera atual pelos cenários, fundos de cena e situações que se envolvem, tão próxima da que conhecemos, nos apresentam problemas e situações vividos por nós brasileiros.

Muitas vezes utilizamos nossas experiências de visões de mundo, de informações recebidas para conhecermos um lugar sem nunca termos ido lá. Podemos entrar nesse lugar, nessa cidade, pelo portal de nossa cultura e pelo filtro da linguagem dos quadrinhos. Nessa linguagem própria dos quadrinhos, sobre personagens, lugares, elementos irrealis, dentro de um oceano de possibilidades, de buscas, à medida que vamos lendo essas histórias, vamos constituindo e (re)construindo imagens, num espaço criado onde somos transportados para além de nossa existência e nossa memória vai sendo habitada por pedaços de memórias trazidas de outras realidades.

As HQs têm um território agrupado sob domínio do poder bidimensional dos desenhos. Esses desenhos, fragmentos urbanos no cenário, ora presentes, ora ausentes, são de uma cidade irreal, mas suficientes para representá-la, apresentá-la, vê-la, aproximá-la de uma outra cidade completa, real, que é a cidade de São Paulo, fazendo alusão a ela através de seus ícones.

Nos quadrinhos dos Piratas do Tietê, aproximações de uma cidade real são feitas. Os ícones da cidade de São Paulo são aludidos por Laerte: marginal do rio Tietê, aquedutos sobre o rio, pontes, centro de São Paulo com seus prédios e

ruas, que são lembrados através dos desenhos dos cenários e fundos de cena. As HQs apropriam-se diretamente do espaço visual da cidade para o desenrolar de suas histórias.

Uma grande parte da memória da cidade se faz por ícones. Esses ícones são amplamente utilizados pela mídia como forma de identificação rápida do lugar onde se passa um fato, uma cena.

A televisão utiliza sempre esses ícones principalmente em seus noticiários. Ela é hoje para a cidade o que os rios foram para o território. Suas antenas no alto dos morros e de altos edifícios e torres, apontam para o céu procurando alcançar transmissão de boa qualidade aos milhões de telespectadores da cidade tanto do centro como os da periferia. Transmissões em tempo real acontecem e *“transformam o espectador em testemunha ocular dos acontecimentos e relegam a instâncias secundárias qualquer tipo de análise que certo tempo e distância pudessem propiciar”*.(COUTINHO, p.99, 2003). Além da impossibilidade do espectador fazer qualquer análise do que está assistindo, também esse tipo de espectador não a faz pela sua passividade.

No passado, os rios foram às vias de comunicação e, no entanto ficam no fundo dos vales, diferentemente da localização das antenas de televisão hoje. O campo de Piratininga foi a “porta do sertão”, a estrada natural do Tietê, ligando a existência deste rio à fundação da casa de São Paulo e da Igreja Jesuítica e a própria existência da cidade. (NEME, 1959).

Fazia papel de meio de comunicação, de local de transporte e de onde se retiravam os minerais necessários a construção da metrópole paulista. Nos faz pensar em outros tempos. De um tempo em que o rio, na sua lentidão propagava notícias, em canções, poesias e casos contados... Alcântara Machado escreve (...) *E o Tietê deu a São Paulo quanto possuía: o ouro das areias, a força das águas, a fertilidade das terras, a madeira das matas, os mitos do sertão. Despiu-se de todo encanto e de todo mistério; despoetizou-se e empobreceu por São Paulo e pelo Brasil”* (apud ROCHA, 1991, pág.8). Pelas suas águas São Paulo crescia. Pelas suas águas São Paulo conhecia suas cheias.

A água é um dos quatro elementos da matéria que muito nos chama atenção pela sua capacidade de se “moldar” e se adaptar a outras formas, outros espaços, mas também por apresentar-se com singular desenvoltura quando trata de tomar de volta um espaço que lhe pertence e que talvez a cidade, com toda a sua capacidade de fixação num local que lhe é próprio, tomou-lhe como forma de mostrar que os lugares por onde essas águas circulam, precisam ser abandonados por elas para que a cidade os invada.

Uma eterna luta entre águas urbanas e cidades. Uma luta entre o espaço de circulação dessas águas e o espaço de circulação das pessoas. São fronteiras contraditórias que apesar de mundos diferentes, estão permanentemente em contato, experienciando diferentes formas de se apresentar. Territórios múltiplos, e não-territórios. As pessoas circulam e situam-se em um espaço urbano, constroem suas próprias fronteiras e categorizam as pessoas que também circulam e vivem nesse espaço. Paralelamente, as águas urbanas traçam seu caminho para o leito do rio, que as recebe, hoje retilíneo. Perdeu seus meandros para a cidade. Perdeu a fluidez de suas águas para a poluição. Apesar de esquecido, o rio divide seu espaço com o da cidade. Recorremos as imagens dos “Piratas do Tietê” a fim de pensar nesse espaço urbano de outro ponto de vista, uma vez que Laerte lida com a ambigüidade em suas histórias.

Muito daquilo que é despejado na água, é para dissolver-se. Talvez a *“água seja o veículo que possibilita a personagem desaparecer e surgir em outra história e outro tempo”* (COUTINHO, 2003, p.109). A água tem o poder de dissolução. Nas HQs dos “Piratas do Tietê”, o rio talvez seja o caminho encontrado pelo autor para dissolver cada história e para surgir outras. Os finais estão na maioria das vezes ligados à presença do rio, que acaba “dissolvendo” a situação apresentada pelo autor, através de um fato inusitado. Laerte sempre encontra um meio de finalizar suas histórias com situações inusitadas e invejável criatividade que nos fazem pensar sobre as possibilidades de acontecimentos em meio a um humor meio sério. Primeiro os leitores riem da situação apresentada pelos quadrinhos para, logo em seguida, pensarem sobre ela.

Podemos pensar que as águas do rio nos quadrinhos dos “Piratas do Tietê”, além de oportunizarem aparições e dissoluções de situações quadrinhísticas, nos apontam como os habitantes da cidade têm tratado a própria cidade, através dos reflexos dela, em suas águas.

Seguindo na esteira de Hillman (1993), na ligação entre alma e cidade, esse autor aponta através de algumas idéias e imagens tradicionais de alma, como e onde a alma existe na cidade.

“A primeira idéia é a de reflexão. A alma tem sido sempre associada a uma parte reflexiva em nós ou com a função reflexiva. Isso está construído em nossas cidades sob a forma de piscinas, lagos, galerias, sombras, e venezianas onde ocorrem reflexos. Vidros e espelhos tornam a reflexão particularmente possível” (ibidem, 1993, p.38).

Portanto, se pensarmos que a alma da cidade se reflete na água, no vidro, em superfícies que refletem a si próprias, ou umas às outras, o rio Tietê reflete a alma da cidade de São Paulo e também revela-nos a cidade. Revela-nos como ela tem sido tratada pelos seus habitantes. As águas poluídas do Tietê refletem cada vez menos...

Em suas águas, o rio recolhe as luzes do dia e da noite. Nele não há formas. O rio reflete a São Paulo desvairada já retratada por Mário de Andrade nos anos 40 e recolhe em suas águas oleosas como as de um porto parado, as aventuras e confidências de uma cidade que cresceu às suas margens. Caminho de entradas e bandeiras, nos séculos que foram eternizados pelos Bandeirantes, o rio Tietê fora importante caminho para o desbravamento do interior paulista e assistiu a chegada do que se pode chamar de progresso. Assistiu a aculturação indígena, o predomínio dos brancos e a construção de uma sociedade escravocrata. Assistiu monarquias e repúblicas, riquezas e pobreza. Em suas espumas enegrecidas, assistiu à própria morte, lentamente...

Pelo Tietê, que em tupi guarani quer dizer “*água boa*”, partiram homens desbravadores e chegaram tantos outros. O que procuravam?

Por volta do século XVIII, após as descobertas de minas de ouro em Cuiabá, intensificou-se a navegação pelo rio Tietê. Por ele eram levados mantimentos, escravos, sal, vinho, armas, até Cuiabá, seguindo seu curso e de outros rios que ligavam ao caminho das minas.

Todas essas memórias estão depositadas em seu leito navegado pelos piratas. Os piratas podem ser “formas” que a cidade encontrou para se revoltar contra seus deterioradores, apontando suas idiossincrasias e obsessões, ingenuidades e arrogâncias destruidoras do bem estar.

Nas histórias da cidade de São Paulo, lavadeiras cantarolavam enquanto trabalhavam, sendo que lavar roupa no rio era uma forma na época de ter condições de trabalho mais baratas ajudando no orçamento familiar, uma vez que a água encanada era rara e cara. Usava-se na época o velho “sabão de cinza”.



Figura 20
Lavadeiras na Marginal do Tietê, tendo ao fundo o centro com as torres do Banespa e do edifício Martinelli, na década de 1940. Crédito: Thomaz Farkas.

Os moleques de beira de rio, da década de trinta por exemplo, andavam a cavalo na beira do rio, nos pastos que coloriam as margens do Tietê. Roubavam frutas nas chácaras, nadavam pelados. Oswaldo Lopes Fiore, campeão de saltos ornamentais, conta que os garotos pegavam esterco de vaca e atiravam nos barqueiros que passavam embaixo das pontes. Trocas de impropérios e gestos obscenos entre as partes, aconteciam com frequência...(NICOLINI, 2001).

Os barqueiros eram os grandes “capitães” do Tietê.

Curiosamente, o rio Tietê era palco de conflitos entre barqueiros, lavadeiras e moleques travessos. Também curiosamente nos reportamos aqui aos personagens piratas de Laerte. Os piratas de certa forma reavivam a memórias guardadas pelo Tietê...

Bachelard (1993) já disse que a primeira coisa que fazemos ao imaginar ou lembrar um fato é localizar no espaço essa lembrança ou imaginação. O lugar tem, portanto, uma relação afetiva para as pessoas.

Ao lermos as histórias em quadrinhos dos “Piratas do Tietê” e ao situarmos essas histórias em determinado espaço, inevitavelmente localizamos essas lembranças em um determinado lugar, tanto exterior ou interiormente a ele.

No início do século XX, as margens do Tietê serviam de lazer para os paulistanos. Muitos se divertiam, fazendo piqueniques, nadando, disputando regatas. Clubes foram abertos às suas margens como o Espéria, o Tietê, Associação Atlética São Paulo e outros que proporcionaram grandes competições a remo e natação até o ano de 1972 quando a poluição venceu os desportistas. Também suas águas continuaram a ser usadas para lavar roupas e pescarias. Todas essas memórias estão depositadas em seu leito...

O rio também foi túmulo de jovens e adultos, descuidados e suicidas, também lembrados na história em quadrinhos “O Poeta”, quando o poeta se atira da ponte.

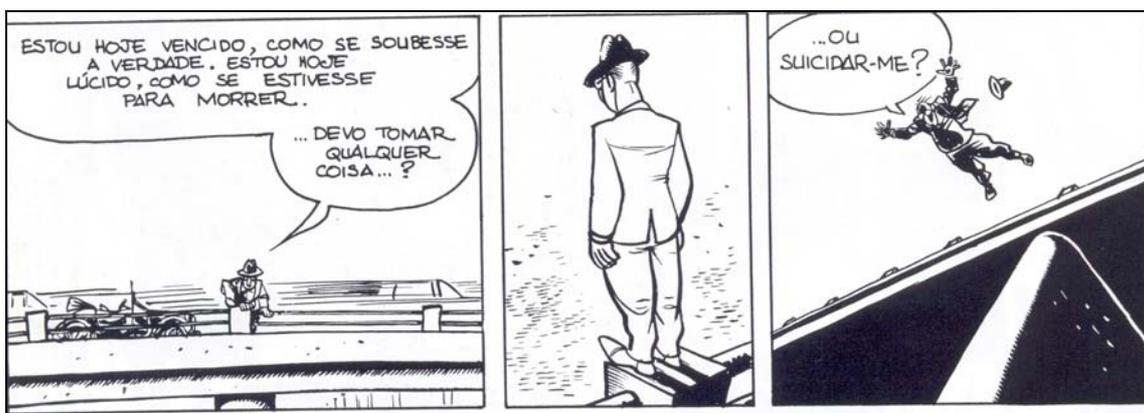


Figura 21

LAERTE. O Poeta, In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, pág.

Quando os piratas cavam o leito do rio, na HQ “A Revelação”, podemos fazer alusão ao fornecimento de areia e pedregulho que construiu São Paulo.

O batelão, barco grande e pesado, transportava pelo rio-estrada, metros cúbicos de qualquer coisa. Tal serviço era executado por portugueses, rudes e fortes. Tais portugueses podem ser lembrados por alguns personagens da tripulação do Capitão e pela figura do próprio Capitão.

Também o batelão convivia harmoniosamente com os barcos menores de passeio e de esportes. Tudo muito parecido com algumas histórias de Piratas dos Tietê...galeão convivendo com outros seres da paulicéia desvairada que aos poucos mataram o rio...



Figura 22

O batelão, que transportava areia, tijolos e pedregulho, por ocasião das provas de natação também levava os nadadores. NICOLINI, 2001, pág. 32.

Da mesma forma que ao vermos nos desenhos de Laerte as gôndolas dos poetas, podemos fazer alusão aos inúmeros barcos que transportaram pessoas e

mercadorias pelo rio e seus afluentes, como a piroga do índio e catraias. Também podemos nos reportar às regatas famosas e a primeira do rio Tietê, em 1903. (NICOLINI, 2001).

Na imagem abaixo, uma das regatas no Tietê, sem data: dia de festa.



Figura 23
Eletropaulo – Eletricidade de São Paulo S.A. Memória especial, Abril-1992,
pág. 30-31

Podemos pensar ao vermos os quadrinhos dos “Piratas do Tietê” e seu famoso galeão pirata, que este faz alusão ao saudoso batelão que singrava as águas do Tietê, que num convívio pacífico entre barqueiros, esportistas, famílias, levava através delas o progresso da Paulicéia, transportando materiais, pessoas, sonhos...

O galeão pirata não incomoda a ninguém com a sua presença assim como o batelão também não incomodava. Nem nas HQs, nenhum personagem “questionou” a presença do enorme navio no rio. Convive harmoniosamente na cidade tomada pelos piratas. O batelão viu as olarias amalgamando o progresso da cidade. O galeão pirata enxerga a cidade recebendo as dádivas da sua civilização nas águas do Tietê...

Hoje enxergamos a enorme cidade que se ergueu por todo seu vale. São formas que não se completam e que mal se refletem em suas águas.

Pelas suas águas chegaram homens de longe do mar. O Tietê é um rio que contraria o curso dos demais rios, correndo para o interior do estado. Não serão as suas águas que desembocarão no mar, mas as do rio Paraná. As águas do Tietê mergulham na águas do Paraná após percorrerem aproximadamente três mil e quinhentos quilômetros e recebendo inúmeros afluentes. Coisas da geografia...

Nas palavras poéticas de Mário de Andrade

*“Meu rio, meu Tietê, onde me levas?
Sarcástico rio que contradizes o curso das águas
E te afastas do mar e te adentras na terra dos homens,
Onde me queres levar?...
Por que me proíbes assim praias e mar, por que
Me impedes a fama das tempestades do Atlântico
E os lindos versos que falam em partir e nunca mais voltar?
Rio que fazes terra, húmus da terra, bicho da terra,
Me induzindo com a tua insistência, turrona paulista
Para as tempestades humanas da vida, rio, meu rio!...” (ibidem, 1980,
p.306, 1980).*

Quem hoje contempla o leito retilíneo do Tietê paulistano, suas margens repletas de automóveis, ônibus, caminhões, de rapidez voraz, com estação ferroviária febril, seus viadutos, pontes cruzando um espaço de impurezas sonoras, visuais, não pode imaginar que há cem anos atrás o cenário era totalmente outro. A transformação desse cenário foi radical. Naquela época a paisagem era muito mais rural do que urbana. Ao longo do Rio Tietê – sem saber

que teria que andar reto como hoje, antes de ser avassalado pelos homens – entre seus meandros, afloravam muitas chácaras e existiam locais aprazíveis aos paulistanos.

O rio, em suas formas caprichosas de outros tempos, deu origem a nomes como o bairro da Coroa, a rua da Coroa, na região do que é hoje o Shopping Center Norte, devido à forma de coroa que o rio Tietê apresentava nesse local. (NICOLINI, 2001). Segundo o autor, o Tietê era conhecido como Anhemi, em referência ao nome de uma ave, uma perdiz grande. Em suas margens encontrava-se tudo de graça: peixes, frutas e até a terra. Terras nas regiões de várzeas eram doadas por volta de 1859.

Às margens do rio e no seu próprio curso, como já dissemos anteriormente, surgiram atividades recreativas e esportivas, nasceram e morreram clubes e apareceram novas modalidades de esportes.

Ao nos depararmos com o rio Tietê nas histórias dos “Piratas do Tietê”, podemos nos aperceber o quão importante ele é para a cidade de São Paulo, para os paulistanos e para os brasileiros. O Tietê, protagonista desse capítulo e das histórias de Laerte, seria o cenário e fundo de cena emoldurando as transformações urbanas, sociais, econômicas e culturais da terra de Piratininga. É como um espelho que reflete os valores e comportamentos de nossa sociedade.

Ele seria o elemento articulador do espaço imaginativo e real das histórias em quadrinhos funcionando como um condutor dos personagens. Os Piratas, em seu leito aquático, seriam personagens que realizam as passagens entre “cidade real” e cidade imaginada. Saem das cenas dos quadrinhos e ganham as cenas da cidade. Embora seres imaginados pelo quadrinhista Laerte, os piratas seriam personagens que acabam pirateando outros da “vida real”, roubando suas ações.

Isso quer dizer que os piratas apesar de fazerem alusão a um tipo de personagem que viveu nos séculos XIV, XV, XVI, não são piratas realmente, pois: não vieram pelo mar, chegaram a São Paulo pelo rio Tietê que não desemboca diretamente no mar; não procuram tesouros e não têm baú. Por outro lado, saqueiam, barbarizam, invadem os locais e a falsificam a personalidade de pessoas da cidade.

As suas ações são de pirataria: colam-se a uma determinada ação de outra personagem da cidade e assim, clonando suas ações, pirateiam e se fazem autores da desordem.

Os Piratas do Tietê seriam personagens que “copiam sem autorização” comportamentos de outros “personagens” de nossa sociedade.

Tanto é assim, que podemos observar que apesar de invadirem locais da cidade, a exemplo de muitos, nada lhes acontece. Existem coisas que só podem acontecer nas HQs... ou talvez porque sendo pirateados, não tem como tirá-los de circulação, pois a cada momento, um outro personagem aparece e desaparece. Aparecendo e desaparecendo, necessitam de um lugar para que essas (des)aparições aconteçam.

Talvez o seu refúgio seja o rio. Lá ninguém consegue pegá-los, pois trata-se de um local que ninguém em sã consciência ousaria entrar pela presença dos próprios piratas. O rio é ao mesmo tempo local fantástico, onde se passam as aventuras piratas e local “real”. É o lugar que aponta que a cidade está do “lado de fora” do rio, sendo que, talvez por esse motivo, os piratas sempre retornem a ele. O rio foi abandonado pela cidade. Por isso pôde ser ocupado pelos piratas. Ao localiza-los ali, Laerte evidencia a ausência de qualquer outra presença humana nele. Nada de regatas, piqueniques, nadadores, barcos e batelões.

São os piratas que revelam para os leitores a cidade. São eles que fazem os roteiros para descobrir a verdadeira alma da cidade em atitudes comezinhas, traçando retratos de São Paulo.

De personalidade desconcertante, o Capitão cria a possibilidade da pirataria estar presente em todos os lugares e são verdadeiros “descobridores” de São Paulo, não no sentido de apontar para o novo, mas de revelar, mostrar o que está implícito e explícito na cidade, na sua rotina e em meio as suas ruas e arquitetura.

Através deles podemos despertar para a complexa cartografia cultural de nosso país, inaugurando rotas e parecendo diluir espaço e tempo. Os piratas são personagens que aparentemente são ambíguos. Aparentam de perto uma coisa, depois de longe, outra e quando “passam” por nós, mais outras. O leitor deve estar se perguntando onde estarão essas aproximações e afastamentos nas HQs

dos “Piratas do Tietê”. Isso está implícito. Quando nos deparamos com a figura do pirata, rapidamente nossa imaginação é levada, como já dissemos anteriormente, aos piratas seculares de outros tempos. De longe, apenas piratas. De perto, possibilidades. Ao fazermos uma aproximação deles através de nossas leituras das HQs, percebemos que eles podem ser outra coisa. Podem vestir outras máscaras. Ao mesmo tempo podem exercer ações de outros personagens ou simplesmente nada disso. Como diz o próprio Laerte sobre as aparições dos piratas:

“O modo como eles atuam é um problema pra mim. Tenho tido dificuldade em produzir novas histórias com os Piratas. Eles aparecem de vez em quando nas tiras, quando calha de ter assunto interessante. Confesso, de novo, que tenho tido muita dificuldade pra trabalhar com eles.”⁸

São personagens tão ambíguos que o próprio autor encontra dificuldade em trabalhar com eles. Talvez justamente por isso, tornem-se tão interessantes e apontem para inúmeras possibilidades de agruparem-se a outros e transformarem-se em zombadores de uma realidade que aparece em ubiquidade, tanto nas HQs como na vida real. Isso porque ao aparecer nas HQs, essa realidade nos chama a entender que aquilo que está dentro do universo dos quadrinhos, é real para esse espaço. Ao mesmo tempo, aquilo que pertence à vida real, pertence mesmo ao que podemos chamar de realidades extra quadrinhos. Ambas realidades se encontram.

Sendo assim, podemos descobrir através da ironia e sarcasmo do Capitão e seus comparsas, uma São Paulo de muitos tempos.

⁸ E-mail enviado a esta autora em 18/11/2004.

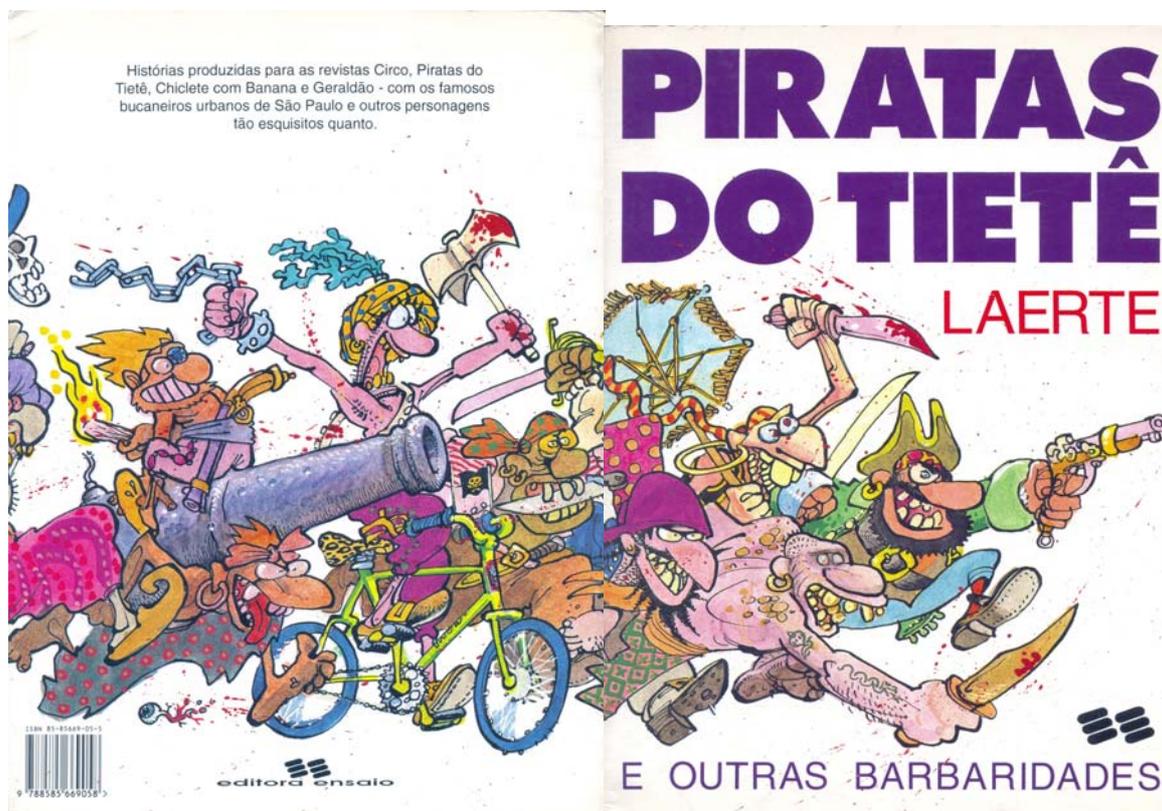


Figura 24
LAERTE. “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”. São Paulo, Ensaio: 1994

Esta imagem pode nos mostrar o momento exato que os Piratas invadem a cidade com toda sua parafernália de pirataria, de conquista, de destruição e porque não, de uso pessoal. Através de seus objetos, revelam seu caráter, suas vontades, do que gostam, o que fazem, como fazem. Estão realmente prontos para o ataque, ou melhor, indo para o ataque, tendo na liderança o Capitão, que nas palavras do próprio personagem diz “...Seu Capitão sabe o mal que se esconde no coração dos homens!” (LAERTE, 1994, p. 25).

Por outro lado esta imagem pode também mostrar-nos o que está explícito na cidade: alusão possivelmente aos canhões do antigo Clube Regatas Tietê, que comemorava com tiro de festim suas vitórias náuticas contra o Clube Espéria, quebrando todos os vidros desse clube devido aos estrondos (Nicolini, 2001); ou aos canhões dos navios piratas; desenhos representando diferentes tribos da cidade, pois os piratas neste desenho, apresentam-se vestidos diferentemente; a

pressa que estão demonstrando pode estar ligada ao corre-corre do paulistano; armas de diferentes poderes de destruição, talvez fazendo alusão à violência urbana ou a violência subjetiva; ou aos objetos usados pelos piratas de nossas memórias, eternizados em nossa cultura em figuras como a do Capitão Gancho.

São Paulo hoje é uma metrópole onde a diversidade cultural é uma de suas principais características. Pode ser até uma representação do que é essa cidade cosmopolita com um caos instaurado.

Nessa imagem o autor talvez revele o que é a São Paulo: todos os olhares se voltam para ela, dentro de um imenso universo de diferenças, que acabam fazendo com que ela seja tão especial para ser lembrada, questionada e revelada nos desenhos dos Piratas do Tietê.

Ou ainda podemos pensar em uma invasão, saque, ao efeito surpresa do desembarque em um porto que não os esperavam: o “porto” da cultura habitual, por exemplo.

Tão bem Mário de Andrade descreveu a São Paulo de sua época, que ainda apresenta-se tão atual em seus versos:

*“(...) Horríveis as cidades!
Vaidades e mais vaidades...
Nada de asas! Nada de poesia! Nada de alegria!
Oh! os tumultuários das ausências!
Paulicéia – a grande boca de mil dentes;
E os jorros dentre a língua trissulca...
Giram homens fracos, baixos, magros...
Serpentinas de entes frementes a se desenrolar...(...)”.* (1972, p. 33).

Talvez tanto Mário de Andrade como os quadrinhos dos “Piratas do Tietê” demonstrem o “ser paulistano” com toda a sua existência, com o eterno movimento da cidade, que deságua no rio Tietê. Mas o que quer dizer paulista? Mário de Andrade explicou a “semântica do paulista” (1976, p.395) dizendo que tanto se achicalha e se exalta o paulista que ele resolveu estudar a palavra “paulista”. Diz ele que em Pernambuco, “*Paulista é um lugarejo próspero e*

higiênico, sede de não sei que fábricas". (ibidem). Já na Bahia, paulista quer dizer um pedaço de carne de boi. Segundo o autor, os gaúchos nos desprezam, pois não sabemos andar a cavalo e vai tecendo comentários acerca da palavra paulista encontrada em diferentes livros, com diferentes significados. Lembremos que isso tudo que estamos nos referindo, data de 1931. Também encontramos as seguintes referências:

(...)“meio-sangue da América do Sul, mas propriamente de S. Paulo (Brasil), descendente de português com ameríndio (...) gente de hospitalidade, liberalidade, candura, ingenuidade, brio, honra, e valor das ações militares. (...) pais duma raça singularmente enérgica e destemerosa, que campeando ouro e prata, exploraram o país e investiram com os índios, e até brancos quando os havia, daqui pro Sul até os rios Uruguai e Paraná”(...). (Ibidem, p. 396).

Mas esse paulista que Mário de Andrade descreve, descendente de portugueses e índios, quase desapareceu de São Paulo. Surge na história paulistana, no século XIX, o paulista descendente dos imigrantes europeus.

Esse caldeirão paulistano de cultura tem uma relação muito direta com os piratas. São Paulo aceita tudo e todos que chegam em suas terras. Tem um amplo cenário de lugares que se interpenetram. Acontecimentos variados perpassam por entre a metrópole nacional e alcançam as linhas da metrópole dos piratas. Nesse espaço, ora fundo, ora cenário, apagam-se limites e fronteiras de quaisquer culturas. Os piratas e sua diversidade estão sempre presentes nos acontecimentos da cidade. Apontam para seus riscos, riem, satirizam e voltam para seu rio. Tematizam as fraturas da cidade e percorrem satiricamente as estruturas simbólicas das paisagens urbanas. Exploram o mundo paulistano colocando em destaque transgressões, momentos de ocasiões únicas, incluem a certeza de seu retorno. Recebem sempre uma segunda chance de retorno, quando o leitor, ao abrir o jornal, depara-se com sua chance de rir e em seguida, pensar. É um movimento de espaços privilegiados, de quadrinhos a cidade, que o leitor faz.

Novamente encontramos o movimento das águas presente em nossa história brasileira. O rio Tietê nos serve também de roteiro para descobrir a alma da cidade e tudo que ela guarda, mesmo hoje correndo em um leito modificado pelas necessidades urbanas que o transformaram não mais em rio independente como outrora, correndo pelo leito que ele próprio construía, mas um rio que obedece às leis humanas.

Poetas sempre escreveram sobre a independência do rio Tietê, pois ele “foge” do mar. O Tietê não precisa alcançar o mar como a maioria dos rios. É totalmente independente dele. Os Piratas também são independentes do mar. Talvez esteja aí o elo de ligação entre os piratas e o rio Tietê. Os piratas são tão livres para ir e vir como as águas do Tietê para dizer não ao encontro com o mar.

O Tietê guarda as memórias da cidade que são reavivadas pelos piratas.

Os piratas agem sem o amparo da lei, da cultura e ordem vigente, uma vez que eles não participam de lugar algum, de ordem alguma, por isso se localizam em um ambiente pelo qual podem circular livremente, no caso, o rio, aonde ninguém mais vai, a não ser “O Poeta”.

Capítulo III

O Poeta como pirata

*“Palavra poética tem que chegar
ao grau de brinquedo para ser séria”.*

Manoel de Barros, Livro sobre Nada

Nessa história¹, a subversão é do poeta. O poeta é o pirata da história. Ele é que “questiona” a ordem. Ao contrário de muitas histórias dos “Piratas do Tietê”, nessa são os piratas que lutam pela permanência no espaço do rio e tentam eliminar o poeta. A ação dos piratas, sua violência, é neutralizada a partir do momento que estes são ignorados pelo poeta, pela equipe de reportagem e por todos os outros que invadem a cidade.

A “ordem” dos poetas tomou toda a cidade. Mas, qual seria a definição de ordem? Para Telles (1996, p. 210) ordem seria *“disposição conveniente dos seres para a consecução de um fim comum”*.

Quando dizemos que o poeta subverteu a ordem é porque não é aquela que os piratas desejam e que nós, enquanto leitores dos quadrinhos do Laerte, estamos acostumados. Com a invasão dos poetas o Capitão e seus subordinados estão desgostosos com a situação e o caos que se instaurou na cidade. O fato de o Capitão esbravejar no final da história “Malditos poetas! Malditos poetas!”, é um dos indicadores que esse inconformismo é a desordem. Desordem para os piratas, mas não para os poetas.

¹ “O Poeta” é uma das histórias do Livro “Piratas do Tietê e outras Barbaridades” de Laerte e está anexa na íntegra a este trabalho.

Se pensarmos como o filósofo Bergson (In Telles, 1996), que tudo o que o homem chama de desordem é sempre ordem, podemos acreditar que o que se instaura nessa HQ não é uma desordem, mas a presença de uma nova ordem.

Uma vez suprimida a ordem dos piratas, os poetas substituem-na pela sua própria. Se caminharmos pela esteira de Telles (1996), a desordem será composta por duas ordens: uma subjetiva e outra objetiva. Neste sentido, existe um desacordo entre o que seria a ordem dos piratas, a ordem dos poetas e a do próprio leitor.

Pensemos que os poetas nesta HQ tenham alma dos piratas. E por terem alma de pirata, os poetas são os únicos que podem permanecer no rio. São livres como os piratas, que vestem-se de vários personagens e atuam de acordo com sua própria vontade e sua própria ordem. Colocam-se acima de qualquer ordem e em uma posição onde não existe bem ou mal. Subvertem e ao mesmo tempo encantam pela sua capacidade de fazer os leitores pensarem sobre um lugar, utilizando uma outra linguagem diferente da oralidade a que tanto estamos habituados.

Ao abandonarmos a oralidade, outras linguagens como os quadrinhos, seus fundos de cena e cenários, nos dizem o mundo. Revelam-nos um lugar e têm o poder de aglutinar imagens e conhecimentos através de uma expansão que seus requadros, sarjetas, balões, traços, permitem. Escondem, através do encantamento das ausências de fundos de cenas e cenários, aquilo que cada leitor se aproxima. As ausências nos indicam presenças que são solicitadas pelas imagens de nossas memórias. Imagens essas que se diluem e se aglutinam num processo de contínuo desassossego, nos remetendo aos locais mais variados de nosso universo cultural.

A cada possibilidade de aglutinar imagens, sons, cheiros e gostos, novas descobertas são apontadas. Novas viagens por caminhos diferentes e ainda inexplorados alcançam os leitores. Somos sugados para dentro das imagens dos fundos de cena e outros cenários vão sendo desenhados em nossas memórias.

Uma ausência dentro de outra e mais outra que remete-nos a outros cenários, inexistentes, mas que estão esperando para serem ativados e reaparecerem.

Os personagens das HQs circulam por esses cenários e fundos de cena, atuando neles e disputando com o leitor esse espaço e essa forma de contar como é a cidade. Nos fazem pensar sobre essa cidade. Talvez não possam realmente existir sem ela. Talvez nem consigamos pensar na ausência dos Piratas do Tietê. Fazem parte do registro do cotidiano da cidade de São Paulo.

Fizemos um ensaio² com esta HQ de retirarmos os personagens dos quadrinhos. Em nosso ensaio, percebemos o grande vazio que permaneceu. O cenário e fundo de cena ficaram em evidência, porém o esforço em conduzir ações dentro da HQ foi maior. Nessa ausência, uma espécie de palco ficou “montado” aguardando que os personagens nele atuassem.

Caso exemplar seria, ao evidenciar a ponte, o leitor será levado a concluir que uma ação ocorrerá nesse local e por isso está desenhada em destaque, sendo mostrada em vários ângulos.

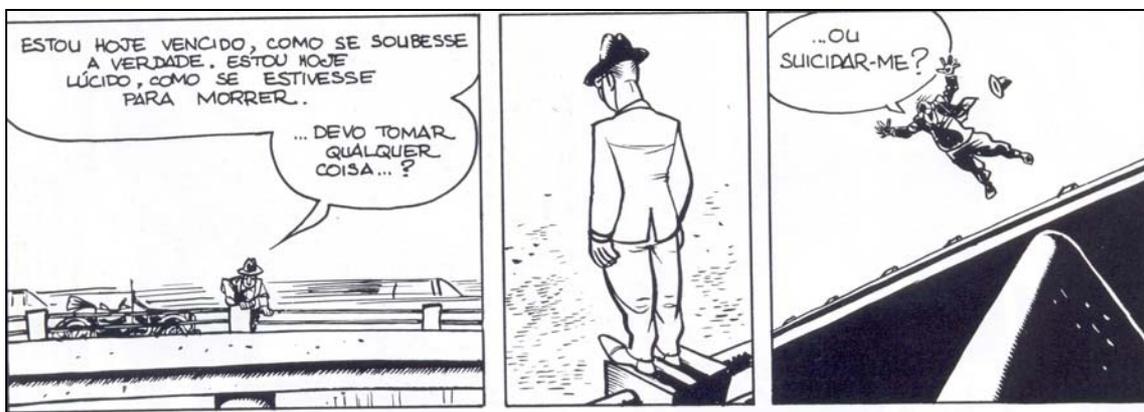


Figura 25

LAERTE.O Poeta, In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 42

² O ensaio a que nos referimos trata-se de retirar da história “O Poeta” todos os personagens, evidenciando os fundos de cena e cenários a fim de chamarmos a atenção para essas duas partes da narrativa e suas possibilidades de atuação.

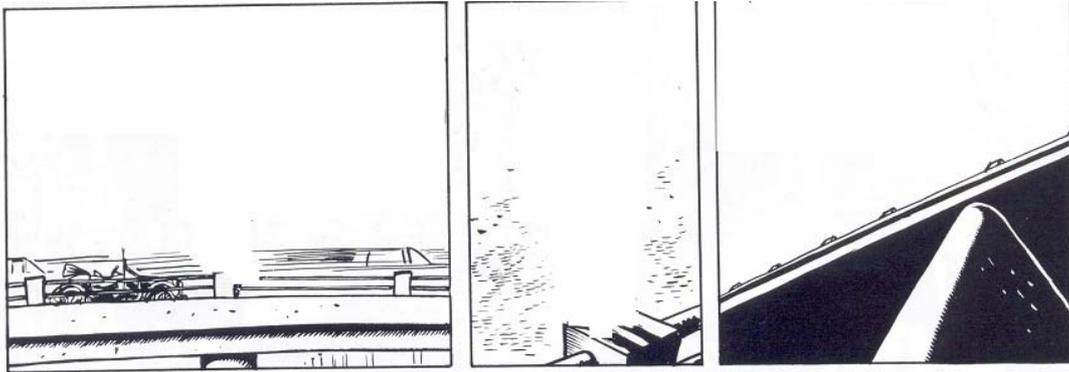


Figura 26

LAERTE. O Poeta, In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 42

O mesmo acontece com o rio, com o aqueduto. São cenários que retirados do fundo de cena, “convidam” os personagens a atuarem neles e uma vez sendo isso feito, a trama da história irá se desenrolando e ganhando outras possibilidades.

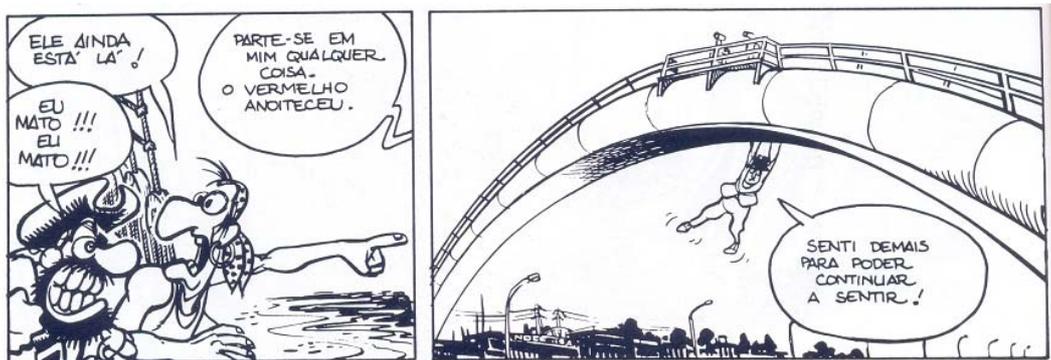


Figura 27

LAERTE. O Poeta, In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 48

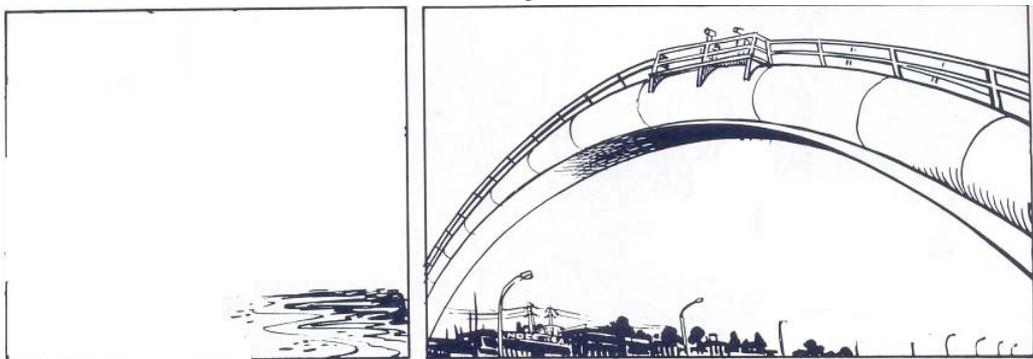


Figura 28

LAERTE. O Poeta, In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”, São Paulo: Ensaio 1994, pág. 48

O cenário mostra que as ações dos personagens estão ligadas diretamente a ele e também ao fundo de cena, pois permite visualizar que dependendo da ação que um ou mais personagens têm, ocorrerão alterações de lugar. O aqueduto ao ser arreventado pelo navio, permite a alteração da localização dos personagens e do rumo da história.



Figura 29
LAERTE. O Poeta, In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 49

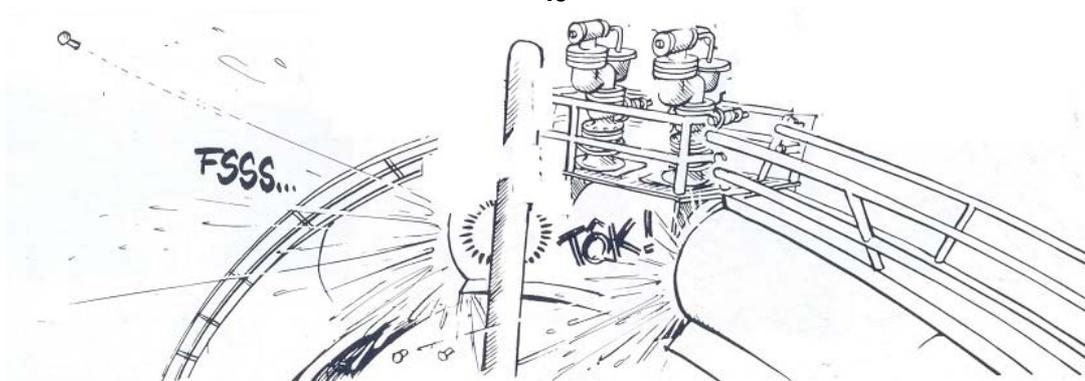


Figura 30
LAERTE. O Poeta, In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 49

Mais ainda, este ensaio aponta o quanto as ações dos personagens se dão em continuidade com os fundos de cena e cenários apresentados. No entanto, o que nos é revelado nesta HQ é que nem todas as possibilidades de acontecimentos na cidade nos são dadas pelo que nos é mostrado.

Muitas vezes, é justo o que não o é que toma a frente da narrativa e a conduz. Em dois momentos isso é nítido: no aparecimento do aqueduto e no aparecimento da equipe da tevê. Antes deles aparecerem a cidade de São Paulo estava ali, com seu aqueduto sobre o Tietê e suas equipes de tevê.



Figura 31

LAERTE. O Poeta, In "Piratas do Tietê e Outras Barbaridades", São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 49

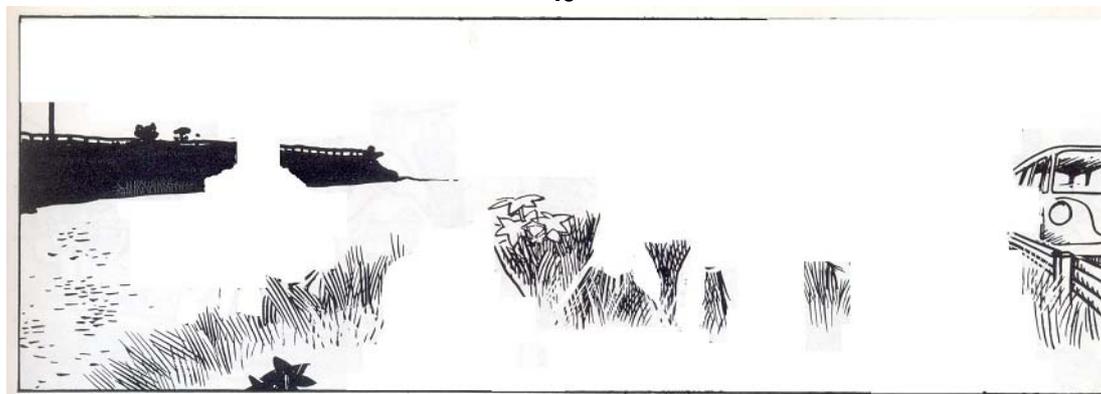


Figura 32

LAERTE. O Poeta, In "Piratas do Tietê e Outras Barbaridades", São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 49

No entanto, a despeito de estarem presentes na cidade de São Paulo [de onde o autor tira o contexto de suas histórias], flutuavam na HQ apenas como possibilidade distante. Somente quando aparecem desenhadas é que estas possibilidades ganham presença na narrativa e influem diretamente nela.

Era tão fundamental que não aparecessem antes quanto estarem presentes como possibilidade no contexto da narrativa. O não aparecimento garante o "efeito

surpresa” e as guinadas no entendimento da história, ampliando sua densidade narrativa – tanto de crítica quanto de ironia. O fato do aqueduto e das equipes de tevê existirem como elementos na cidade de São Paulo, palco e contexto da história, fazem com que o aparecimento inusitado destes na história não seja tido como algo forçado ou impossível, mas sim algo verossimilhante e inteligente, uma vez que o autor se utiliza da própria realidade de seu contexto para ampliá-lo³.

Nós que viajamos por essa história, com memórias bastante diferentes e por vários caminhos, por tempos outros e no próprio tempo atual, circulando em todas as direções, constatamos que aparecem símbolos para que a cidade comece a existir. A cidade dos piratas existe em função da cidade de São Paulo e Laerte a apresenta da forma mais insólita possível.

Como afirma o próprio cartunista

*“Costumo gostar de misturar itens de fantasia, estereotipados mesmo, com cenários realistas, o que torna tudo insólito. Assim, dessa política combinatória, apareceram vários personagens, como o Leão, Deus, os Palhaços Mudos e os Piratas. Porque São Paulo? Porque eu sou daqui. Às vezes ela não aparece. Às vezes está implícito”.*⁴

É na forma irônica e muitas vezes sarcástica que o humor de Laerte vem permear o dia-a-dia do paulistano, do paulista, do brasileiro. Em tirinhas diárias na Folha de São Paulo, os Piratas do Tietê invadem nossa casa, nosso trabalho e apresentam situações do cotidiano, com muito humor e descontração. A presença do caricato, do humor, faz-nos pensar sobre a cidade.

Na história em quadrinhos “O Poeta”, tais situações nos chegam pelos requadros⁵ que fazem alusões aos quarteirões de uma cidade “real”, pela forma como estão dispostos nas páginas do livro, em vários tamanhos e que vão desde

³ Mais a frente nesse capítulo, páginas 106 e 107, há uma citação de Antônio Cândido sobre o verdadeiro ficcional que vem ampliar a proposição aqui feita.

⁴ E-mail enviado a esta autora em 13/05/2003.

⁵ Requadros são os contornos dos quadrinhos.

a forma quadrada até a retangular, tanto alongados no sentido vertical como horizontal. Os requadros podem ser criados de acordo com a necessidade da ação dos personagens, que é determinada pelo autor. Como completa Eisner (2001), o requadro está “*a serviço da história*” (p. 51).

Nessa história, existem sessenta e oito quadrinhos⁶, que também poderemos chamar de boxs, frames. Desses sessenta e oito, Laerte desenha a cidade nos dez primeiros. O cenário muda a partir do nono quadrinho: não é mais a cidade, mas o rio. A cidade está implícita. Fomos “alertados” pelos quadrinhos que a ponte que aparece passa sobre o rio Tietê e não há necessidade de ser desenhada novamente para o entendimento do leitor.

Laerte desenha fundos de cena, cenários, personagens, em amplos enquadramentos iniciais e depois é como se mergulhasse em um só ponto deste amplo cenário que é a cidade de São Paulo aludida inicialmente. O ponto de onde ele se aproxima tem um fluxo de água. É o Rio Tietê que flui sob a ponte de onde se jogou o poeta.

Quando a cidade desaparece do fundo de cena, é porque não há necessidade de aparecer realmente, pois sabemos, enquanto leitores, que é no ambiente dela que a história está se passando.

Somente o rio surge discretamente em alguns quadrinhos, sendo representado por pequenos riscos que fazem-nos lembrar água. Em outros o rio aparece explicitamente. Até o quadragésimo quadrinho, a narrativa toda se desenrola nele e não há necessidade do autor nos resgatar a memória desenhando a cidade. Sabemos que ela faz parte da história.

O autor nos dá somente uma pequena “lembrança da cidade” desenhando arranha-céus que fazem alusão aos de São Paulo e suas avenidas, através das margens do rio Tietê, representada por uma extensa marginal, larga, iluminada, com casas e outras ruas. É o cenário perfeito que nos faz alusão à cidade de São Paulo.

⁶ Quadrinho é um requadro que contém uma determinada cena.

Seguindo em frente, a marginal vai se cruzar com uma das pontes que passam sobre o rio. Essa ponte parece ser a mesma do início da história. Então se a história se passa no mesmo lugar geográfico não há necessidade de realmente retratá-la a todo instante. O autor usa o mesmo cenário para a mesma história. As pessoas que leram os quadrinhos dos Piratas do Tietê e que venham a passar pelo local desenhado, como a marginal do Tietê, por exemplo, irão reconhecê-la, tal é a semelhança entre os lugares. Entendemos que exista uma similaridade de clima e de formas gerais bem como fotográfica e até geográfica entre os cenários e fundos de cena das histórias dos Piratas do Tietê e certas paisagens vistas em São Paulo. Há recortes feitos na paisagem/imagem que nos aludem a este lugar geográfico específico.



Figura 33

Foto parcial do aqueduto em primeiro plano e ao fundo, a Ponte da Vila Guilherme – Foto da autora – 28/09/2004.

Exemplo disso seria o rio, “recortado” do lugar onde está a ponte. Como um destaque no cenário. A ponte é uma parte da cidade e que mesmo estando aparentemente “sozinha”, em destaque, nos remete à cidade inteira.

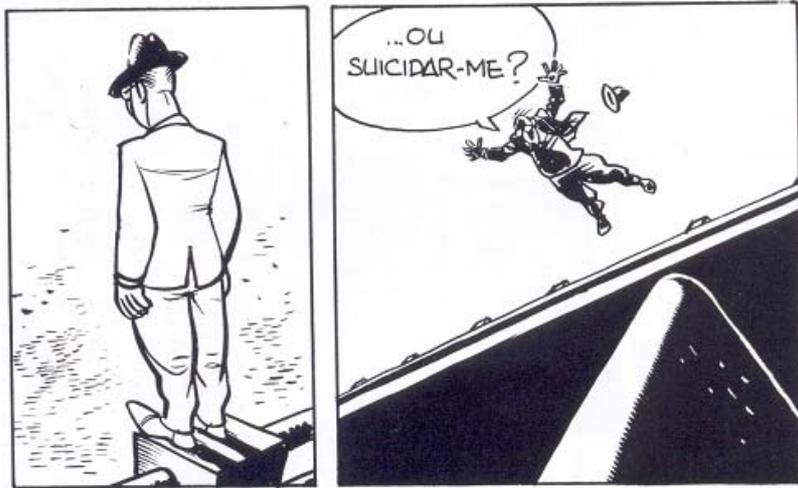


Figura 34
LAERTE. O Poeta, In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 49



Figura 35
LAERTE. O Poeta, In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”, São Paulo: Ensaio, 1994, pág. 49

Existe uma necessidade de se destacar esse espaço, uma vez que é nele que as ações do poeta-pirata vão ganhando forma. A partir do salto do poeta a cidade passa a ter importância maior na história, uma vez que é a partir dos cenários da cidade que os personagens vão poder organizar suas ações. O reaparecimento da cidade no quadrinho seguinte é um indicativo que o rumo da história será alterado. Toda vez que essa necessidade de alteração da trama da história se faz presente a cidade é apresentada ao leitor de forma explícita. O

autor desenha a cidade como se estivesse a mostrá-la e como se indicasse que ela conduz as alterações da trama. A cidade aparece e logo depois inicia-se a “caça” ao poeta pelos piratas.



Figura 36

LAERTE.O Poeta In “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 43.

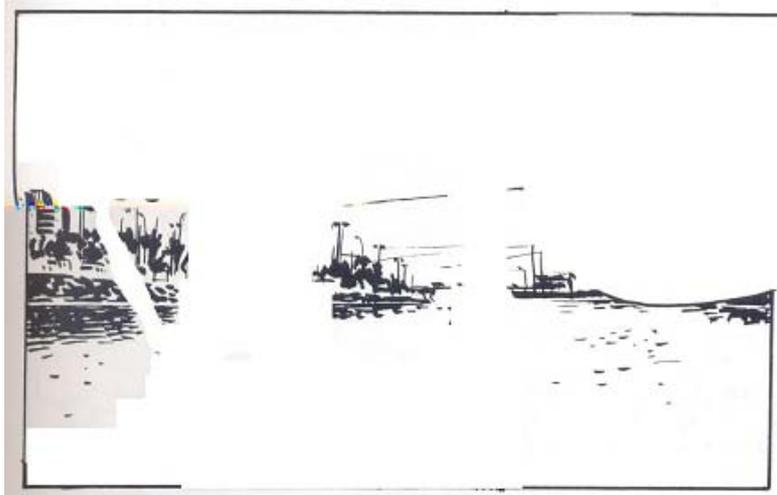


Figura 37

LAERTE.O Poeta. “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 43.

Quando o poeta sobrevoa a cidade na cápsula espacial, a cidade reaparece com o rio, marginais, trânsito, navio pirata. Ao cair no navio pirata e ser expelido dele pelas suas velas, o poeta encontra no aqueduto um novo cenário para a sua apresentação.



Figura 38

LAERTE. O Poeta. *"Piratas do Tietê e Outras Barbaridades"*. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 47.

O aqueduto possibilita que novas ações ocorram na história, mostrando ao leitor, cada vez mais com sua proximidade, que é esse o caminho que irá conduzir o poeta e seus versos a chegar ao ponto tão esperado por ele. Ao final desta seqüência em que o aqueduto é rompido pelo mastro do navio, novamente sai o

aqueduto do cenário e entra o rio. A cidade novamente aparece no fundo de cena e permanece nos quadinhos até o término da história.



Figura 39

LAERTE. "O Poeta". "Piratas do Tietê e Outras Barbaridades". São Paulo: Ensaio, 1994. p. 50.

O aparecimento da cidade nos fundos de cena ocorre sempre que a cidade "entra em cena" para que, auxiliada pela poesia do poeta, prepare o lugar para receber fatos inusitados e de mudança na história. Ela marca as possibilidades de ações dos personagens, contribuindo para que a história passe por processos de

mudanças na sua trajetória. É como se o autor estivesse a dizer para o leitor que as mudanças vêm deste espaço mais amplo, urbanizado, metropolitano.

Ao situar o leitor em um determinado espaço geográfico a história ganha ares de novas possibilidades. Isso seria uma marca nessa HQ. A cidade “observa” o naufrágio dos piratas e a vitória dos poetas e sua poesia. A cidade é o espaço onde todas as ações estão à espera para serem ativadas. Sem esse espaço da cidade, não seria possível existir poetas e nem piratas.

Faremos agora um estudo sobre a construção dessa história em quadrinhos, lidando mais diretamente com seus sentidos e sua linguagem.

Para Eisner (2001), a página de apresentação

“funciona como uma introdução. (...) Ela é um trampolim para a narrativa, e, para a maior parte das histórias, estabelece um quadro de referência. Se bem utilizada, ela prende a atenção do leitor e prepara a sua atitude para com os eventos que se seguem. Ela estabelece um “clima”.” (p.62).

Esse recurso foi utilizado pelo cartunista como um dos meios para apreender a atenção do leitor. Laerte, na página de rosto da história “O Poeta”, estabelece um clima misterioso ao apresentar ao leitor, um personagem que aparenta ter vindo, vivido, em outra época.

Na página seguinte, que funciona como um superquadrinho e também como página de apresentação apresenta-nos em close, um homem magro, de bigode, usando óculos, chapéu, terno e gravata borboleta, que diz enquanto dirige um automóvel conversível, seguido por outro carro: *“Não sou nada. Nunca serei nada”*⁷.

⁷ *“Todas as falas do personagem Fernando Pessoa – e também esta do “coro” de poetas – são frases tiradas de poemas de Fernando Pessoa (Piratária é cultura).” (LAERTE, 1994, p.53).*



Figura 40

LAERTE. O Poeta. “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 42.

Enquanto fala aparentemente sozinho, com a tez entristecida e olhar vago, na seqüência, outro quadrinho é desenhado mostrando-nos o mesmo homem, agora já sendo possível observar que seu carro trata-se de um Ford modelo 1929, trafegando por, aparentemente, uma rua. O personagem continua a dizer “*Sei que o mundo existe... mas não sei se existo*”. Neste requadro aparece o personagem, seguido por outros carros, de modelos mais novos. No quadrinho seguinte o personagem do poeta diz: “*Eu nem sequer sou poeta. Vejo*”.

Laerte nos dá algumas “informações” misturando tempos outros: a forma como o personagem se veste, o carro antigo em meio a outros mais modernos, que retidas pelo leitor, mais tarde vão contribuir para formar um perfil da principal figura da história.

Logo a seguir em outro quadrinho, alongado em relação aos anteriores - que é um dos recursos utilizado por alguns cartunistas para dar a sensação de que o tempo está demorando mais para passar - aparece o motorista do Ford que continua dirigindo há algum tempo em uma longa avenida movimentada, seguido por vários carros, motoristas apressados e mal-humorados, num trânsito caótico. Um poeta de anos atrás, circulando por uma cidade moderna.

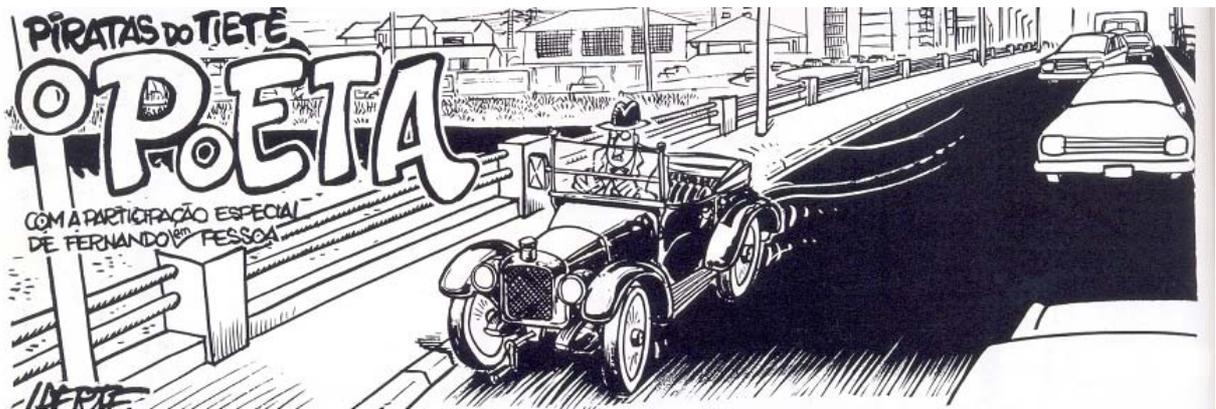


Figura 41

LAERTE. O Poeta. “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 42.

Também por ser um quadrinho onde podemos visualizar o cenário e fundo de cena com mais nitidez que os anteriores, o recurso utilizado pode ser uma forma de chamar a atenção do leitor que algo acontecerá na história mudando seu rumo. Neste mesmo quadrinho é nos apresentado o nome da história, “*O Poeta*”, o nome dos personagens, *Piratas do Tietê e com autorização especial de Fernando (em) Pessoa*, além do autor da história, *Laerte*.

Através dos desenhos dos fundos de cena, ponte, carros, muitas casas, uma grande avenida, o leitor percebe que trata-se de uma cidade e que o personagem do poeta é uma alusão a Fernando Pessoa, poeta português. Uma mudança de faixa e uma freada brusca é sugestionada pelo autor, pelo traçado preciso e sinuoso logo atrás do desenho do carro, induzindo-nos a pensar a forma que o personagem resolve estacionar bruscamente nesta via.

Acreditamos que um dos grandes problemas a ser resolvido pelos quadrinhos é mostrar ao leitor o movimento num meio estático. McCLoud (1995) salienta que

“Em algum lugar entre o movimento **dinâmico** dos futuristas e o **conceito** de movimento de Duchamp, está a “**linha de movimento**” dos quadrinhos. (...) No início, as linhas de movimento eram tentativas **grotescas**, confusas, quase **desesperadas** de representar a trajetória de objetos em movimento

no **espaço** (...) Com o passar dos anos essas linhas foram se tornando mais refinadas e estilizadas (...) quase a ponto de ter **vida e presença próprias**. (ibidem, p.110, grifos do autor).

É um processo de refinamento do desenho, na elaboração do movimento, que apesar de ser encontrado pelo leitor, é acionado pelos traços fixos. Traços finos e sinuosos saindo da traseira do automóvel foi uma das maneiras que o cartunista encontrou para representar movimento num único quadro.

Na continuidade da história o autor vai mostrando o personagem sob vários ângulos. Mostra o poeta saindo do carro e dizendo: “Se o que escrevo tem valor, não sou eu que o tenho”. Ao retirarmos o personagem da cena em nosso ensaio, o que se destaca é o cenário da ponte. Esse cenário é o lugar ideal para que aconteça uma alteração no rumo da história.



Figura 42

LAERTE. O Poeta. “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”. São Paulo Ensaio, 1994. p. 42.

Parado em via pública, o carro do poeta atrapalha o trânsito, revelando-nos uma atitude hostil de um motorista enraivecido, em alta velocidade, a esbravejar: “Ô vaaaado!”. O quadrinhista lança mão desta vez, da onomatopéia **VUUUUUU** para levar o leitor a entender que o motorista enfurecido passa com seu carro em alta velocidade. O personagem parado na calçada, em pé, desenhado agora de perfil, observando a paisagem urbana, comenta: “O valor está ali, nos meus versos”. O fato de estar ensimesmado e toda a sua trajetória até esse momento na história,

leva-nos a construir uma possibilidade do personagem de executar uma ação que anunciará outros acontecimentos no desenrolar da história.

Nos próximos quadrinhos, aparece Fernando (em) Pessoa, de costas, meio corpo, olhando para a cidade, dizendo solitariamente: “*Sinto uma alegria enorme ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma*”. O desenho da cidade, quase imperceptível, aparece no canto esquerdo do quadrinho.

Pelas linhas de movimento o autor nos mostra no quadrinho seguinte que os carros passam em alta velocidade por esse local. O carro do personagem ainda está estacionado sobre uma ponte onde o poeta declama enquanto sobe nas defensas laterais: “*Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade. Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer...devo tomar qualquer coisa...?*”. Subindo, anuncia uma possível ação, elaborada na mente do leitor.

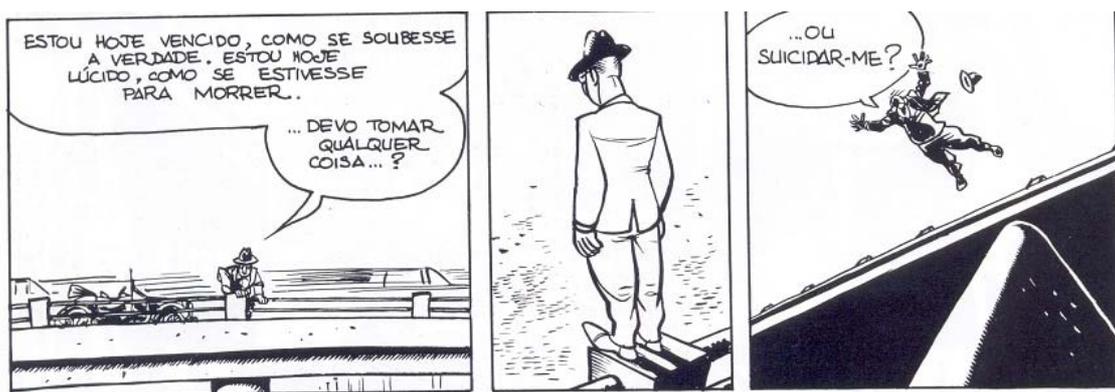


Figura 43

LAERTE.O Poeta. “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 42.

Em um quadrinho pequeno em relação aos demais - técnica utilizada pelo autor para dar a sensação que o tempo passou muito rápido, como se fossem segundos - o personagem do poeta aparece agora, de costas, em pé nas defensas laterais do viaduto, olhando para baixo para o que aparentemente é um rio, dando a impressão que irá saltar. No próximo quadrinho, ele aparece se atirando da ponte ao mesmo tempo em que indaga “*...ou suicidar-me?*”. Nesse meio tempo, no espaço da sarjeta dos quadrinhos, nossa mente acabou de levar o poeta ao suicídio.

O ângulo de enquadramento que é utilizado nos primeiros quadrinhos dessa história, com suas alterações e inversões, dá-nos a sensação de uma filmagem. Podemos pensar que a essa altura, essa história em quadrinhos poderá ser transformada num roteiro na qual as imagens vão sendo substituídas por equivalentes cinematográficas.

Nos quadrinhos, *“a composição da imagem se soma à composição da mudança, do drama e à composição da memória”*. (MCCLLOUD, 1995, p. 115, grifos do autor).

O que o leitor vê depende de como ele estrutura essas imagens na sua mente e tudo parece “normal”, pois esse movimento quem fez foi o leitor e não o autor da história. O leitor foi o co-autor do suposto suicídio. “Saltamos” com nossas memórias de outros tantos suicídios realizados em pontes...

Esse suicídio, pois a mente do leitor dos quadrinhos sugere essa conduta do personagem, ocorreu em uma cidade imaginária, em meio a inúmeros outros personagens que nem sequer pararam para ver o que estava por acontecer. A essa altura podemos refletir sobre a cidade em que vivemos, uma cidade sem alma, que se “esquece” de seus transeuntes, perdidos na correria do dia-a-dia. Será que em uma cidade real isso aconteceria? Será que as pessoas parariam para assistir ao suicídio ou nem perceberiam?

A partir da cidade que conhecemos, ganha-se dimensões imaginativas fortes ao longo da narrativa. São imagens que Laerte nos propõe da solidão, vivida, inventada, em meio à multidão, a uma metrópole, em plena metrópole. Como se fosse uma ilha, onde houvesse um único sobrevivente de um naufrágio, totalmente solitário.

Um desses momentos de solidão, que aparece na história “O Poeta”, pode ser retratado quando o personagem de Fernando Pessoa se atira da ponte. É necessário haver esse cenário e fundo de cena para que a ação do personagem aconteça. Sem essa ponte, nesse exato instante, isso não poderia acontecer da forma como foi sugestionada pelo autor. A beira da ponte é como o cenário atua na narrativa, um cenário que é ao mesmo tempo alusivo à cidade de São Paulo e

nos remete aos inúmeros outros cenários de suicídio ou heroísmo onde o beiral de uma ponte está no centro do espaço e do sentido: tomando a ponte como aquilo que liga um lado a outro, o meio dela é exatamente o momento do maior risco, onde não se está nem em um nem em outro dos lados... metáfora da instabilidade, da crise, do salto no vazio.

Quando o poeta se atira da ponte, nos “atiramos” com ele, com nossas memórias...

Esse requadro é o último de uma página. O autor propositalmente nos dá mais tempo para viver a tensão, o espanto.

Ao saltar da ponte o poeta cai dentro de uma gôndola e altera-se todo o rumo da história, outros sentidos passam a circular por ela. A partir daí o cenário é o rio. O papel do poeta é anárquico, pois ele paira por tudo, atira-se da ponte, cai de cabeça em uma gôndola e nada lhe acontece. Revela aí a linguagem não realista dessa narrativa em HQ. O poeta é um personagem, não está submetido à realidade da cidade, mas à realidade dos quadrinhos.

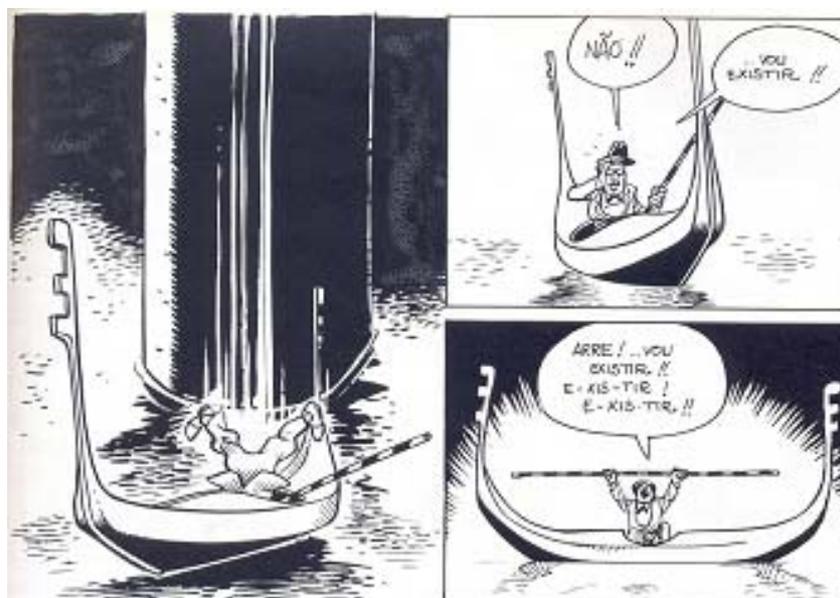


Figura 44

LAERTE. O Poeta. *“Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”*. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 43.

Aparece caindo de pernas para cima em uma gôndola, nos remetendo a presença muito forte do humor. Pensar a cidade sob esta ótica é muito

interessante, pois o fato de cair, pode sugerir um acordar para a realidade urbana, com todas as suas formas e cores. Para Eisner (2001), a gravidade é um fenômeno que as pessoas convivem constantemente e utilizá-la é válido tanto nos desenhos realistas como nos exagerados humoristicamente.

Nesse caso, Laerte utilizou o humor ao desenhar Fernando Pessoa de pernas para cima, pois caímos assim quando somos empurrados e o tombo fica engraçado. Quem o empurrou então? Caiu da ponte ou de onde?

Não...ele atirou-se da ponte, lembra-se? Ou será que nós leitores, o empurramos?

Em seqüência ao tombo, o poeta aparece com uma das mãos na cabeça, com muita dor e em outro quadrinho surge, já recuperado do tombo, segurando uma espécie de vara, que utilizará para conduzir a embarcação pelo rio, exclamando com todas as forças, mas aparentemente decepcionado, por não conseguir morrer: *“Não!! ...Vou existir!!”*. O recurso de ligação entre as ações utilizado pelo quadrinhista é o rio, pois daqui para diante as ações se passarão dentro dele.

O personagem surge com as mãos para cima, empunhando seu “remo” como se fosse uma espada, num aparente esforço de coragem, grita: *“Arre! ...Vou existir!! E-xis-tir! E-xis-tir!!”* enquanto uma luz irradia o cenário/fundo de cena.

“O emprego da luz tem um efeito emocional. A sombra evoca medo – a luz sugere segurança” (EISNER, 2001, p. 146). Aqui, também vitória.

A queda do poeta nos revela vários objetos que aparecem no decorrer da história: uma gôndola veneziana. Laerte lança mão de outros tempos e lugares.

A partir daí, quando o poeta se atira no rio Tietê, cai no “mundo” dos “Piratas do Tietê” e dá-se o encontro entre eles. Talvez o poema seja o elo de ligação existente entre esses mundos e os tempos diversos da história. Tempos que surgem na história e são representados por personagens como os piratas e o poeta ou ainda detalhes como o Ford 29, a gôndola, o navio pirata, o escafandro, a cápsula espacial, as câmeras de filmagem, televisão, máquina de escrever,

telefone, Kombi. Ao mesmo tempo em que reconhecem-se tempos outros, reconhecemos espaços outros, pois nos remetem a outras lembranças. Tais detalhes de tempo citados anteriormente como o carro, a gôndola, passam a figurar também como cenário.

O mundo dos piratas vimos no capítulo anterior. O do poeta nos chega pelo poema. Versos de alguns poemas de Fernando Pessoa, utilizados por Laerte para escrever algumas partes dessa história em quadrinhos, saem dos quadrinhos e entram na alma do leitor. O que há de mais forte nos versos é a poesia, que rouba o cenário. Há que se ler os versos, senti-los e ver os quadrinhos. Ao misturar poesia e quadrinhos, o autor busca fazer com que o leitor faça a sua escolha do que sentir primeiro.

Buscando em Antonio Candido (1972) alicerces para esses pensamentos, imaginamos que, se é através da obra de Fernando Pessoa que a história em quadrinhos vai ganhando ação, tempo, espaço, então o personagem do poeta faz com que os leitores participem intensamente da leitura, criando grande número de aspectos psíquicos, físicos, recursos de voz, (somente ouvida dentro da cabeça do leitor), fisionomia, que é solicitada na imaginação de cada um que lê. Esse mundo fictício vai além da obra de arte, neste caso, das HQs, refletindo momentos selecionados pelo leitor.

Fernando Pessoa é distinguido aqui pelo Fernando Pessoa que estava projetado no poema e que uma vez escrito nos balões, será diferenciado do poeta real, distinguido pela sua poesia. São poetas diferentes, em mundos diferentes, em ensaios diferentes.

“Todavia, a imagem dele, a qual o representa na minha consciência (embora não a note) é “puramente intencional”, visto não possuir autonomia ôntica e existir por graça do meu ato. Posso reproduzi-la até certo ponto na minha mente, mesmo sem ver o rapaz autônomo; posso também transformá-la mercê de certas operações espontâneas”.(CANDIDO, 1972, p.16)

Então a imagem, por intermédio dos balões, tem uma tendência a aludir a uma “realidade”. A frase: *“Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada”*, no primeiro quadrinho da história, sugere a realidade de uma imagem de Fernando Pessoa que é ratificada nos quadrinhos.

Há uma intenção que ocorre através das histórias em quadrinhos. Intenção de verdade ou falsidade, ao revelar universos diversos de nossa sociedade atual e ao utilizar poesias de Fernando Pessoa.

De acordo com Antonio Candido é essa *“intensa aparência” de realidade que revela a intenção ficcional ou mimética. Graças ao vigor dos detalhes das cenas à “verdade” de dados insignificantes, à coerência interna,(...) etc., tende-se a constituir a verossimilhança do mundo imaginário*”.(1972, pp. 20 e 21).

Para este autor

“O termo “verdade”, quando usado com referência a obras de arte ou de ficção, tem significado diverso. Designa com freqüência qualquer coisa como a genuidade, sinceridade ou autenticidade (termos que em geral visam à atitude subjetiva do autor); ou a verossimilhança, isto é, na expressão de Aristóteles, não a adequação àquilo que aconteceu, mas àquilo que poderia ter acontecido; ou a coerência interna no que tange ao mundo imaginário das personagens e situações miméticas; ou mesmo a visão profunda – de ordem filosófica, psicológica ou sociológica – da realidade. Até neste último caso, porém, não se pode falar de juízos no sentido preciso. Seria incorreto aplicar aos enunciados fictícios critérios de veracidade cognoscitiva. Sentimos que a obra de Kafka nos apresenta certa visão profunda da realidade humana, sem que, contudo, seja possível “verificar” a maioria dos enunciados individuais ou todos eles em conjunto, quer em termos empíricos, quer puramente lógicos. (...) Quando chamamos “falsos” um romance trivial ou uma fita medíocre, fazemo-lo, por exemplo, porque percebemos que neles se aplicam padrões do conto de carochinha a situações que pretendem representar a realidade cotidiana. Os mesmos padrões que funcionam muito bem no mundo mágico-demoníaco do conto de fadas revelam-se falsos e caricatos quando aplicados à representação do universo profano da nossa sociedade atual (a não ser que esta própria aplicação se torne temática). “Falso” seria também um prédio com portal e átrio de mármore que encobrissem apartamentos miseráveis. É esta incoerência que é “falsa”. Mas ninguém pensaria em chamar de falso um autêntico conto de fadas, apesar de o seu mundo imaginário corresponder

muito menos à realidade empírica do que o de qualquer romance de entretenimento.” (ibidem, pp. 18 e 19)

O que é produzido nas histórias em quadrinhos do Laerte é um verdadeiro aparente, um “real” fictício, baseado na imaginação e convivência entre autor e leitor. O leitor vai entrando no jogo dessa aparente seriedade. Fundamental é observar nos fundos de cena e cenários, como já nos apontou anteriormente Antonio Cândido, aquilo que poderia ter acontecido, numa coerência interna entre o mundo imaginário das personagens e situações miméticas ou mesmo a visão profunda da realidade.

É um convite do autor ao leitor para que cubra sua realidade e permaneça apenas a imaginação, ainda que esta tenha amparos numa realidade existente para além dela.

O próprio uso dos poemas de Fernando Pessoa nos chama para esse convite a imaginação. O poema é uma verdade não verdade. O próprio Fernando Pessoa escreveu que “*o poeta é um fingidor, finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente*” (apud GALHOZ, 2004, p.164)⁸. O leitor é levado a sentir a experiência do personagem, sentindo seus desassossegos. Com isso vai construindo o personagem através das frases e imagens, dando-lhe vida. Junto com o personagem do poeta, outros surgem, como nesse caso, os piratas, o pessoal da gravação, os habitantes da cidade, a própria cidade e os cenários.

As imagens da cidade trazida nas HQs acabam participando da ficção da cidade, representando uma história e ao mesmo tempo, ao situar a cidade de São Paulo nela, o autor acaba relacionando-a com a “realidade”.

A cidade, nessa história, deixa de ser inconsciente, passa a ser fundo de cena e cenário, age na história. Se seguirmos a proposição de Hillman, os objetos também agem, pois possuem alma. E se as imagens desses objetos presentes

⁸ Poema intitulado “Autopsicografia”.

nas HQs conservam deles indícios de suas almas e sentidos, elas “animam” as narrativas assim como os personagens que aludem aos humanos. Os outros personagens da história desdobram-se imaginariamente e tornam-se manipuladores da narrativa, animando-se através da imaginação de cada um, dando a ilusão de algo que só ocorre se o leitor se colocar dentro do mundo imaginário e animar a HQ, nas sarjetas, nos fundos de cena, nos balões.

A poesia de Fernando Pessoa transforma esse estado de imaginação em processo e conduz os personagens em ações sucessivas, que vão desencadeando acontecimentos inusitados na história.

Essa “produtividade” da imagem poética estaria mais ligada à imaginação que ao imaginário e à fantasia. Segundo Bachelard (1993), estudos sobre a imaginação são sempre dificultados pela falsa idéia que nos traz a etimologia. A imaginação normalmente está ligada à capacidade de constituir imagens. Mas, concordamos com o referido autor, quando ele nos aponta que a imaginação é antes de mais nada,

*“(...) a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens. Se não há mudança de imagens, união inesperada das imagens, não há imaginação, não há **ação imaginante**. Se uma imagem **presente** não faz pensar numa imagem **ausente**, se uma imagem ocasional não determina uma prodigalidade de imagens aberrantes, uma explosão de imagens, não há imaginação. Há percepção, lembrança de uma percepção, memória familiar, hábito das cores e das formas. O vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é imagem, mas imaginário. O valor de uma imagem mede-se pela extensão de sua auréola **imaginária**. (1993, p.1, grifos do autor).*

Portanto, do ponto de vista da imaginação, a imagem é mais interessante não por ela própria, mas pelas outras que mobiliza. A imaginação abre-se ao imaginário, pois ela deve nos proporcionar sonhar, devanear, falar. Mas se tal imagem fixa-se apenas em uma forma, definida, assumindo características do

tempo presente, termina por cortar as asas da imaginação, fazendo-nos voltar a uma realidade que nos deixa prisioneiros de uma *“imaginação sem imagens, (...) um pensamento sem imagens”* (ibidem, p.2).

A imaginação cria imagens e está sempre além delas. Concordamos com Bachelard, quando ele nos aponta que unido ao estudo da imagem está também o estudo de sua mobilidade.

Nas descrições literárias, por exemplo, a transformação de imagens em palavras, muito se perde de seu poder imaginário. Mas ao mesmo instante é muito interessante pensar na mobilidade que existe nas palavras, nos inúmeros outros sentidos que elas podem trazer às imagens. Isso pode ser percebido nas HQs, pois apresentam tanto palavras como imagens dando possibilidade de se construir sentidos tanto por elas, como também pelas palavras.

Na história em quadrinhos “O Poeta”, o autor parece procurar transformar as “imagens” do poema, as falas do poeta, em ações, cenários e fundos de cenas dos quadrinhos, mobilizando a imaginação do leitor.

Os quadrinhos de Laerte permitem um exercício de leitura de intertextualidade, com citações diretas de poemas de Pessoa, que vai apontando possibilidades de imagens, conforme vão sendo “recitadas” pelo poeta. Nesse sentido, misturam-se elementos do real e do imaginário. São sutilezas que vão sendo construídas, decifrando mitos e sinais da vida cotidiana das pessoas que circulam pelas cidades e dos personagens que circulam pelos quadrinhos. É a partir da poesia de Fernando Pessoa que Laerte traz a cidade dos Piratas para essa história. Seria uma espécie de roteiro estabelecido, um comentário de situações que ocorrem na cidade. A junção dos elementos, poesia, imaginário, quadrinhos, que

“revela um novo espaço geográfico, uma nova cidade, onde a todo o momento, o nosso olhar pode cruzar com um signo da sua tentativa de totalização. (...) Os fragmentos de poemas de Pessoa (...) que são lidos (...) são rastros, pistas, deixadas”. (BUENO, 2000, p.89 e 90).

Essas pistas vão formando, na narrativa, as imagens dos quadrinhos, desenhados a partir dos versos que penetram nas imagens.

No quadrinho que aparece o poeta navegando no rio, tem-se a ilusão de movimento do barco, pelos traços desenhados por Laerte e pela presença da cidade que está distante ao fundo, onde criamos em nossa mente as ações e conclusões para o desenvolvimento da história, de que tal barco se aproxima da cidade, lentamente, levando o poeta que parece ser tomado por uma força de viver que até então havia se esvaído. A cidade apresenta-se como um desafio e ao mesmo tempo como receptora dos versos do poeta, pois ele os recita tendo ela à sua frente.



Figura 45

LAERTE. O Poeta. "Piratas do Tietê e Outras Barbaridades". São Paulo: Ensaio, 1994. p. 43.

O poeta aparenta estar solitário na metrópole que vai descortinando-se perante nossos olhos através dos quadrinhos, desenhado em contra-plongée, viril, cheio de raça, remando sua gôndola, recitando: *"Corre o rio e entra no mar... e sua água é sempre a que foi sua! ... Passo e fico como o universo!"*. O movimento que se cria na mente do leitor nesse instante é que o poeta está muito mais confiante. A imagem da cidade está ausente no fundo do quadrinho, mas ela está lá, pela via da memória.

A ausência do fundo de cena tem semelhança com a sarjeta. Temos a sensação da cidade e essa ausência faz-nos remetermos a ela. Não há

necessidade da cidade configurar-se, mas isso não quer dizer que ela fora esquecida pelo autor. Simplesmente foi voluntariamente omitida. Nessas ausências de fundo de cena e cenários podemos pensar em um adensamento de imagens trazidas ao leitor. O esvaziamento do cenário é algo que fica. Pelo fato de não existir aparentemente algo “localizável” em um quadrinho, isso possivelmente poderá causar um desassossego no leitor que buscará uma forma de preencher esses espaços vazios. O leitor já deu conta de fazer isso na sua mente.

Mas talvez tenha sido uma “obrigatoriedade” do enquadramento e do ângulo em que o quadrinho foi desenhado. Se o personagem está no leito do rio, a cidade não pode aparecer, pois não estaria visível numa mirada dali. Então em nome da verossimilhança, a cidade desaparece do fundo de cena.

Mas o que aconteceu com o poeta? Será que conseguiu mergulhar no esquecimento de suas próprias memórias? Continuemos...

O tempo nessa história não é cronológico. O tempo que está nos objetos. Aparece no poeta, no seu automóvel, na gôndola, no navio pirata, no escafandro, na cápsula espacial, na câmera de vídeo, no telefone, no aparelho de televisão, na Kombi, na camiseta escrita Le Minsk de um personagem, enfim, numa conversão de tempos que misturados apontam cenários diferentes dentro do fundo de cena.

Para McCloud (1995), tanto nos quadrinhos, como nos filmes, na tevê, na nossa vida real, o tempo é sempre o agora. Nos quadrinhos o quadro que o leitor está lendo representa o agora e o anterior é o passado. Sendo assim, os posteriores serão representações do futuro. Este autor nos revela que nos quadrinhos, passado e futuro são visíveis e estão próximos do leitor, ou seja, *“onde seus olhos estiverem concentrados, esse vai ser o **agora**. Só que seus olhos também captam a **paisagem circunvizinha** do **passado e futuro**.”* (ibidem, p.104).

Laerte mantém o leitor no mesmo lugar do início da história, ou seja, a localização dos cenários e fundos de cena da história é a mesma: o rio, a cidade. E toda a dinâmica de movimento do fundo de cena, essa mobilidade de acontecimentos, vai acontecendo também na cabeça do leitor.

Quando, do interior do navio, a voz de um dos piratas surpreende: “*Ei, olha lá*” podemos pensar que a cidade pode ser apresentada ao leitor sob duas formas: a de quem está fora do galeão e a de quem está no galeão. Primeiro, olharemos a cidade como se estivéssemos dentro do navio pirata.

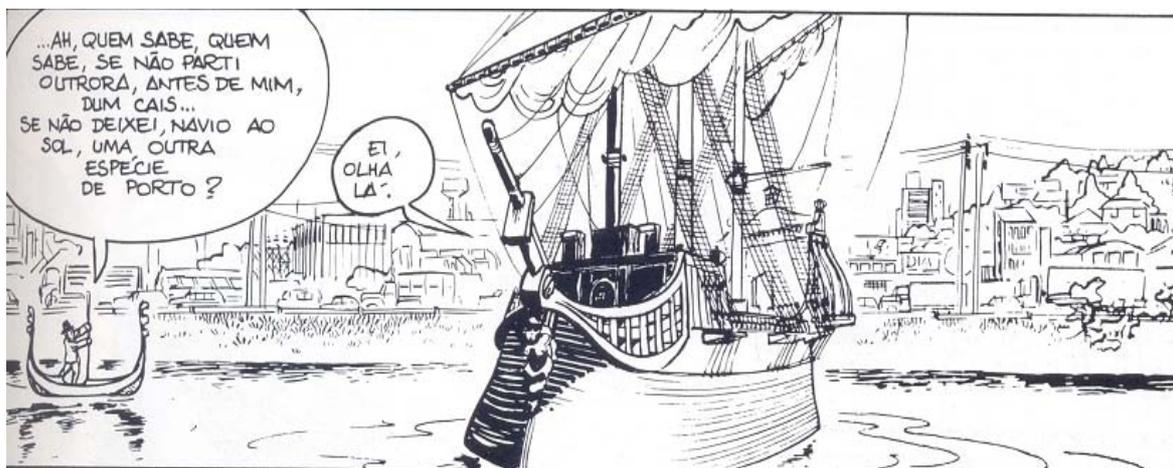


Figura 46

LAERTE.O Poeta. “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 43.

Imaginemos que de dentro do galeão, os piratas que nele estão vejam despontar as antenas, os postes de iluminação, fios condutores de energia e telefonia, arranha-céus, carros, pessoas, movimentação incessante de ir e vir de outros personagens, gôndola veneziana que também ocupa o mesmo espaço do mesmo rio, grandes outdoors, inúmeros, além das margens do rio que estão repletas de sujeira e capim. É uma alusão a São Paulo. O rio que a corta, mais se parece com um borrão de nanquim.

Em meio a tudo isso, surge uma figura diferente das que estão acostumadas a aparecer diante do navio pirata. Surge um poeta, de outra época, mas que não é reconhecido pelos habitantes do navio. Ele não faz parte do mundo dos piratas.

Os piratas ao avistarem aquele estranho ser que navega pelo mesmo rio, próximo ao seu navio, logo pensam em convidá-lo para uma brincadeira de tiro ao alvo: “*Ei, ô de baixo! Quer brincar de tiro ao alvo? Você é o alvo, tá?*”.

Quem faz o convite é um pirata de bocarra desdentada, com olhos esbugalhados, brinco de argola na orelha, barba por fazer, acompanhado de um outro que assim como ele parece muito feliz com a suposta brincadeira. A visão desse pirata nos alude aqueles do século XVII, vistos por tantas pessoas nas histórias de Peter Pan.



Figura 47

LAERTE.O Poeta. "Piratas do Tietê e Outras Barbaridades". São Paulo: Ensaio, 1994. p. 44.

O poeta, ao continuar declamando seus versos: "Toma-me pouco a pouco o delírio das coisas marítimas!" dá-nos a impressão que é ele que deixa-se levar pela brincadeira ou a ignora. O poema conjuga-se com a situação. Do navio o

pirata diz: “...*Acho que ele topou*”. Contudo o poeta parece estar alheio ao que lhe possa acontecer e mergulhado em seus versos, declama: “*Chama por mim as águas, chama por mim os mares!*”.

A situação se passa no rio e o leitor é levado a fazer novamente um movimento interior de criação, a partir de uma ausência. É o momento onde os piratas tentam acertar seu alvo dizendo: “*Errei porra!*”. O outro pirata diz: “*Na água*”, enquanto somente um balão indica-nos a poesia declamada: “*O Sol dos trópicos pôs a febre da pirataria antiga nas minhas veias intensivas!*”. Múltiplas tentativas se repetem até que o Capitão, aparece e questiona: “*Fazendo o quê, bando de vermes?*”.

Presencia atônito a tentativa infeliz de outro pirata acertar o alvo, sob o verso “*Os ventos da Patagônia tatuaram a minha imaginação de imagens trágicas e obscenas*”. Numa ousada reação, o capitão, num outro quadrinho, toma a arma do pirata e diz: “*Vocês estão loucos?! Atirar num sujeito indefeso com uma garrucha?!!*”.

Para quem não conhece esse personagem, imagina-se que, neste instante, o Capitão pirata fora tomado por súbita consciência moral. Nos quadrinhos, quanto mais se “convive” com os personagens das histórias mais eles tornam-se engraçados e mais o leitor entende as intenções do cartunista. A familiaridade com os personagens leva-nos a conhecer as características dos mesmos, tornando a história mais envolvente.

Enquanto o capitão toma determinada atitude, Fernando (em) Pessoa recita: “*Eia, que vida essa! Eh-Lahô-Lahô – Lahô Lahá-á-á!!!*”, em pé na gôndola, totalmente concentrado no verso e ignorando os piratas.

O capitão, esbofeteando um pirata, exclama: “*Às vezes eu acho que vocês têm merda na cabeça!!...temos um canhão novinho em folha para estrear!*”, empurrando a arma pelo convés.



Figura 48

LAERTE. O Poeta. “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 44.

Outro quadrinho já nos apresenta o pavio do canhão sendo aceso, o poeta bem na mira recitando: “*Sangue nos mares! ...Conveses cheios de sangue. Fragmentos de corpos! Dedos decepados sobre amuradas! Cabeças de crianças, aqui, acolá!*”. Os versos carregam nossa imaginação de imagens...Nesse instante, o capitão pergunta se está na mira, acendendo o pavio do canhão.

Neste quadrinho, a mão acendendo o canhão é uma forma que o cartunista escolheu para dar fluidez à história, preparando-nos para receber e pensar na ação do quadrinho seguinte.

Na página seguinte, num quadrinho maior que os demais, close no navio, o canhão na proa, de onde pode-se “ouvir” disparar o estampido do tiro de canhão **PKÔU!**, direto no poeta, que nesse instante fala “..*Gente de olhos de pedra, a gritar, a uivar...*”.



Figura 49

LAERTE. O Poeta. “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 45.

Esse estampido faz parte de nossa imaginação e a onomatopéia é um dos recursos utilizados pelo autor para representar e aproximar o leitor da ação. Nossa mente propiciou esse momento, bem como, montou o som das falas dos personagens e suas vozes.

Novamente o autor lança mão da onomatopéia, desta vez para mostrar ao leitor a algazarra que os piratas fazem após a execução do infeliz poeta. Podemos perceber que o tempo que se passou à ação é seguido ao estampido do canhão, pela presença da fumaça que sai da boca do mesmo. O tiro é certo. Apenas o rio lodoso aparece nesse instante com algo que está afundando e, em seguida, um quadrinho apresenta-nos os piratas no convés do navio comemorando o sucesso do alvo. O infeliz, aquele que era o diferente para os piratas, estava enfim, morto.

Mas, como nos quadrinhos tudo é possível, o poeta, apesar de atingido pelo tiro de canhão disparado do navio, sai ileso e emerge do fundo das águas, sem olhar para os piratas, protegido por um escafandro dizendo: *“Ah, piratas, piratas, piratas! ... Piratas, amai-me e odiai-me! Misturai-me convosco, piratas! Cinzelai a sangue a minh'alma!”*. Anarquista, o poeta insiste em resistir e ignora mais uma vez seus algozes. Ignorar as tentativas de destruição pode nos remeter a tentativa de ignorar cenas do cotidiano da cidade.

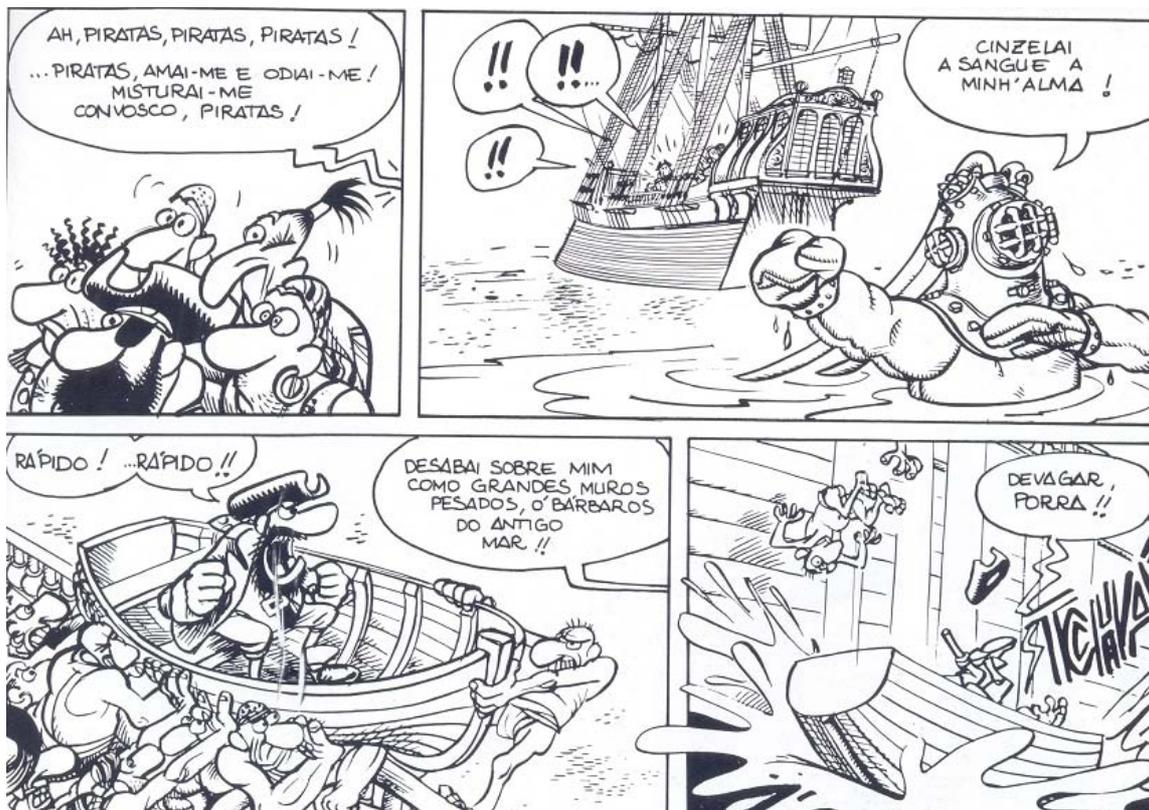


Figura 50

LAERTE. O Poeta. *“Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”*. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 45.

Nesse momento, a inversão apontada no início desse capítulo se faz mais nítida. É no poeta que o autor encarnou, nessa história, a pirataria. Ele ignora aqueles que detêm o controle do rio, da ordem, por assim dizer. A não morte do poeta é a sobrevivência da poesia, a persistência dela no tempo, a despeito da pirataria, da tentativa de voltar à ordem, de não deixar-se levar pela poesia e sua proposta, sempre nova.

O capitão, irado, ordena aos seus companheiros que desçam o bote e remem até onde o poeta se encontra. No momento que o poeta declama *“Desabai sobre mim como grandes muros pesados, ó bárbaros do antigo mar!!”*, o bote despenca, deixando o capitão de pernas para o ar (novamente um personagem fica de pernas para o ar na história) esbravejando contra seus homens *“Devagar, porra!!”*, enquanto vão remando até onde se encontra o poeta, que continua a dizer seus versos *“...Vossa fúria, vossa crueldade, como falam ao sangue dum*

corpo de mulher que foi meu outrora...”. O capitão grita aos seus homens: “Passa o querosene!”.



Figura 51

LAERTE. O Poeta. “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”. São Paulo, Ensaio, 1994. p. 46.

Enquanto o Capitão grita: “Fósforo!” e vai despejando o querosene no poeta, que declama “e cujo cio sobrevive!”, na seqüência da ação, vai lançando o fósforo aceso na direção de Fernando (em) Pessoa, que continua a declamar seus

versos: “*O mundo inteiro não existe para mim!*”, onde aparece apenas o balão da fala dele. Numa mistura de poema e humor, no momento em que o fósforo está se aproximando do poeta, o mesmo diz: “*...Ardo vermelho!*” e aí num quadrinho maior que os outros, há o desfecho da ação, nos remetendo a uma queima de fogos de artifício.

Cada verso declamado pelo poeta vai sendo apresentado em um quadrinho diferente. O poeta é lançado ao espaço, assistido pelos piratas que ficam a espera do que acontecerá. Mas, engana-se quem pensa que o poeta tenha seu fim agora. Ele surge em uma cápsula espacial, fazendo alusão àquela que os homens utilizaram quando voltaram da Lua, em 1969. No momento da queda, Fernando (em) Pessoa diz: “*Da minha idéia do mundo caí... vácuo além de profundo... vácuo sem si – próprio, escada absoluta sem degraus...*”. Essas palavras ditas pelo personagem é do poema “Além Deus”, parte IV “A Queda”.



Figura 52

LAERTE. O Poeta. “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 47.

Nesse momento, a cidade que até então “desaparecera” do cenário e do fundo de cena, reaparece no desenho, como um meio talvez, do autor relembrar os leitores do local geográfico da história. O poeta vai do fundo do rio ao alto, atingindo os céus da cidade...

Pode ser também uma forma de localização do personagem bem como para mostrar ao leitor que o poeta provavelmente cairá no “mundo” dos piratas, pois a cápsula sobrevoa a região de localização deles: o rio.

Vemos o personagem principal da história observando o lugar onde irá pela porta da cápsula, caindo, não de “para-quedas” na cidade, mas de cápsula espacial. O poeta ao invés de “cair de para-quedas”, como diz a expressão popular, para alguém que está em um lugar ou encontra-se em uma situação sem saber exatamente o porquê, cai de uma cápsula espacial sobre a cidade onde vivem os piratas. Isso talvez pelo fato de que o poeta realmente não esteja caindo de para-quedas, mas sim os piratas estejam nessa situação dentro da história.

O poeta está “acima” deles e acaba sobrevoando a cidade, como num vôo panorâmico. O que ele vê? A imagem do *fundo* faz alusão a uma cidade muito parecida com a “cidade real” que conhecemos: São Paulo. A mesma cidade de onde saiu, o mesmo local “imaginário” e narrativo. Ela entra nos quadrinhos pela imaginação do leitor, talvez para dar a história ares de realidade.

A cápsula levará o poeta a encontrar os piratas, fadados a espalhar o riso e o mal-estar. Vamos encontrando vários tempos numa só cidade: dos piratas, das pessoas, das cápsulas. Laerte favorece a imagem da cidade “real” pelo fundo de cena.

O artista tem que “favorecer a evocação de uma imagem” (MASSIRONI, 1982, p. 20), apesar de nenhum traço corresponder ao que chamamos “realidade”. São sistemas de representações concretas utilizadas para construir *ilusões*. Para os quadrinhistas, ilustradores, a ilusão é o meio para se atingir, construir situações consonantes com o que se supõe, na elaboração de quem observa. São técnicas gráficas utilizadas para se atingir um fim. Para Massironi (1982), as imagens são construídas quando representam como ilustração, situações ou objetos *inexistentes* (grifo do autor), como se fossem observadas numa hipotética realidade, como uma alusão, de modo que, quem observe as aceite como representações de um mundo reconhecível, embora desconhecido.

Isto porque a forma como foi instaurado segue regras de realização e utiliza instrumentos próprios de ilustração, como o contorno, textura, predominância de planos longitudinais, frontais.

Sendo assim, segundo Massironi (1982), a imagem caracteriza-se por se apresentar como intermediário entre o indivíduo e a realidade física e, portanto, provocando no leitor um grau de credibilidade, atribuindo sentidos, adquirindo significados, coexistindo com a estruturação de imagens. Busca-se representar concretamente, há escolhas e construções justapostas nos sinais gráficos que querem atingir determinado significado.

Numa espécie de enquadramento geral, em plongée, podemos observar um extenso e largo rio que corta a cidade. Às suas margens, proliferam inúmeras construções humanas como avenidas marginais, fábricas, casas, pontes, postes de iluminação, carros, ônibus, tráfego urbano intenso, fábricas, ruas e um imenso navio pirata singrando as águas do rio.

Após a “aterissagem” da cápsula, bem no mastro do navio dos piratas, o poeta declama: *“Minha alma beija o quadro que pinto...”* enquanto que ao mesmo tempo um pirata diz *“...Ficou preso no mastro. Agora eu pego ele!!!”*. Então aparece o capitão, desenhado meio corpo, dizendo: *“Espera. Tive uma idéia”*. Como se algo de terrível fosse acontecer, o capitão puxando a vela diz: *“Todo mundo puxando aqui!”*, enquanto o poeta continua: *“Sento-me ao pé dos séculos perdidos...”*.



Figura 53

LAERTE. O Poeta. *“Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”*. São Paulo Ensaio, 1994. p. 47.

Na seqüência, outro quadrinho, sem o requadro, traz-nos o navio pirata e com ele todas as nossas memórias, com todos os piratas fazendo força e seu

capitão ordenando: “*Força! Força!*”, puxando a vela onde se encontra a cápsula enroscada. Ainda dentro da cápsula, o poeta continua: “...*E cismo o seu perfil de inércia e vôo*”. A poesia antecede o acontecimento, como já ocorrera outras vezes nesta HQ. É quando a vela se solta no grito do capitão a plenos pulmões: “*Solta!*”, que vemos o navio quase ir a pique, lançando a toda força cápsula e poeta, que soltando-se da mesma, é arremessado ao longe, fazendo-nos lembrar do homem-bala de nossa infância. O soltar pode nos conduzir a metáfora de que realmente nada mais importa a não ser deixar que a situação tome seu próprio rumo.



Figura 54

LAERTE. O Poeta. “*Piratas do Tietê e Outras Barbaridades*”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 47.

O navio demora a equilibrar-se, sem não antes quase virar a bombordo e a estibordo e lançar seus homens ao rio. Depois de muito sacudir, o tombadilho do navio aparece em close, com os homens piratas todos em situações muito engraçadas, alguns amarrados pelos pés nas cordas das velas; outros dependurados; outros caídos e na mureta apoiado, está o Capitão, todo desalinhado, sem chapéu, a exclamar “*Puts! Quase afundamos! Mas valeu a pena! Aquele corno deve ter ido parar na...*” quando é interrompido por um de seus homens, que grita: “*Capitão!*”.

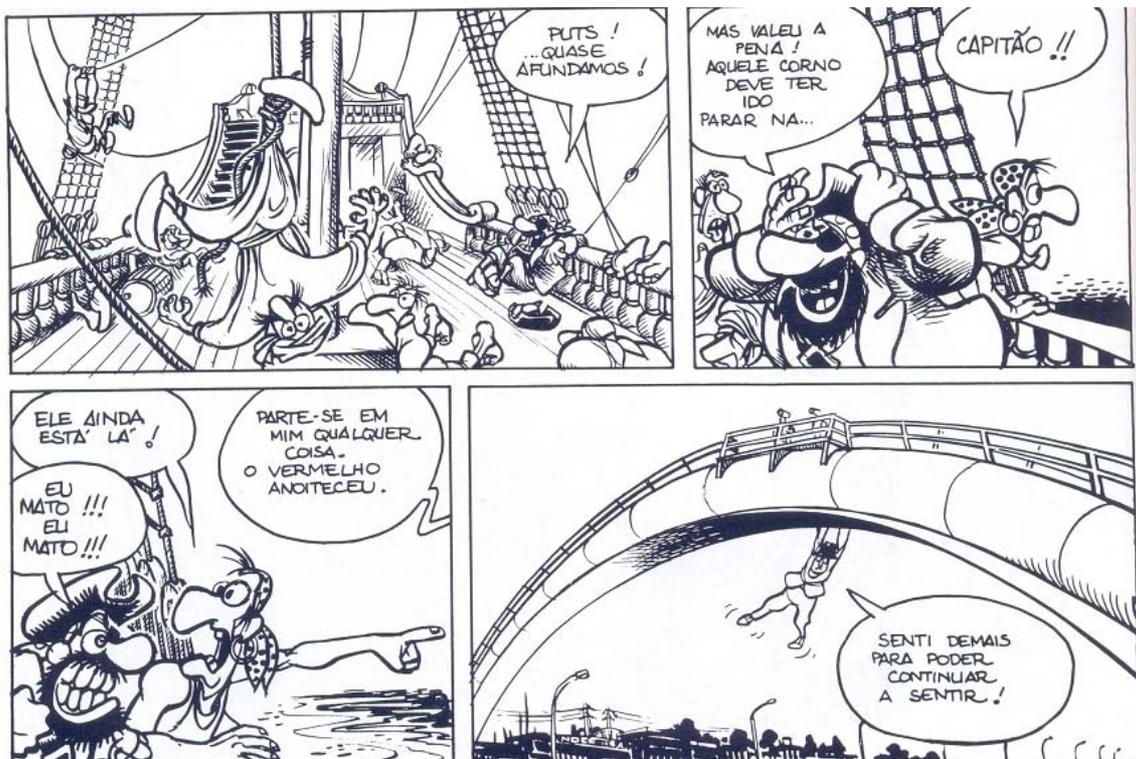


Figura 55

LAERTE. O Poeta. *“Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”*. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 48.

Novamente a ação pirata vai tomar conta da cena. Quando pensamos que desta vez os piratas conseguiram expulsar o poeta do rio, há nova reviravolta na história. Aparecem capitão e um de seus homens, que grita: *“Ele ainda está lá!”*. O capitão irado, desesperado, urra: *“Eu mato!!!!Eu mato!!!!”*. Nosso poeta, porém, continua a declamar sua poesia: *“Parte-se em mim qualquer coisa. O vermelho anoiteceu”*. É aí que o mesmo aparece, em outro quadrinho, dependurado em um aqueduto, sobre o rio, com a cidade ao fundo. Ele grita: *“Senti demais para poder continuar a sentir!”*. Metáfora talvez de disputa do espaço pelos diversos seres que habitam a cidade. Todos querem permanecer na cidade.

As maldades praticadas pelos piratas, até então, desconstróem qualquer expectativa do leitor em relação a uma mudança de comportamento que leve a história a um final onde o poeta será esquecido pelos piratas. Mas engana-se ainda quem pensa que, desta vez, o poeta foi destruído. Quase afundou o navio nessa brincadeira de destruição. Nesse instante, sabemos que o fundo de cena

não estava explícito, mas estava lá, cumprindo seu papel de nos transmitir a sensação do lugar.

O furioso Capitão ordena que partam para cima dele, a toda força “*Toda vela!! Vamos em cima dele!!*” e sem perceber a altura entre o aqueduto e o mastro do navio, acontece uma tremenda colisão entre ambos, acompanhada de grande explosão, provocando um mergulho forçado do poeta no rio, enquanto simplesmente ignora a presença dos piratas.



Figura 56

LAERTE. O Poeta. “*Piratas do Tietê e Outras Barbaridades*”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 50.

O poeta sem deixar se abalar continua a declamar seu poema: “*Sim... eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos – as coisas não têm significação: tem existência. As coisas são o único sentido oculto das coisas. Olhamos flores e que o seu perfume suave suavize o momento... este momento em que sossegadamente não cremos em nada...*”, versos retirados do poema “O

guardador de rebanhos”. Sai do rio e a cidade aparece, não mais vista de dentro do galeão pirata, mas vista de fora dele. Talvez vista pelas lentes de um cinegrafista.



Figura 57

LAERTE. O Poeta. “*Piratas do Tietê e Outras Barbaridades*”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 51.

Percebemos então, no próximo quadrinho, mais alongado que os demais, que **uma filmagem estava sendo realizada sobre o poeta** e que a mesma continua, apesar de todos os contratempos piratas existentes. Uma história dentro de outra história. Desde o início, o autor manteve em suspenso a narrativa e somente no final, podemos começar a encaixar todas as coisas da história, desde o “enquadramento de câmera” nos primeiros quadrinhos da história. Em todo o tempo era uma filmagem que acontecia. Tínhamos a sensação da filmagem, mas a câmera não apareceu em nenhum momento. Essa história foi sendo criada pelo autor pelas sensações: sensação da cidade, da filmagem, de disputa de espaço, de disputa pelo poder da pirataria ou da poesia. Os piratas faziam parte desse filme ou não? E o que fazem? São ignorados o tempo todo e por isso atiram no poeta? O enquadramento do filme seria restrito ao poeta, não aparecendo nem os piratas e nem a cidade.

Continuemos...

Nesse instante, microfones e câmeras incidem sobre o poeta, que declamando seus versos, em determinado momento, conclama que as pessoas que não crêem “*em nada...pagãos, inocentes da decadência! Vinde aqui! Vinde*

aqui todos os que sois sabendo-o bem, sabendo-o mal...poetas, ou santos ou heróis, cavaleiros de uma mesma cruzada além dos astros...". as pessoas que estão ouvindo rádio, assistindo a TV, ouvem o poeta a conclamá-los e começam a telefonar umas para as outras. Há uma verdadeira mobilização dos poetas nesse instante. Metáfora da tomada do poder.



Figura 58

LAERTE. O Poeta. *“Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”*. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 51.

Então aos habitantes da cidade aparecem em um quadrinho maior que os outros e sem o requadro novamente, deixam tudo o que estão fazendo para trás, ganham as ruas num ritmo de união como se desta vez, eles fossem piratas e quisessem chegar ao mar ou tomar para si a cidade. Talvez a sensação da cidade como um grande mar a ser conquistado...Gritos ecoam em meio à multidão *“A poesia está solta!! Poetas de todo o mundo **“zuni-vos!!”**”*.

Enquanto isso, em outro quadrinho, a cena é outra: o pessoal da gravação termina a filmagem enquanto as pessoas correm cidade afora. O comentário da equipe é que vai ser o maior sucesso e uma jornalista questiona o poeta: *“O que o senhor sugere para trilha sonora?”*. Ele responde: *“Qualquer música, ah, qualquer, logo que me tire da alma essa incerteza que quer qualquer impossível calma!”*. Ele sugere um poema dele, na verdade.



Figura 59

LAERTE .O Poeta. “*Piratas do Tietê e Outras Barbaridades*”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 52.

Ao mesmo tempo, pessoas ganham a urbe, desvairadamente, gritando: “*Dali partiremos!!! Ao mar! Ao mar!*”. Esse desenho é de uma grande avenida, ladeada de paisagens modificadas pelo homem. Uma marginal grande, tão longa que não vemos seu fim.



Figura 60

LAERTE. O Poeta. “*Piratas do Tietê e Outras Barbaridades*”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 52.

A sensação que se tem ao ler essas imagens dos quadrinhos, é que os personagens percorrem as ruas com tal familiaridade, sabendo o que os espera no final da jornada. Que mar é esse? Seria a cidade de São Paulo?

O cenário da cidade revela-se na alma dos personagens, em seus gestos, em suas falas, em suas intenções.

Já no quadrinho seguinte, ilustrado como se a câmera estivesse registrando esse momento “histórico”, aponta-nos o diretor da filmagem dizendo aos colegas de filmagem: “Senhores, eu diria que realizamos um vídeo-performance-clip de conseqüências imprevisíveis!”.



Figura 61

LAERTE. O Poeta. “*Piratas do Tietê e Outras Barbaridades*”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 52.

Então pergunta-se ao poeta: “E o senhor, como é que sente este trabalho?”. O poeta responde “Sentir? ...Sinta quem lê!”, aparecendo seu rosto em close.



Figura 62

LAERTE. O Poeta. “*Piratas do Tietê e Outras Barbaridades*”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 52.

Ao fundo, as pessoas que corriam pelas avenidas da cidade se apinham sobre uma ponte, atirando-se dela em direção ao rio gritando, euforicamente. Realmente nós leitores sentiremos ao ler, como a cidade foi sendo apresentada até aqui.

Nós leitores faremos a leitura e a interpretação que cada um achar mais conveniente e mais próxima de sua “realidade”. O poeta deu-nos essa oportunidade e cabe a nós realmente nos deixarmos envolver ou não.

Um grande e último quadrinho descortina-se, onde aparece uma multidão de poetas reunidos na ponte, nas margens e no rio, declamando em coro: “Grandes são os desertos, minha alma, grandes são os desertos!” enquanto o galeão pirata vai a pique, com a tripulação tentando defendê-lo da inevitável invasão.

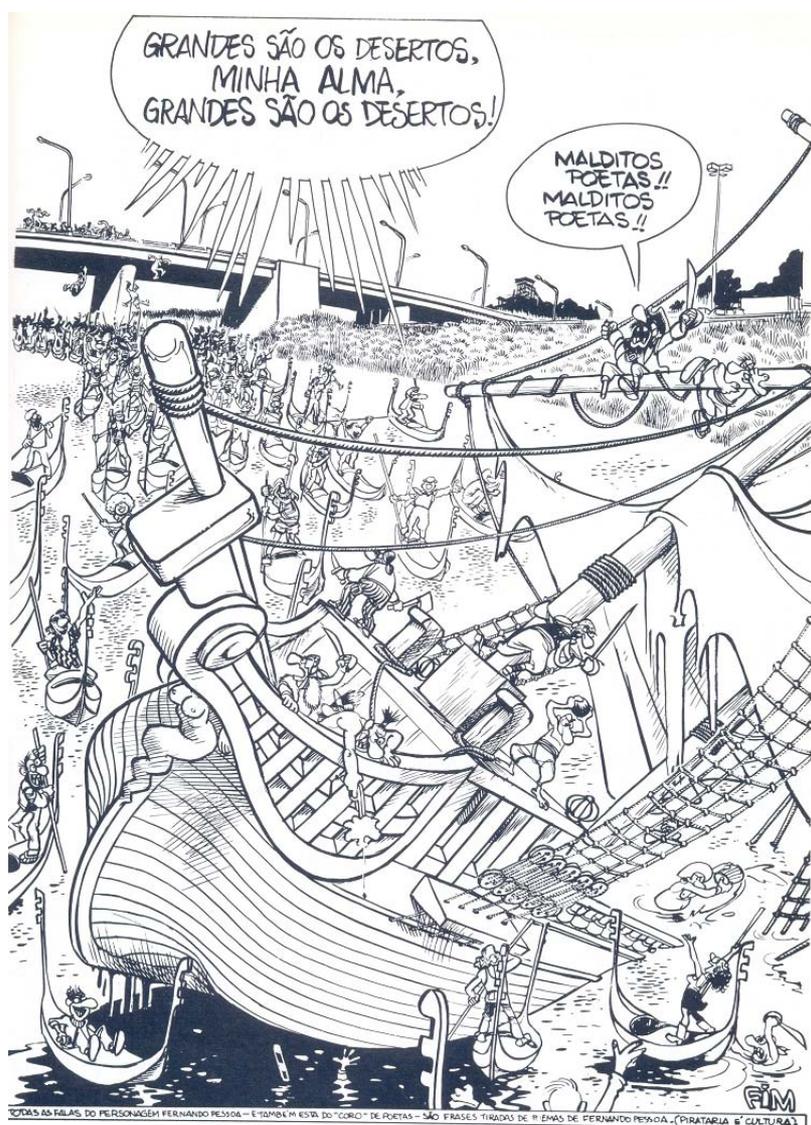


Figura 63
LAERTE. O Poeta. “Piratas do Tietê e Outras Barbaridades”. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 53.

À direita e mais acima, vemos a figura do capitão sentado no mastro. Sua tripulação tenta ainda lutar contra a população que se aproxima do mesmo, remando em suas gôndolas para tomar a embarcação, sob o praguejar do Capitão que empunha sua espada: “*Malditos poetas!! Malditos poetas!!*”. Essa imagem do Capitão, desenhado no canto superior direito da página, remete-nos aos desenhos do Asterix, que também apresenta “formatação” parecida com essa.

É uma imagem muito instigante, com muitos detalhes. Quando deparamo-nos com ela, a tendência é fazermos uma leitura superficial do texto do balão. Por isso, uma boa estratégia que Laerte utilizou foi usar letras grandes em negrito, transmitindo de forma clara, a mensagem. É na verdade uma convenção essa forma de representar o balão.

Laerte coloca todos os poetas chegando até o galeão pirata de gôndola, da mesma forma que Fernando Pessoa navegou pelo rio, enquanto o navio vai sendo rodeado de poetas. Há uma invasão dos poetas e os piratas são ignorados e é quase como se não existissem. O que eles fazem é atirar em tudo e tentam matar Fernando (em) Pessoa. O que sobrou para eles é um espaço apenas.

Essa “imunidade” do poeta anula a violência dos piratas e por isso são ignorados. O papel anárquico nessa história é do poeta, pois ele paira por tudo, sobrevoa a cidade e nada lhe acontece e não há reação dele em relação aos piratas. Ele ignora os piratas. Talvez os piratas nem façam parte do filme.

Esses piratas radicalizam certas práticas sociais contemporâneas ironizando-as, destacando-as do plano do apagamento realizado pelo cotidiano e trazendo-as à nossa “consciência”. Talvez façam a ligação entre real e imaginário, pois quando a história está tornando-se muito “séria”, os piratas surgem e desestruturam totalmente o ambiente e ações. Então eles permanecem na história praticando suas barbaridades e dando outro rumo a ela, mostrando-nos ironicamente a cidade e vestindo personagens com suas ações. E fazem tudo isso em um espaço. Acabam “representando” e apresentando o espaço da cidade.

Concordamos com Rodrigues (2000) na sua afirmação sobre a representação do espaço, quando diz que

“O espaço é o lugar que pode ser dividido em cheios e vazios, e que os olhos registram através de referências volumétricas que recheiam essa existência.

Assim, representar o espaço é representar referencialmente as existências do espaço. Sendo o espaço o lugar onde eu existo, sendo o lugar das existências, ele contém também tudo o que da existência faz parte, e então a vivência de um lugar contém a percepção feita desse lugar nesse momento, com todas as memórias que se possa ter desse mesmo lugar mais todas as divagações e imaginações sobre ele, incluindo a possibilidade de imaginar a sua não existência. (ibidem, p.112).

Portanto, além de se relacionar topologicamente com o lugar, relacionamos também com camadas sucessivas de memórias que permeiam esse espaço, esse lugar, por relações afetivas além de nos relacionarmos também com ele, imaginadamente. Os quadrinhos nos proporcionam essa relação com um lugar, que é a cidade de São Paulo, acionando nossas memórias pelos seus desenhos.

Essa história se inicia pelas ruas de uma cidade, transcorre por ela, em seu rio e quase termina nela. Quase termina porque acreditamos que em nossas inúmeras viagens dentro de nossas memórias, proporcionadas pelos quadrinhos e por outras imagens, as histórias podem continuar dentro de tantos outros quadrinhos de diferentes histórias que vemos, lemos, como também podem continuar por entre tantas imagens que povoam nosso olhar e nossas vidas.

Essas memórias nos levam para um espaço tridimensional em um espaço de fundo de cena, que é bidimensional. A perspectiva faz uma alusão à realidade que está em nossa memória. Nos remete para um espaço/tempo diferente do que vivemos agora e também para fora dele, fazendo alusão a um espaço/tempo de séculos atrás quando piratas aparecem na história. E a ação pirata é modificada quando estes são simplesmente ignorados pelos poetas que invadem a cidade e por todos que dela fazem parte. A pirataria agora é dos poetas. A cidade fica a mercê dos poetas, que roubam a cena.

Cenário e fundo de cena são centros de irradiação de possibilidades de ir além quadrinhos, de ir além da memória da cidade, de possibilidades de

acontecimentos e de mudanças no percurso da história. Em muitos momentos da história, as palavras do poeta dobram-se sobre os cenários e fundos de cena mostrados, dando a eles os sentidos presentes nas palavras, na poesia. O inverso também é verdadeiro e podemos dizer que os cenários e fundos de cena amparam os sentidos ditos pelo poeta, concretizando-os na narrativa e na cidade.

A cidade continua estando lá, mesmo sem ser desenhada. E não estando desenhada, ou seja, quando o fundo de cena é ausente, o quadrinho nos solicita uma imaginação especial, deixa-a solta, ampla, para trazer toda São Paulo para o entorno dos personagens. Cada leitor sentindo a história de forma diferente.

Então parafraseando Fernando (em) Pessoa: *“Sentir?...sinta quem lê!”*.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, José Milton de .*O Tempo no Cinema, Imagem em Perspectiva*. In: DE ROSSI, Vera Lúcia Sabongi e ZAMBONI, Ernesta (org) ***Quanto Tempo o Tempo Tem! Educação, filosofia, psicologia, cinema, astronomia, psicanálise, história...*** Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

_____. ***Imagens e sons: a nova cultura oral***. São Paulo: Cortez,2001.

_____. ***Cinema: arte da memória***. Campinas: Autores Associados, 1999a.

_____. ***A educação visual da memória: imagens agentes do cinema e da televisão***. *Pro-Posições*, Campinas, vol. 10, nº 2 (9), , jul. 1999b, p. 9-25.

_____. ***Anotações para o estudo da linguagem das imagens e sons na cultura atual***. Texto mimeo apresentado no Congresso de Ensino de História, USP, 1996a.

_____. ***Cinema, Arte da Cidade***. Publicado nos Anais do Congresso de Ensino de História, USP, fev/1996b, 10p.

ANDRADE, Mário de. **Aspectos das artes plásticas no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1984. p.65-71.

_____. **Poesias completas**. São Paulo: Martins; Brasília, Instituto Nacional do Livro/MEC, 1972a.

_____. **Táxi e crônicas no Diário nacional**. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos – ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção tópicos).

_____. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi; revisão da tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1993a. (Coleção tópicos).

_____. **Introdução: Imaginação e Mobilidade**. In: **O ar e os sonhos – ensaio sobre a imaginação do movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Coleção tópicos).

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 405-414.

BRUZZO, Cristina. *Pinóquio*. In: FALCÃO, Antonio Rebouças (et al.); BRUZZO, Cristina, coordenadora **Coletânea lições com cinema: animação**. São Paulo: FDE, Diretoria de Projetos Especiais/Diretoria Técnica, 1996. 256 p. v.4.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CARDOSO, Marcelo Zikán . **Como as histórias em quadrinhos vêm o Brasil: de Agostini a Hugo Pratt**. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, USP, 2000. (Dissertação de Mestrado).

CARON, Jorge O. **O território do Espelho – a arquitetura e o Espetáculo teatral**. São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo. FAU. USP, 1994. (Tese de Doutorado).

CERTEAU, Michel de. ***A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer.*** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CIRNE, Moacy. ***A linguagem dos quadrinhos: o universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Sousa.*** Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1971.

COUTINHO, Laerte. ***Os Piratas do Tietê e outras barbaridades.*** São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

COUTINHO, Laura Maria. ***O estúdio de televisão e a educação da memória.*** Brasília: Plano Editora, 2003.

COSTA, Otavio. *Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares.* In: ***Espaço e Cultura.*** Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, n.15,jan/jun de 2003, p.33-40.

EISNER, Will. ***Quadrinhos e arte seqüencial.*** Tradução Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FALCÃO, Antonio Rebouças (et al.); BRUZZO, Cristina, coordenadora ***Coletânea lições com cinema: animação.*** São Paulo: FDE, Diretoria de Projetos Especiais/Diretoria Técnica, 1996. 256 p. v.4.

GALHOZ, Maria Aliete (org). **Fernando Pessoa Obra Poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A.,2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HILMAN, James. **Cidade & Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

LOVETRO, J. A. *Quadrinhos – a linguagem completa*. In: **Comunicação e Educação**. São Paulo (2): p. 94 a 101, Janeiro/ Abril, 1995.

LUCCHETTI, M. A. e LUCCHETTI, R. F. **História em quadrinhos: uma introdução**._Revista USP, mimeo.

LUYTEN-BIBE, Sonia M. **O que é história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MASSIRONI, Manfredo. **Ver pelo desenho: aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos**. Lisboa: Edições 70, 1982.

PASTORE, Bepi. In: MINISTÉRIO DA CULTURA. **Teatro: trabalhos de Bepi Pastore/entrevista Fábio Bártoli**. Rio de Janeiro: Casa de Cultura Laura Alvim, Fundação Nacional de Artes Cênicas, Coleções exposições vol. 4, 1988.

MANTOVANI, Anna. **Cenografia**. São Paulo: Ática, 1989.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Tradução Hécio de Carvalho, Marisa do nascimento paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

MOYA, Álvaro de. **“Shazam!”**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

NEME, Mário. **Notas de revisão da história de São Paulo**. São Paulo: Anhambi, 1959.

NICOLINI, HENRIQUE. **Tietê: o rio do esporte**. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

OLIVEIRA Jr., Wencesláo Machado de. **A cidade (tele)percebida: em busca da atual imagem do urbano**. Campinas, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1994. (Dissertação de mestrado).

_____. **Muitas almas para a cidade**. Caderno CEDES, nº 36, 1996.

_____. **Chuva de Cinema- Natureza e Culturas Urbanas**. Campinas, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1999. (Tese de Doutorado).

_____. *Chuva de Cinema: Entre a Natureza a Cultura*. **Educação: Teoria e Prática**. Rio Claro: UNESP – Instituto de Biociências, v. 16, 2001.

_____. *Geografias de Cinema: Outras aproximações entre as imagens e sons dos filmes e os conceitos geográficos*. In **Anais do Congresso Brasileiros de Geógrafos – Goiânia**. 2004.

PASOLINI, Píer Paolo. *Empirismo Hereje*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999, p.42-47.

ROCHA, Aristides Almeida. **Do Lendário Anhembi ao Poluído Tietê**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira Rodrigues. **O Desenho ordem do pensamento arquitectónico**. Lisboa: Editorial Estampa, 2000. p. 11-120.

RODRIGUES, Oswaldo, AZEVEDO, Nilson Adelino. **Curso: Quadrinhos – história e análise (curso de humor)**. Belo Horizonte: Coordenadoria de Cultura do estado de Minas Gerais, 1979.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROLNIK, Suely. *Á sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia*. In MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (org). **Na sombra da cidade**. São Paulo: Editora Escuta, Coleção Ensaio, 1995, p. 141-170

SCARELI, Giovana. **Educação e histórias em quadrinhos: a natureza na produção de Maurício de Souza**. Campinas, Faculdade de Educação, UNICAMP, 2003. (Dissertação de mestrado).

SELDEL, Samuel; SELLMAN, Hunton D. Appleton. **Stage Scenery and Lighting: a handbook for non-professionals**. New York: Century Crofts, INC, 1930.

SESC POMPÉIA. **Exposição: Cenografia- um novo olhar**. Sesc Pompéia. 18 de outubro a 2 de novembro/1995, São Paulo: SESC, 1995.

TARKOVSKI, Andreaei Arsensevich. **Esculpir o Tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TELLES JR, Goffredo. *Meditações sobre a desordem*. In **imaginário**. USP, n. 3, 1996, p. 209-215.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Canalha: Afinal, quem quer torcer pelo chato do mocinho?* **Omelete**. São Paulo, 28. dez.2000. Disponível em http://www.omelete.com.br/quadrinhos/artigos/base_para_artigos.asp?Artigo=191&Tabela_artigos . Acesso em 30 maio 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Alguns aspectos da sociedade e da cultura brasileiras nas histórias em quadrinhos*. **Revista Agaquê**. São Paulo, v.1, n.1, jul.1998. Disponível em <http://www.eca.usp.br/agaque/agaque/indiceagaque.htm>. Acesso em 30 maio 2004.

VIEIRA, Silvia Valéria. **As cidades: a periferia e o centro nas obras de Oiticica**". Disponível em <http://www.cuca.org.br/artescidade.htm>. Acesso em 20/12/2004

XAVIER, Ismail. **Cinema, revelação e engano**. In: NOVAES, A. (org). *O olhar*. São Paulo: Cia das letras, 1988.

<http://www.museudapessoa.net/escolas/textos_apoio.htm>

Acesso em 24/10/2004

<<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/artigo07.pdf>>

acesso em 24/10/2004

<<http://www.nonaarte.com.br/dbrandao.htm>>

acesso em 28/10/2004

<<http://www.imagica.com.br/manicomics/htmls/daniel.htm>>

acesso em 28/10/2004

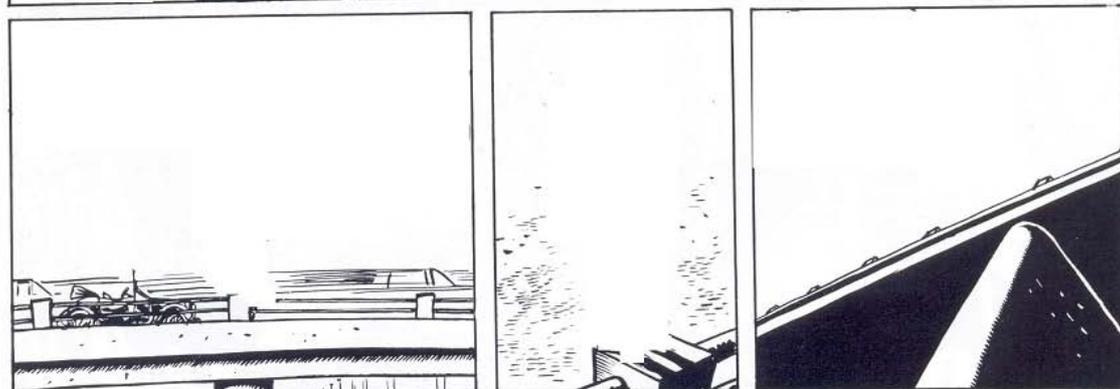
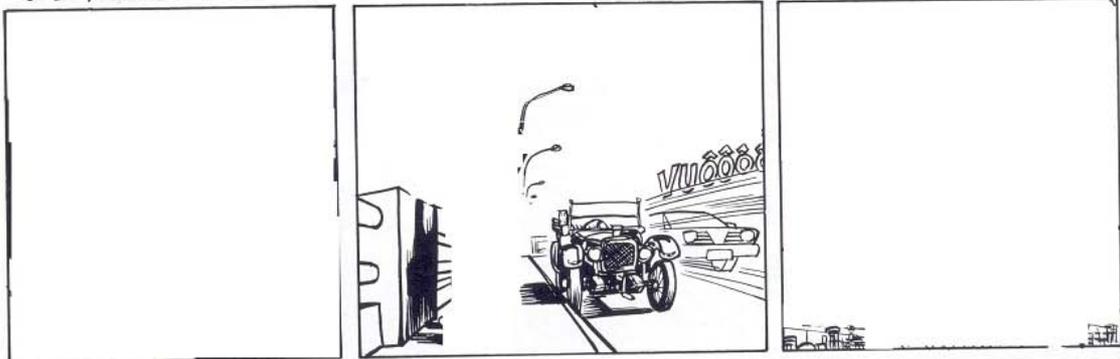
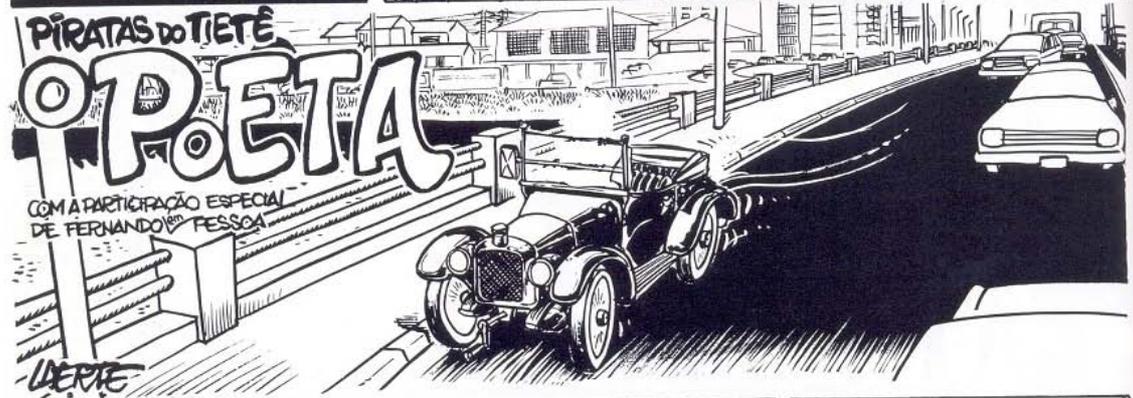
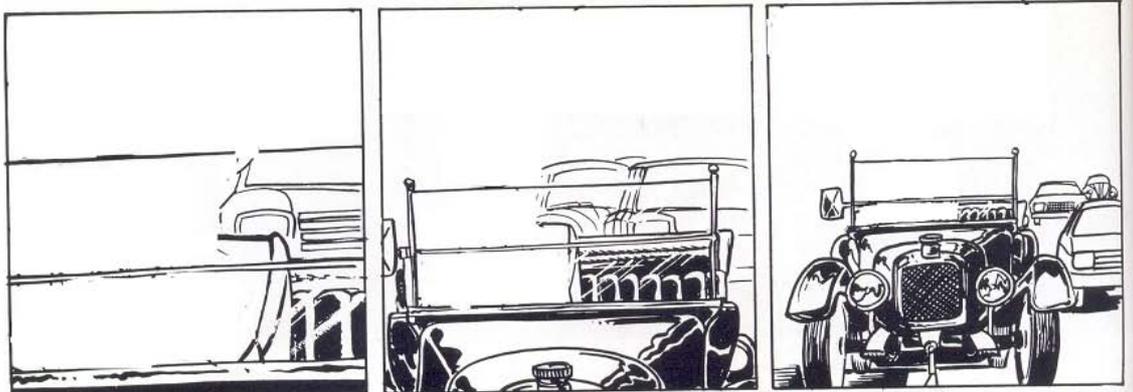
http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila_metropole/1-5_rio_tiete.asp

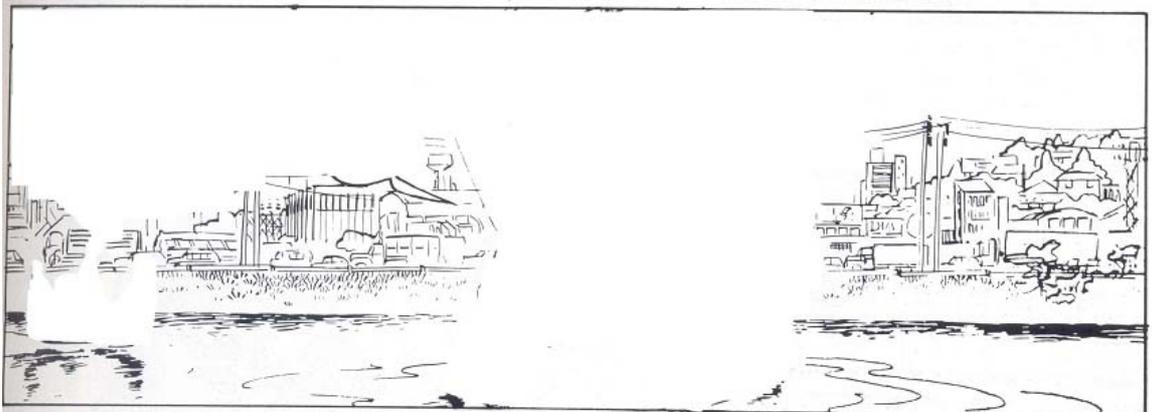
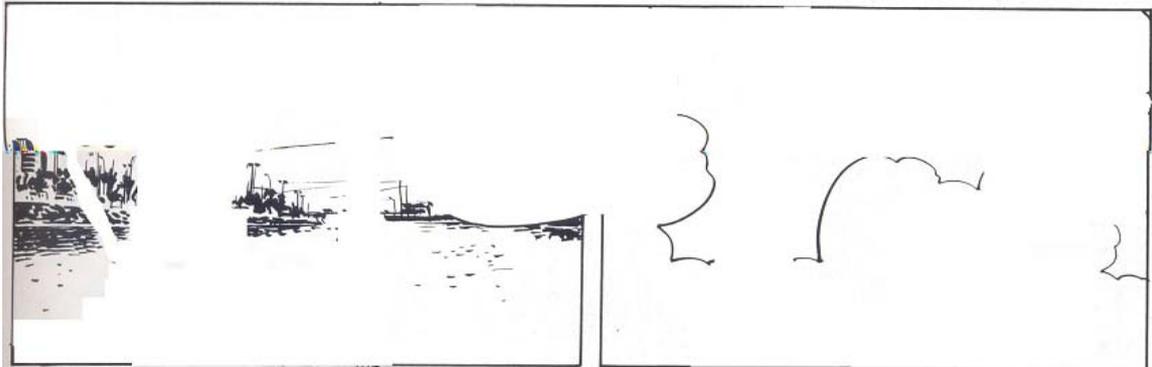
acesso em 27/06/2004

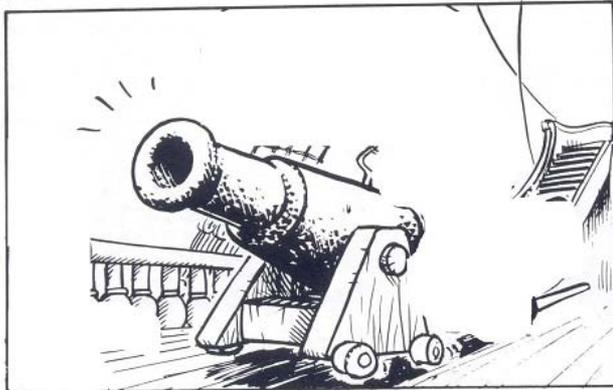
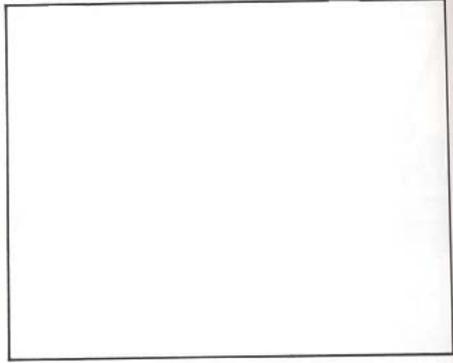
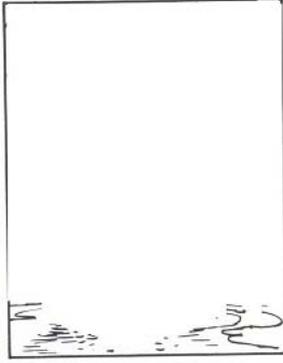
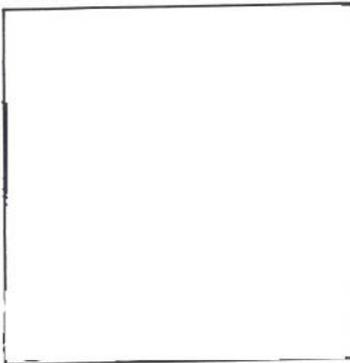
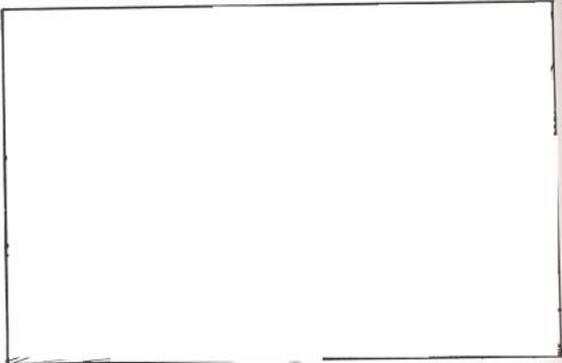
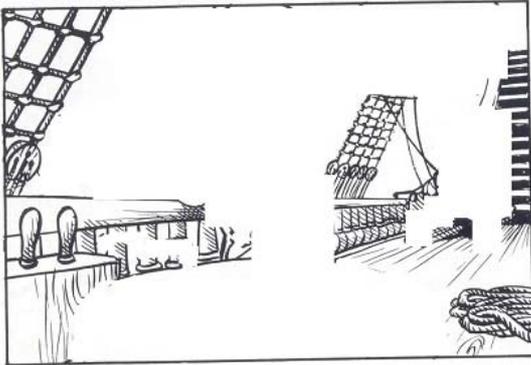
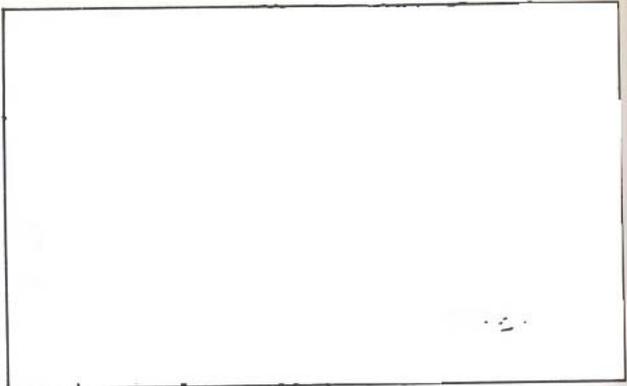
<http://www.cuca.org.br/artescidade.htm> acesso em 20/12/2004

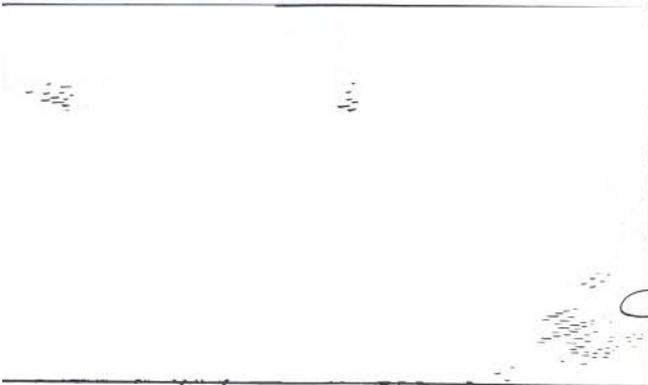
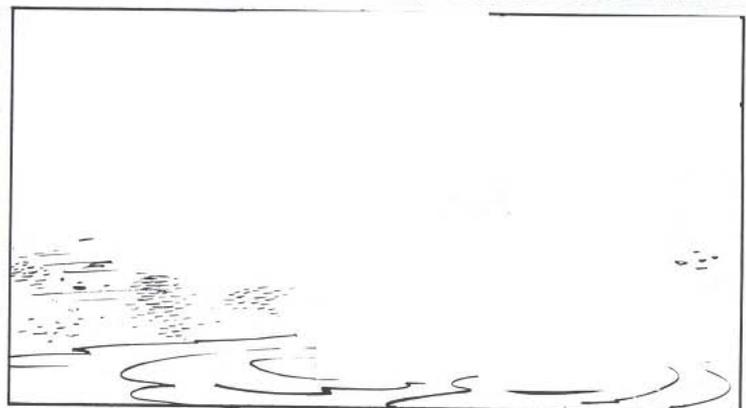
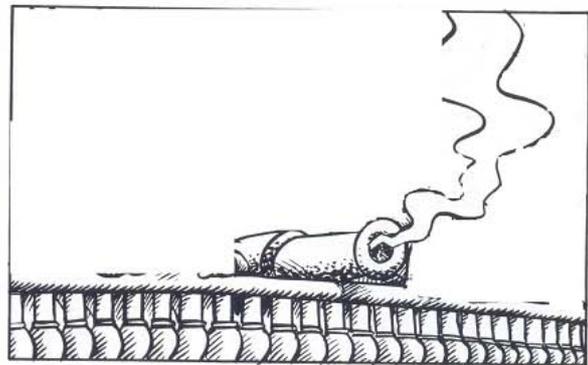
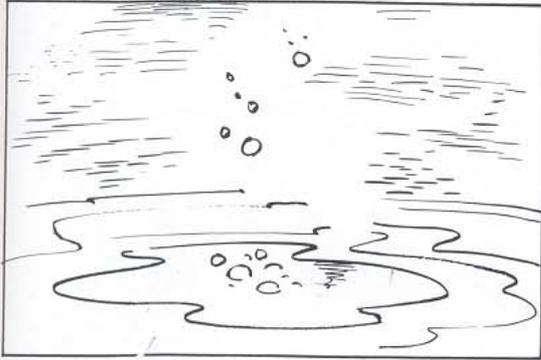
Anexos

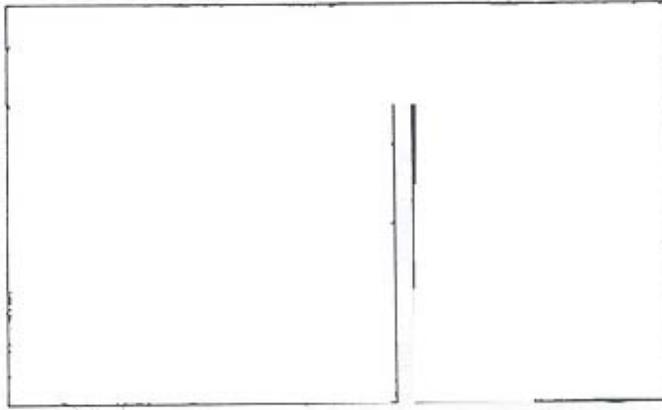
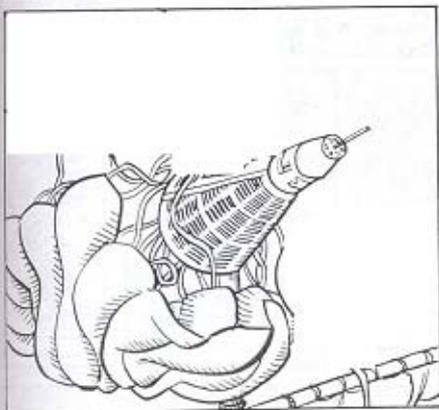
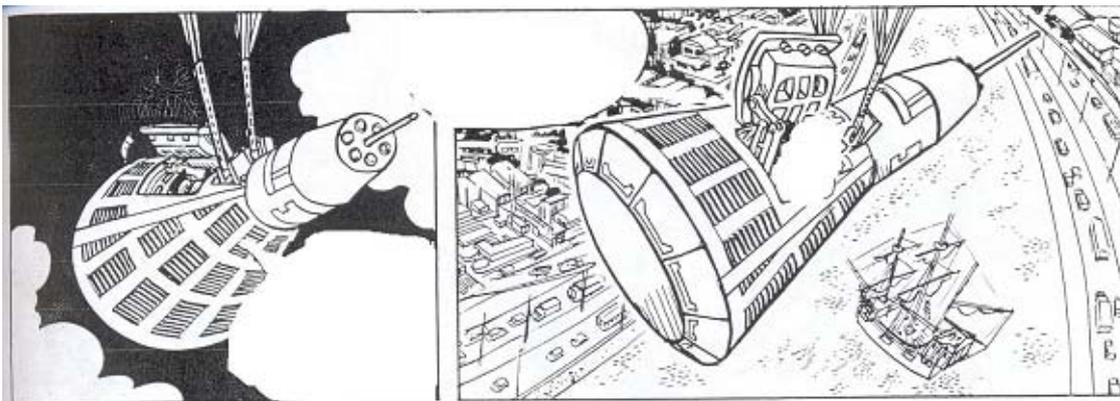
Ensaio

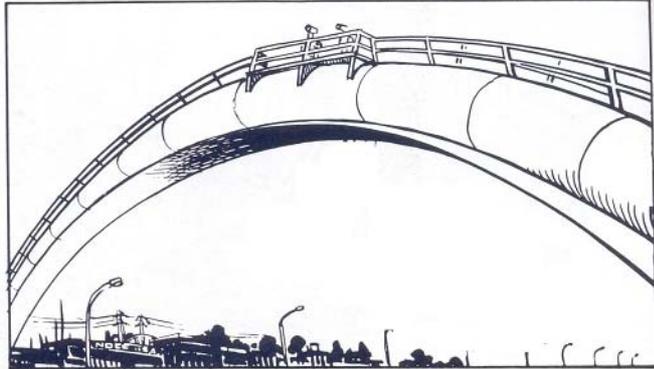
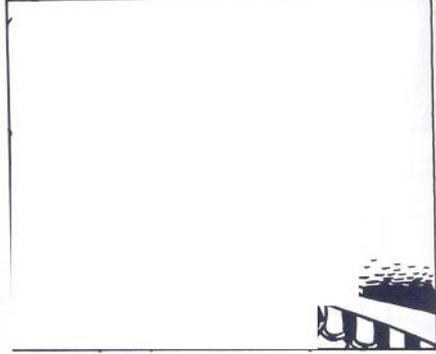
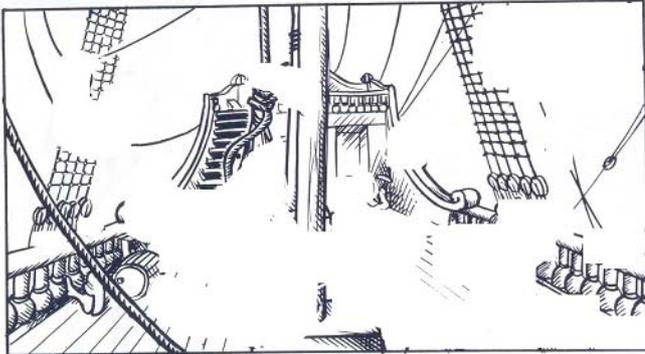
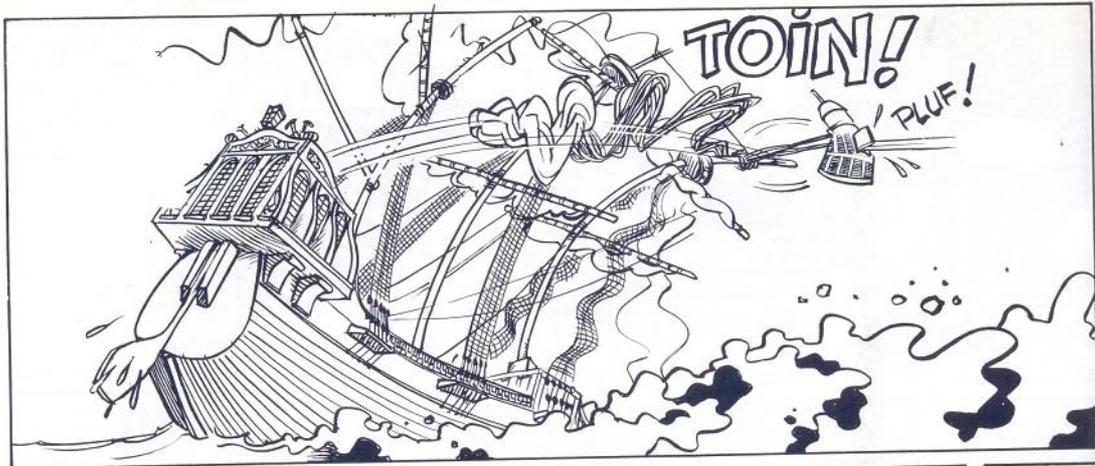


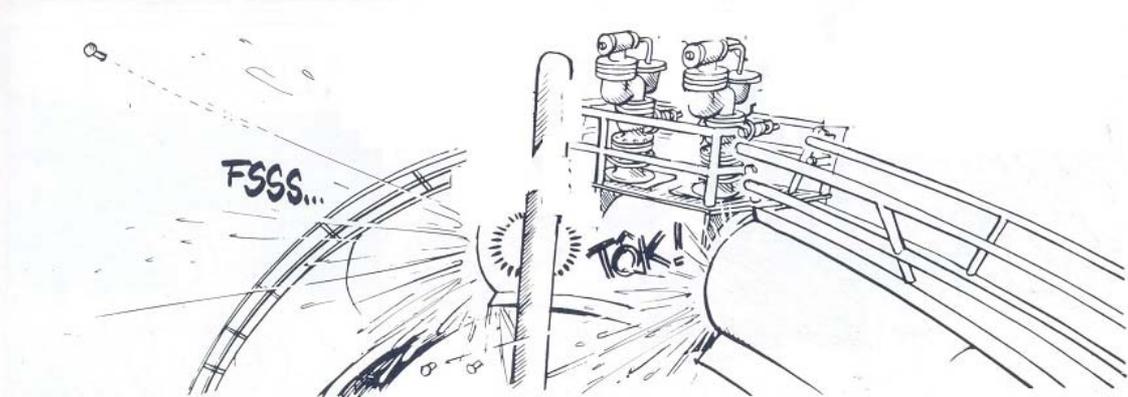
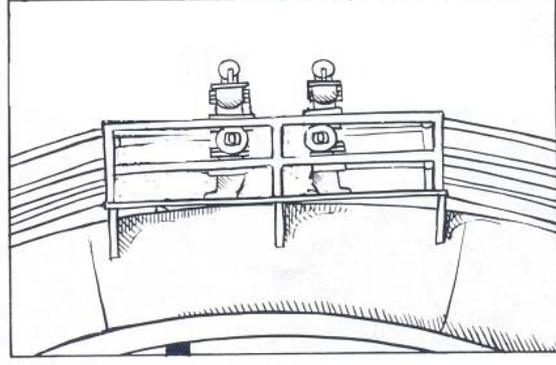
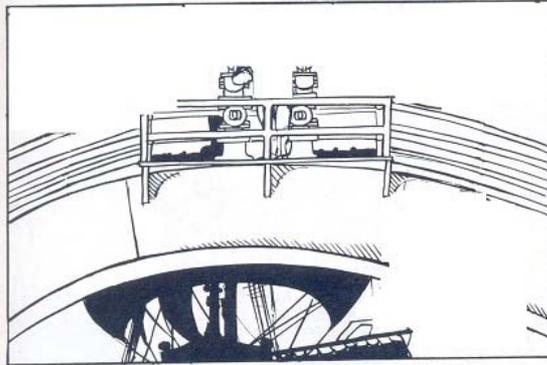
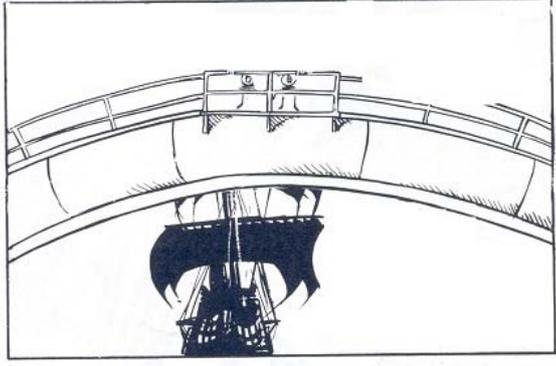
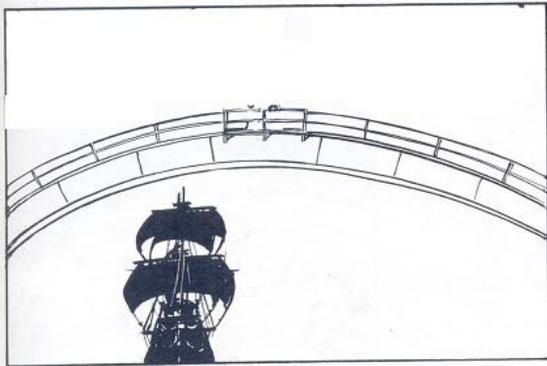
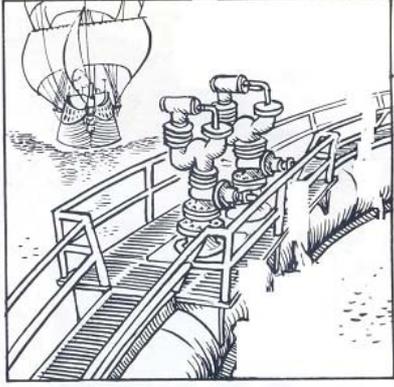
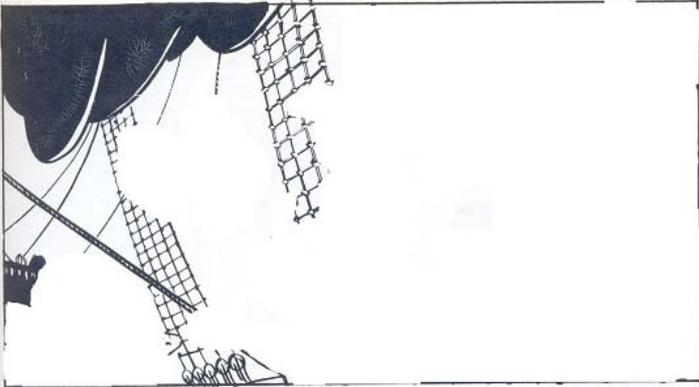


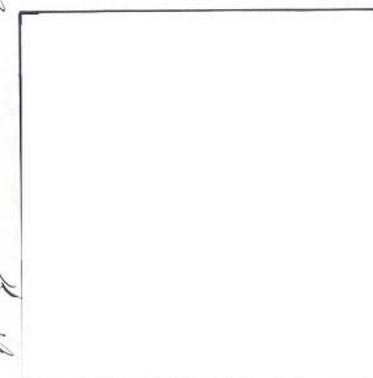
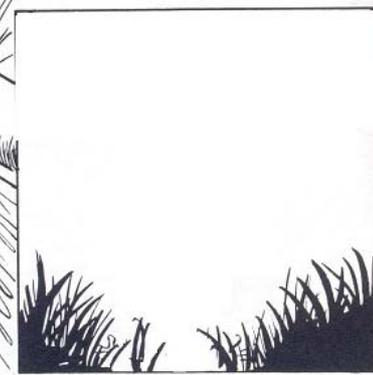
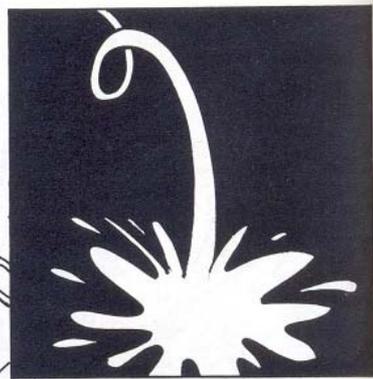


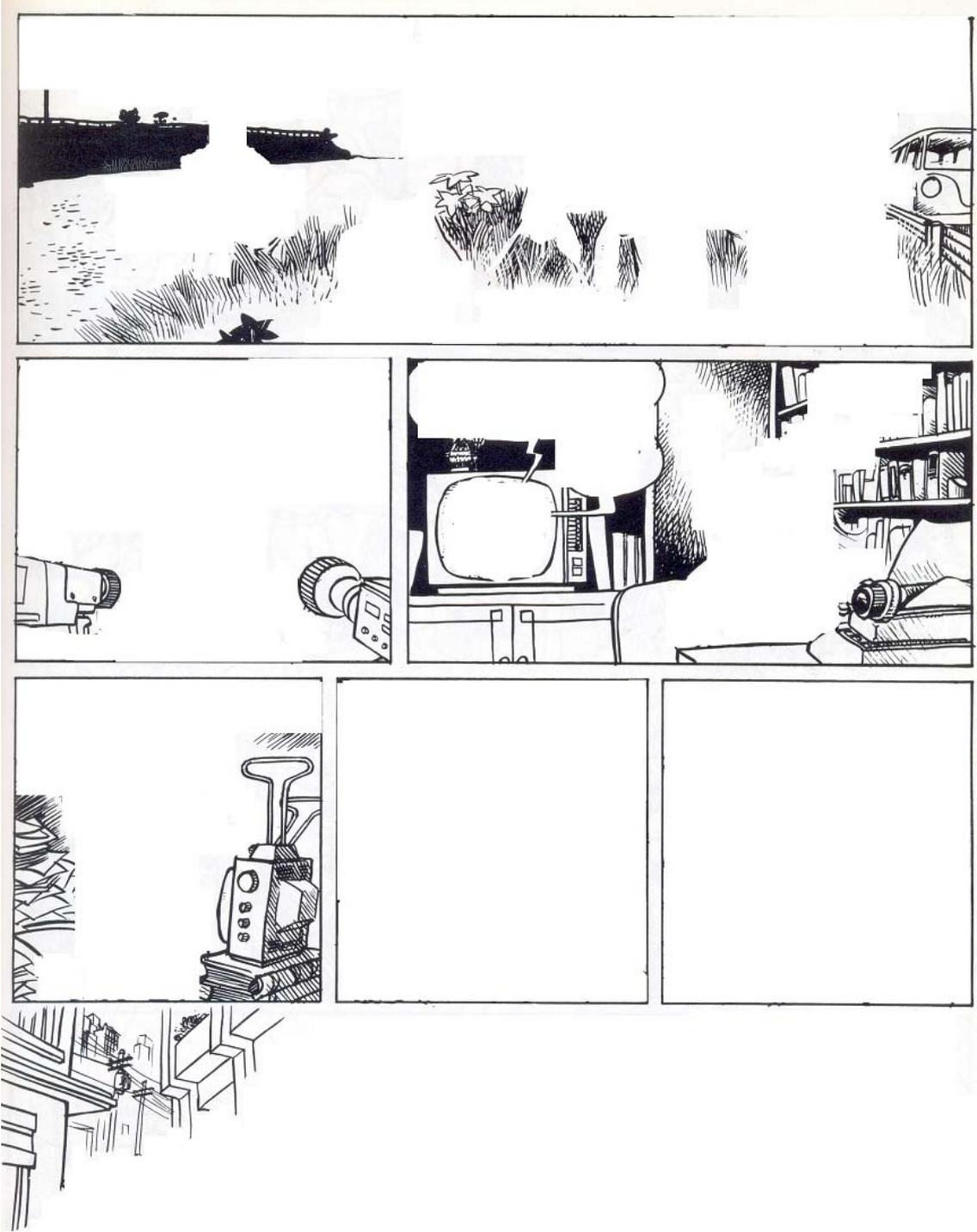


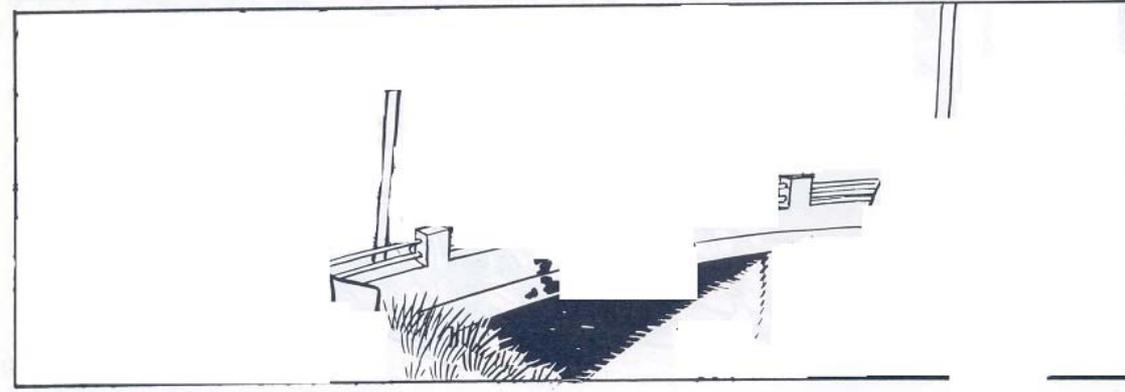
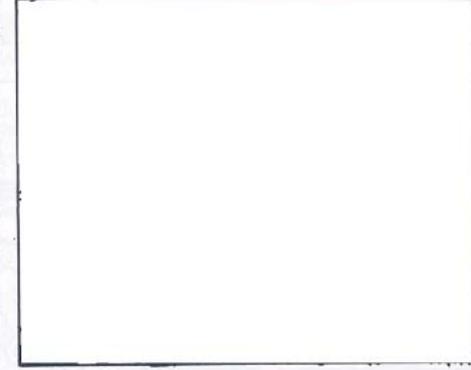
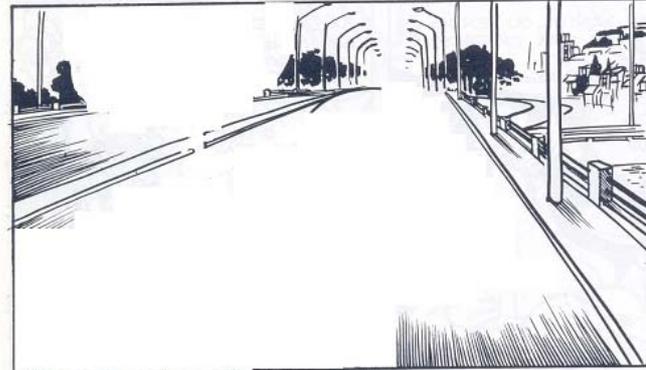
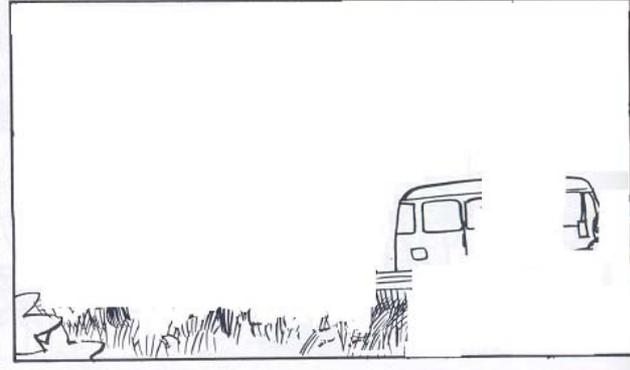
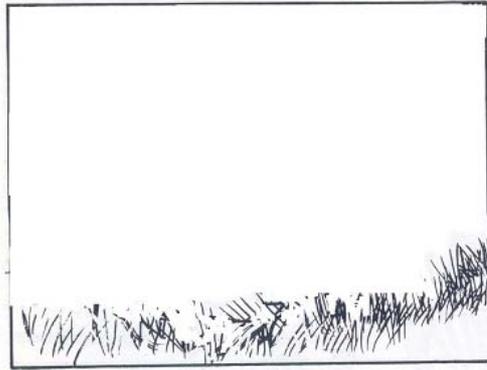
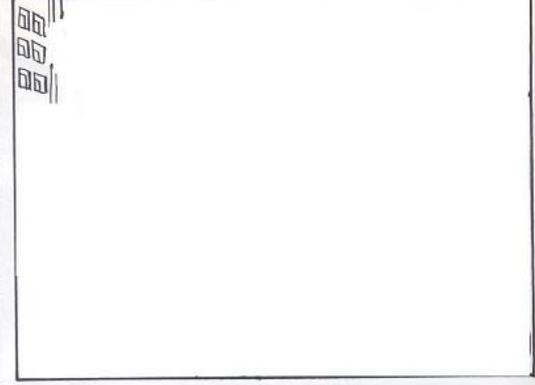
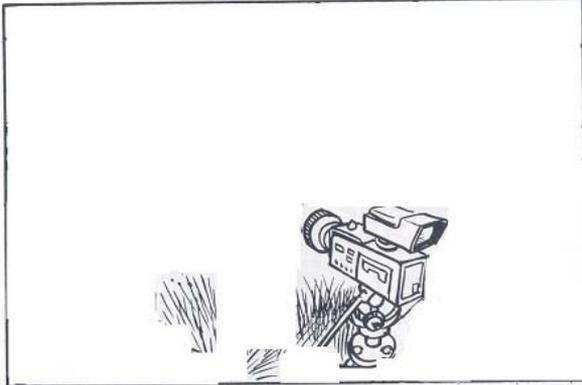


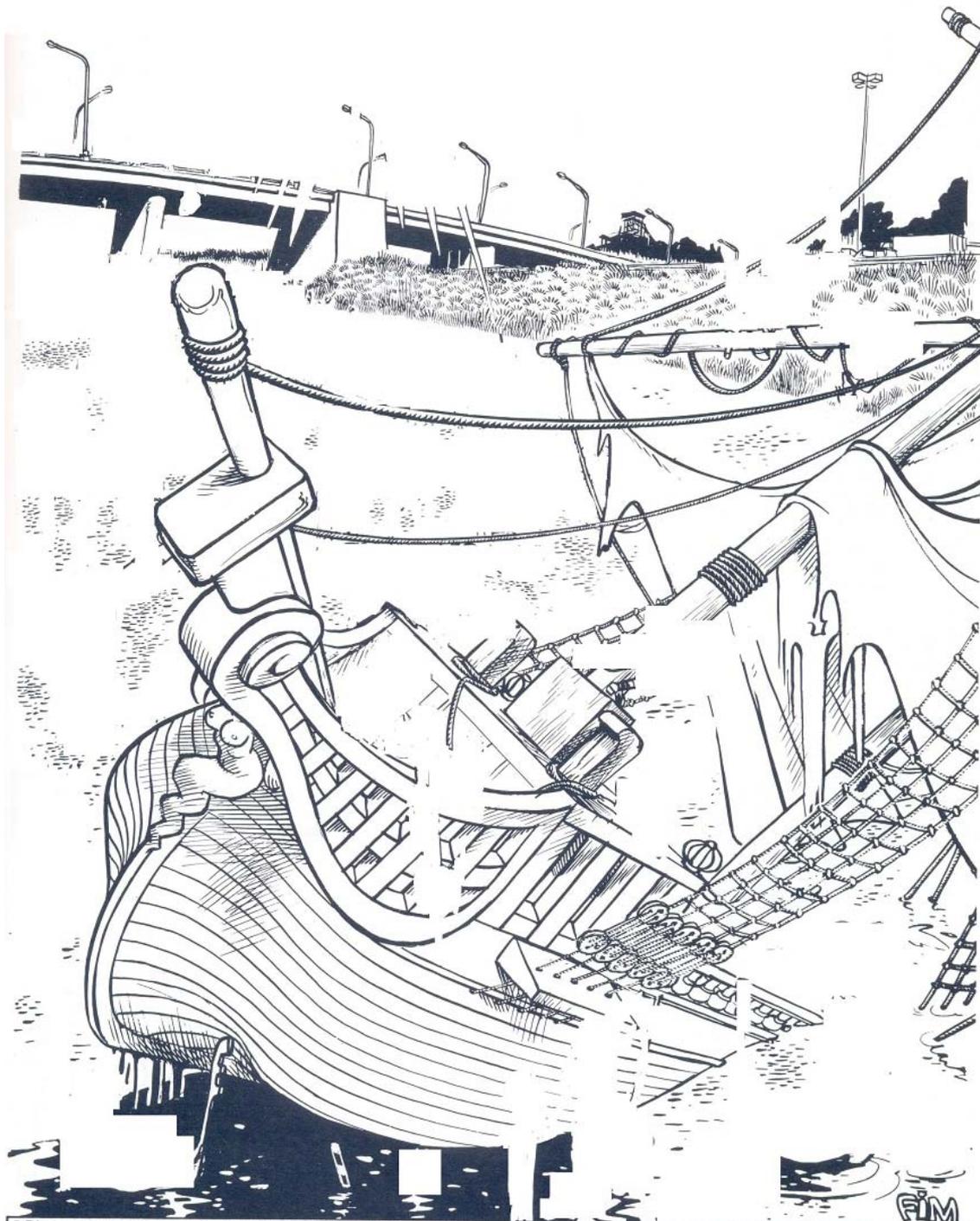












TODAS AS PALAVRAS DO PERSONAGEM FERNANDO PESSOA — E TAMBÉM ESTA DO "CORO" DE POETAS — SÃO FRASES TIRADAS DE POEMAS DE FERNANDO PESSOA. (PIRATARIA E CULTURA)

POEMAS

Selecionamos os poemas de Fernando Pessoa, e seus heterônimos, utilizados por Laerte na HQ "O Poeta". São dezenove poemas e cada verso em negrito foi utilizado como as palavras do poeta na referida HQ.

Álvaro de Campos TABACARIA (15-1-1928)

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,
Com a morte a pôr humidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.

Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,

E não tivesse mais irmandade com as coisas

Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua

A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada

De dentro da minha cabeça,

E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo como quem pensou e achou e esqueceu.

Estou hoje dividido entre a lealdade que devo

À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,

E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Falhei em tudo.

Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.

A aprendizagem que me deram,

Desci dela pela janela das traseiras da casa,
Fui até ao campo com grandes propósitos.
Mas lá encontrei só ervas e árvores,
E quando havia gente era igual à outra.
Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei-de pensar?

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!
E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!
Génio? Neste momento
Cem mil cérebros se concebem em sonho génios como eu,
E a história não marcará, quem sabe?, nem um,
Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.
Não, não creio em mim.
Em todos os manicómios há doidos malucos com tantas certezas!
Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos certo?
Não, nem em mim...
Em quantas mansardas e não-mansardas do mundo
Não estão nesta hora génios-para-si-mesmos sonhando?
Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas -
Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas -,
E quem sabe se realizáveis,
Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de gente?
O mundo é para quem nasce para o conquistar
E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão.
Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.
Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que Cristo,
Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.
Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,
Ainda que não more nela;
Serei sempre o que não nasceu para isso;
Serei sempre só o que tinha qualidades;
Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem
porta
E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,
E ouviu a voz de Deus num poço tapado.
Crer em mim? Não, nem em nada.
Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente
O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo,
E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.
Escravos cardíacos das estrelas,
Conquistámos todo o mundo antes de nos levantar da cama;
Mas acordámos e ele é opaco,
Levantámo-nos e ele é alheio,
Saímos de casa e ele é a terra inteira,
Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.

(Come chocolates, pequena;
Come chocolates!
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.
Come, pequena suja, come!
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folhas de estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei
A caligrafia rápida destes versos,
Pórtico partido para o Impossível.
Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo sem lágrimas,
Nobre ao menos no gesto largo com que atiro
A roupa suja que sou, sem rol, pra o decurso das coisas,
E fico em casa sem camisa.

(Tu, que consolas, que não existes e por isso consolas,
Ou deusa grega, concebida como estátua que fosse viva,
Ou patrícia romana, impossivelmente nobre e nefasta,
Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,
Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,
Ou cocote célebre do tempo dos nossos pais,
Ou não sei quê moderno - não concebo bem o quê -,
Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que inspire!
Meu coração é um balde despejado.
Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco
A mim mesmo e não encontro nada.
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)

Vivi, estudei, amei, e até cri,
E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu.
Olho a cada um os andrajos e as chagas e a mentira,
E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem amasses nem cresses
(Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem fazer nada disso);
Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem cortam o rabo
E que é rabo para alguém do lagarto remexidamente.

**Fiz de mim o que não soube,
E o que podia fazer de mim não o fiz.**
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.

**Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.**

Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
Como um cão tolerado pela gerência
Por ser inofensivo
E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Essência musical dos meus versos inúteis,
Quem me dera encontrar-te como coisa que eu fizesse,
E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,
Calcando aos pés a consciência de estar existindo,
Como um tapete em que um bêbado tropeça
Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.

Mas o dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.
Olhou-o com o desconforto da cabeça mal voltada
E com o desconforto da alma mal-entendendo.
Ele morrerá e eu morrerei.
Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.
A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.
Depois de certa altura morrerá a rua onde estive a tabuleta,
E a língua em que foram escritos os versos.
Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.
Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente
Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como
tabuletas,
Sempre uma coisa defronte da outra,
Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
Sempre o impossível tão estúpido como o real,
Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície,
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.

Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?),
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.

Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
Sigo o fumo como uma rota própria,
E gozo, num momento sensitivo e competente,
A libertação de todas as especulações
E a consciência de que a metafísica é uma conseqüência de estar mal disposto.

Depois deito-me para trás na cadeira
E continuo fumando.
Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira
Talvez fosse feliz.)
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.

O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.
(O dono da Tabacaria chegou à porta.)
Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
Acenou-me adeus gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o dono da Tabacaria sorriu.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 362-366,
2004.

Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/facam08.html>
acesso em 03/05/05

Alberto Caeiro
A Espantosa Realidade das Cousas
7/11/1915

A espantosa realidade das cousas
É a minha descoberta de todos os dias.
Cada cousa é o que é,
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
E quanto isso me basta.

Basta existir para se ser completo.

Tenho escrito bastantes poemas.
Hei de escrever muitos mais. naturalmente.

Cada poema meu diz isto,
E todos os meus poemas são diferentes,
Porque cada cousa que há é uma maneira de dizer isto.

Às vezes ponho-me a olhar para uma pedra.
Não me ponho a pensar se ela sente.
Não me perco a chamar-lhe minha irmã.

Mas gosto dela por ela ser uma pedra,
Gosto dela porque ela não sente nada.
Gosto dela porque ela não tem parentesco nenhum comigo.

Outras vezes oiço passar o vento,
E acho que só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido.

Eu não sei o que é que os outros pensarão lendo isto;
Mas acho que isto deve estar bem porque o penso sem estorvo,
Nem idéia de outras pessoas a ouvir-me pensar;
Porque o penso sem pensamentos
Porque o digo como as minhas palavras o dizem.

Uma vez chamaram-me poeta materialista,
E eu admirei-me, porque não julgava
Que se me pudesse chamar qualquer cousa.

Eu nem sequer sou poeta: vejo.

Se o que escrevo tem valor, não sou eu que o tenho:

O valor está ali, nos meus versos.

Tudo isso é absolutamente independente da minha vontade.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 234-235, 2004.

Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/fp272.html> acesso em 03/05/05

Alberto Caeiro
Quando Vier a Primavera
7/11/1915

Quando vier a Primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada.
A realidade não precisa de mim.

Sinto uma alegria enorme

Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma

Se soubesse que amanhã morria
E a Primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.

Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.
Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.

Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 236-237, 2004.

Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/fp275.html> acesso em 03/05/05

Álvaro de Campos
Bicarbonato de Soda
20/06/1930

Súbita, uma angústia...
Ah, que angústia, que náusea do estômago à alma!
Que amigos que tenho tido!
Que vazias de tudo as cidades que tenho percorrido!
Que esterco metafísico os meus propósitos todos!

Uma angústia,
Uma desconsolação da epiderme da alma,
Um deixar cair os braços ao sol-pôr do esforço...
Renego.
Renego tudo.
Renego mais do que tudo.
Renego a gládio e fim todos os Deuses e a negação deles.
Mas o que é que me falta, que o sinto faltar-me no estômago e na
circulação do sangue?
Que atordoamento vazio me esfalfa no cérebro?

Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?
Não: vou existir. Arre! Vou existir.
E-xis-tir...
E--xis--tir ...

Meu Deus! Que budismo me esfria no sangue!
Renunciar de portas todas abertas,
Perante a paisagem todas as paisagens,

Sem esperança, em liberdade,
Sem nexo,
Acidente da incoseqüência da superfície das coisas,
Monótono mas dorminhoco,
E que brisas quando as portas e as janelas estão todas abertas!
Que verão agradável dos outros!

Dêem-me de beber, que não tenho sede!

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 380-381, 2004.

Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/facam33.html> acesso em 03/05/05

Alberto Caeiro
O Guardador de Rebanhos
XLVIII - Da Mais Alta Janela da Minha Casa

Da mais alta janela da minha casa
Com um lenço branco digo adeus
Aos meus versos que partem para a Humanidade.
E não estou alegre nem triste.
Esse é o destino dos versos.
Escrevi-os e devo mostrá-los a todos

Porque não posso fazer o contrário
Como a flor não pode esconder a cor,
Nem o rio esconder que corre,
Nem a árvore esconder que dá fruto.

Ei-los que vão já longe como que na diligência
E eu sem querer sinto pena
Como uma dor no corpo.

Quem sabe quem os terá?
Quem sabe a que mãos irão?

Flor, colheu-me o meu destino para os olhos.
Árvore, arrancaram-me os frutos para as bocas.
Rio, o destino da minha água era não ficar em mim.
Submeto-me e sinto-me quase alegre,
Quase alegre como quem se cansa de estar triste.

Ide, ide de mim!
Passa a árvore e fica dispersa pela Natureza.
Murcha a flor e o seu pó dura sempre.
Corre o rio e entra no mar e a sua água é sempre a que foi sua.

Passo e fico, como o Universo.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p.227, 2004.

Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/fp253.html> acesso em 04/05/05

Álvaro de Campos Ode Marítima 1915?

Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de Verão,
Olho pro lado da barra, olho pro Indefinido,
Olho e contenta-me ver,
Pequeno, negro e claro, um pacote entrando.
Vem muito longe, nítido, clássico à sua maneira.
Deixa no ar distante atrás de si a orla vã do seu fumo.
Vem entrando, e a manhã entra com ele, e no rio,
Aqui, acolá, acorda a vida marítima,
Erguem-se velas, avançam rebocadores,
Surgem barcos pequenos de trás dos navios que estão no porto.
Há uma vaga brisa.
Mas a minh'alma está com o que vejo menos,
Com o pacote que entra,
Porque ele está com a Distância, com a Manhã,
Com o sentido marítimo desta Hora,
Com a doçura dolorosa que sobe em mim como uma náusea,
Como um começar a enjoar, mas no espírito.

Olho de longe o pacote, com uma grande independência de alma,
E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente,

Os paquetes que entram de manhã na barra
Trazem aos meus olhos consigo
O mistério alegre e triste de quem chega e parte.
Trazem memórias de cais afastados e doutros momentos
Doutro modo da mesma humanidade noutros pontos.
Todo o atracar, todo o largar de navio,
É — sinto-o em mim como o meu sangue -
Inconscientemente simbólico, terrivelmente
Ameaçador de significações metafísicas
Que perturbam em mim quem eu fui...

Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!
E quando o navio larga do cais
E se repara de repente que se abriu um espaço
Entre o cais e o navio,
Vem-me, não sei porquê, uma angústia recente,
Uma névoa de sentimentos de tristeza
Que brilha ao sol das minhas angústias relvadas
Como a primeira janela onde a madrugada bate,
E me envolve como uma recordação duma outra pessoa
Que fosse misteriosamente minha.

**Ah, quem sabe, quem sabe,
Se não parti outrora, antes de mim,
Dum cais; se não deixei, navio ao sol
Oblíquo da madrugada,
Uma outra espécie de porto?**
Quem sabe se não deixei, antes de a hora
Do mundo exterior como eu o vejo
Raiar-se para mim,
Um grande cais cheio de pouca gente,
Duma grande cidade meio-desperta,
Duma enorme cidade comercial, crescida, apoplética,
Tanto quanto isso pode ser fora do Espaço e do Tempo?

Sim, dum cais, dum cais dalgum modo material,
Real, visível como cais, cais realmente,
O Cais Absoluto por cujo modelo inconscientemente imitado
Insensivelmente evocado,
Nós os homens construímos
Os nossos cais de pedra atual sobre água verdadeira,
Que depois de construídos se anunciam de repente
Coisas-Reais, Espíritos-Coisas, Entidades em Pedra-Almas,
A certos momentos nossos de sentimento-raiz
Quando no mundo-exterior como que se abre uma porta
E, sem que nada se altere,
Tudo se revela diverso.

Ah o Grande Cais donde partimos em Navios-Nações!
O Grande Cais Anterior, eterno e divino!
De que porto? Em que águas? E porque penso eu isto?
Grandes Cais como os outros cais, mas o Único.
Cheio como eles de silêncios rumorosos nas antemanhãs,

E desabrochando com as manhãs num ruído de guindastes
E chegadas de comboios de mercadorias,
E sob a nuvem negra e ocasional e leve
Do fumo das chaminés das fábricas próximas
Que lhe sombreia o chão preto de carvão pequenino que brilha,
Como se fosse a sombra duma nuvem que passasse sobre água sombria.

Ah, que essencialidade de mistério e sentido parados
Em divino êxtase revelador
Às horas cor de silêncios e angústias
Não é ponte entre qualquer cais e O Cais!

Cais negramente refletido nas águas paradas,
Bulício a bordo dos navios,
Ó alma errante e instável da gente que anda embarcada,
Da gente simbólica que passa e com quem nada dura,
Que quando o navio volta ao porto
Há sempre qualquer alteração a bordo!

Ó fugas contínuas, idas, ebriedade do Diverso!
Alma eterna dos navegadores e das navegações!
Cascos refletidos devagar nas águas,
Quando o navio larga do porto!
Flutuar como alma da vida, partir como voz,
Viver o momento tremulamente sobre águas eternas.
Acordar para dias mais diretos que os dias da Europa,
Ver portos misteriosos sobre a solidão do mar,
Virar cabos longínquos para súbitas vastas paisagens
Por inumeráveis encostas atônitas...

Ah, as praias longínquas, os cais vistos de longe,
E depois as praias próximas, os cais vistos de perto.
O mistério de cada ida e de cada chegada,
A dolorosa instabilidade e incompreensibilidade
Deste impossível universo
A cada hora marítima mais na própria pele sentido!
O soluço absurdo que as nossas almas derramaram
Sobre as extensões de mares diferentes com ilhas ao longe,
Sobre as ilhas longínquas das costas deixadas passar,
Sobre o crescer nítido dos portos, com as suas casas e a sua gente,
Para o navio que se aproxima.

Ah, a frescura das manhãs em que se chega,
E a palidez das manhãs em que se parte,
Quando as nossas entranhas se arrepanham
E uma vaga sensação parecida com um medo
- O medo ancestral de se afastar e partir,
O misterioso receio ancestral à Chegada e ao Novo -
Encolhe-nos a pele e agonia-nos,
E todo o nosso corpo angustiado sente,
Como se fosse a nossa alma,
Uma inexplicável vontade de poder sentir isto doutra maneira:
Uma saudade a qualquer coisa,
Uma perturbação de afeições a que vaga pátria?
A que costa? a que navio? a que cais?
Que se adocece em nós o pensamento,
E só fica um grande vácuo dentro de nós,
Uma oca saciedade de minutos marítimos,
E uma ansiedade vaga que seria tédio ou dor
Se soubesse como sê-lo...

A manhã de Verão está, ainda assim, um pouco fresca.
Um leve torpor de noite anda ainda no ar sacudido.
Acelera-se ligeiramente o volante dentro de mim.
E o pacote vem entrando, porque deve vir entrando sem dúvida,
E não porque eu o veja mover-se na sua distância excessiva.

Na minha imaginação ele está já perto e é visível
Em toda a extensão das linhas das suas vigias.
E treme em mim tudo, toda a carne e toda a pele,
Por causa daquela criatura que nunca chega em nenhum barco
E eu vim esperar hoje ao cais, por um mandado oblíquo.

Os navios que entram a barra,
Os navios que saem dos portos,
Os navios que passam ao longe
(Suponho-me vendo-os duma praia deserta) -
Todos estes navios abstratos quase na sua ida,
Todos estes navios assim comovem-me como se fossem outra coisa
E não apenas navios, navios indo e vindo.

E os navios vistos de perto, mesmo que se não vá embarcar neles,
Vistos de baixo, dos botes, muralhas altas de chapas,
Vistos dentro, através das câmaras, das salas, das despensas,
Olhando de perto os mastros, afilando-se lá pró alto,
Roçando pelas cordas, descendo as escadas incômodas,
Cheirando a untada mistura metálica e marítima de tudo aquilo -

Os navios vistos de perto são outra coisa e a mesma coisa,
Dão a mesma saudade e a mesma ânsia doutra maneira.

Toda a vida marítima! tudo na vida marítima!
Insinua-se no meu sangue toda essa sedução fina
E eu cismo indeterminadamente as viagens.
Ah, as linhas das costas distantes, achatadas pelo horizonte!
Ah, os cabos, as ilhas, as praias areentas!
As solidões marítimas, como certos momentos no Pacífico
Em que não sei por que sugestão aprendida na escola
Se sente pesar sobre os nervos o fato de que aquele é o maior dos oceanos
E o mundo e o sabor das coisas tornam-se um deserto dentro de nós!
A extensão mais humana, mais salpicada, do Atlântico!
O indico, o mais misterioso dos oceanos todos!
O Mediterrâneo, doce, sem mistério nenhum, clássico, um mar para bater
De encontro a esplanadas olhadas de jardins próximos por estátuas brancas!
Todos os mares, todos os estreitos, todas as baías, todos os golfos,
Queria apertá-los ao peito, senti-los bem e morrer!

E vós, ó coisas navais, meus velhos brinquedos de sonho!
Componde fora de mim a minha vida interior!
Quilhas, mastros e velas, rodas do leme, cordagens,
Chaminés de vapores, hélices, gáveas, flâmulas,
Galdropes, escotilhas, caldeiras, coletores, válvulas;
Caí por mim dentro em montão, em monte,
Como o conteúdo confuso de uma gaveta despejada no chão!
Sede vós o tesouro da minha avareza febril,
Sede vós os frutos da árvore da minha imaginação,
Tema de cantos meus, sangue nas veias da minha inteligência,
Vosso seja o laço que me une ao exterior pela estética,
Fornecei-me metáforas imagens, literatura,
Porque em real verdade, a sério, literalmente,
Minhas sensações são um barco de quilha pro ar,
Minha imaginação uma ancora meio submersa,
Minha ânsia um remo partido,
E a tessitura dos meus nervos uma rede a secar na praia!

Soa no acaso do rio um apito, só um.
Treme já todo o chão do meu psiquismo.
Acelera-se cada vez mais o volante dentro de mim.

Ah, os paquetes, as viagens, o não-se-saber-o-paradeiro
De Fulano-de-tal, marítimo, nosso conhecido!
Ah, a glória de se saber que um homem que andava conosco
Morreu afogado ao pé duma ilha do Pacífico!
Nós que andamos com ele vamos falar nisso a todos,
Com um orgulho legítimo, com uma confiança invisível

Em que tudo isso tenha um sentido mais belo e mais vasto
Que apenas o ter-se perdido o barco onde ele ia
E ele ter ido ao fundo por lhe ter entrado água pros pulmões!

Ah, os paquetes, os navios-carvoeiros, os navios de vela!
Vão rareando - ai de mim! - os navios de vela nos mares!

E eu, que amo a civilização moderna, eu que beijo com a alma as máquinas,
Eu o engenheiro, eu o civilizado, eu o educado no estrangeiro,
Gostaria de ter outra vez ao pé da minha vista só veleiros e barcos de madeira,
De não saber doutra vida marítima que a antiga vida dos mares!
Porque os mares antigos são a Distância Absoluta,
O Puro Longe, liberto do peso do Atual...
E ah, como aqui tudo me lembra essa vida melhor,
Esses mares, maiores, porque se navegava mais devagar.
Esses mares, misteriosos, porque se sabia menos deles.

Todo o vapor ao longe é um barco de vela perto.
Todo o navio distante visto agora é um navio no passado visto próximo.
Todos os marinheiros invisíveis a bordo dos navios no horizonte
São os marinheiros visíveis do tempo dos velhos navios,
Da época lenta e veleira das navegações perigosas,
Da época de madeira e lona das viagens que duravam meses.

Toma-me pouco a pouco o delírio das coisas marítimas,
Penetram-me fisicamente o cais e a sua atmosfera,
O marulho do Tejo galga-me por cima dos sentidos,
E começo a sonhar, começo a envolver-me do sonho das águas,
Começam a pegar bem as correias-de-transmissão na minh'alma
E a aceleração do volante sacode-me nitidamente.

Chamam por mim as águas,
Chamam por mim os mares,
Chamam por mim, levantando uma voz corpórea, os longes,
As épocas marítimas todas sentidas no passado, a chamar.

Tu, marinheiro inglês, Jim Barns meu amigo, foste tu
Que me ensinaste esse grito antiquíssimo, inglês,
Que tão venenosamente resume
Para as almas complexas como a minha
O chamamento confuso das águas,
A voz inédita e implícita de todas as coisas do mar,
Dos naufrágios, das viagens longínquas, das travessias perigosas.
Esse teu grito inglês, tornado universal no meu sangue,
Sem feitio de grito, sem forma humana nem voz,
Esse grito tremendo que parece soar
De dentro duma caverna cuja abóbada é o céu

E parece narrar todas as sinistras coisas
Que podem acontecer no Longe, no Mar, pela Noite...
(Fingias sempre que era por uma escuna que chamavas,
E dizias assim, pondo uma mão de cada lado da boca,
Fazendo porta-voz das grandes mãos curtidas e escuras:

Ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò - yyy...
Schooner ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò -yyy...)

Escuto-te de aqui, agora, e desperto a qualquer coisa.
Estremece o vento. Sobe a manhã. O calor abre.
Sinto corarem-me as faces.
Meus olhos conscientes dilatam-se.
O êxtase em mim levanta-se, cresce, avança,
E com um ruído cego de arruaça acentua-se
O giro vivo do volante.

Ó clamoroso chamamento
A cujo calor, a cuja fúria fervem em mim
Numa unidade explosiva todas as minhas ânsias,
Meus próprios tédios tornados dinâmicos, todos!...
Apelo lançado ao meu sangue
Dum amor passado, não sei onde, que volve
E ainda tem força para me atrair e puxar,
Que ainda tem força para me fazer odiar esta vida
Que passo entre a impenetrabilidade física e psíquica
Da gente real com que vivo!

Ah seja como for, seja por onde for, partir!
Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar.
Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstrata,
Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
Levado, como a poeira, plos ventos, plos vendavais!
Ir, ir, ir, ir de vez!

Todo o meu sangue raiva por asas!
Todo o meu corpo atira-se pra frente!
Galgo p'la minha imaginação fora em torrentes!
Atropelo-me, rujo, precipito-me
Estoiram em espuma as minhas ânsias
E a minha carne é uma onda dando de encontro a rochedos!

Pensando nisto - ó raiva! pensando nisto - ó fúria!
Pensando nesta estreiteza da minha vida cheia de ânsias,
Subitamente, tremulamente extraorbitadamente,
Com uma oscilação viciosa, vasta, violenta,
Do volante vivo da minha imaginação.

Rompe, por mim, assobiando, silvando, vertiginando,
O cio sombrio e sádico da estrídula vida marítima.

Eh marinheiros, gajeiros! eh tripulantes, pilotos!
Navegadores, mareantes, marujos, aventureiros!
Eh capitães de navios! homens ao leme e em mastros!
Homens que dormem em beliches rudes!
Homens que dormem co'o Perigo a espreitar plas vigias!
Homens que dormem co'a Morte por travesseiro!
Homens que têm tombadilhos, que têm pontes donde olhar
A imensidade imensa do mar imenso!
Eh manipuladores dos guindastes de carga!
Eh amainadores de velas, fagueiros, criados de bordo!

Homens que metem a carga nos porões!
Homens que enrolam cabos no convés!
Homens que limpam os metais das escotilhas!
Homens do leme! homens das máquinas! homens dos mastros!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Gente de boné de pala! Gente de camisola de malha!
Gente de âncoras e bandeiras cruzadas bordadas no peito!
Gente tatuada! gente de cachimbo! gente de amurada!
Gente escura de tanto sol, crestada de tanta chuva,
Limpa de olhos de tanta imensidade diante deles,
Audaz de rosto de tantos ventos que lhes bateram a valer!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Homens que vistas a Patagônia!
Homens que passasses pela Austrália!
Que enchesses o vosso olhar de costas que nunca verei!
Que fostes a terra em terras onde nunca descerei!
Que comprastes artigos toscos em colônias à proa de sertões!
E fizestes tudo isso como se não fosse nada,
Como se isso fosse natural,
Como se a vida fosse isso,
Como nem sequer cumprindo um destino!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Homens do mar atual! homens do mar passado!
Comissários de bordo! escravos das galés! combatentes de Lepanto!
Piratas do tempo de Roma! Navegadores da Grécia!
Fenícios! Cartagineses! Portugueses atirados de Sagres
Para a aventura indefinida, para o Mar Absoluto, para realizar o
Impossível!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!

Homens que erguestes padrões, que destes nomes a cabos!
Homens que negociastes pela primeira vez com pretos!
Que primeiro vendesses escravos de novas terras!
Que destes o primeiro espasmo europeu às negras atônitas
Que trouxesses ouro, miçanga, madeiras cheirosas, setas,
De encostas explodindo em verde vegetação!
Homens que saqueasses tranqüilas povoações africanas
Que fizestes fugir com o ruído de canhões essas raças
Que matastes, roubastes, torturastes, ganhastes
Os prêmios de Novidade de quem, de cabeça baixa
Arremete contra o mistério de novos mares! Eh-eh-eh eh-eh!
A vós todos num, a vós todos em vós todos como um,
A vós todos misturados, entrecruzados.
A vós todos sangrentos, violentos, odiados, temidos, sagrados,
Eu vos saúdo, eu vos saúdo, eu vos saúdo!
Eh-eh-eh-eh eh! Eh eh-eh-eh eh! Eh-eh-eh eh-eh-eh eh!
Eh lahô-lahô laHO-lahá-á-á-à-à!

Quero ir convosco, quero ir convosco,
Ao mesmo tempo com vós todos
Pra toda a parte pr'onde fostes!
Quero encontrar vossos perigos frente a frente,
Sentir na minha cara os ventos que engelharam as vossa
Cuspir dos lábios o sal dos mares que beijaram os vossos
Ter braços na vossa faina, partilhar das vossas tormentas
Chegar como vós, enfim, a extraordinários portos!
Fugir convosco à civilização!
Perder convosco a noção da moral!
Sentir mudar-se no longe a minha humanidade!
Beber convosco em mares do Sul
Novas selvajarias, novas balbúrdias da alma,
Novos fogos centrais no meu vulcânico espírito!
Ir convosco, despir de mim - ah! põe-te daqui pra fora! -
O meu traje de civilizado, a minha brandura de ações,
Meu medo inato das cadeias,
Minha pacífica vida,
A minha vida sentada, estática, regrada e revista!

No mar, no mar, no mar, no mar,
Eh! pôr no mar, ao vento, às vagas,
A minha vida!
Salgar de espuma arremessada pelos ventos
Meu paladar das grandes viagens.
Fustigar de água chicoteante as carnes da minha aventura,
Repassar de frios oceânicos os ossos da minha existência,
Flagelar, cortar, engelhar de ventos, de espumas, de sóis,
Meu ser ciclônico e atlântico,

Meus nervos postos como enxárcias,
Lira nas mãos dos ventos!

Sim, sim, sim... Crucificai-me nas navegações
E as minhas espáduas gozarão a minha cruz!
Atai-me às viagens como a postes
E a sensação dos postes entrará pela minha espinha
E eu passarei a senti-los num vasto espasmo passivo!
Fazei o que quiserdes de mim, logo que seja nos mares,
Sobre conveses, ao som de vagas,
Que me rasgueis, mateis, fira-os!
O que quero é levar pra Morte
Uma alma a transbordar de Mar,
Ébria a cair das coisas marítimas,
Tanto dos marujos como das âncoras, dos cabos,
Tanto das costas longínquas como do ruído dos ventos,
Tanto do Longe como do Cais, tanto dos naufrágios
Como dos tranqüilos comércios,
Tanto dos mastros como das vagas,
Levar pra Morte com dor, voluptuosamente,
Um copo cheio de sanguessugas, a sugar, a sugar,
De estranhas verdes absurdas sanguessugas marítimas!

Façam enxárcias das minhas veias!
Amarras dos meus músculos!
Atranquem-me a pele, preguem-na às quilhas.
E possa eu sentir a dor dos pregos e nunca deixar de sentir!
Façam do meu coração uma flâmula de almirante
Na hora de guerra aos velhos navios!

Calquem aos pés nos conveses meus olhos arrancados!
Quebrem-me os ossos de encontro às amuradas!
Fustiguem-me atado aos mastros, fustiguem-me!
A todos os ventos de todas as latitudes e longitudes
Derramem meu sangue sobre as águas arremessadas
Que atravessam o navio, o tombadilho, de lado a lado,
Nas vascas bravas das tormentas!

Ter a audácia ao vento dos panos das velas!
Ser, como as gáveas altas, o assobio dos ventos!
A velha guitarra do Fado dos mares cheios de perigos,
Canção para os navegadores ouvirem e não repetirem!

Os marinheiros que se sublevaram
Enforcaram o capitão numa verga.
Desembarcaram um outro numa ilha deserta.

Chamando a presa que se avista,
A escuna que vai ser tomada:

Ahó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó - yyyy..
Schooner ahó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó - yyyy...

O mundo inteiro não existe para mim! Ardo vermelho!

Rujo na fúria da abordagem!
Pirata-mór! César-Pirata!
Pilho, mato, esfacelo, rasgo!

Só sinto o mar, a presa, o saque!
Só sinto em mim bater, baterem-me
As veias das minhas fontes!
Escorre sangue quente a minha sensação dos meus olhos!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!

Ah piratas, piratas, piratas!
Piratas, amai-me e odiai-me!
Misturai-me convosco, piratas!

Vossa fúria, vossa crueldade corno falam ao sangue
Dum corpo de mulher que foi meu outrora e cujo cio sobrevive!

Eu queria ser um bicho representativo de todos os vossos gestos,
Um bicho que cravasse dentes nas amuradas, nas quilhas
Que comesse mastros, bebesse sangue e alcatrão nos conveses,
Trincasse velas, remos, cordame e poleame,
Serpente do mar feminina e monstruosa cevando-se nos crimes!

E há uma sinfonia de sensações incompatíveis e análogas,
Há uma orquestrarão no meu sangue de balbúrdias de crimes,
De estrépitos espasmados de orgias de sangue nos mares,
Furibundamente, como um vendaval de calor pelo espírito,
Nuvem de poeira quente anuviando a minha lucidez
E fazendo-me ver e sonhar isto tudo só com a pele e as veias!

Os piratas, a pirataria, os barcos, a hora,
Aquela hora marítima em que as presas são assaltadas,
E o terror dos apresados foge pra loucura - essa hora,
No seu total de crimes, terror, barcos, gente, mar, céu, nuvens,
Brisa, latitude, longitude, vozearia,
Queria eu que fosse em seu Todo meu corpo em seu Todo, sofrendo,

Que fosse meu corpo e meu sangue, compusesse meu ser em vermelho,
Florescesse como uma ferida comichando na carne irreal da minha alma!

Ah, ser tudo nos crimes! ser todos os elementos componentes
Dos assaltos aos barcos e das chacinas e das violações!
Ser quanto foi no lugar dos saques!
Ser quanto viveu ou jazeu no local das tragédias de sangue!
Ser o pirata-resumo de toda a pirataria no seu auge,
E a vítima-síntese, mas de carne e osso, de todos os piratas do mundo!
Ser o meu corpo passivo a mulher-todas-as-mulheres

Que foram violadas, mortas, feridas, rasgadas pelos piratas!
Ser no meu ser subjugado a fêmea que tem de ser deles
E sentir tudo isso -- todas estas coisas numa só vez - pela espinha!

Ó meus peludos e rudes heróis da aventura e do crime!
Minhas marítimas feras, maridos da minha imaginação!
Amantes casuais da obliquidade das minhas sensações!
Queria ser Aquela que vos esperasse nos portos,
A vós, odiados amados do seu sangue de pirata nos sonhos!
Porque ela teria convosco, mas só em espírito, raivado
Sobre os cadáveres nus das vítimas que fazeis no mar!
Porque ela teria acompanhado vosso crime, e na orgia oceânica
Seu espírito de bruxa dançaria invisível em volta dos gestos
Dos vossos corpos, dos vossos cutelos, das vossas mãos estranguladores!
E ela em terra, esperando-vos, quando viésseis, se acaso viésseis,
Iria beber nos rugidos do vosso amor todo o vasto,
Todo o nevoento e sinistro perfume das vossas vitórias,
E através dos vossos espasmos silvaria um sabbat de vermelho e amarelo!

A carne rasgada, a carne aberta e estripada, o sangue correndo!
Agora, no auge conciso de sonhar o que vós fazíeis,
Perco-me todo de mim, já não vos pertença, sou vós,
A minha feminilidade que vos acompanha é ser as vossas almas!
Estar por dentro de toda a vossa ferocidade, quando a praticáveis!
Sugar por dentro a vossa consciência das vossas sensações
Quando tingíeis de sangue os mares altos,
Quando de vez em quando atiráveis aos tubarões
Os corpos vivos ainda dos feridos, a carne rosada das crianças
E leváveis as mães às amuradas para verem o que lhes acontecia!

Estar convosco na carnagem, na pilhagem!
Estar orquestrado convosco na sinfonia dos saques!
Ah, não sei quê, não sei quanto queria eu ser de vós!
Não era só ser-vos a fêmea, ser-vos as fêmeas, ser-vos as vítimas,
Ser-vos as vítimas - homens, mulheres, crianças, navios -,
Não era só ser a hora e os barcos e as ondas,

Não era só ser vossas almas, vossos corpos, vossa fúria, vossa posse,
Não era só ser concretamente vosso ato abstrato de orgia,
Não era só isto que eu queria ser - era mais que isto o Deus-isto!
Era preciso ser Deus, o Deus dum culto ao contrário,
Um Deus monstruoso e satânico, um Deus dum panteísmo de sangue,
Para poder encher toda a medida da minha fúria imaginativa,
Para poder nunca esgotar os meus desejos de identidade
Com o cada, e o tudo, e o mais-que-tudo das vossas vitórias!

Ah, torturai-me para me curardes!

Minha carne - fazei dela o ar que os vossos cutelos atravessam
Antes de caírem sobre as cabeças e os ombros!
Minhas veias sejam os fatos que as facas trespassam!
Minha imaginação o corpo das mulheres que violais!
Minha inteligência o convés onde estais de pé matando!
Minha vida toda, no seu conjunto nervoso, histérico, absurdo,
O grande organismo de que cada ato de pirataria que se cometeu
Fosse uma célula consciente - e todo eu turbilhonasse
Como uma imensa podridão ondeando, e fosse aquilo tudo!

Com tal velocidade desmedida, pavorosa,
A máquina de febre das minhas visões transbordantes
Gira agora que a minha consciência, volante,
E apenas um nevoento círculo assobiando no ar.

Fifteen men on the Dead Man's Chest.
Yo-ho-ho and a bottle of rum!

Eh-lahô-lahô-lahô - lahá-á-ááá - ààà...

Ah! a selvajaria desta selvajaria! Merda
Pra toda a vida como a nossa, que não é nada disto!
Eu pr'aqui engenheiro, pratico à força, sensível a tudo,
Pr'aqui parado, em relação a vós, mesmo quando ando;
Mesmo quando ajo, inerte; mesmo quando me imponho, débil;
Estático, quebrado, dissidente cobarde da vossa Glória,
Da vossa grande dinâmica estridente, quente e sangrenta!

Arre! por não poder agir de acordo com o meu delírio!
Arre! por andar sempre agarrado às saias da civilização!
Por andar com a douceur des moeurs às costas, como um fardo de rendas!
Moços de esquina - todos nós o somos - do humanitarismo moderno!
Estupores de tísicos, de neurastênicos, de linfáticos,
Sem coragem para ser gente com violência e audácia,
Com a alma como uma galinha presa por uma perna!

Ah, os piratas! os piratas!
A ânsia do ilegal unido ao feroz,
A ânsia das coisas absolutamente cruéis e abomináveis,
Que rói como um cio abstrato os nossos corpos franzimos,
Os nossos nervos femininos e delicados,
E põe grandes febres loucas nos nossos olhares vazios!

Obrigai-me a ajoelhar diante de vós!
Humilhai-me e batei-me!
Fazei de mim o vosso escravo e a vossa coisa!

E que o vosso desprezo por mim nunca me abandone,
Ó meus senhores! ó meus senhores!

Tomar sempre gloriosamente a parte submissa
Nos acontecimentos de sangue e nas sensualidades estiradas!
**Desabai sobre mim, como grandes muros pesados,
Ó bárbaros do antigo mar!**
Rasgai-me e feri-me!
De leste a oeste do meu corpo
Riscai de sangue a minha carne!

Beijai com cutelos de bordo e açoites e raiva
O meu alegre terror carnal de vos pertencer.
A minha ânsia masoquista em me dar à vossa fúria,
Em ser objeto inerte e sentiente da vossa omnívora crueldade,
Dominadores, senhores, imperadores, corcéis!
Ah, torturai-me,
Rasgai-me e abri-me!
Desfeito em pedaços conscientes
Entornai-me sobre os conveses,
Espalhai-me nos mares, deixai-me
Nas praias ávidas das ilhas!

Cevai sobre mim todo o meu misticismo de vós!
Cinzelai a sangue a minh'alma
Cortai, riscai!
Ó tatuadores da minha imaginação corpórea!
Esfoladores amados da minha cama submissão!
Submetei-me como quem mata um cão a pontapés!
Fazei de mim o poço para o vosso desprezo de domínio!

Fazei de mim as vossas vítimas todas!
Como Cristo sofreu por todos os homens, quero sofrer
Por todas as vossas vítimas às vossas mãos,

Subitamente abrangendo todo o horizonte marítimo
Úmido e sombrio marulho humano noturno,
Voz de sereia longínqua chorando, chamando,
Vem do fundo do Longe, do fundo do Mar, da alma dos Abismos,
E à tona dele, como algas, bóiam meus sonhos desfeitos...

Ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò - yy...
Schooner a Ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò - yy...

Ah, o orvalho sobre a minha excitação!
O frescor noturno no meu oceano interior!
Eis tudo em mim de repente ante uma noite no mar
Cheia de enorme mistério humaníssimo das ondas noturnas
A lua sobe no horizonte

E a minha infância feliz acorda, como uma lágrima, em mim.
O meu passado ressurge, como se esse grito marítimo
Fosse um aroma, uma voz, o eco duma canção
Que fosse chamar ao meu passado
Por aquela felicidade que nunca mais tornarei a ter.

Era na velha casa sossegada ao pé do rio
(As janelas do meu quarto, e as da casa-de-jantar também,
Davam, por sobre umas casas baixas, para o rio próximo,
Para o Tejo, este mesmo Tejo, mas noutra ponta, mais abaixo
Se eu agora chegasse às mesmas janelas não chegava às mesmas janelas.
Aquele tempo passou como o fumo dum vapor no mar alto...)

Uma inexplicável ternura,
Um remorso comovido e lacrimoso,
Por todas aquelas vítimas - principalmente as crianças -
Que sonhei fazendo ao sonhar-me pirata antigo,
Emoção comovida, porque elas foram minhas vítimas;
Terna e suave, porque não o foram realmente;
Uma ternura confusa, como um vidro embaciado, azulada,
Canta velhas canções na minha pobre alma dolorida.

Ah, como pude eu pensar, sonhar aquelas coisas?
Que longe estou do que fui há uns momentos!
Histeria das sensações - ora estas, ora as opostas!
Na loura manhã que se ergue, como o meu ouvido só escolhe
As cousas de acordo com esta emoção - o marulho das águas.
O marulho leve das águas do rio de encontro ao cais....
A vela passando perto do outro lado do rio,
Os montes longínquos, dum azul japonês,
As casas de Almada,
E o que há de suavidade e de infância na hora matutina!...

Uma gaivota que passa,
E a minha ternura é maior.

Mas todo este tempo não estive a reparar para nada.
Tudo isto foi uma impressão só da pele, com uma carícia
Todo este tempo não tirei os olhos do meu sonho longínquo,
Da minha casa ao pé do rio,
Da minha infância ao pé do rio,
Das janelas do meu quarto dando para o rio de noite,
E a paz do luar esparsa nas águas! ...

Minha velha tia, que me amava por causa do filho que perdeu...,
Minha velha tia costumava adormecer-me cantando-me
(Se bem que eu fosse já crescido demais para isso)...
Lembro-me e as lágrimas caem sobre o meu coração e lavam-no da vida,
E ergue-me uma leve brisa marítima dentro de mim.
As vezes ela cantava a "Nau Catrineta":

Lá vai a Nau Catrineta
Por sobre as águas do mar ...

E outras vezes, numa melodia muito saudosa e tão medieval,
Era a "Bela Infanta"... Relembro, e a pobre velha voz ergue-se dentro de mim
E lembra-me que pouco me lembrei dela depois, e ela amava-me tanto!
Como fui ingrato para ela - e afinal que fiz eu da vida?
Era a "Bela Infanta"... Eu fechava os olhos, e ela cantava:

Estando a Bela Infanta
No seu Jardim assentada...

Eu abria um pouco os olhos e via a janela cheia de luar
E depois fechava os olhos outra vez, e em tudo isto era feliz.

Estando a Bela Infanta
No seu jardim assentada,
Seu pente de ouro na mão,
Seus cabelos penteava

Ó meu passado de infância, boneco que me partiram!
Não poder viajar pra o passado, para aquela casa e aquela afeição,
E ficar lá sempre, sempre criança e sempre contente!

Mas tudo isto foi o Passado, lanterna a uma esquina de rua velha.
Pensar isto faz frio, faz fome duma coisa que se não pode obter.
Dá-me não sei que remorso absurdo pensar nisto.
Oh turbilhão lento de sensações desencontradas!

Vertigem tênue de confusas coisas na alma!
Fúrias partidas, ternuras como carrinhos de linha com que as crianças brincam,
Grandes desabamentos de imaginação sobre os olhos dos sentidos,
Lágrimas, lágrimas inúteis,
Leves brisas de contradição roçando pela face a alma...

Evoco, por um esforço voluntário, para sair desta emoção,
Evoco, com um esforço desesperado, seco, nulo,
A canção do Grande Pirata, quando estava a morrer:

Fifteen men on the Dead Man's Chest.
Yo-ho-ho and a bottle of rum!

Mas a canção é uma linha reta mal traçada dentro de mim...
Esforço-me e consigo chamar outra vez ante os meus olhos na alma,
Outra vez, mas através duma imaginação quase literária,
A fúria da pirataria, da chacina, o apetite, quase do paladar, do saque,
Da chacina inútil de mulheres e de crianças,
Da tortura fútil, e só para nos distrairmos, dos passageiros pobres
E a sensualidade de escangalhar e partir as coisas mais queridas dos outros,
Mas sonho isto tudo com um medo de qualquer coisa a respirar-me sobre a nuca.

Lembro-me de que seria interessante
Enforcar os filhos à vista das mães
(Mas sinto-me sem querer as mães deles),
Enterrar vivas nas ilhas desertas as crianças de quatro anos
Levando os pais em barcos até lá para verem
(Mas estremeço, lembrando-me dum filho que não tenho
e está dormindo tranqüilo em casa).

Aguilhão uma ânsia fria dos crimes marítimos,
Duma inquisição sem a desculpa da Fé,
Crimes nem sequer com razão de ser de maldade e de fúria,
Feitos a frio, nem sequer para ferir, nem sequer para fazer mal,
Nem sequer para nos divertirmos, mas apenas para passar o tempo,
Como quem faz paciências a uma mesa de jantar de província com a toalha
Atirada pra o outro lado da mesa depois de jantar,
Só pelo suave gosto de cometer crimes abomináveis e não os achar grande
coisa,
De ver sofrer até ao ponto da loucura e da morte-pela-dor mas nunca deixar
chegar lá...
Mas a minha imaginação recusa-se a acompanhar-me.
Um calafrio arrepiá-me.
E de repente, mais de repente do que da outra vez, de mais longe, de mais fundo,
De repente - oh pavor por todas as minhas veias! -,

Oh frio repentino da porta para o Mistério
que se abriu dentro de mim e deixou entrar uma corrente de ar!
Lembro-me de Deus, do Transcendental da vida, e de repente
A velha voz do marinheiro inglês Jim Barris com quem eu falava,
Tornada voz das ternuras misteriosas dentro de mim,
das pequenas coisas de regaço de mãe e de fita de cabelo de irmã,
Mas estupendamente vinda de além da aparência das coisas,
A Voz surda e remota tornada A Voz Absoluta, a Voz Sem Boca,
Vinda de sobre e de dentro da solidão noturna dos mares,
Chama por mim, chama por mim, chama por mim ...

Vem surdamente, como se fosse suprimida e se ouvisse,
Longinquamente, como se estivesse soando noutra lugar e aqui não se pudesse
ouvir,
Como um soluço abafado, uma luz que se apaga, um hálito silencioso.
De nenhum lado do espaço, de nenhum local no tempo,
O grito eterno e noturno, o sopro fundo e confuso:

Ah-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô - yyy.....
Ah-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô - yyy.....
Schooner ah-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô - - yy.....

Tremo com frio da alma repassando-me o corpo
E abro de repente os olhos, que não tinha fechado.
Ah, que alegria a de sair dos sonhos de vez!
Eis outra vez o mundo real, tão bondoso para os nervos!
Ei-lo a esta hora matutina em que entram os paquetes que chegam cedo.

Já não me importa o paquete que entrava. Ainda está longe.
Só o que está perto agora me lava a alma.
A minha imaginação higiênica, forte, pratica,
Preocupa-se agora apenas com as coisas modernas e úteis,
Com os navios de carga, com os paquetes e os passageiros,
Com as fortes coisas imediatas, modernas, comerciais, verdadeiras.
Abranda o seu giro dentro de mim o volante.

Maravilhosa vida marítima moderna,
Toda limpeza, máquinas e saúde!
Tudo tão bem arranjado, tão espontaneamente ajustado,
Todas as peças das máquinas, todos os navios pelos mares,
Todos os elementos da atividade comercial de exportação e importação
Tão maravilhosamente combinando-se
Que corre tudo como se fosse por leis naturais,
Nenhuma coisa esbarrando com outra!

Nada perdeu a poesia. E agora há a mais as máquinas
Com a sua poesia também, e todo o novo gênero de vida

Comercial, mundana, intelectual, sentimental,
Que a era das máquinas veio trazer para as almas.
As viagens agora são tão belas como eram dantes
E um navio será sempre belo, só porque é um navio.
Viajar ainda é viajar e o longe está sempre onde estive
Em parte nenhuma, graças a Deus!

Os portos cheios de vapores de muitas espécies!
Pequenos, grandes, de várias cores, com várias disposições de vigias,
De tão deliciosamente tantas companhias de navegação!
Vapores nos portos, tão individuais na separação destacada dos ancoramentos!
Tão prazenteiro o seu garbo quieto de cousas comerciais que andam no mar,
No velho mar sempre o homérico, ó Ulisses!

O olhar humanitário dos faróis na distância da noite,

Ou o súbito farol próximo na noite muito escura
("Que perto da terra que estávamos passando!"
E o som da água canta-nos ao ouvido)! ...

Tudo isto hoje é como sempre foi, mas há o comércio;
E o destino comercial dos grandes vapores
Envaidece-me da minha época!
A mistura de gente a bordo dos navios de passageiros
Dá-me o orgulho moderno de viver numa época onde é tão fácil
Misturarem-se as raças, transporem-se os espaços, ver com facilidade todas as
coisas,
E gozar a vida realizando um grande número de sonhos.

Limpos, regulares, modernos como um escritório com guichets em redes de arame
amarelo!
Meus sentimentos agora, naturais e comedidos como , gentlemen,
São práticos, longe de desvairamentos, enchem de ar marítimo os pulmões,
Como gente perfeitamente consciente de como é higiênico respirar o ar do mar.

O dia é perfeitamente já de horas de trabalho.
Começa tudo a movimentar-se, a regularizar-se.

Com um grande prazer natural e direto percorro a alma
Todas as operações comerciais necessárias a um embarque de mercadorias.
A minha época é o carimbo que levam todas as faturas
E sinto que todas as cartas de todos os escritórios
Deviam ser endereçadas a mim.

Um conhecimento de bordo tem tanta individualidade,
E uma assinatura de comandante de navio é tão bela e moderna!
Rigor comercial do princípio e do fim das cartas:

Dear Sirs - Messieurs - Amigos e Srs.,
Yours faithfully - ...nos salutations empresées...
Tudo isto não é só humano e limpo, mas também belo,
E tem ao fim um destino marítimo, um vapor onde embarquem
As mercadorias de que as cartas e as faturas tratam.

Complexidade da vida! As faturas são feitas por gente
Que tem amores, ódios, paixões políticas, às vezes crimes -
E são tão bem escritas, tão alinhadas, tão independentes de tudo isso!
Há quem olhe para uma fatura e não sinta isto.
Com certeza que tu, Cesário Verde, o sentias.
Eu é até às lágrimas que o sinto humanissimamente.
Venham dizer-me que não há poesia no comércio, nos escritórios!
Ora, ela entra por todos os poros... Neste ar marítimo respiro-a,
Por tudo isto vem a propósito dos vapores, da navegação moderna,
Porque as faturas e as cartas comerciais são o princípio da história

E os navios que levam as mercadorias pelo mar eterno são o fim.

Ah, e as viagens, as viagens de recreio, e as outras,
As viagens por mar, onde todos somos companheiros dos outros
Duma maneira especial, como se um mistério marítimo
Nos aproximasse as almas e nos tornasse um momento
Patriotas transitórios duma mesma pátria incerta,
Eternamente deslocando-se sobre a imensidade das águas,
Grandes hotéis do Infinito, oh transatlânticos meus!
Com o cosmopolitismo perfeito e total de nunca pararem num ponto
E conterem todas as espécies de trajas, de caras, de raças!

As viagens, os viajantes - tantas espécies deles!
Tanta nacionalidade sobre o mundo! tanta profissão! tanta gente!
Tanto destino diverso que se pode dar à vida,
À vida, afinal, no fundo sempre, sempre a mesma!
Tantas caras curiosas! Todas as caras são curiosas
E nada traz tanta religiosidade como olhar muito para gente.
A fraternidade afinal não é uma idéia revolucionária.
É uma coisa que a gente aprende pela vida fora, onde tem que tolerar tudo,
E passa a achar graça ao que tem que tolerar,
E acaba quase a chorar de ternura sobre o que tolerou!

Ah, tudo isto é belo, tudo isto é humano e anda ligado
Aos sentimentos humanos, tão conviventes e burgueses.
Tão complicadamente simples, tão metafisicamente tristes!
A vida flutuante, diversa, acaba por nos educar no humano.
Pobre gente! pobre gente toda a gente!

Despeço-me desta hora no corpo deste outro navio
Que vai agora saindo. É um tramp-steamer inglês,
Muito sujo, como se fosse um navio francês,
Com um ar simpático de proletário dos mares,
E sem dúvida anunciado ontem na última página das gazetas.

Enternece-me o pobre vapor, tão humilde vai ele e tão natural.
Parece ter um certo escrúpulo não sei em quê, ser pessoa honesta,
Cumpridora duma qualquer espécie de deveres.
Lá vai ele deixando o lugar defronte do cais onde estou.
Lá vai ele tranqüilamente, passando por onde as naus estiveram
Outrora, outrora...
Para Cardiff? Para Liverpool? Para Londres? Não tem importância.
Ele faz o seu dever. Assim façamos nós o nosso. Bela vida!
Boa viagem! Boa viagem!
Boa viagem, meu pobre amigo casual, que me fizeste o favor
De levar contigo a febre e a tristeza dos meus sonhos,

E restituir-me à vida para olhar para ti e te ver passar.
Boa viagem! Boa viagem! A vida é isto...

Que aprumo tão natural, tão inevitavelmente matutino
Na tua saída do porto de Lisboa, hoje!
Tenho-te uma afeição curiosa e grata por isso...

Por isso quê? Sei lá o que é!... Vai... Passa...
Com um ligeiro estremeamento,
(T-t-t --- r ---- t----- r ...)
O volante dentro de mim pára.

Passa, lento vapor, passa e não fiques...
Passa de mim, passa da minha vista,
Vai-te de dentro do meu coração,
Perde-te no Longe, no Longe, bruma de Deus,
Perde-te, segue o teu destino e deixa-me...
Eu quem sou para que chore e interrogue?
Eu quem sou para que te fale e te ame?
Eu quem sou para que me perturbe ver-te?
Larga do cais, cresce o sol, ergue-se ouro,
Luzem os telhados dos edifícios do cais,
Todo o lado de cá da cidade brilha...
Parte, deixa-me, torna-te
Primeiro o navio a meio do rio, destacado e nítido,
Depois o navio a caminho da barra, pequeno e preto
Depois ponto vago no horizonte (ó minha angústia!),
Ponto cada vez mais vago no horizonte....

Nada depois, e só eu e a minha tristeza,
E a grande cidade agora cheia de sol
E a hora real e nua como um cais já sem navios,
E o giro lento do guindaste que, como um compasso que gira,
Traça um semicírculo de não sei que emoção
No silêncio comovido da minh'alma...

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 314-335, 2004.

Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/facam04.html> acesso em 03/05/05

Fernando Pessoa

A QUEDA

Da minha idéia do mundo

Caí...

Vácuo além de profundo,

Sem ter Eu nem Ali...

Vácuo sem si-próprio, caos

De ser pensado como ser...

Escada absoluta sem degraus...

Visão que se não pode ver...

Além-Deus! Além-Deus! Negra calma...

Clarão de Desconhecido...

Tudo tem outro sentido, ó alma,

Mesmo o ter-um-sentido...

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 112-113, 2004.

Fernando Pessoa Passos da Cruz

Há um poeta em mim que Deus me disse

II

Há um poeta em mim que Deus me disse...
A Primavera esquece nos barrancos
As grinaldas que trouxe dos arrancos
Da sua efêmera e espectral ledice...

Pelo prado orvalhado a meninice
Faz soar a alegria os seus tamancos...
Pobre de anseios teu ficar nos bancos
Olhando a hora como quem sorrisse...

Florir do dia a capitéis de Luz...
Violinos do silêncio enternecidos...
Tédio onde o só ter tédio nos seduz...

**Minha alma beija o quadro que pintou...
Sento-me ao pé dos séculos perdidos
E cismo o seu perfil de inércia e vôo...**

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 124, 2004.

Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/fpessoa03.html> acesso em 04/05/05

Álvaro de Campos Passagem das Horas 22/05/1916

Trago dentro do meu coração,
Como num cofre que se não pode fechar de cheio,
Todos os lugares onde estive,
Todos os portos a que cheguei,
Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias

Ou de tombadilhos, sonhando,
E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero.

A entrada de Singapura, manhã subindo, cor verde,
O coral das Maldivas em passagem cálida,
Macau à uma hora da noite... Acordo de repente
Yat-iô--ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô ... Ghi-...
E aquilo soa-me do fundo de uma outra realidade
A estatura norte-africana quase de Zanzibar ao sol
Dar-es-Salaam (a saída é difícil)...
Majunga, Nossi-Bé, verduras de Madagascar...
Tempestades em torno ao Guardaful...
E o Cabo da Boa Esperança nítido ao sol da madrugada...
E a Cidade do Cabo com a Montanha da Mesa ao fundo...

Viajei por mais terras do que aquelas em que toquei...
Vi mais paisagens do que aquelas em que pus os olhos...
Experimentei mais sensações do que todas as sensações que senti,
Porque, por mais que sentisse, sempre me faltou que sentir
E a vida sempre me doeu, sempre foi pouco, e eu infeliz.

A certos momentos do dia recordo tudo isto e apavoro-me,
Penso em que é que me ficará desta vida aos bocados, deste auge,
Desta estrada às curvas, deste automóvel à beira da estrada, deste aviso,
Desta turbulência tranqüila de sensações desconstruídas,
Desta transfusão, desta insubsistência, desta convergência iriada,
Deste desassossego no fundo de todos os cálices,
Desta angústia no fundo de todos os prazeres,
Desta saciedade antecipada na asa de todas as chávénas,
Deste jogo de cartas fastiento entre o Cabo da Boa Esperança e as Canárias.

Não sei se a vida é pouco ou demais para mim.
Não sei se sinto de mais ou de menos, não sei
Se me falta escrúpulo espiritual, ponto-de-apoio na inteligência,
Consangüinidade com o mistério das coisas, choque
Aos contatos, sangue sob golpes, estremeção aos ruídos,
Ou se há outra significação para isto mais cômoda e feliz.

Seja o que for, era melhor não ter nascido,
Porque, de tão interessante que é a todos os momentos,
A vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger,
A dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no chão, de sair
Para fora de todas as casas, de todas as lógicas e de todas as sacadas,
E ir ser selvagem para a morte entre árvores e esquecimentos,
Entre tombos, e perigos e ausência de amanhãs,
E tudo isto devia ser qualquer outra coisa mais parecida com o que eu penso,

Com o que eu penso ou sinto, que eu nem sei qual é, ó vida.

Cruzo os braços sobre a mesa, ponho a cabeça sobre os braços,
É preciso querer chorar, mas não sei ir buscar as lágrimas...
Por mais que me esforce por ter uma grande pena de mim, não choro,
Tenho a alma rachada sob o indicador curvo que lhe toca...
Que há de ser de mim? Que há de ser de mim?

Correram o bobo a chicote do palácio, sem razão,
Fizeram o mendigo levantar-se do degrau onde caíra.
Bateram na criança abandonada e tiraram-lhe o pão das mãos.
Oh mágoa imensa do mundo, o que falta é agir...
Tão decadente, tão decadente, tão decadente...
Só estou bem quando ouço música, e nem então.
Jardins do século dezoito antes de 89,
Onde estais vós, que eu quero chorar de qualquer maneira?

Como um bálsamo que não consola senão pela idéia de que é um bálsamo,
A tarde de hoje e de todos os dias pouco a pouco, monótona, cai.

Acenderam as luzes, cai a noite, a vida substitui-se.
Seja de que maneira for, é preciso continuar a viver.
Arde-me a alma como se fosse uma mão, fisicamente.
Estou no caminho de todos e esbarram comigo.
Minha quinta na província,
Haver menos que um comboio, uma diligência e a decisão de partir entre mim e
ti.
Assim fico, fico... Eu sou o que sempre quer partir,
E fica sempre, fica sempre, fica sempre,
Até à morte fica, mesmo que parta, fica, fica, fica...

Torna-me humano, ó noite, torna-me fraterno e solícito.
Só humanitariamente é que se pode viver.
Só amando os homens, as ações, a banalidade dos trabalhos,
Só assim - ai de mim! -, só assim se pode viver.
Só assim, o noite, e eu nunca poderei ser assim!

Vi todas as coisas, e maravilhei-me de tudo,
Mas tudo ou sobrou ou foi pouco - não sei qual - e eu sofri.
Vivi todas as emoções, todos os pensamentos, todos os gestos,
E fiquei tão triste como se tivesse querido vivê-los e não conseguisse.
Amei e odiei como toda gente,
Mas para toda a gente isso foi normal e instintivo,
E para mim foi sempre a exceção, o choque, a válvula, o espasmo.

Vem, ó noite, e apaga-me, vem e afoga-me em ti.
Ó carinhosa do Além, senhora do luto infinito,

Mágoa externa na Terra, choro silencioso do Mundo.
Mãe suave e antiga das emoções sem gesto,
Irmã mais velha, virgem e triste, das idéias sem nexos,
Noiva esperando sempre os nossos propósitos incompletos,
A direção constantemente abandonada do nosso destino,
A nossa incerteza pagã sem alegria,
A nossa fraqueza cristã sem fé,
O nosso budismo inerte, sem amor pelas coisas nem êxtases,
A nossa febre, a nossa palidez, a nossa impaciência de fracasso,
A nossa vida, o mãe, a nossa perdida vida...

Não sei sentir, não sei ser humano, conviver
De dentro da alma triste com os homens meus irmãos na terra.
Não sei ser útil mesmo sentindo, ser prático, ser cotidiano, nítido,
Ter um lugar na vida, ter um destino entre os homens,
Ter uma obra, uma força, uma vontade, uma horta,
Unia razão para descansar, uma necessidade de me distrair,
Uma coisa vinda diretamente da natureza para mim.

Por isso sê para mim materna, ó noite tranqüila...
Tu, que tiras o mundo ao mundo, tu que és a paz,
Tu que não existes, que és só a ausência da luz,
Tu que não és uma coisa, rim lugar, uma essência, uma vida,
Penélope da teia, amanhã desfeita, da tua escuridão,
Circe irreal dos febris, dos angustiados sem causa,
Vem para mim, ó noite, estende para mim as mãos,
E sê frescor e alívio, o noite, sobre a minha frente...

Tu, cuja vinda é tão suave que parece um afastamento,
Cujo fluxo e refluxo de treva, quando a lua bafeja,
Tem ondas de carinho morto, frio de mares de sonho,
Brisas de paisagens supostas para a nossa angústia excessiva...
Tu, palidamente, tu, flébil, tu, liquidamente,
Aroma de morte entre flores, hálito de febre sobre margens,
Tu, rainha, tu, castelã, tu, dona pálida, vem...

Sentir tudo de todas as maneiras,
Viver tudo de todos os lados,
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo,
Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos
Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo.

Eu quero ser sempre aquilo com quem simpatizo,
Eu torno-me sempre, mais tarde ou mais cedo,
Aquilo com quem simpatizo, seja uma pedra ou uma ânsia,
Seja uma flor ou uma idéia abstrata,

Seja uma multidão ou um modo de compreender Deus.

E eu simpatizo com tudo, vivo de tudo em tudo.
São-me simpáticos os homens superiores porque são superiores,
E são-me simpáticos os homens inferiores porque são superiores também,
Porque ser inferior é diferente de ser superior,
E por isso é uma superioridade a certos momentos de visão.
Simpatizo com alguns homens pelas suas qualidades de caráter,
E simpatizo com outros pela sua falta dessas qualidades,
E com outros ainda simpatizo por simpatizar com eles,
E há momentos absolutamente orgânicos em que esses são todos os homens.
Sim, como sou rei absoluto na minha simpatia,
Basta que ela exista para que tenha razão de ser.
Estreito ao meu peito arfante, num abraço comovido,
(No mesmo abraço comovido)
O homem que dá a camisa ao pobre que desconhece,
O soldado que morre pela pátria sem saber o que é pátria,
E o matricida, o fratricida, o incestuoso, o violador de crianças,
O ladrão de estradas, o salteador dos mares,
O gatuno de carteiras, a sombra que espera nas vielas —
Todos são a minha amante predileta pelo menos um momento na vida.

Beijo na boca todas as prostitutas,
Beijo sobre os olhos todos os souteneurs,
A minha passividade jaz aos pés de todos os assassinos
E a minha capa à espanhola esconde a retirada a todos os ladrões.
Tudo é a razão de ser da minha vida.

Cometi todos os crimes,

Vivi dentro de todos os crimes

(Eu próprio fui, não um nem o outro no vício,
Mas o próprio vício-pessoa praticado entre eles,
E dessas são as horas mais arco-de-triunfo da minha vida).

Multipliquei-me, para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,
Despi-me, entreguei-me,
E há em cada canto da minha alma um altar a um deus diferente.

Os braços de todos os atletas apertaram-me subitamente feminino,
E eu só de pensar nisso desmaiei entre músculos supostos.

Foram dados na minha boca os beijos de todos os encontros,
Acenaram no meu coração os lenços de todas as despedidas,
Todos os chamamentos obscenos de gesto e olhares

Batem-me em cheio em todo o corpo com sede nos centros sexuais.
Fui todos os ascetas, todos os postos-de-parte, todos os como que esquecidos,

E todos os pederastas - absolutamente todos (não faltou nenhum).
Rendez-vous a vermelho e negro no fundo-inferno da minha alma!

(Freddie, eu chamava-te Baby, porque tu eras louro, branco e eu amava-te,
Quantas imperatrizes por reinar e princesas destronadas tu foste para mim!)
Mary, com quem eu lia Burns em dias tristes como sentir-se viver,
Mary, mal tu sabes quantos casais honestos, quantas famílias felizes,
Viveram em ti os meus olhos e o meu braço cingido e a minha consciência
incerta,

A sua vida pacata, as suas casas suburbanas com jardim,
Os seus half-holidays inesperados...

Mary, eu sou infeliz...

Freddie, eu sou infeliz...

Oh, vós todos, todos vós, casuais, demorados,

Quantas vezes tereis pensado em pensar em mim, sem que o fósseis,

Ah, quão pouco eu fui no que sois, quão pouco, quão pouco —

Sim, e o que tenho eu sido, o meu subjetivo universo,

Ó meu sol, meu luar, minhas estrelas, meu momento,

Ó parte externa de mim perdida em labirintos de Deus!

Passa tudo, todas as coisas num desfile por mim dentro,
E todas as cidades do mundo, rumorejam-se dentro de mim ...

Meu coração tribunal, meu coração mercado,

Meu coração sala da Bolsa, meu coração balcão de Banco,

Meu coração rendez-vous de toda a humanidade,

Meu coração banco de jardim público, hospedaria,

Estalagem, calabouço número qualquer coisa

(Aqui esteve el Manolo en vísperas de ir al patíbulo)

Meu coração clube, sala, platéia, capacho, guichet, portaló,

Ponte, cancela, excursão, marcha, viagem, leilão, feira, arraial,

Meu coração postigo,

Meu coração encomenda,

Meu coração carta, bagagem, satisfação, entrega,

Meu coração a margem, o lirrite, a súmula, o índice,

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, bazar o meu coração.

Todos os amantes beijaram-se na minh'alma,

Todos os vadios dormiram um momento em cima de mim,

Todos os desprezados encostaram-se um momento ao meu ombro,

Atravessaram a rua, ao meu braço, todos os velhos e os doentes,

E houve um segredo que me disseram todos os assassinos.

(Aquela cujo sorriso sugere a paz que eu não tenho,

Em cujo baixar-de-olhos há uma paisagem da Holanda,

Com as cabeças femininas coiffées de lin
E todo o esforço quotidiano de um povo pacífico e limpo...
Aquele que é o anel deixado em cima da cômoda,

E a fita entalada com o fechar da gaveta,
Fita cor-de-rosa, não gosto da cor mas da fita entalada,
Assim como não gosto da vida, mas gosto de senti-la ...

Dormir como um cão corrido no caminho, ao sol,
Definitivamente para todo o resto do Universo,
E que os carros me passem por cima.)

Fui para a cama com todos os sentimentos,
Fui souteneur de todas ás emoções,
Pagaram-me bebidas todos os acasos das sensações,
Troquei olhares com todos os motivos de agir,
Estive mão em mão com todos os impulsos para partir,
Febre imensa das horas!
Angústia da forja das emoções!

Raiva, espuma, a imensidão que não cabe no meu lenço,
A cadela a uivar de noite,
O tanque da quinta a passear à roda da minha insônia,
O bosque como foi à tarde, quando lá passeamos, a rosa,
A madeixa indiferente, o musgo, os pinheiros,
Toda a raiva de não conter isto tudo, de não deter isto tudo,
Ó fome abstrata das coisas, cio impotente dos momentos,
Orgia intelectual de sentir a vida!

Obter tudo por suficiência divina —
As vésperas, os consentimentos, os avisos,
As cousas belas da vida —
O talento, a virtude, a impunidade,
A tendência para acompanhar os outros a casa,
A situação de passageiro,
A conveniência em embarcar já para ter lugar,
E falta sempre uma coisa, um copo, uma brisa, urna frase,
E a vida dói quanto mais se goza e quanto mais se inventa.

Poder rir, rir, rir despejadamente,
Rir como um copo entornado,
Absolutamente doido só por sentir,
Absolutamente roto por me roçar contra as coisas,
Ferido na boca por morder coisas,
Com as unhas em sangue por me agarrar a coisas,
E depois dêem-me a cela que quiserem que eu me lembrarei da vida.

Sentir tudo de todas as maneiras,
Ter todas as opiniões,
Ser sincero contradizendo-se a cada minuto,
Desagradar a si próprio pela plena liberalidade de espírito,

E amar as coisas como Deus.

Eu, que sou mais irmão de uma árvore que de um operário,
Eu, que sinto mais a dor suposta do mar ao bater na praia
Que a dor real das crianças em quem batem
(Ah, como isto deve ser falso, pobres crianças em quem batem —
E por que é que as minhas sensações se revezam tão depressa?)
Eu, enfim, que sou um diálogo contínuo,
Um falar-alto incompreensível, alta-noite na torre,
Quando os sinos oscilam vagamente sem que mão lhes toque
E faz pena saber que há vida que viver amanhã.
Eu, enfim, literalmente eu,
E eu metaforicamente também,
Eu, o poeta sensacionista, enviado do Acaso
As leis irrepreensíveis da Vida,
Eu, o fumador de cigarros por profissão adequada,
O indivíduo que fuma ópio, que toma absinto, mas que, enfim,
Prefere pensar em fumar ópio a fumá-lo
E acha mais seu olhar para o absinto a beber que bebê-lo...
Eu, este degenerado superior sem arquivos na alma,
Sem personalidade com valor declarado,
Eu, o investigador solene das coisas fúteis,
Que era capaz de ir viver na Sibéria só por embirrar com isso,
E que acho que não faz mal não ligar importância à pátria
Porque não tenho raiz, como uma árvore, e portanto não tenho raiz...
Eu, que tantas vezes me sinto tão real como uma metáfora,

Como uma frase escrita por um doente no livro da rapariga que encontrou no terraço,
Ou uma partida de xadrez no convés dum transatlântico,
Eu, a ama que empurra os perambulators em todos os jardins públicos,
Eu, o polícia que a olha, parado para trás na álea,
Eu, a criança no carro, que acena à sua inconsciência lúcida com um coral com guizos.
Eu, a paisagem por detrás disto tudo, a paz cidadina
Coada através das árvores do jardim público,
Eu, o que os espera a todos em casa,
Eu, o que eles encontram na rua,
Eu, o que eles não sabem de si próprios,
Eu, aquela coisa em que estás pensando e te marca esse sorriso,
Eu, o contraditório, o fictício, o aranzel, a espuma,

O cartaz posto agora, as ancas da francesa, o olhar do padre,
O largo onde se encontram as suas ruas e os chauffeurs dormem contra os
carros,
A cicatriz do sargento mal encarado,
O sebo na gola do explicador doente que volta para casa,
A chávena que era por onde o pequenito que morreu bebia sempre,

E tem uma falha na asa (e tudo isto cabe num coração de mãe e enche-o)...
Eu, o ditado de francês da pequenita que mexe nas ligas,
Eu, os pés que se tocam por baixo do bridge sob o lustre,
Eu, a carta escondida, o calor do lenço, a sacada com a janela entreaberta,
O portão de serviço onde a criada fala com os desejos do primo,
O sacana do José que prometeu vir e não veio
E a gente tinha uma partida para lhe fazer...
Eu, tudo isto, e além disto o resto do mundo...
Tanta coisa, as portas que se abrem, e a razão por que elas se abrem,
E as coisas que já fizeram as mãos que abrem as portas...
Eu, a infelicidade-nata de todas as expressões,
A impossibilidade de exprimir todos os sentimentos,
Sem que haja uma lápida no cemitério para o irmão de tudo isto,
E o que parece não querer dizer nada sempre quer dizer qualquer coisa...
Sim, eu, o engenheiro naval que sou supersticioso como uma camponesa
madrinha,
E uso monóculo para não parecer igual à idéia real que faço de mim,
Que levo às vezes três horas a vestir-me e nem por isso acho isso natural,
Mas acho-o metafísico e se me batem à porta zango-me,
Não tanto por me interromperem a gravata como por ficar sabendo que há a
vida...
Sim, enfim, eu o destinatário das cartas lacradas,
O baú das iniciais gastas,
A entonação das vozes que nunca ouviremos mais -
Deus guarda isso tudo no Mistério, e às vezes sentimo-lo
E a vida pesa de repente e faz muito frio mais perto que o corpo.
A Brígida prima da minha tia,
O general em que elas falavam - general quando elas eram pequenas,
E a vida era guerra civil a todas as esquinas...
Vive le mélodrame où Margot a pleuré!
Caem as folhas secas no chão irregularmente,
Mas o fato é que sempre é outono no outono,
E o inverno vem depois fatalmente,
há só um caminho para a vida, que é a vida...

Esse velho insignificante, mas que ainda conheceu os românticos,
Esse opúsculo político do tempo das revoluções constitucionais,
E a dor que tudo isso deixa, sem que se saiba a razão
Nem haja para chorar tudo mais razão que senti-lo.

Viro todos os dias todas as esquinas de todas as ruas,
E sempre que estou pensando numa coisa, estou pensando noutra.
Não me subordino senão por atavismo,
E há sempre razões para emigrar para quem não está de cama.

Das terrasses de todos os cafés de todas as cidades
Acessíveis à imaginação
Reparo para a vida que passa, sigo-a sem me mexer,

Pertenço-lhe sem tirar um gesto da algibeira,
Nem tomar nota do que vi para depois fingir que o vi.

No automóvel amarelo a mulher definitiva de alguém passa,
Vou ao lado dela sem ela saber.
No trottoir imediato eles encontram-se por um acaso combinado,
Mas antes de o encontro deles lá estar já eu estava com eles lá.
Não há maneira de se esquivarem a encontrar-me,
Não há modo de eu não estar em toda a parte.
O meu privilégio é tudo
(Brevetée, Sans Garantie de Dieu, a minh'Alma).

Assisto a tudo e definitivamente.
Não há jóia para mulher que não seja comprada por mim e para mim,
Não há intenção de estar esperando que não seja minha de qualquer maneira,
Não há resultado de conversa que não seja meu por acaso,
Não há toque de sino em Lisboa há trinta anos, noite de S. Carlos há cinqüenta
Que não seja para mim por uma galantaria deposta.

Fui educado pela Imaginação,
Viajei pela mão dela sempre,
Amei, odiei, falei, pensei sempre por isso,
E todos os dias têm essa janela por diante,
E todas as horas parecem minhas dessa maneira.

Cavalgada explosiva, explodida, como uma bomba que rebenta,
Cavalgada rebentando para todos os lados ao mesmo tempo,
Cavalgada por cima do espaço, salto por cima do tempo,
Galga, cavalo eléctron-íon, sistema solar resumido
Por dentro da ação dos êmbolos, por fora do giro dos volantes.
Dentro dos êmbolos, tornado velocidade abstrata e louca,
Ajo a ferro e velocidade, vaivém, loucura, raiva contida,
Atado ao rasto de todos os volantes giro assombrosas horas,
E todo o universo range, estraleja e estropia-se em mim.

Ho-ho-ho-ho-ho!...
Cada vez mais depressa, cada vez mais com o espírito adiante do corpo
Adiante da própria idéia veloz do corpo projetado,

Com o espírito atrás adiante do corpo, sombra, chispa,
He-la-ho-ho ... Helahoho ...

Toda a energia é a mesma e toda a natureza é o mesmo...
A seiva da seiva das árvores é a mesma energia que mexe
As rodas da locomotiva, as rodas do elétrico, os volantes dos Diesel,
E um carro puxado a mulas ou a gasolina é puxado pela mesma coisa.

Raiva panteísta de sentir em mim formidantemente,
Com todos os meus sentidos em ebulição, com todos os meus poros em fumo,
Que tudo é uma só velocidade, uma só energia, uma só divina linha
De si para si, parada a ciclar violências de velocidade louca...
Ho ----

Ave, salve, viva a unidade veloz de tudo!
Ave, salve, viva a igualdade de tudo em seta!
Ave, salve, viva a grande máquina universo!
Ave, que sois o mesmo, árvores, máquinas, leis!
Ave, que sois o mesmo, vermes, êmbolos, idéias abstratas,
A mesma seiva vos enche, a mesma seiva vos torna,
A mesma coisa sois, e o resto é por fora e falso,
O resto, o estático resto que fica nos olhos que param,
Mas não nos meus nervos motor de explosão a óleos pesados ou leves,
Não nos meus nervos todas as máquinas, todos os sistemas de engrenagem,
Nos meus nervos locomotiva, carro elétrico, automóvel, debulhadora a vapor

Nos meus nervos máquina marítima, Diesel, semi-Diesel, Campbell,

Nos meus nervos instalação absoluta a vapor, a gás, a óleo e a eletricidade,
Máquina universal movida por correias de todos os momentos!

Todas as madrugadas são a madrugada e a vida.
Todas as auroras raíam no mesmo lugar:
Infinito...
Todas as alegrias de ave vêm da mesma garganta,
Todos os estremecimentos de folhas são da mesma árvore,
E todos os que se levantam cedo para ir trabalhar
Vão da mesma casa para a mesma fábrica por o mesmo caminho...

Rola, bola grande, formigueiro de consciências, terra,
Rola, aureada, entardecida, a prumo sob sóis, noturna,
Rola no espaço abstrato, na noite mal iluminada realmente
Rola ...

Sinto na minha cabeça a velocidade de giro da terra,
E todos os países e todas as pessoas giram dentro de mim,
Centrífuga ânsia, raiva de ir por os ares até aos astros
Bate pancadas de encontro ao interior do meu crânio,
Põe-me alfinetes vendados por toda a consciência do meu corpo,
Faz-me levantar-me mil vezes e dirigir-me para Abstrato,
Para inencontrável, Ali sem restrições nenhuma,
A Meta invisível — todos os pontos onde eu não estou — e ao mesmo tempo ...

Ah, não estar parado nem a andar,
Não estar deitado nem de pé,
Nem acordado nem a dormir,
Nem aqui nem noutro ponto qualquer,
Resol,,er a equação desta inquietação prolixa,
Saber onde estar para poder estar em toda a parte,
Saber onde deitar-me para estar passeando por todas as ruas ...

Ho-ho-ho-ho-ho-ho-ho

Cavalgada alada de mim por cima de todas as coisas,
Cavalgada estalada de mim por baixo de todas as coisas,
Cavalgada alada e estalada de mim por causa de todas as coisas ...

Hup-la por cima das árvores, hup-la por baixo dos tanques,
Hup-la contra as paredes, hup-la raspando nos troncos,
Hup-la no ar, hup-la no vento, hup-la, hup-la nas praias,
Numa velocidade crescente, insistente, violenta,
Hup-la hup-la hup-la hup-la ...

Cavalgada panteísta de mim por dentro de todas as coisas,
Cavalgada energética por dentro de todas as energias,
Cavalgada de mim por dentro do carvão que se queima, da lâmpada que arde,
Clarim claro da manhã ao fundo
Do semicírculo frio do horizonte,
Tênuo clarim longínquo como bandeiras incertas
Desfraldadas para além de onde as cores são visíveis ...

Clarim trêmulo, poeira parada, onde a noite cessa,
Poeira de ouro parada no fundo da visibilidade ...

Carro que chia limpidamente, vapor que apita,
Guindaste que começa a girar no meu ouvido,
Tosse seca, nova do que sai de casa,
Leve arrepio matutino na alegria de viver,
Gargalhada súbita velada pela bruma exterior não sei como,
Costureira fadada para pior que a manhã que sente,
Operário tísico desfeito para feliz nesta hora

Inevitavelmente vital,
Em que o relevo das coisas é suave, certo e simpático,
Em que os muros são frescos ao contacto da mão, e as casas
Abrem aqui e ali os olhos cortinados a branco...

Toda a madrugada é uma colina que oscila,

.....
... e caminha tudo

Para a hora cheia de luz em que as lojas baixam as pálpebras
E rumor tráfego carroça comboio eu sinto sol estruge

Vertigem do meio-dia emoldurada a vertigens —
Sol dos vértices e nos... da minha visão estriada,
Do rodopio parado da minha retentiva seca,
Do abrumado clarão fixo da minha consciência de viver.

Rumor tráfego carroça comboio carros eu sinto sol rua,
Aros caixotes trolley loja rua vitrines saia olhos
Rapidamente calhas carroças caixotes rua atravessar rua
Passeio lojistas "perdão" rua
Rua a passear por mim a passear pela rua por mim
Tudo espelhos as lojas de cá dentro das lojas de lá
A velocidade dos carros ao contrário nos espelhos oblíquos das montras,
O chão no ar o sol por baixo dos pés rua regas flores no cesto rua
O meu passado rua estremece camion rua não me recordo rua

Eu de cabeça pra baixo no centro da minha consciência de mim
Rua sem poder encontrar uma sensação só de cada vez rua
Rua pra trás e pra diante debaixo dos meus pés
Rua em X em Y em Z por dentro dos meus braços
Rua pelo meu monóculo em círculos de cinematógrafo pequeno,
Caleidoscópio em curvas iriadas nítidas rua.
Bebedeira da rua e de sentir ver ouvir tudo ao mesmo tempo.
Bater das fontes de estar vindo para cá ao mesmo tempo que vou para lá.
Comboio parte-te de encontro ao resguardo da linha de desvio!
Vapor navega direito ao cais e racha-te contra ele!
Automóvel guiado pela loucura de todo o universo precipita-te
Por todos os precipícios abaixo
E choca-te, trz!, esfrangalha-te no fundo do meu coração!

À *moi*, todos os objetos projéteis!
À *moi*, todos os objetos direções!
À *moi*, todos os objetos invisíveis de velozes!
Batam-me, trespassem-me, ultrapassem-me!
Sou eu que me bato, que me trespasso, que me ultrapasso!

A raiva de todos os ímpetos fecha em círculo-mim!

Hela-hoho comboio, automóvel, avião minhas ânsias,
Velocidade entra por todas as idéias dentro,
Choca de encontro a todos os sonhos e parte-os,
Chamusca todos os ideais humanitários e úteis,
Atropela todos os sentimentos normais, decentes, concordantes,
Colhe no giro do teu volante vertiginoso e pesado
Os corpos de todas as filosofias, os tropos de todos os poemas,
Esfrangalha-os e fica só tu, volante abstrato nos ares,
Senhor supremo da hora européia, metálico a cio.

Vamos, que a cavalgada não tenha fim nem em Deus!

.....
.....

Dói-me a imaginação não sei como, mas é ela que dói,
Declina dentro de mim o sol no alto do céu.
Começa a tender a entardecer no azul e nos meus nervos.
Vamos ó cavalgada, quem mais me consegues tornar?
Eu que, veloz, voraz, comilão da energia abstrata,
Queria comer, beber, esfolar e arranhar o mundo,
Eu, que só me contentaria com calcar o universo aos pés,
Calcar, calcar, calcar até não sentir.
Eu, sinto que ficou fora do que imaginei tudo o que quis,
Que embora eu quisesse tudo, tudo me faltou.

Cavalgada desmantelada por cima de todos os cimos,
Cavalgada desarticulada por baixo de todos os poços,
Cavalgada vôo, cavalgada seta, cavalgada pensamento-relâmpago,
Cavalgada eu, cavalgada eu, cavalgada o universo — eu.
Helahoho-o-o-o-o-o-o ...

Meu ser elástico, mola, agulha, trepidação ...

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 341-354, 2004.

Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/facam07.html> acesso em 03/05/05

Fernando Pessoa
Hora Absurda

04/07/1913

O teu silêncio é uma nau com todas as velas pandas...
Brandas, as brisas brincam nas flâmulas, teu sorriso...
E o teu sorriso no teu silêncio é as escadas e as andas
Com que me finjo mais alto e ao pé de qualquer paraíso...

Meu coração é uma ânfora que cai e que se parte...
O teu silêncio recolhe-o e guarda-o, partido, a um canto...
Minha idéia de ti é um cadáver que o mar traz à praia..., e entanto
Tu és a tela irreal em que erro em cor a minha arte...

Abre todas as portas e que o vento varra a idéia
Que temos de que um fumo perfuma de ócio os salões...
Minha alma é uma caverna enchida p'la maré cheia,
E a minha idéia de te sonhar uma caravana de histriões...

Chove ouro baço, mas não no lá-fora... É em mim... Sou a Hora,
E a Hora é de assombros e toda ela escombros dela...
Na minha atenção há uma viúva pobre que nunca chora...
No meu céu interior nunca houve uma única estrela...

Hoje o céu é pesado como a idéia de nunca chegar a um porto...
A chuva miúda é vazia... A Hora sabe a ter sido...
Não haver qualquer cousa como leitões para as naus!... Absorto
Em se alhear de si, teu olhar é uma praga sem sentido...

Todas as minhas horas são feitas de jaspe negro,
Minhas ânsias todas talhadas num mármore que não há,
Não é alegria nem dor esta dor com que me alegro,
E a minha bondade inversa não é nem boa nem má...

Os feixes dos lictores abriam-se à beira dos caminhos...
Os pendões das vitórias medievais nem chegaram às cruzadas...
Puseram in-fólios úteis entre as pedras das barricadas...
E a erva cresceu nas vias férreas com viços daninhos...

Ah, como esta hora é velha!... E todas as naus partiram!
Na praia só um cabo morto e uns restos de vela falam
Do Longe, das horas do Sul, de onde os nossos sonhos tiram
Aquela angústia de sonhar mais que até para si calam...

O palácio está em ruínas... Dói ver no parque o abandono
da fonte sem repuxo... Ninguém ergue o olhar da estrada

E sente saudades de si ante aquele lugar-outono...
Esta paisagem é um manuscrito com a frase mais bela cortada...

A doida partiu todos os candelabros glabros,
Sujou de humano o lago com cartas rasgadas, muitas...
E a minha alma é aquela luz que não mais haverá nos candelabros...
E que querem ao lago aziago minhas ânsias, brisas fortuitas?...

Por que me aflijo e me enfermo?... Deitam-se nuas ao luar
Todas as ninfas... Vejo o sol e já tinham partido...
O teu silêncio que me embala é a idéia de naufragar,
E a idéia de a tua voz soar a lira dum Apolo fingido...

Já não há caudas de pavões todas olhos nos jardins de outrora...
As próprias sombras estão mais tristes... Ainda
Há rastros de vestes de aias (parece) no chão, e ainda chora
Um como que eco de passos pela alameda que eis finda...

Todos os casos fundiram-se na minha alma...
As relvas de todos os prados foram frescas sob meus pés frios...
Secou em teu olhar a idéia de te julgares calma,
E eu ver isso em ti é um porto sem navios...

Ergueram-se a um tempo todos os remos... Pelo ouro das searas
Passou uma saudade de não serem o mar... Em frente
Ao meu trono de alheamento há gestos com pedras raras...
Minha alma é uma lâmpada que se apagou e ainda está quente...

Ah, e o teu silêncio é um perfil de píncaro ao sol!
Todas as princesas sentiram o seio oprimido...
Da última janela do castelo só um girassol
Se vê, e o sonhar que há outros põe brumas no nosso sentido...

Sermos, e não sermos mais!... Ó leões nascidos na jaula!...
Repique de sinos para além, no Outro Vale... Perto?...
Arde o colégio e uma criança ficou fechada na aula...
Por que não há de ser o Norte o Sul?... O que está descoberto?...

E eu deliro... De repente pauso no que penso... Fito-te
E o teu silêncio é uma cegueira minha... Fito-te e sonho...
Há cousas rubras e cobras no modo como medito-te,
E a tua idéia sabe à lembrança de um sabor de medonho...

Para que não ter por ti desprezo? Por que não perdê-lo?...
Ah, deixa que eu te ignore... O teu silêncio é um leque-

Um leque fechado, um leque que aberto seria tão belo, tão belo,
Mas mais belo é não o abrir, para que a Hora não peque...

Gelaram todas as mãos cruzadas sobre todos os peitos...
Murcharam mais flores do que as que havia no jardim...
O meu amar-te é uma catedral de silêncios eleitos,
E os meus sonhos uma escada sem princípio mas com fim...

Alguém vai entrar pela porta... Sente-se o ar sorrir...
Tecedearas viúvas gozam as mortalhas de virgens que tecem...
Ah, o teu tédio é uma estátua de uma mulher que há de vir,
O perfume que os crisântemos teriam, se o tivessem...

É preciso destruir o propósito de todas as pontes,
Vestir de alheamento as paisagens de todas as terras,
Endireitar à força a curva dos horizontes,
E gemer por ter de viver, como um ruído brusco de serras...

Há tão pouca gente que ame as paisagens que não existem!...
Saber que continuará a haver o mesmo mundo amanhã - como nos
desalegra !...
Que o meu ouvir o teu silêncio não seja nuvens que atristem
O teu sorriso, anjo exilado, e o teu tédio, auréola negra...

Suave, como ter mãe e irmãs, a tarde rica desce...
Não chove já, e o vasto céu é um grande sorriso imperfeito...
A minha consciência de ter consciência de ti é uma prece,
E o meu saber-te a sorrir é uma flor murcha a meu peito...

Ah, se fôssemos duas figuras num longínquo vitral!...
Ah, se fôssemos as duas cores de uma bandeira de glória!...
Estátua acéfala posta a um canto, poeirenta pia batismal,
Pendão de vencidos tendo escrito ao centro este lema - Vitória!

O que é que me tortura?... Se até a tua face calma
Só me enche de tédios e de ópios de ócios medonhos...
Não sei... Eu sou um doido que estranha a sua própria alma...
Eu fui amado em efígie num país para além dos sonhos...

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 109-111, 2004.

Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/fpessoa01.html> acesso em 03/05/05

Fernando Pessoa
Impressões do Crepúsculo
29-03-1913

Pauis de roçarem ânsias pela minh'alma em ouro...
Dobre longínquo de Outros Sinos... Empalidece o louro
Trigo na cinza do poente... Corre um frio carnal por minh'alma...
Tão sempre a mesma, a Hora!... Balouçar de cimos de palma!...
Silêncio que as folhas fitam em nós... Outono delgado
Dum canto de vaga ave... Azul esquecido em estagnado...
Oh que mudo grito de ânsia põe garras na Hora!
Que pasmo de mim anseia por outra coisa que o que chora!
Estendo as mãos para além, mas ao estendê-las já vejo
Que não é aquilo que quero aquilo que desejo...
Címbalos de Imperfeição... Ó tão antiguidade
A hora expulsa de si-Tempo! Onda de recuo que invade
O meu abandonar-me a mim próprio até desfalecer,
E recordar tanto o Eu presente que me sinto esquecer!...
Fluido de auréola, transparente de Foi, oco de ter-se...
O Mistério sabe-me a eu ser outro... Luar sobre o não conter-se...
A sentinela é hirta - a lança que finca no chão
É mais alta do que ela... Para que é tudo isto... Dia chão...
Trepadeiras de despropósito lambendo de Hora os Aléns...
Horizontes fechando os olhos ao espaço em que são elos de erro...
Fanfarras de ópios de silêncios futuros... Longes trens...
Portões vistos longe... através de árvores... tão de ferro!

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 108, 2004.

Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/fpessoa34.html> ACESSO EM 03/05/05

Álvaro de Campos
Saudação a Walt Whitman
11/06/1915

Portugal Infinito, onze de junho de mil novecentos e quinze...
Hé-lá-á-á-á-á-á!

De aqui de Portugal, todas as épocas no meu cérebro,
Saúdo-te, Walt, saúdo-te, meu irmão em Universo,
Eu, de monóculo e casaco exageradamente cintado,
Não sou indigno de ti, bem o sabes, Walt,
Não sou indigno de ti, basta saudar-te para o não ser...
Eu tão contíguo à inércia, tão facilmente cheio de tédio,
Sou dos teus, tu bem sabes, e compreendo-te e amo-te,
E embora te não conhecesse, nascido pelo ano em que morrias,
Sei que me amaste também, que me conheceste, e estou contente.
Sei que me conheceste, que me contemplaste e me explicaste,
Sei que é isso que eu sou, quer em Brooklyn Ferry dez anos antes de eu nascer,
Quer pela Rua do Ouro acima pensando em tudo que não é a Rua do Ouro,
E conforme tu sentiste tudo, sinto tudo, e cá estamos de mãos dadas,
De mãos dadas, Walt, de mãos dadas, dançando o universo na alma.

Ó sempre moderno e eterno, cantor dos concretos absolutos,
Concubina fogosa do universo disperso,
Grande pederasta roçando-te contra a adversidade das coisas,

Sexualizado pelas pedras, pelas árvores, pelas pessoas, pelas profissões,
Cio das passagens, dos encontros casuais, das meras observações,
Meu entusiasta pelo conteúdo de tudo,
Meu grande herói entrando pela Morte dentro aos pinotes,
E aos urros, e aos guinchos, e aos berros saudando Deus!

Contor da fraternidade feroz e terna com tudo,
Grande democrata epidérmico, contágio a tudo em corpo e alma,
Carnaval de todas as ações, bacanal de todos os propósitos,
Irmão gêmeo de todos os arrancos,
Jean-Jacques Rousseau do mundo que havia de produzir máquinas,
Homero do insaisissable de flutuante carnal,
Shakespeare da sensação que começa a andar a vapor,
Milton-Shelley do horizonte da Eletricidade futura! incubo de todos os gestos
Espasmo pra dentro de todos os objetos-força,
Souteneur de todo o Universo,
Rameira de todos os sistemas solares...

Quantas vezes eu beijo o teu retrato!
Lá onde estás agora (não sei onde é mas é Deus)
Sentes isto, sei que o sentes, e os meus beijos são mais quentes (em gente)
E tu assim é que os queres, meu velho, e agradeces de lá —,
Sei-o bem, qualquer coisa mo diz, um agrado no meu espírito

Uma ereção abstrata e indireta no fundo da minha alma.

Nada do engageant em ti, mas ciclópico e musculoso,
Mas perante o Universo a tua atitude era de mulher,
E cada erva, cada pedra, cada homem era para ti o Universo.

Meu velho Walt, meu grande Camarada, evohé!
Pertença à tua orgia báquica de sensações-em-liberdade,
Sou dos teus, desde a sensação dos meus pés até à náusea em meus sonhos,
Sou dos teus, olha pra mim, de aí desde Deus vê-me ao contrário:
De dentro para fora... Meu corpo é o que adivinhas, vê a minha alma —
Essa vê tu propriamente e através dos olhos dela o meu corpo —
Olha pra mim: tu sabes que eu, Álvaro de Campos, engenheiro,
Poeta sensacionista,
Não sou teu discípulo, não sou teu amigo, não sou teu cantor,
Tu sabes que eu sou Tu e estás contente com isso!

Nunca posso ler os teus versos a fio... Há ali sentir demais...
Atravesso os teus versos como a uma multidão aos encontrões a mim,
E cheira-me a suor, a óleos, a atividade humana e mecânica.
Nos teus versos, a certa altura não sei se leio ou se vivo,

Não sei se o meu lugar real é no mundo ou nos teus versos,

Não sei se estou aqui, de pé sobre a terra natural,
Ou de cabeça pra baixo, pendurado numa espécie de estabelecimento,
No tecto natural da tua inspiração de tropel,
No centro do teto da tua intensidade inacessível.

Abram-me todas as portas!
Por força que hei de passar!
Minha senha? Walt Whitman!
Mas não dou senha nenhuma...
Passo sem explicações...
Se for preciso meto dentro as portas...
Sim — eu, franzino e civilizado, meto dentro as portas,
Porque neste momento não sou franzino nem civilizado,
Sou EU, um universo pensante de carne e osso, querendo passar,
E que há de passar por força, porque quando quero passar sou Deus!
Tirem esse lixo da minha frente!
Metam-me em gavetas essas emoções!
Daqui pra fora, políticos, literatos,
Comerciantes pacatos, polícia, meretrizes, souteneurs,
Tudo isso é a letra que mata, não o espírito que dá a vida.
O espírito que dá a vida neste momento sou EU!

Que nenhum filho da... se me atravessasse no caminho!
O meu caminho é pelo infinito fora até chegar ao fim!
Se sou capaz de chegar ao fim ou não, não é contigo,
E comigo, com Deus, com o sentido-eu da palavra Infinito...
Pra frente!

Meto esporas!

Sinto as esporas, sou o próprio cavalo em que monto,
Porque eu, por minha vontade de me consubstanciar com Deus,
Posso ser tudo, ou posso ser nada, ou qualquer coisa,
Conforme me der na gana... Ninguém tem nada com isso...
Loucura furiosa! Vontade de ganir, de saltar,
De urrar, zurrar, dar pulos, pinotes, gritos com o corpo,
De me cramponner às rodas dos veículos e meter por baixo,
De me meter adiante do giro do chicote que vai bater,
De ser a cadela de todos os cães e eles não bastam,
De ser o volante de todas as máquinas e a velocidade tem limite,
De ser o esmagado, o deixado, o deslocado, o acabado,
Dança comigo, Walt, lá do outro mundo, esta fúria,
Salta comigo neste batuque que esbarra com os astros,
Cai comigo sem forças no chão,
Esbarra comigo tonto nas paredes,
Parte-te e esfrangalha-te comigo

Em tudo, por tudo, à roda de tudo, sem tudo,
Raiva abstrata do corpo fazendo maelstroms na alma...

Arre! Vamos lá pra frente!

Se o próprio Deus impede, vamos lá pra frente Não faz diferença
Vamos lá pra frente sem ser para parte nenhuma
Infinito! Universo! Meta sem meta! Que importa?

(Deixa-me tirar a gravata e desabotoar o colarinho .
Não se pode ter muita energia com a civilização à roda do pescoço ...)
Agora, sim, partamos, vá lá pra frente.

Numa grande marche aux flabeux-todas-as-cidades-da-Europa,
Numa grande marcha guerreira a indústria, o comércio e ócio,
Numa grande corrida, numa grande subida, numa grande descida
Estrondeando, pulando, e tudo pulando comigo,
Salto a saudar-te,
Berro a saudar-te,
Desencadeio-me a saudar-te, aos pinotes, aos pinos, aos guinos!

Por isso é a ti que endereço
Meus versos saltos, meus versos pulos, meus versos espasmos
Os meus versos-ataques-histéricos,
Os meus versos que arrastam o carro dos meus nervos.

Aos trambolhões me inspiro,
Mal podendo respirar, ter-me de pé me exalto,
E os meus versos são eu não poder estojar de viver.

Abram-me todas as janelas!
Arranquem-me todas as portas!
Puxem a casa toda para cima de mim!
Quero viver em liberdade no ar,
Quero ter gestos fora do meu corpo,
Quero correr como a chuva pelas paredes abaixo,
Quero ser pisado nas estradas largas como as pedras,
Quero ir, como as coisas pesadas, para o fundo dos mares,
Com uma voluptuosidade que já está longe de mim!

Não quero fechos nas portas!
Não quero fechaduras nos cofres!
Quero intercalar-me, imiscuir-me, ser levado,
Quero que me façam pertença dóida de qualquer outro,
Que me despejem dos caixotes,
Que me atirem aos mares,
Que me vão buscar a casa com fins obscenos,

Só para não estar sempre aqui sentado e quieto,
Só para não estar simplesmente escrevendo estes versos!
Não quero intervalos no mundo!

Quero a contigüidade penetrada e material dos objetos!
Quero que os corpos físicos sejam uns dos outros como as almas,
Não só dinamicamente, mas estaticamente também!

Quero voar e cair de muito alto!
Ser arremessado como uma granada!
Ir parar a... Ser levado até...
Abstrato auge no fim de mim e de tudo!

Clímax a ferro e motores!
Escadaria pela velocidade acima, sem degraus!
Bomba hidráulica desancorando-me as entranhas sentidas!

Ponham-me grilhetas só para eu as partir!
Só para eu as partir com os dentes, e que os dentes sangrem
Gozo masoquista, espasmódico a sangue, da vida!

Os marinheiros levaram-me preso,
As mãos apertaram-me no escuro,
Morri temporariamente de senti-lo,

Seguiu-se a minh'alma a lambar o chão do cárcere privado,
E a cega-rega das impossibilidades contornando o meu acinte.

Pula, salta, toma o freio nos dentes,
Pégaso-ferro-em-brasa das minhas ânsias inquietas,
Paradeiro indeciso do meu destino a motores!

He calle Walt:

Porta pra tudo!
Ponte pra tudo!
Estrada pra tudo!
Tua alma omnívora,
Tua alma ave, peixe, fera, homem, mulher,
Tua alma os dois onde estão dois,
Tua alma o um que são dois quando dois são um,

Tua alma seta, raio, espaço,
Amplexo, nexo, sexo, Texas, Carolina, New York,
Brooklyn Ferry à tarde,
Brooklyn Ferry das idas e dos regressos,
Libertad! Democracy! Século vinte ao longe!
PUM! pum! pum! pum! pum!
PUM!
Tu, o que eras, tu o que vias, tu o que ouvias,
O sujeito e o objeto, o ativo e o passivo,
Aqui e ali, em toda a parte tu,
Círculo fechando todas as possibilidades de sentir,
Marco miliário de todas as coisas que podem ser,
Deus Termo de todos os objetos que se imaginem e és tu!
Tu Hora,
Tu Minuto,
Tu Segundo!
Tu intercalado, liberto, desfraldado, ido,
Intercalamento, libertação, ida, desfraldamento,
Tu intercalador, libertador, desfraldador, remetente,
Carimbo em todas as cartas,
Nome em todos os endereços,
Mercadoria entregue, devolvida, seguindo...
Comboio de sensações a alma-quilômetros à hora,
À hora, ao minuto, ao segundo, PUM!

Agora que estou quase na morte e vejo tudo já claro,
Grande Libertador, volto submisso a ti.

Sem dúvida teve um fim a minha personalidade.
Sem dúvida porque se exprimi, quis dizer qualquer coisa
Mas hoje, olhando para trás, só uma ânsia me fica —
Não ter tido a tua calma superior a ti-próprio,
A tua libertação constelada de Noite Infinita.

Não tive talvez missão alguma na terra.

Heia que eu vou chamar
Ao privilégio ruidoso e ensurdecido de saudar-te
Todo o formilamento humano do Universo,
Todos os modos de todas as emoções
Todos os feitos de todos os pensamentos,
Todas as rodas, todos os volantes, todos os êmbolos da alma.
Heia que eu grito
E num cortejo de Mim até ti estardalhaçam
Com uma algaravia metafísica e real,

Com um chinfrim de coisas passado por dentro sem nexos.

Ave, salve, viva, ó grande bastardo de Apolo,
Amante impotente e fogoso das nove musas e das graças,
Funicular do Olimpo até nós e de nós ao Olimpo.

PESSOA, Fernando. *Obras Poéticas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 336-341, 2004.

Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/facam05.html> acesso em 03/05/05

Alberto Caeiro
O guardador de Rebanhos
(1911-1912)
XXXIX - O Mistério das Cousas

O mistério das cousas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?

Sempre que olho para as cousas e penso no que os homens pensam delas,
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.

Porque o único sentido oculto das cousas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.

Sim, **eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: —**
As cousas não têm significação: têm existência.
As cousas são o único sentido oculto das cousas.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 223, 2004.

Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/fp244.html> acesso em 03/05/05

Ricardo Reis
Vem sentar-te comigo Lúdia, à beira do rio
12/06/1914

Vem sentar-te comigo Lúdia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos.)

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,
Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.
Mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,
Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,

Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,
E sempre iria ter ao mar.

Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento -
Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,
Pagãos inocentes da decadência.

Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois
sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova,
Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos
Nem fomos mais do que crianças.

E se antes do que eu levores o óbolo ao barqueiro sombrio,
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.
Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim - à beira-rio,
Pagã triste e com flores no regaço.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 256-257,
2004.

Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/rico02.html> acesso em 03/05/05

Fernando Pessoa

Quinto Império

1923-1935

Vibra, clarim, cuja voz diz.
Que outrora ergueste o grito real
Por D. João, Mestre de Aviz,
E Portugal!

Vibra, grita aquele hausto fundo
Com que impeliste, como um remo,
Em El-Rei D. João Segundo
O Império extremo!

Vibra, sem lei ou com lei,
Como aclamaste outrora em vão
O morto que hoje é vivo — El-Rei
D. Sebastião!

Vibra chamando, e aqui convoca
O inteiro exército fadado
Cuja extensão os pólos toca
Do mundo dado!

Aquele exército que é feito
Do quanto em Portugal é o mundo
E enche este mundo vasto e estreito
De ser profundo.

Para a obra que há que prometer
Ao nosso esforço alado em si,
Convoco todos sem saber
(É a Hora!) aqui!

Os que, soldados da alta glória,
Deram batalhas com um nome,
E de cuja alma a voz da história
Tem sede e fome.

E os que, pequenos e mesquinhos,
No ver e crer da externa sorte,
Convoco todos sem saber
Com vida e morte.

Sim, estes, os plebeus do Império;
Heróis sem ter para quem o ser,
Chama-os aqui, ó som etéreo
Que vibra a arder!

E, se o futuro é já presente
Na visão de quem sabe ver,
Convoca aqui eternamente
Os que hão de ser!

Todos, todos! A hora passa,
O gênio colhe-a quando vai.
Vibra! Forma outra e a mesma raça
Da que se esvai.

A todos, todos, feitos num
Que é Portugal, sem lei nem fim,
Convoca, e, erguendo-os um a um,
Vibra, clarim!

E outros, e outros, gente vária,
Oculta neste mundo misto.
Seu peito atrai, rubra e templária,
A Cruz de Cristo.

Glosam, secretos, altos motes,
Dados no idioma do Mistério —
Soldados não, mas sacerdotes,
Do Quinto império.

Aqui! Aqui! Todos que são.
O Portugal que é tudo em si,
Venham do abismo ou da ilusão,
Todos aqui!

Armada intérmina surgindo,
Sobre ondas de uma vida estranha.
Do que por haver ou do que é vindo —
É o mesmo: venha!

Vós não soubesses o que havia
No fundo incógnito da raça,
Nem como a Mão, que tudo guia,
Seus planos traça.

Mas um instinto involuntário,
Um ímpeto de Portugal,
Encheu vosso destino vário
De um dom fatal.

De um rasgo de ir além de tudo,
De passar para além de Deus,
E, abandonando o Gládio e o escudo,
Galgar os céus.

Titãs de Cristo! **Cavaleiros**
De uma cruzada além dos astros,
De que esses astros, aos milheiros,
São só os rastros.

Vibra, estandarte feito som,
No ar do mundo que há de ser.
Nada pequeno é justo e bom.
Vibra a vencer!

Transcende a Grécia e a sua história
Que em nosso sangue continua!
Deixa atrás Roma e a sua glória
E a Igreja sua!

Depois transcende esse furor
E a todos chama ao mundo visto.
Hereges por um Deus maior
E um novo Cristo!

**Vinde aqui todos os que sois,
Sabendo-o bem, sabendo-o mal,
Poetas, ou Santos ou Heróis
De Portugal.**

Não foi para servos que nascemos
De Grécia ou Roma ou de ninguém.
Tudo negamos e esquecemos:
Fomos para além.

Vibra, clarim, mais alto! Vibra!
Grita a nossa ânsia já ciente
Que o seu inteiro vôo libra
De poente a oriente.

Vibra, clarim! A todos chama!
Vibra! E tu mesmo, voz a arder,
O Portugal de Deus proclama
Com o fazer!

O Portugal feito Universo,
Que reúne, sob amplos céus,
O corpo anônimo e disperso
De Osíris, Deus.

O Portugal que se levanta
Do fundo surdo do Destino,
E, como a Grécia, obscuro canta
Baco divino.

Aquele inteiro Portugal,
Que, universal perante a Cruz,
Reza, ante à Cruz universal,
Do Deus Jesus.

FIM
De "Quinto Império"

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 97-100, 2004.
Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/fpessoa44.html> acesso em
04/05/05

Fernando Pessoa Qualquer Música

**QUALQUER MÚSICA, ah, qualquer,
Logo que me tire da alma
Esta incerteza que quer
Qualquer impossível calma!**

Qualquer música - guitarra,

Viola, harmônio, realejo...
Um canto que se desgarra...
Um sonho em que nada vejo...

Qualquer coisa que não vida!
Jota, fado, a confusão
Da última dança vivida...
Que eu não sinta o coração!

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 147-148,
2004.

Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/fpessoa06.html> acesso em
03/05/05

Fernando Pessoa Isto

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é,
Sentir, sintam quem lê !

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 165, 2004.

Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/fpessoa129.html> acesso em 03/05/05

Álvaro de Campos **Grandes são os desertos** **4/10/1930**

Grandes são os desertos, e tudo é deserto.
Não são algumas toneladas de pedras ou tijolos ao alto
Que disfarçam o solo, o tal solo que é tudo.
Grandes são os desertos e as almas desertas e grandes
Desertas porque não passa por elas senão elas mesmas,
Grandes porque de ali se vê tudo, e tudo morreu.

Grandes são os desertos, minha alma!
Grandes são os desertos.

Não tirei bilhete para a vida,
Errei a porta do sentimento,
Não houve vontade ou ocasião que eu não perdesse.

Hoje não me resta, em vésperas de viagem,
Com a mala aberta esperando a arrumação adiada,
Sentado na cadeira em companhia com as camisas que não cabem,

Hoje não me resta (à parte o incômodo de estar assim sentado)
Senão saber isto:
Grandes são os desertos, e tudo é deserto.
Grande é a vida, e não vale a pena haver vida,

Arrumo melhor a mala com os olhos de pensar em arrumar
Que com arrumação das mãos factícias (e creio que digo bem)
Acendo o cigarro para adiar a viagem,
Para adiar todas as viagens.
Para adiar o universo inteiro.

Volta amanhã, realidade!
Basta por hoje, gentes!
Adia-te, presente absoluto!
Mais vale não ser que ser assim.

Comprem chocolates à criança a quem sucedi por erro,
E tirem a tabuleta porque amanhã é infinito.

Mas tenho que arrumar mala,
Tenho por força que arrumar a mala,
A mala.

Não posso levar as camisas na hipótese e a mala na razão.
Sim, toda a vida tenho tido que arrumar a mala.
Mas também, toda a vida, tenho ficado sentado sobre o canto das camisas
empilhadas,
A ruminar, como um boi que não chegou a Ápis, destino.

Tenho que arrumar a mala de ser.
Tenho que existir a arrumar malas.
A cinza do cigarro cai sobre a camisa de cima do monte.
Olho para o lado, verifico que estou a dormir.
Sei só que tenho que arrumar a mala,
E que os desertos são grandes e tudo é deserto,
E qualquer parábola a respeito disto, mas dessa é que já me esqueci.

Ergo-me de repente todos os Césares.
Vou definitivamente arrumar a mala.
Arre, hei de arrumá-la e fechá-la;
Hei de vê-la levar de aqui,
Hei de existir independentemente dela.

Grandes são os desertos e tudo é deserto,
Salvo erro, naturalmente.
Pobre da alma humana com oásis só no deserto ao lado!

Mais vale arrumar a mala.
Fim.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 382-383, 2004.

Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/facam36.html> acesso em 03/05/05